

Jussara Cassiano Nascimento
Antonio Fábio Malcher Figueiredo
Maria do Amparo Torres Pinheiro
Andréa Jansen da Silva
Organizadores

MEMORIAIS **F** DE ORMAÇÃO **VOLUME 2**

1ª Edição



Editora

Rio de Janeiro - RJ

2025

Copyright © 2025 Epitaya Editora. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.
Se correções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores/autores.

Editor: Bruno Matos de Farias

Assessoria Editorial: Helena Portes Sava de Farias

Marketing/ Design: Equipe MKT

Diagramação/ Capa: Professora Carmen Lúcia Crespo Pinto

Revisão: Os Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte, MG, Brasil)

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

M533 Memoriais de formação [livro eletrônico] : volume 2 / Organizadores Jussara Cassiano Nascimento, Maria do Amparo Torres Pinheiro, Antonio Fábio Malcher Figueiredo, Andréa Jansen da Silva. – Rio de Janeiro, RJ: Epitaya, 2025

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-94431-83-7

ISBN 978-85-94431-92-9 (Livro Físico)

1. Memória autobiográfica. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Nascimento, Jussara Cassiano. II. Pinheiro, Maria do Amparo Torres. III. Figueiredo, Antonio Fábio Malcher. IV. Silva, Andréa Jansen da.

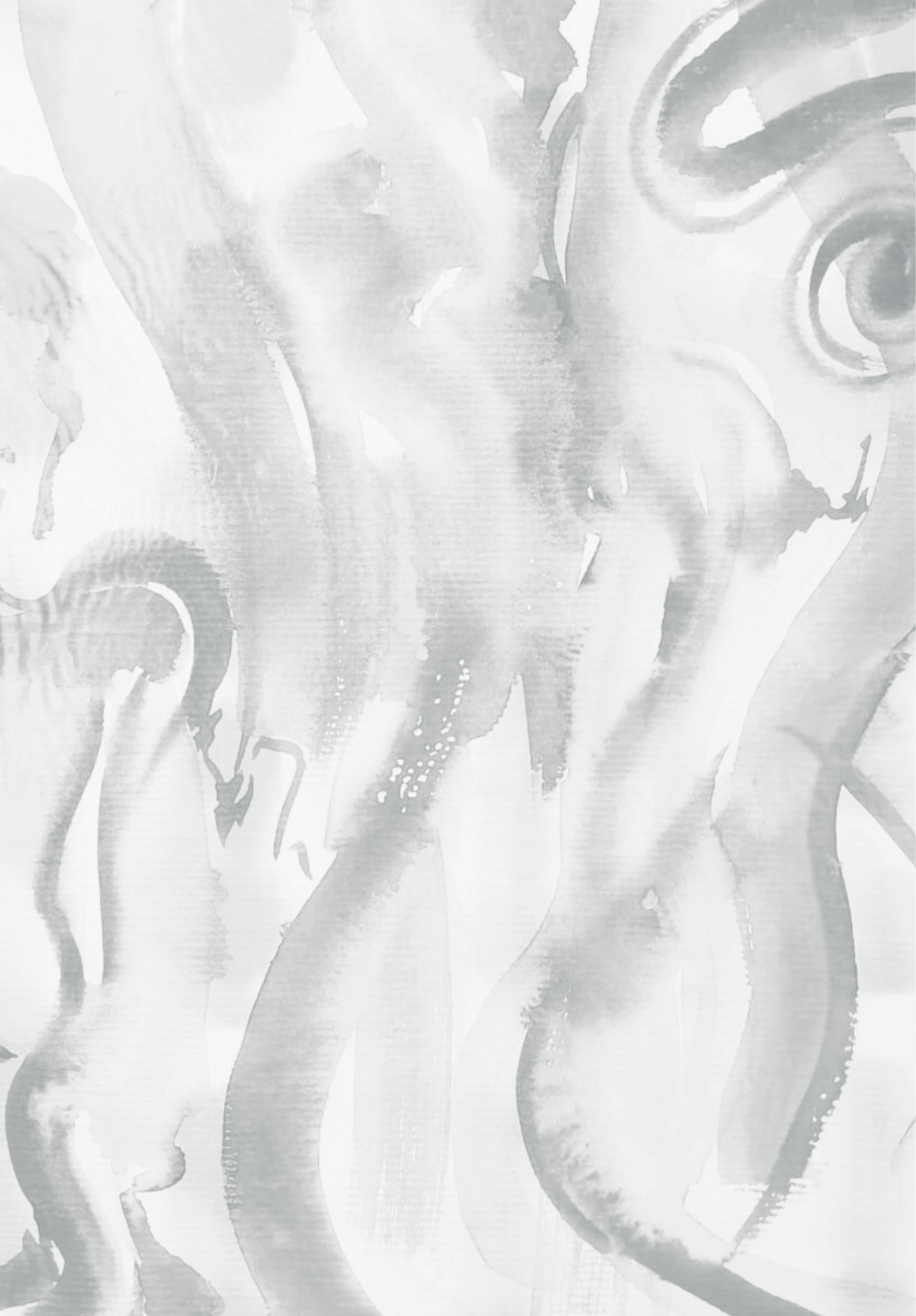
CDD 808.066



Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ | Tel: +55 21 98141-1708
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com>

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram.
Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de se
remexerem dos lugares.
A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos;
uns com os outros acho que nem se misturam.
Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância
(...) tem horas antigas que ficaram muito mais perto da
gente do que outras de recente data.

João Guimarães Rosa



APRESENTAÇÃO

As diversas nuances da escrita de si no contexto da formação

Esse livro faz parte de uma coletânea que traz histórias de vida e trajetórias de formação percorridas por professores civis e militares que atuam nos três Colégios Assistenciais vinculados a Força Aérea Brasileira: Colégio Brigadeiro Newton Braga, Colégio Tenente Rego Barros, Escola Caminho das Estrelas.

Esses professores mesmo residindo em localidades diferentes: Rio de Janeiro, Belém e Maranhão, estão conectados através das tecnologias digitais. Eles estudam juntos através da Plataforma TEAMS, no Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD).

Nessa coletânea, além de trazerem suas trajetórias de vida e formação em forma de narrativas, também apresentam parte do trabalho que realizam nessas escolas. Ao ler as histórias deve-se observar com cautela, as escolhas e períodos que foram vivenciados pelos autores e assim compreender a forma como foram entrelaçando suas histórias de vida, formação e trabalho docente.

Se faz oportuno destacar o quanto a escrita de um memorial exige um esforço reflexivo do autor e o quanto esse esforço as vezes se coloca como algo que teve um caráter prazeroso, mas que em outras vezes pode ter gerado conflitos ou momentos desafiadores na trajetória percorrida por cada autor.

Albuquerque (2023) destaca que existe uma certa fragilidade na escrita de alguns memoriais, posto que se encontra a ausência de uma relação entre a vida acadêmica, profissional e pessoal, como se essas narrativas pudessem se distanciar do contexto social e particular da pessoa. Esclarece que essas narrativas não devem ser meramente descritivas e sim analíticas, situando o leitor nos momentos em que os acontecimentos ocorreram.

Nesse livro que ora apresentamos, os autores procuraram interligar suas histórias de vida, formação e trabalho que desenvolvem nas escolas por onde passaram, buscando refletir e pontuar alguns momentos de sua carreira, trazendo para o leitor a importância que veem no trabalho que realizam. São narrativas que trazem momentos inspiradores que indicam além das formas e escolha pela carreira docente, apontam às dificuldades que se apresentam.

Benjamin (1994) afirma que a arte de narrar está em vias de extinção e que são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Essa coletânea se constitui na contramão desses apontamentos posto que se coloca em uma posição de escrita narrativa reflexiva sobre a trajetória pessoal, formativa e de trabalho docente de cada autor, fazendo um encadeamento desses três eixos citados.

E, nesse contexto, Vasconcellos (2023) pontua que a escrita de um bom memorial precisa oferecer para o leitor uma visão de conjunto trazendo de forma escrita todo percurso daquele que se tornou o personagem central, da sua própria formação, se mostrando como sujeito que aspira ou que ocupa um dado lugar no âmbito da sociedade.

Jair Ferreira dos Santos apresenta sua narrativa desde a época da Infância apontando o quanto aquele início escolar prazeroso oferecido pela professora Hermengarda no Educandário Santa Rita, fez toda diferença em sua vida. Informa que em sua adolescência os colégios de segundo grau, hoje ensino médio, mantinham cursos técnicos e profissionalizantes, onde ele optou pelo curso Técnico de Enfermagem. Porém, logo depois conquistou seu maior desejo ingressando na Escola de Especialistas da Aeronáutica.

Tayene Mendonça Santos ao narrar sua trajetória de formação informa que desde a infância já era possível perceber sua tendência profissional voltada para o magistério, posto que ajudava com afinco as colegas cumprirem as tarefas e trabalhos escolares. Lembrou-se inclusive do momento em que pode ensinar a Língua Inglesa para sua avó materna. Relata o quanto foi importante a participação efetiva da mãe em sua formação.

Elida Monick de Freitas Sobral Viana inicia sua narrativa informando as dificuldades pelas quais a família passou e que com o passar do tempo, superou. Apresenta momentos importantes que aconteceram na escola como a participação no grupo de dança folclórica Pastoril, caracterizada pelo teatro, cantorias e danças que relatam a história do nascimento do menino Jesus através das jornadas das pastoras de Belém. Aos poucos foi trazendo sua trajetória formativa e trabalho docente, até o momento em que foi aprovada no processo seletivo para ser militar e pedagoga da Força Aérea Brasileira.

Andréa Jansen da Silva começa seu memorial trazendo apontamentos ligados ao carinho familiar que obteve na infância. Informa o quanto os esportes desde a adolescência estiveram presentes em sua vida. E, que

foi o incentivo dos seus professores, além de uma Feira de Ciências da qual participou na escola, apresentando o trabalho: “A importância da Vida Saudável na Saúde” que fez com que ela decidisse pela carreira de Professora de Educação Física.

Viviane Perdomo Santos inicia sua narrativa nos oferecendo a oportunidade de conhecer as dificuldades espaciais que uma criança pequena passa, ao ser matriculada em uma escola de grande porte. E o quanto é importante a escuta sensível dos pais em busca de um local que se adeque melhor ao seu filho. Informa o quanto as atividades escolares influenciaram a sua vida acadêmica. Continua a escrita de sua trajetória mostrando o quanto foi importante ter a Biologia fazendo parte de sua vida.

Manoel Marcos da Costa Começa sua narrativa apontando o quanto se sentia valorizado quando a escola oferecia aos estudantes medalhas pelos resultados alcançados e por destaques nas disciplinas. Informa que por influência de um professor de Química, fez o curso de Engenharia Química, dentre outras formações. Destaca o quanto é importante para o aluno o bom humor do professor.

Eliane Carrapateira Ribeiro Informa o modo bonito como se encantou pelas Belas Artes já estando na Universiade. Traz toda sua trajetória formativa sempre voltada para as Artes, destacando projetos em que sempre esteve inserida, localizados em locais de vulnerabilidade social, buscando contribuir com os jovens dessas localidades.

Marcelo Delena Trancoso apresenta em sua narrativa o modo como se apaixonou pela carreira militar, observando a movimentação dos militares do Exército quando estudou na Escola Rosa da Fonseca, onde constantemente via aviões militares se dirigindo ao Campo dos Afonsos e assim, incentivado pelo pai, prestou concurso para a Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAr), ingressando assim na carreira e se apaixonando cada vez mais por ela.

Darlene Coelho Rodrigues informa em sua narrativa que por influência familiar ingressou na docência; sua mãe tinha formação em Magistério e sempre a acompanhou nas atividades escolares. Quase toda sua formação foi na mesma instituição que estava vinculada à Universidade Federal do Maranhão, onde mais tarde foi possível exercer a função docente. Com a transferência do esposo para Alcântara foi possível se inscrever no processo seletivo da FAB, sendo aprovada.

Josenice Martins inicia seu memorial trazendo apontamentos sobre as dificuldades que passou, porém destaca o quanto aprendeu com a vida, mostrando que a resiliência e o esforço constante são fundamentais para a superação de obstáculos. Desde muito nova, aprendeu a importância de equilibrar os estudos com as responsabilidades do dia a dia. Nos informa com detalhes a sua bonita trajetória docente principalmente em Alcântara, local onde reside e trabalha.

Jaglaisse Santos Figueiredo traz em sua narrativa inicial as dificuldades enfrentadas em sua família, informando que foram anos de superação, no entanto, cada dificuldade enfrentada moldou sua trajetória, fortalecendo sua determinação, consolidando sua paixão pela educação. Relata que a história da sua mãe, marcada por coragem e amor incondicional, foi a maior inspiração para trilhar o caminho do magistério.

Ilana Lorena dos Santos Chave narra sua história de vida e de formação nos informando que sua mãe sendo professora de Português, envolveu-a totalmente no mundo da literatura, o que no decorrer de sua vida se fez presente o tempo todo. Apresenta com detalhes todo seu percurso de formação e ingresso nas diversas secretarias até fazer o concurso e iniciar suas atividades docentes no Colégio Tenente Rego Barros.

Elen Rosa dos Reis Nunes traz apontamentos ligados à sua infância que mostram o quanto era observadora. Destaca pontos importantes que entrelaçam sua vida familiar e sua formação. Informa que a partir da Graduação e Pós-graduação cursadas assumiu uma diversidade de funções nas escolas. Sendo aprovada no concurso no ano de 2009 para ser docente no Colégio Tenente Rego Barros.

Monique Ferreira Guedes Thomé apresenta sua história de vida nos informando que foi seu irmão quem escolheu seu nome. Nos traz de modo breve as mudanças de escolas por quais passou e o quanto foi bem acolhida, apesar dos receios da infância. Nos informa o modo como se apaixonou pela docência e as conquistas a partir da prática desenvolvida, apontando o modo como se tornou militar da FAB e Pedagoga do Colégio Brigadeiro Newton Braga.

Francisca Sâmia Xavier Fortunato traz as marcas da terra nordestina, berço e cenário das primeiras lições que moldaram sua trajetória na educação. Informa que foi através da educação que compreendeu que poderia voar além das cercas do sertão. Esclarece o modo como chegou a

Universidade concluindo com louvor o Curso de Letras e o quanto possibilitou sua entrada no mundo da leitura. Logo em seguida nos informa o modo como se tornou militar da Força Aérea Brasileira, atuando na gestão do Colégio Brigadeiro Newton Braga.

Monique Rosa Pereira nos informa o quanto foi prazeroso para ela ter um ambiente amoroso em seu período de alfabetização. Traz apontamentos direcionados aos professores que fizeram diferença em seu período de formação. Destaca o quanto a iniciação científica foi importante em sua trajetória universitária defendendo o quanto essa prática contribui para a formação de indivíduos autônomos e capacitados para enfrentar desafios intelectuais e profissionais.

Beatriz Santos de Jesus inicia sua narrativa trazendo informações detalhadas sobre o local turbulento onde morava na infância. Informa sobre o papel fundamental que os avós tiveram em sua criação e formação onde eles com muito carinho e paciência, ensinaram a importância de estudar, de sonhar grande e de nunca desistir, independentemente das circunstâncias, posto que acreditavam no poder transformador da educação. Após concluir a Universidade participou de um longo processo seletivo se tornando uma militar da Força Aérea Brasileira.

Thayene Santos Queiroz de Mendonça apresenta inicialmente os primeiros passos percorridos na escola, durante a infância. De modo carinhoso vai revelando como se sentia ao ser tratada muito bem por suas professoras oferecendo para ela lições preciosas que envolvem a persistência, a paixão e o propósito. Informa sobre o orgulho que sente em ter sido aprovada para ser militar e atuar como docente no Colégio Brigadeiro Newton Braga.

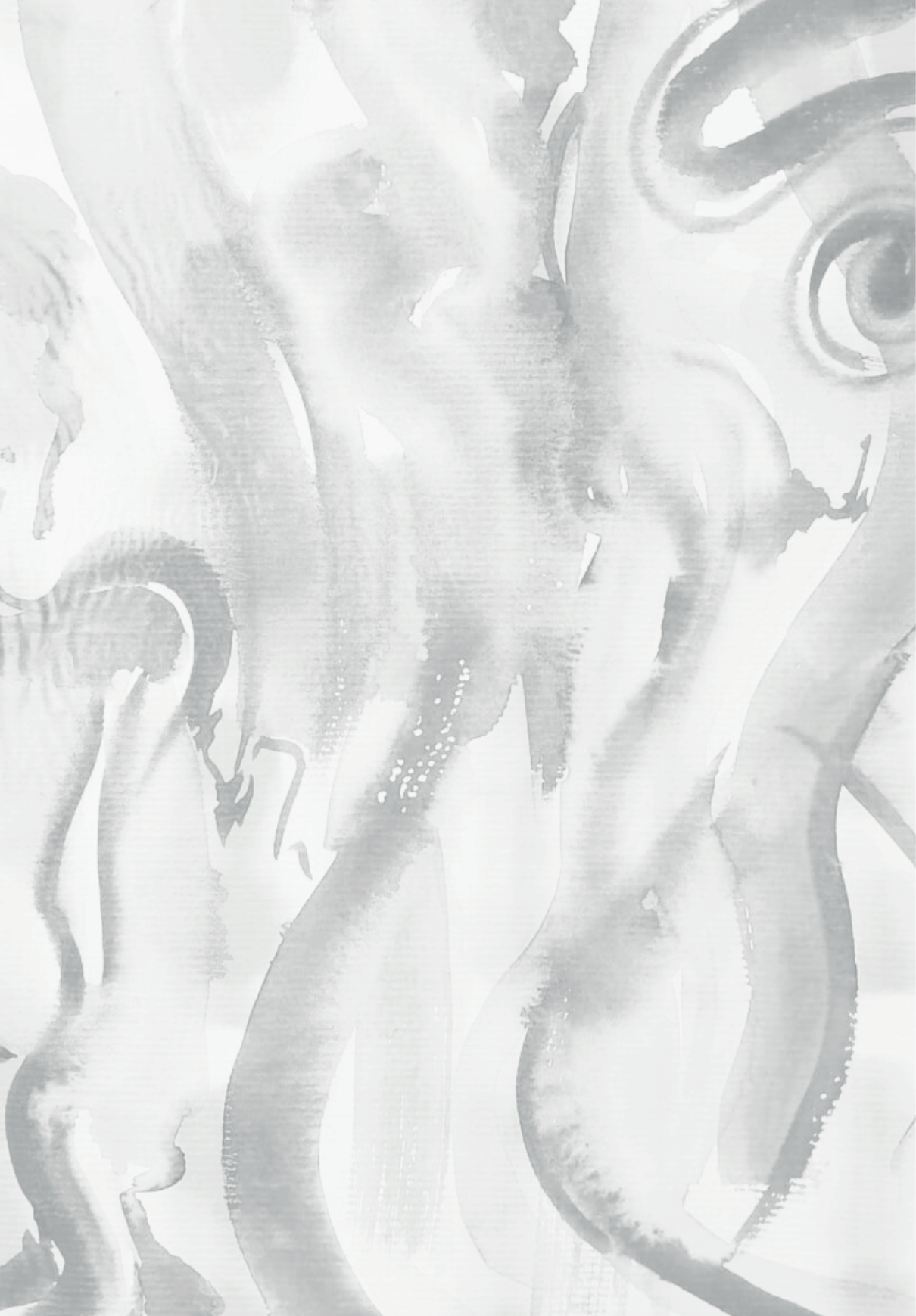
E nessas breves nuances que acima apontamos, esperamos que a leitura completa dos textos, seja prazerosa e enriquecedora, oferecendo ao leitor uma diversidade de informações sobre os caminhos que envolvem a formação de professores que atuam nos Colégios Assistenciais da FAB e que fazem parte da História da Educação Brasileira.

Jussara Cassiano Nascimento

Prof. Pós-Doutora em Educação

Adjunta do Chefe da Divisão de Ensino do CBNB

Assessora Pedagógica da Divisão de Ensino do CBNB

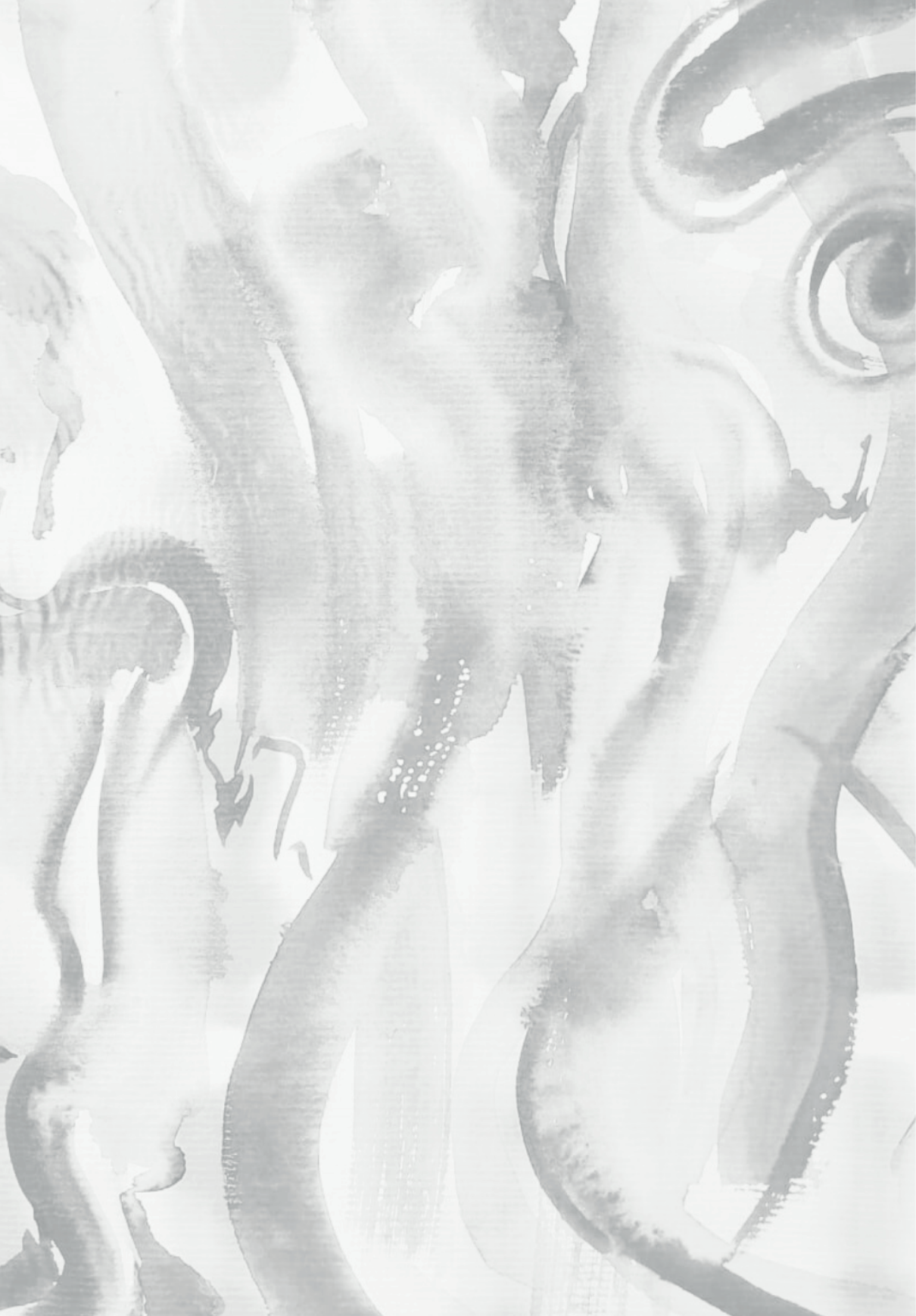


SUMÁRIO

Capítulo 1.....	15
TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E DE VIDA	
<i>Jair Ferreira dos Santos (CBNB)</i>	
Capítulo 2.....	25
DA FORMAÇÃO À AÇÃO: UM RELATO DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM CONSTRUÇÃO	
<i>Tayene Mendonça Santos (CBNB)</i>	
Capítulo 3.....	37
ENTRE SONHOS, DESAFIOS E CONQUISTAS: REFLEXÕES SOBRE MEU PERCURSO DE FORMAÇÃO	
<i>Élida Monick de Freitas Sobral Viana (CBNB)</i>	
Capítulo 4.....	47
SONHOS... ENERGIA PARA UMA TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO	
<i>Andréa Jansen da Silva (CBNB)</i>	
Capítulo 5.....	59
DE PONTO EM PONTO SE CHEGA AO DESTINO	
<i>Viviane Perdomo Santos (CBNB)</i>	
Capítulo 6.....	71
DE UM SONHO PARA A REALIDADE	
<i>Manoel Marcos da Costa (CBNB)</i>	
Capítulo 7.....	81
MEMORIAL	
<i>Eliane Carrapateira Ribeiro (CBNB)</i>	
Capítulo 8.....	97
MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL	
<i>Marcelo Delena Trancoso (CBNB)</i>	

Capítulo 9.....	117
<i>MELHORIA CONTÍNUA: A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO E TREI- NAMENTO PARA O DESEMPENHO PEDAGÓGICO E O REFLEXO NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL</i>	
<i>Darlene Coêlho Rodrigues (ECE)</i>	
Capítulo 10.....	127
<i>MEMÓRIAS: DA ADVERSIDADE À VITÓRIA</i>	
<i>Josenice Martins (ECE)</i>	
Capítulo 11.....	141
<i>HISTÓRIA, VIDA E FORMAÇÃO - UMA TRAJETÓRIA QUE INSPIRA</i>	
<i>Jaglaísse Santos Figueiredo (ECE)</i>	
Capítulo 12.....	157
<i>TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM BUSCA DO SEU ENCONTRO PEDAGÓGICO</i>	
<i>Ilana Lorena dos Santos Chaves (CTRB)</i>	
Capítulo 13.....	167
<i>A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA E O DESPERTAR DE UMA PES- QUISADORA</i>	
<i>Elen Rosa dos Reis Nunes (CTRB)</i>	
Capítulo 14.....	183
<i>AS PEGADAS DO TEMPO: MEMÓRIAS E FORMAÇÃO</i>	
<i>Monique Ferreira Guedes Thomé (CBNB)</i>	
Capítulo 15.....	193
<i>EDUCAR É VOAR: DA TERRA DO CEARÁ ÀS ASAS DO SABER</i>	
<i>Francisca Sâmia Xavier Fortunato (CBNB)</i>	
Capítulo 16.....	203
<i>ANJOS EM FORMA DE PROFESSOR</i>	
<i>Monique Rosa Pereira (CBNB)</i>	

Capítulo 17.....	217
DAS RUAS DA FAVELA ÀS FILEIRAS DA FORÇA AÉREA	
<i>Beatriz Santos de Jesus Gonçalves (CBNB)</i>	
Capítulo 18.....	229
O SONHO DE ENSINAR: A MENINA QUE SE TORNOU PROFESSORA	
<i>Thayene Santos Queiroz de Mendonça (CBNB)</i>	
REFERÊNCIAS	237
SOBRE OS AUTORES	241

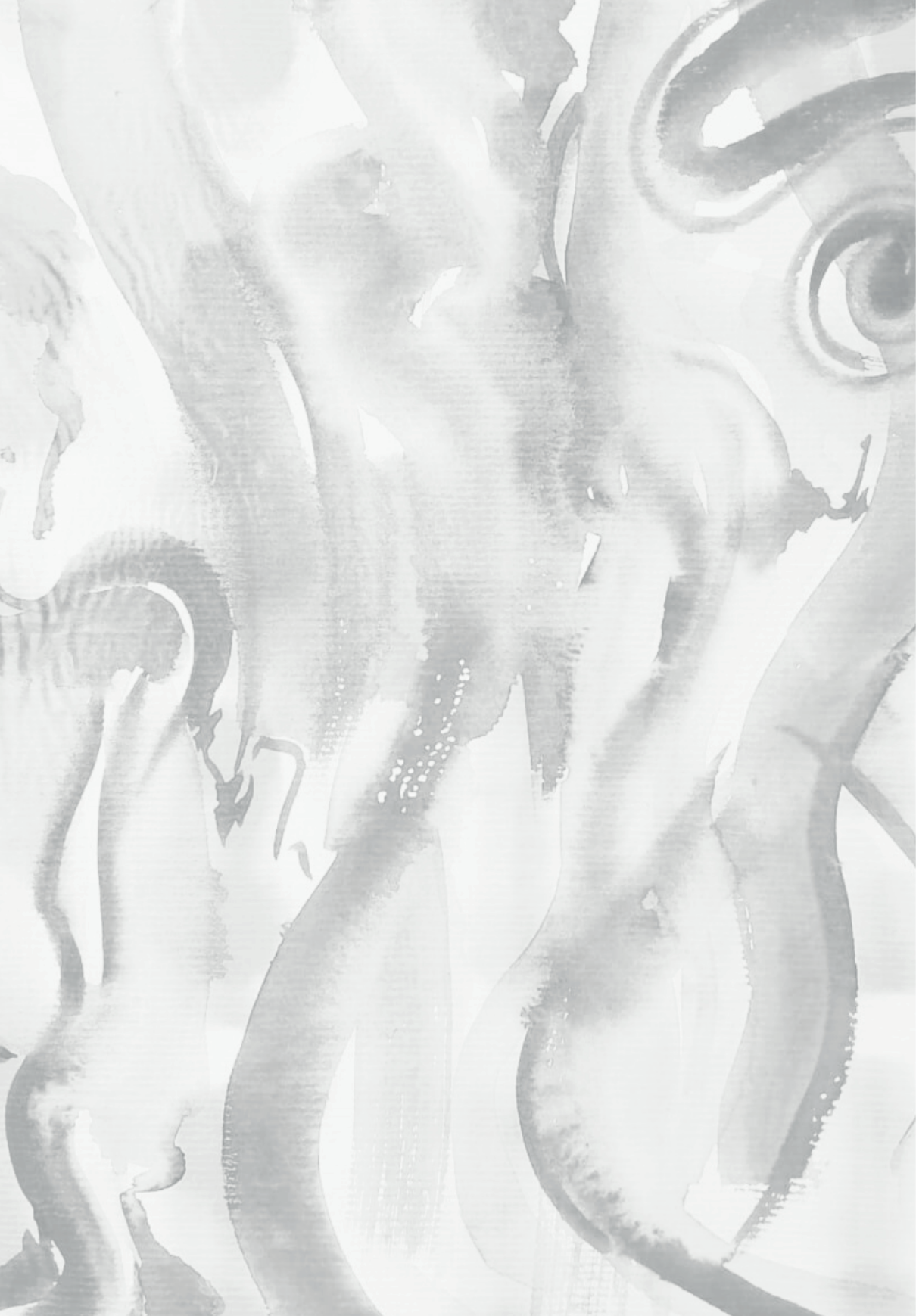


Capítulo 1

TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E DE VIDA

Jair Ferreira dos Santos (CBNB)





TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E DE VIDA

O meu início de vida escolar aconteceu no ano de 1972, aos sete anos de idade. Naquela época, não era comum a pré-escola, os chamados jardins de infância. Consequentemente, só fui conhecer um ambiente escolar com a idade dita anteriormente, sem saber praticamente nada. Educandário Santa Rita, da saudosa Professora Hemengarda. A adaptação e o gosto pela sala de aula e pela leitura foram imediatos. Foram quatro anos nesta escola, os meus anos iniciais. Início do antigo primeiro grau.

Devemos, sempre, nos lembrar que o apoio e a presença dos familiares, a base familiar, é extremamente importante nesta fase inicial da vida escolar, bem como, em todas as fases da vida. Sou originário de família humilde. Meu pai foi motorista durante toda a sua vida profissional. Aprendeu a profissão quando serviu ao Exército Brasileiro, na década de 1950. Minha mãe, falecida em 2018, era do lar e doméstica. Sou o quarto de seis irmãos. Fomos criados na periferia, Baixada Fluminense, município de Nova Iguaçu.

Voltando à trajetória acadêmica, quando terminei a quarta série, tive que mudar de escola. Fui matriculado na Escola Municipal Roberto Silveira, localizada no município de Mesquita que naquela época, era um distrito de Nova Iguaçu. Estudei lá da quinta à oitava séries. Conquistei amizades de sala de aula que perduram até hoje. Nesta fase, passei a ter vários professores. Alguns foram referências para min. Lembro-me do Professor Emílio, de História da América. Da Professora Roide de Matemática. Da Professora Célia de Português. O estilo de aula da Professora Roide era simplesmente fantástico. Sua didática para ensinar matemática foi a melhor que tive contato até hoje. A voz pausada, paciência e a insistência em provar que a dificuldade da disciplina é um mito convenceram a muitos. Gostaria de reencontrá-los, se possível. O Professor Emílio era um profundo conhecedor do assunto. Conhecimento ímpar, apresentava para os alunos as várias versões históricas e pontos de vista quanto aos fatos históricos mais relevantes do nosso continente. A Professora Célia, com seu conhecimento e carisma, estimulou a vocação para o magistério em alguns amigos de turma.



Figura 1-Confraternização dos amigos do ensino fundamental.

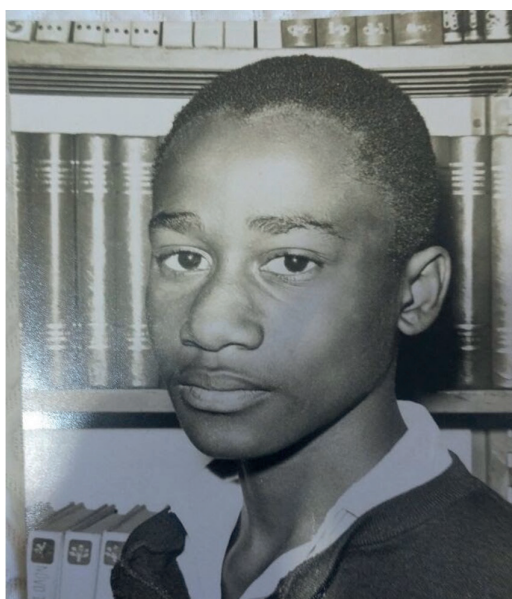


Figura 2-Foto aos 12 anos de idade no Ensino básico.

Terminado o ensino fundamental, novamente tive que mudar de unidade de ensino. Ingressei, então, no Colégio de Aplicação da SESNI, atual UNIG. Já na adolescência e com mais responsabilidades e consciência, fiquei preocupado com o meu futuro e empregabilidade. Não poderia continuar mais na total dependência dos meus pais para subsistir. Naquela época, os colégios de segundo grau, hoje ensino médio, mantinham cursos técnicos e profissionalizantes. Optei por fazer o curso técnico de Enfermagem. Meu primeiro curso profissionalizante. Entretanto, tinha uma meta: passar em um

concurso militar para a Aeronáutica. Precisava ter autonomia financeira para “aliviar a barra” dos meus pais e, ao mesmo tempo, garantir estabilidade para continuar os estudos. Entretanto, o curso técnico de enfermagem foi importante na minha formação pessoal e até profissional. Neste curso e atividade, temos a oportunidade de assistir, em todos os sentidos, a verdadeira condição humana. No antigo segundo grau tive alguns professores de referência: João Carlos, de Língua Portuguesa. Morel Gonzales Moreira, de Biologia. Alberto Pirro Galdiero, de Inglês (já falecido). O Professor Marco Antônio de Anatomia e Microbiologia teve uma influência fundamental na minha formação, como Professor. Ele ditava toda a matéria, sem ler uma linha. Tinha tudo guardado na memória. Foi uma característica que eu desenvolvi, por influência dele.

Desde os quatorze anos era portador de miopia, consequentemente, não poderia fazer o concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR). Optei pela Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR). Após ser aprovado no concurso, ingressei na escola e fui destacado para fazer o Curso Técnico em Pneumática (manutenção da aeronave voltada para os sistemas de pressurização, ar-condicionado e sistemas de degelo e antigelo externos). A opção por este curso ocorreu em razão dos slides e filmes que foram apresentados a nós, alunos, para conhecermos o que cada especialidade realiza na Força Aérea Brasileira. Hoje, a formação é generalista. Episódios ocorridos em 1984.

Depois de ser graduado Terceiro Sargento fui servir na Base Aérea de São Paulo (BASP). Foi grande desafio. A Base fica localizada em Guarulhos, Região Metropolitana de São Paulo. Cheguei sozinho naquele mundo, naquela metrópole gigantesca, sem amigos, sem parentes. A vantagem foi a proximidade com o Rio de Janeiro. Trabalhei lá durante aproximadamente cinco anos. Lembro-me que fui muito bem acolhido pelos companheiros, o que me facilitou a vida. Lá, prestei o vestibular para o curso de Engenharia Industrial Mecânica, na Universidade Brás Cubas, Município de Mogi das Cruzes, Região Metropolitana de São Paulo. Episódios ocorridos de 1986 a 1990.

No final de 1990 fui transferido para o Parque de Material Aeronáutico do Galeão (PAMAGL), no Rio de Janeiro. Transferi o curso de Engenharia para o Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), concluindo o curso em 1995. O curso de Engenharia Mecânica é fan-

tástico e, no CEFET-RJ, tive contato com professores rigorosos e que tinham enorme conhecimento técnico-científico. Lembro-me dos Professores Correia, Parga, Sumam, Jorge, Storino, Costa Filho. Este último foi meu orientador no Trabalho de Conclusão de Curso. Todos Doutores. Nesse período trabalhei na linha de montagem e desmontagem de aeronaves. Após cursar Engenharia, fui deslocado da manutenção para a Subdivisão de Engenharia, trabalhando como delineador de materiais aeronáuticos. A atuação neste setor foi de grande aprendizado para mim, pois as atividades de delineador de materiais e de processos de fabricação são funções ligadas à Engenharia.

Em 1999 iniciei a minha trajetória, como docente. Comecei a ministrar aulas de ciências e matemática no Colégio Guararapes, em São João de Meriti. Ministrava ciências e física para os ensinos fundamental e médio. Os alunos eram adolescentes e adultos. Atuei, também, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). No ano de 2000 fui para Belo Horizonte fazer o Curso de Formação de Oficiais Especialistas (CFOE). Ao final do curso fui promovido ao posto de Segundo Tenente, com a formação em Tecnólogo em Gestão de Manutenção Aeronáutica. Belo Horizonte é uma cidade com excelente qualidade de vida. Gostei muito de lá. Regressei ao Rio de Janeiro em 2001, trabalhando com contratos de manutenção de motores aeronáuticos.

Voltei a lecionar, mas fui buscar a habilitação. Fiz a Especialização em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Candido Mendes. Nessa ocasião, ministrava aulas de ciências, física, matemática no ensino médio e fundamental. Fiz a complementação pedagógica para lecionar física, ciências e matemática, também na Universidade Candido Mendes. Lecionei essas disciplinas como contratado, na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, nos Colégios Presidente Kennedy, Bom Pastor e CIEP 375, Wilson Grey, em Belford Roxo. No ano de 2008, ingressei na Fundação Técnico Educacional Souza Marques (FTESM), para a Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho. O que me motivou a ingressar nessa especialização foram os acidentes e quase acidentes que presenciei e de que tive notícia durante todos os meus anos anteriores de serviço, dentro e fora das Unidades Militares (inclusive comigo). Todo acidente do trabalho pode e deve ser evitado. Todos perdem com os acidentes. Famílias, empresas, serviço público, governo e o próprio trabalhador. No ano anterior fui contratado pelo SENAI para ser instrutor nos cursos técnicos em segurança do trabalho, técnico em mecânica, técnico em eletrônica, técnico em eletrotécnica e no Pronatec.

Trabalhei no SENAI durante nove anos. Experiência muito gratificante. Em 2012, fui contratado pelo Colégio Curso Mova, de Nova Iguaçu, para lecionar para os cursos técnicos de segurança do trabalho, técnico em enfermagem, técnico em radiologia e técnico em administração além de atuar na educação de jovens e adultos (EJA). Nessas atividades, pude ser útil a muitos jovens e adultos.

Logo em seguida, ingressei na Especialização em Ciências Ambientais na Fundação Técnico Educacional Souza Marques (FTESM). Fiquei entusiasmado com as questões ambientais. A Segurança do Trabalho tem uma ligação muito forte com as questões ambientais do trabalho. Lembro-me dos professores Fábio Verçosa, coordenador do curso. Professora Lygia Sanchez, de legislação ambiental. Da professora Maria da Glória que, posteriormente, fez parte da minha banca de avaliação da dissertação do Mestrado. Do falecido professor Carlos Augusto, da disciplina administração de resíduos, diretor da COMLURB. Do professor Madureira, de química ambiental. Da professora Roberta Romera que, posteriormente me ajudou na dissertação do Mestrado. Do professor Kleber, de ecologia, morador apaixonado da bucólica Paracambi, devo muito a essas pessoas. A monografia versou sobre o controle de resíduos na indústria de manutenção de motores aeronáuticos.



Figura 3- Professora Lygia Sanchez depois de uma aula



Figura 4-Visita técnica dos alunos do curso Tst à Bayer do Brasil.



Figura 5-Visita técnica dos alunos do Curso de Tst ao Vasco da Gama.

Em 2016, finalmente, consegui ingressar no Mestrado em Ciências Ambientais, na Universidade de Vassouras (antiga Universidade Severino Sombra). Foi uma experiência ímpar. Foi um salto nos meus conhecimentos sobre as questões ambientais. As aulas de campo eram fantásticas. Lembro-me muito bem da Professora Margareth Queiroz, da FIOCRUZ. Do Professor Alexandre Ururahy, perito ambiental. Do Professor Antônio Orlando Izolani, meu orientador na dissertação do Mestrado. Da Professora Paloma, da FIOCRUZ. Do Professor Cassino, da UFRRJ e outros. Todos referências em suas áreas. Todos Doutores e com grande atuação na área ambiental. As aulas de campo eram interessantes. Tivemos aulas práticas no Hospital Sul Fluminense, pertencente à Universidade de Vassouras. Fiquei impressionado com as instalações da FIOCRUZ. Fomos levados lá pelas Professoras Margareth Queiroz e Paloma. A dissertação versou sobre o tratamento do ar em uma indústria de manutenção de motores aeronáuticos. Atualmente, estou me preparando para ingressar no doutorado.



Figura 6-Foto tirada depois da apresentação da dissertação de mestrado.

No dia 16 de outubro de 2024, recebi a excelente notícia da publicação do meu ingresso, como docente, no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB). Uma aspiração antiga. Neste curto espaço de tempo, já aprendi muito com os profissionais daqui. Grande desafio. A educação especial, principalmente. O contato, contato com os jovens do ensino médio, pessoas em formação que estão em busca de uma ascensão profissional na vida, nos dá a oportunidade de voltar a ser úteis a este segmento etário, que precisa de muita orientação dos mais experientes. Atuo, como docente, ministrando aulas de física para o ensino médio (Enem, Vida Militar e Técnico de Enfermagem).



Figura 7-Participação no acolhimento dos alunos especiais que ingressaram no CBNB.

A vida é um constante aprendizado, nunca tive contato com aulas para alunos especiais, o que agora é uma obrigatoriedade. A nossa atuação com esse segmento tem sido de grande valia para o aprimoramento geral. A maioria dos docentes não dominam plenamente, ainda, a lida com os especiais, mas com esforço e estudo de todos, a missão está sendo cumprida a contento.



Figura 8-Foto da visita técnica às instalações do Centro Tecnológico da Marinha do Rio de Janeiro (CTMRJ).

A felicidade não é um ponto no qual queremos chegar. Ela é um caminho a percorrer. Ainda estou caminhando. A vida é um eterno aprendizado. Até aqui tenho tido êxito, apesar dos percalços. Espero que continue assim. Isso é impossível sem a colaboração das pessoas. Por isso, sou grato a elas.

Jair Ferreira dos Santos
Colégio Brigadeiro Newton Braga

Capítulo 2

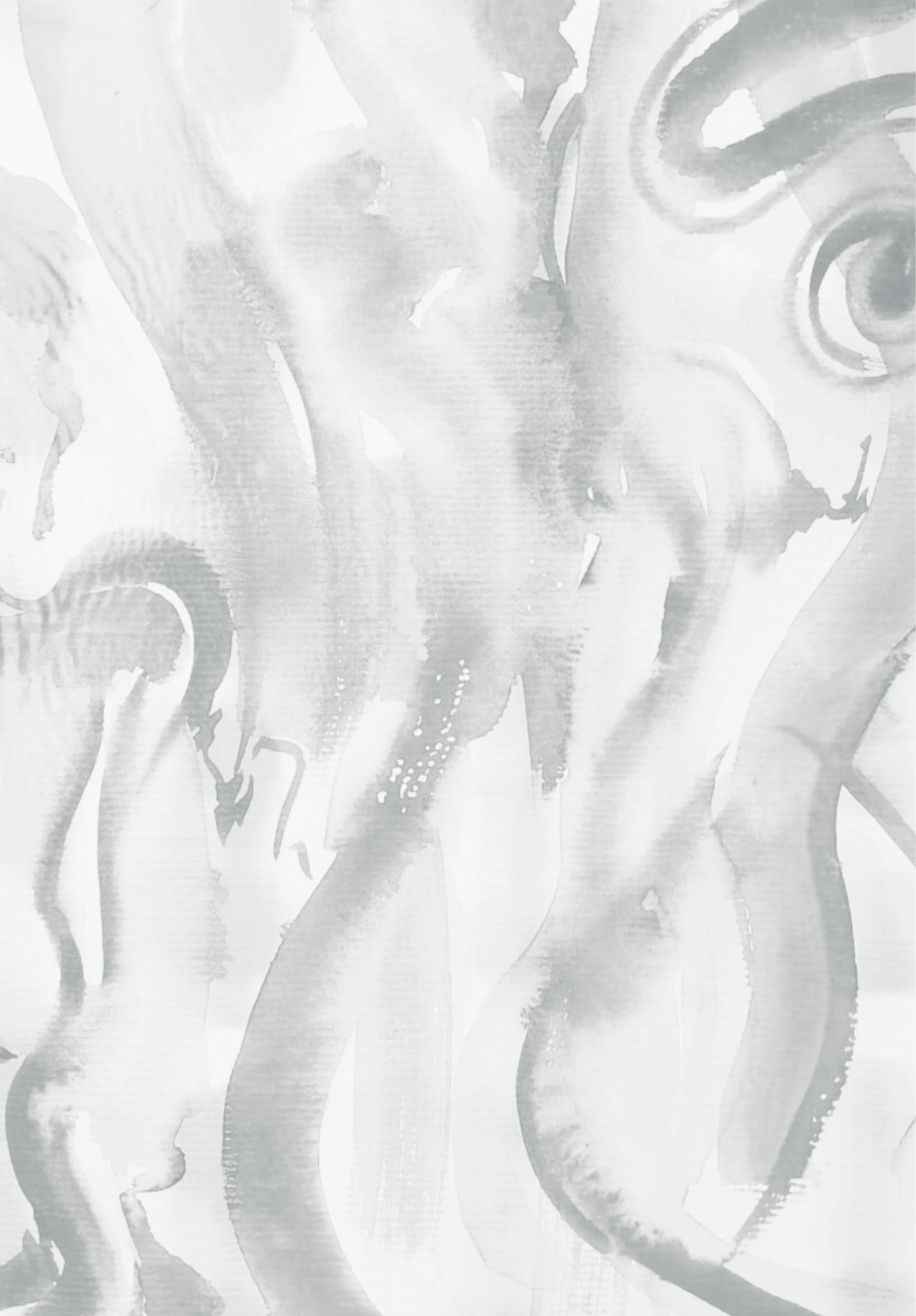
DA FORMAÇÃO À AÇÃO: UM RELATO DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM CONSTRUÇÃO

Tayene Mendonça Santos (CBNB)



Você é a soma de tudo que já viu, ouviu, comeu, cheirou, disse, esqueceu — está tudo lá. Tudo influencia cada um de nós, e por isso eu tento ter certeza de que minhas experiências são positivas.

Maya Angelou



DA FORMAÇÃO À AÇÃO: UM RELATO DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM CONSTRUÇÃO

Minhas primeiras memórias relacionadas à minha trajetória acadêmica me levam até 1999, ano em que cursava o chamado Jardim de Infância no Centro Educacional ABC Pernalonga, em Guadalupe, Zona Norte do Rio de Janeiro. Lembro-me de ter aulas de balé e de detestá-las, acreditando que as aulas de judô, ofertadas apenas aos meninos, deveriam ser mais interessantes. No ano seguinte, cursei a Classe de Alfabetização (popularmente conhecida como C. A.) em outro local, a Escola XV de Novembro, instituição escolar dentro da Igreja Batista XV de Novembro, da qual eu e minha família fazíamos parte. Nesta escola, coordenada por minha mãe, que era pedagoga, aprendi a ler e a escrever com a tia Gidalva e, ao final do ano, fui escolhida para ser a oradora da turma, conforme a Figura 1, de meu acervo pessoal.

Figura 1: Formatura da Classe de Alfabetização.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Momentos marcantes no Ensino Fundamental I e II

Já em 2001, passei a estudar no Colégio Souza Marques, em Cascadura, também na Zona Norte do Rio de Janeiro. Por lá, cursei da 1ª até a 5ª série do Ensino Fundamental (que atualmente correspondem do 2º até o 6º ano) e fiz amizades que perduram até hoje. Nesta escola, sem imaginar ou perceber, eu já dava os primeiros sinais de qual profissão viria a escolher anos mais tarde, pois ajudava algumas amigas com maior dificuldade nas

matérias escolares. Elas iam até a minha casa para que fizéssemos juntas os deveres de casa e os trabalhos escolares, além de estudarmos para as provas bimestrais. Neste período também, lembro-me de decidir ensinar a Língua Inglesa para a minha avó materna. Peguei um caderno, escrevi vários exercícios baseados naquilo que eu já havia aprendido, recortei imagens de livros antigos para compor as atividades e expliquei o assunto para minha avó. Ao chegar na 5ª série do Ensino Fundamental I, no entanto, passei a enfrentar muitas dificuldades para compreender Matemática. Lembro-me de que a professora quase não ia à escola, deixando tanto a minha quanto outras turmas sem aulas ao longo de todo o ano.

Tal defasagem só pode ser percebida de fato no ano seguinte, quando passei a estudar em outro colégio, o Centro Educacional Triângulo, em Marechal Hermes. Ao cursar a 6ª série, em 2006, enfrentei extrema dificuldade para acompanhar as aulas de Matemática, já que os assuntos tratados dependiam de conceitos que eu deveria ter aprendido no ano anterior. Precisei estudar com meu pai o ano inteiro para conseguir acompanhar a matéria e, graças a essa grande ajuda, alcancei as notas necessárias, compreendi os assuntos trabalhados em aula e pude, a partir dali, voltar a estudar sozinha.

Ao longo do Ensino Fundamental II neste colégio, que frequentei entre 2006 e 2008, me identifiquei e me interessei mais pelas aulas das Línguas Inglesa, Espanhola e Portuguesa, outro indício das minhas escolhas acadêmicas e profissionais no futuro. Eu queria entender as músicas que escutava e queria poder cantá-las pronunciando as palavras da melhor forma possível, então pesquisava nas revistas os significados das letras, prestava muito mais atenção às aulas e fazia várias perguntas às professoras sobre as palavras ou expressões para as quais eu não conseguia encontrar um significado.

Nesta época, que foi marcada pela popularização da internet banda larga nos computadores que as pessoas possuíam em casa, eu passei a ter mais acesso às músicas em inglês e em espanhol que queria ouvir, bem como às letras, que eu imprimia para poder acompanhar enquanto as cantava. Minha mãe, observando este meu interesse, começou a procurar cursos de inglês para que eu pudesse estudar mais o idioma.

Eu não poderia deixar de ressaltar que a minha maior incentivadora e a profissional mais dedicada e apaixonada pelo que fazia que eu conheci em minha vida chamava-se Liane Mendonça. Esta mulher, que tenho orgulho

de chamar de mãe, me deu meus primeiros livros de histórias, me instigou a ler, acompanhou meus estudos de perto, me levou às Bienais do Livro do Rio de Janeiro e me ensinou que podemos sair de nossa casa e viajar o mundo através da leitura. O Centro Educacional Triângulo, onde eu estudava, foi seu último local de trabalho. Lá, ela promoveu diversos eventos como coordenadora, inclusive um Concurso de Redação dividido entre os segmentos e do qual eu fui vencedora na categoria do Ensino Fundamental II. Ao fim desta etapa em minha trajetória escolar, ela decidiu que no ano seguinte, em 2009, eu e meu irmão cursaríamos o 1º ano do Ensino Médio e o 6º ano do Ensino Fundamental II, consecutivamente, em outro colégio.

O Ensino Médio, a perda e os desafios

Eu e meu irmão passamos a estudar no Colégio Adventista de Jacarepaguá, na Vila Valqueire a partir de 2009. Neste mesmo ano, iniciei os estudos no CCAA, curso de inglês escolhido por minha mãe. Cerca de duas semanas após o início nesta nova escola e no curso, nossas vidas mudaram ainda mais, pois nossa mãe, Liane, faleceu repentinamente por imprudência de um motorista. Lidar com a perda de uma pessoa tão importante, juntamente com a mudança de escola aos 14 anos de idade, foi certamente a situação mais difícil que precisei enfrentar na vida. Tudo precisou ser reajustado. Eu e meu irmão passamos a morar com nossa avó materna enquanto nosso pai viajava a trabalho e, quando ele estava de folga, ficávamos com ele.

Neste período, precisei de muita resiliência para continuar estudando e seguir com a minha vida. Assim como fazia no ensino fundamental, continuei ajudando amigas que tinham dificuldade em determinadas matérias escolares, prossegui em meu curso de inglês e, em meio a todas as dificuldades geradas pela perda de minha mãe, tentava descobrir qual carreira seguir.

Ao longo do Ensino Médio, alguns professores marcaram minha trajetória. Recordo-me de ficar fascinada com as aulas de História da professora Adriana, pela forma como ela nos ensinava e pela maneira que a matéria deixou de ser um acúmulo de datas para se tornar uma espécie de filme. Eu conseguia imaginar os acontecimentos conforme ela nos contava cada detalhe. Outro professor marcante foi seu marido, Moisés, que lecionava matemática. Apesar de eu ter dificuldade e de não ter nenhuma identificação com as matérias exatas, Moisés explicava de uma forma calma e clara. Nas aulas dele, a

matéria parecia menos complexa. Ilma, a professora de Língua Portuguesa e de Literatura, me indicou vários livros que adorei ler, além de ter apresentado à turma o filme *Orgulho e Preconceito*, baseado no livro homônimo de Jane Austen. Depois de me encantar com a história, comprei o livro em sua versão original em inglês e este foi o primeiro livro que li neste idioma. Rodolfo, professor de Química, também marcou minha trajetória no Ensino Médio. Recordo de me sentir muito feliz por entender a matéria, que sempre foi complexa para mim, e devo isto à maneira didática com que ele nos ensinava. Em meio a tantas situações difíceis, sinto-me grata por ter estudado nesta escola, por ter tido estes professores e pelas amizades que fiz.

Em meu último ano escolar, em 2011, precisei decidir entre Relações Internacionais, História e Letras. Visitamos a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em um dia de Feira de Cursos voltada aos alunos de ensino médio e ali tive uma pequena noção da grandiosidade desta universidade. Ao final do ano, fiz o ENEM sem grandes expectativas, pois achava que para ingressar em uma universidade pública eu precisaria estudar em cursinhos preparatórios, o que não fiz por falta de recursos de minha família. Estudei para o vestibular por conta própria, usando os livros didáticos da escola em casa quando voltava da escola. Fiquei extremamente surpresa ao descobrir, em 2012, que havia passado para Letras Português-Inglês na UFRJ.

O curso de Letras e o ingresso no mercado de trabalho

Comecei o curso no primeiro semestre do mesmo ano e pude, meses depois, participar como ouvinte em um evento organizado pelo Departamento de Línguas Germânicas sobre a produção negra norte-americana. Neste evento, assisti diversas apresentações de alunos da graduação sobre pessoas como Zora Neale Hurston e Martin Luther King Jr. Fiquei encantada com a possibilidade de unir os estudos em Letras, Inglês e História e desde então decidi que gostaria de pesquisar autores negros. Iniciei, então, minha pesquisa na graduação orientada pela professora Michela Rosa di Candia sobre o discurso “*I have a dream*”, de Martin Luther King Jr.

Durante a graduação, participei de diferentes simpósios, congressos e eventos sobre raça e gênero, participei de duas edições da Jornada de Iniciação Científica (JIC) apresentando os resultados da minha pesquisa, mas, até então, eu tinha a intenção de seguir a carreira de tradução e

revisão. Foi em 2015, já no 7º período, que decidi participar do processo seletivo entre alunos da graduação para atuar como Monitora de idiomas no CLAC – Cursos de Línguas Abertos à Comunidade – projeto desenvolvido pela Faculdade de Letras da UFRJ. Em meu primeiro semestre em sala de aula lecionando a Língua Inglesa, percebi que era aquilo que eu queria fazer. Decidi, no penúltimo período da faculdade, trocar minha habilitação de Bacharelado para Licenciatura.

Com esta mudança, precisei fazer as 10 disciplinas de Educação e o estágio Obrigatório Supervisionado, o que aumentaria meu tempo na faculdade em mais um ano e meio. Entre 2015 e 2017, fiz as matérias referentes à Licenciatura, lecionei no CLAC como professora de Inglês e de Inglês para Fins Específicos (com foco em leitura para acesso à pós-graduação) e estagiei no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ). No ano de 2017, o último na graduação, tive minha carteira de trabalho assinada pela primeira vez como instrutora em um curso de línguas na Zona Norte. Neste mesmo ano, eu e uma amiga que conheci na graduação, Izabelle Fernandes, escrevemos um artigo para a Revista Perspectiva em Educação Básica. No texto, analisamos um material didático produzido pela Izabelle e aplicado em uma aula no Estágio Supervisionado.

Graduei em Licenciatura em Letras Português-Inglês no dia 07 de outubro de 2017, um dia após o meu aniversário, com a sensação de dever cumprido e de gratidão a Deus e à minha família por todo o suporte ao longo deste trajeto. No ano seguinte, iniciei minha trajetória como professora de Língua Inglesa na escola de idiomas Cultura Inglesa. Neste curso, tive a oportunidade de lecionar para diferentes grupos e tive alunos que iam desde os 6 anos até a terceira idade. Foi também durante meu período trabalhando na Cultura Inglesa que aprimorei meus conhecimentos como professora e como falante de inglês como língua estrangeira e adquiri, após algumas avaliações, os certificados de proficiência (Cambridge English Level 2 - Advanced) e de ensino (Teaching Knowledge Test – Modules 2 and 3).

Em 2019, além de lecionar na Cultura Inglesa, comecei a trabalhar em uma escola bilíngue na Zona Sul do Rio de Janeiro, chamada Dínamis. Nesta escola, lecionei durante dois anos para alunos do 3º ano do ensino fundamental diariamente. Por se tratar de uma escola com ensino bilíngue, eu trabalhei assuntos diversos com os alunos, e a nossa comunicação era toda em inglês. Foi uma experiência enriquecedora, pois pude utilizar o idioma no

dia a dia da turma, ensinar um novo vocabulário conforme a necessidade, além de elaborar e executar diferentes projetos com os estudantes.

O ano seguinte, que ficou marcado pela pandemia do Coronavírus, foi desafiador e cansativo para a maioria das pessoas, e para mim não foi diferente. Todas as minhas turmas passaram a ter aulas síncronas online, o que me obrigava a ficar sentada diante de um computador e com a câmera ligada o dia inteiro. Foi extremamente desgastante precisar reinventar, às pressas, toda a dinâmica das aulas presenciais e adaptá-las para o modelo virtual de ensino. Como manter os alunos motivados e participativos se não sabíamos nem se eles estavam realmente nos ouvindo por trás das câmeras desligadas?

Em meio a todos os desafios impostos por uma doença até então sem vacina, comecei, por influência e encorajamento de uma amiga da faculdade, a estudar para o processo seletivo para o Mestrado. Fiz as leituras necessárias, enviei as documentações, escrevi meu projeto de pesquisa, fiz as provas escrita e oral e, ao final do ano de 2020, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Iniciei meus estudos como mestranda no ano de 2021 e, por conta das demandas das aulas da pós-graduação que eu precisaria assistir, precisei pedir demissão da escola bilíngue e diminuir meus tempos de aulas no curso de idiomas. As aulas da pós-graduação foram síncronas e online, ao passo que as aulas que eu lecionava na Cultura Inglesa passaram a ocorrer na modalidade híbrida, ou seja, os alunos poderiam escolher entre assistir às aulas online ou presencialmente, respeitando os protocolos de segurança em relação ao Coronavírus.

Em meio a tais mudanças de rotina, decidi participar do processo seletivo de Oficiais Convocados Temporários da Força Aérea Brasileira para professora de Língua Inglesa para o nível médio. Este foi um árduo processo, com diversas etapas e que durou quase seis meses. Ao final deste período, me tornei Aspirante-a-Oficial da Força Aérea, conforme Figura 2 a seguir, e escolhi atuar no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Me desliguei da Cultura Inglesa e iniciei minha jornada nas Forças Armadas no final do ano de 2021.

Figura 2: Formatura Na Força Aérea Brasileira



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Minhas contribuições ao CBNB

Em 2022, meu primeiro ano como professora no CBNB, pude participar de diferentes projetos. Em alusão ao marco de cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922 e em consonância com o Projeto Saravá, desenvolvido na escola em cumprimento à Lei 10.639/03, elaborei com duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II uma pesquisa e exposição intitulada “Black artists through time”, conforme a Figura 3. Nesta pesquisa, os alunos foram levados a questionar a ausência de pessoas negras entre os artistas cujos trabalhos foram exibidos na Semana de 22. Em seguida, eles foram apresentados a alguns artistas negros que produziram arte no século XX, bem como a algumas de suas obras e trabalhos. Por fim, os estudantes precisaram escolher artistas negros, da atualidade ou não, pesquisar e preencher o perfil do/a artista com as informações que eles estavam aprendendo nas aulas de Inglês, tais como: nome, idade, nacionalidade, profissão e características físicas. Após concluídos os perfis, os expusemos em um dos murais da escola com a pergunta “Which of them do you know?” (Quais destes você conhece?), para que os demais alunos da escola pudessem ler os perfis e refletir sobre a visibilidade de artistas negros. Este projeto também contou com a participação da professora de Arte das turmas, Carmem Crespo, que desenvolveu com os alunos releituras das obras de um dos artistas do século XX invisibilizado na Semana de Arte.

Figura 3: Exposição “Black artists through time”



Fonte: arquivo pessoal da autora

No ano de 2022 tive, ainda, a oportunidade de palestrar aos professores dos Anos Iniciais, juntamente à também professora de Língua Inglesa Tenente Amine. A palestra, sob o título “Ensino de língua inglesa nos anos iniciais: desmistificando crenças e ressignificando experiências” teve por objetivo apresentar os benefícios de oferecermos aulas de uma língua estrangeira no primeiro segmento, mesmo não sendo obrigatório por lei que as escolas ofertem estas aulas em tal fase escolar. Além disso, elaborei questões para o concurso interno do colégio com vistas a preencher as vagas no curso técnico de Enfermagem e no curso Pré-militar, ofertados no 2º e no 3º ano do ensino médio para os alunos classificados. Participei, também, em 2022 e nos anos subsequentes, das bancas dos concursos para Oficiais Convocados, na etapa de Avaliação Didática.

O ano seguinte foi marcado por um novo desafio: assumi a Coordenação de Disciplina e passei a ser responsável por realizar reuniões quinzenais com a equipe de professores de Língua Inglesa, receber e revisar as avaliações trimestrais feitas pelos professores para cada ano de ensino, organizar as demandas de substituições, entre outras atribuições. Elaborei, desta vez junto à equipe, questões para o concurso interno da escola, e participei da Mostra de Cultura com o projeto intitulado “English Experience” (Figura 4). Neste projeto, realizado com a Tenente professora Amine, expusemos atividades realizadas pelos alunos dos Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano), como jogos utilizando o vocabulário aprendido ao longo do ano letivo.

Figura 4: English Experience



Fonte: arquivo pessoal da autora.

No âmbito acadêmico, o ano de 2023 foi marcado pela conclusão e defesa do meu mestrado, cuja dissertação tem como título “Memórias que narram: uma análise das performances narrativas e identitárias da protagonista em “Americanah””. Neste mesmo ano, publiquei o artigo intitulado “Práticas antirracistas na sala de aula de Língua Inglesa: ações que fazemos com a linguagem na Educação Básica” em coautoria com a professora Pós-doutora Glenda Cristina Valim de Melo e a doutoranda Karoline dos Santos Silva.

Permaneci na Coordenação de Disciplina ao longo do ano de 2024, além de desenvolver outros projetos com minhas turmas. O primeiro deles, com as turmas do 7º ano do ensino fundamental II, teve como objetivo utilizar o vocabulário sobre esportes aprendido nas aulas, bem como o uso dos verbos no passado simples, para escrever biografias curtas sobre atletas de interesse de cada aluno. Os resultados foram muito interessantes pois, animados com as Olimpíadas que ocorreram um pouco antes, os alunos se engajaram para pesquisar sobre os atletas escolhidos por eles e para escrever os textos sobre suas conquistas.

O segundo projeto desenvolvido em 2024 foi interdisciplinar, pois contou com a contribuição da professora de Arte das turmas do 2º ano do ensino médio, a Tenente Monique Rosa. O assunto debatido nas aulas de língua inglesa dizia respeito à voz da juventude e ao tipo de mensagem eles desejavam passar para a sociedade. Discutimos sobre a relevância de se posicionar e de buscar construir um espaço coletivo mais justo para todos.

Neste sentido, eu e a Ten. Monique Rosa propusemos aos alunos que produzissem uma obra de arte que expressasse a voz deles com uma reflexão para a sociedade. Para isso, eles precisaram escolher uma das Vanguardas Europeias que haviam estudado nas aulas de Arte, observando o estilo desta para produzir suas obras. Os resultados deste projeto foram apresentados na Mostra de Cultura do CBNB.

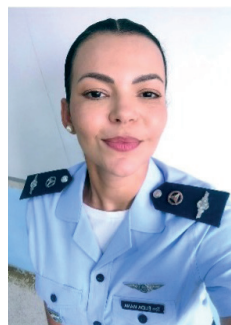
Este também foi o ano em que decidi escrever meu projeto de pesquisa para o Doutorado. Participei do processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e obtive a aprovação para iniciar os estudos e a pesquisa no ano de 2025. Também participei como palestrante em uma mesa-redonda promovida no campus São Cristóvão III do Colégio Pedro II, ocasião na qual tive oportunidade de conversar com os alunos do ensino médio sobre temas como masculinidade tóxica, machismo e violência nas escolas.

Ao fazer uma retrospectiva e lembrar dos meus passos até aqui, posso perceber que cada experiência e cada momento culminaram para que eu fosse a professora que sou hoje. Tenho plena convicção de que, após 10 anos de magistério, ainda tenho muito para aprender, para aprimorar, para mudar e para compartilhar. Me sinto grata pelas oportunidades e desejosa de fazer mais, muito mais.

Capítulo 3

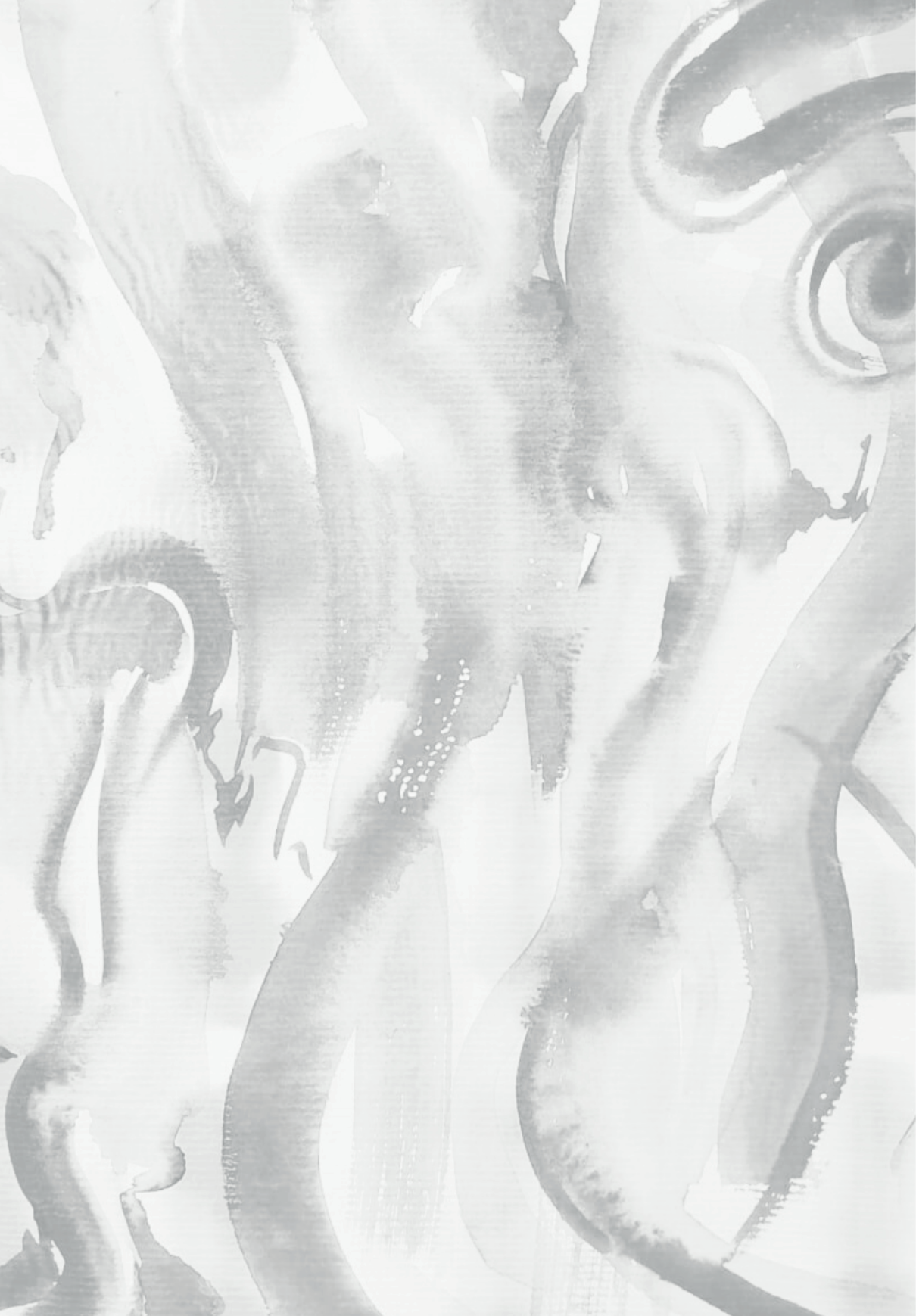
ENTRE SONHOS, DESAFIOS E CONQUISTAS: REFLEXÕES SOBRE MEU PERCURSO DE FORMAÇÃO

Élida Monick de Freitas Sobral Viana (CBNB)



Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos
e a prova das coisas que não vemos."

Hebreus 11:1



ENTRE SONHOS, DESAFIOS E CONQUISTAS: REFLEXÕES SOBRE MEU PERCURSO DE FORMAÇÃO

Me chamo Élide Monick de Freitas Sobral Viana. Nasci em uma família humilde no Estado de Natal, no Rio Grande do Norte. Sou a filha mais velha da Eliziete e do Gilson. Tenho Três irmãos e uma irmã. A história da minha família é bem parecida com a de tantas outras do interior do Brasil. Meu pai começou a trabalhar cedo para prover o próprio sustento e de sua família e não conseguiu concluir os estudos. Minha mãe fez magistério, porém não exerceu a profissão para cuidar dos filhos.

Minha trajetória educacional começou em 1991 na Escola Municipal Amélia Teodolina de Melo, localizada na cidade de Tangará, Rio Grande do Norte. Cursei a classe de alfabetização e a primeira série do antigo Primeiro Grau. Não tenho lembranças dessa unidade escolar.

No ano de 1993, minha família mudou-se para Natal e fui matriculada na Escola Municipal Laura Maia localizada na Praia do Meio. Segundo relatos da minha mãe, a escola me promoveu para a terceira série devido ao conhecimento que eu já havia adquirido. Nessa escola também tive a rica oportunidade de participar do grupo de dança folclórica Pastoril, caracterizada pelo teatro, cantorias e danças que relatam a história do nascimento do menino Jesus através das jornadas das pastoras de Belém. Essa manifestação cultural surgiu na Idade Média em Portugal e foi trazida ao Brasil na época da colonização. Hoje, é uma das principais festas populares do Nordeste.

A escola era o meu lugar favorito. Onde os sonhos pareciam ser possíveis. Lembro claramente o nome da minha professora e de um presente que ela teceu para mim. Professora Luzia, cabelos curtos, usava óculos e tinha um sorriso reconfortante. Quando meus pais decidiram mudar para o Rio de Janeiro, ela teceu uma blusa roxa em tricô para que eu guardasse uma lembrança dela.

Figura 1: primeiro ano de escolaridade na escola pública.



Fonte: arquivo pessoal da autora

Em dezembro de 1993, meu tio que era militar da Força Aérea Brasileira, conseguiu o embarque da minha família para a cidade de Queimados, localizada na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Uma nova jornada estava por vir. Mudança de território, outros costumes, dialetos, círculo social, escola, familiares.

O primeiro choque foi a barreira cultural. Meu sotaque nordestino chamava muita atenção. Algumas coisas tinham outros nomes. Dindim em Natal, tinha nome de sacolé aqui no Rio, confeito era bala, pelota era pirulito e por aí vai.

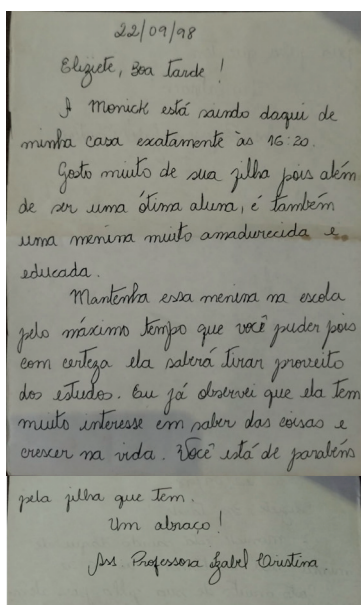
O ano de 1994, foi inesquecível para os brasileiros. Morre Ayrton Senna, a seleção brasileira ganha o tetra, o Plano Real foi lançado e eu fui matriculada na Escola Municipal Batista Ponte Preta para cursar a terceira série do primeiro grau. Era uma escola enorme, com escadas e rampas, construída no alto de um morro. O acesso era pela rua dos fundos que não tinha pavimentação. Quando chovia, minha mãe colocava sacolas nos meus pés para que eu não sujasse os calçados. A escola era muito longe da minha residência. Eu acordava muito cedo para chegar no horário. A escola sempre foi um lugar maravilhoso para mim. Dois passeios me marcaram muito nessa escola: a fábrica da Coca-Cola e a visita guiada ao Horto Municipal da Cidade. Foi uma experiência inesquecível.

Sempre percebi a educação como o caminho próspero que me ajudaria a ter uma vida melhor. Eu queria ter uma profissão para ter dinheiro e comprar uma casa para os meus pais, roupas e calçados novos para meus irmãos, biscoitos, achocolatado, iogurte, coisas que eu tinha vontade de comer, mas meus pais não tinham condições para comprar. Também queria dar

muito orgulho para minha família. Esses eram os meus objetivos aos 8 anos de idade.

No ano de 1995 ingressei na quarta série, no Colégio Estadual Dom João VI e lá concluí o Primeiro Grau. Conheci professores que se tornariam colegas de profissão. Mantive meu nome no quadro de honra ao mérito enquanto estive nesse colégio. Era o que eu poderia dar à minha família naquele momento. Recordo ter tido uma professora de Língua Portuguesa que me levava para a sua casa e me aulas extras. Ela também emprestava diversos livros para que eu pudesse ampliar meu repertório de leitura. Guardo com carinho o seguinte bilhete que essa professora escreveu para minha mãe:

Figura 2: bilhete da professora de língua portuguesa



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Eu gostava muito de participar de todas as atividades promovidas pelo colégio como exposições, apresentações, feiras culturais e desfiles em comemoração ao Dia 7 de Setembro. Recordo-me de ter participado de competições de conhecimentos gerais intercolégiais, de ter ganhado um concurso de desenho que representaria o logotipo da feira cultural e ter participado do grupo de teatro.

Nesse período, a convivência com as minhas amigas de infância e suas famílias, seria determinante para a escolha da minha profissão. Elas eram professoras e sempre me levavam para as festas e atividades da escola onde elas trabalhavam. Eu amava participar de tudo. Quando chegou a última série do primeiro grau, eu já sabia o que iria fazer e escolhi o Curso Normal.

No ano 2000 iniciei o Curso de formação de professores no Instituto de Educação Vereador Sebastião Pereira Portes, localizado em minha cidade. Lá estava eu com aquele uniforme impecável. Saía azul marinho com pregas, blusa branca com uma gravata azul, meias $\frac{3}{4}$, um sapatinho preto bem engraxado e um sonho. Percebi que eu “sempre fui alguém” e a escola potencializou aquilo que eu já carregava em mim. Realmente queria mostrar para outras crianças o potencial que elas já possuíam através da educação. Foram 4 anos de muito aprendizado. Conheci professores incríveis e fiz amigos para toda vida. Nesse período tive a oportunidade de realizar um estágio remunerado nessa escola.

No final de 2004, prestei o vestibular para o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Nessa época, eu não tinha muito acesso à informação, uma amiga viu o meu nome na listagem da segunda reclassificação e me avisou. Fui à UERJ com o Professor Rogério, que me acompanha desde o primário, mas a data da matrícula já havia passado e perdi a oportunidade. Enfim, me formei no Curso Normal e comecei a colocar o currículo nas escolas da minha cidade. Precisava trabalhar para ajudar minha família e como não conseguia vaga para lecionar em nenhuma escola, estava disposta a começar alguma atividade laboral mesmo que não fosse na área da educação. Trabalhei por quatro anos em diversos lugares.

Em 2005 conheci Rafael Viana Neto o jovem com quem me casei em dezembro de 2007. Alguém que considero inteligente e esforçado, um incentivador nato.

Consegui meu primeiro emprego como Professora de Educação Infantil no ano de 2008, na Instituição Espírita Joanna de Ângelis. Um espaço filantrópico construído na zona rural da cidade vizinha que atendia crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Foram dois anos de muito aprendizado que marcaram significativamente o início da minha carreira.

O ano de 2010 foi memorável para minha formação e marcou o início de uma jornada de crescimento profissional e acadêmico. Em fevereiro desse ano, fiz um processo seletivo com três etapas (prova escrita, entrevista

e aula prática) para trabalhar como Auxiliar de Professor na Creche Fiocruz. Passei e foi maravilhoso. Aprendi toda a dinâmica envolvida no trabalho com essa faixa etária, a desenvolver projetos onde a criança era o sujeito ativo da aprendizagem e decidi que queria ser Professora de Educação Infantil.

Em junho, me inscrevi no vestibular novamente, mas dessa vez, na modalidade à distância. Consegui ingressar no curso de Pedagogia da UERJ através do CEDERJ. E, finalmente me formei conseguindo realizar esse grande sonho.

Em 25 de outubro, véspera do meu aniversário, a Prefeitura do Rio de Janeiro publicou o primeiro edital para Professor de Educação Infantil. Era a minha chance de realizar mais um sonho e me tornar servidora na área que eu escolhi. Encerrei meu contrato na Creche Fiocruz em dezembro, para ter tempo de me dedicar aos estudos. No ano seguinte, realizei a prova e passei. Eu ainda não estava acreditando, que havia alcançado a minha primeira matrícula.

Tomei posse no dia 30 de junho 2011. Nesse dia, mais precisamente na fila da posse, conheci a professora Mayara que se tornaria minha melhor amiga no trabalho e na vida. Comecei a trabalhar no Espaço de Desenvolvimento Infantil Rosenice Rocha Roque, localizada em Guadalupe.

Em abril de 2013, descobri que estava grávida da minha filha Maria Cecília. Estava no último ano da faculdade. Concluí meu curso de Pedagogia em novembro de 2013 e Maria nasceu em janeiro de 2014. Minha colação de grau teve que ser postergada devido ao período do puerpério, mas a missão foi cumprida e a maternidade me aguardava com todas as demandas específicas dessa fase. Após a licença maternidade, a professora retorna para a sua unidade escolar com uma nova aluna. Não fui a professora da minha filha, mas tive o privilégio de acompanhar o seu desenvolvimento e ver o quanto ela foi feliz nesse espaço pedagógico.

Em outubro de 2017, nasce meu filho caçula, Noah Levi e em outubro de 2018, retornei da licença maternidade com o meu filho para o EDI. Maria já estava matriculada em uma escola particular, pois essa unidade não tinha a Pré-escola. O tráfico havia deixado a localidade muito perigosa, foi a primeira vez que a possibilidade de pedir exoneração passou pela minha cabeça. Conversei com a direção do EDI e ela sugeriu que eu fizesse o concurso de remoção que me permitiria trocar de unidade.

No ano de 2019 comecei a trabalhar no Espaço de Desenvolvimento Infantil Noronha Santos, localizado em Ricardo de Albuquerque. Nesse EDI haviam turmas de Pré-escola (faixa etária de 4 a 6 anos) e apenas uma turma de Maternal II que já estava separada para mim. Como eu tinha o perfil, senti-me em casa. Eu realmente amava os menores.

O trabalho foi tão bom, que os pais dos alunos fizeram um abaixo assinado para que eu acompanhasse essa turminha. A direção da escola aceitou. Iniciamos o ano de 2020 com muita empolgação e entusiasmo, mas logo veio a terrível Pandemia da Covid-19. Todos foram obrigados a ficar em casa. Tivemos que nos reinventar. Como promover experiências de aprendizagem para crianças tão pequenas de forma remota? Como garantir que todos teriam acesso aos conteúdos produzidos? Esses foram dois dos inúmeros questionamentos que pairavam na minha mente naquele momento, além da angustiante preocupação em permanecer viva e manter minha família em segurança. Foi nesse cenário caótico, que precisei ressignificar a forma de ensinar e principalmente de ver a vida e valorizar cada momento.

Gravei diversos vídeos para os meus alunos e planejei atividades lúdicas que poderiam ser feitas em casa e que estimulavam a participação dos pais. A prefeitura também lançou a TV Rio Educa com aulas diárias para todos os seguimentos e cadernos didáticos. Foi surpreendente o retorno das atividades dessas crianças. Elas produziram vídeos e fotos das tarefas realizadas e postavam no facebook do EDI.

Figura 3: Gravação de atividades lúdicas para as crianças.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em 2021, as aulas retornaram com todas as regras sanitárias como distanciamento, máscaras, álcool em gel, etc. Momento desafiador e ao mesmo tempo estressante, pois cada semana uma professora testava positivo para Covid. Recordo que uma delas precisou ser entubada o que tornava o ambiente de trabalho desconfortável e inseguro. Mas com a chegada da tão sonhada vacina, o cenário de normalidade começou a se instaurar.

Decidi então resgatar o sonho antigo de ser militar e comecei a estudar para a Marinha do Brasil. Estudei e realizei todas as provas até completar a idade limite, porém não logrei êxito. Nesse período fiz uma pós-graduação em Gestão Pedagógica: Orientação /Supervisão e um MBA em Gestão de Processos Pedagógicos.

No ano de 2023 uma amiga que havia estudado comigo no preparatório militar, enviou o edital do Quadro de Oficiais Temporários da Força Aérea Brasileira. Fiz a inscrição e fui sendo aprovada em cada etapa do certame. Das centenas de pedagogas inscritas, só restaram 14. A primeira convocação foi em setembro/2023 e chamaram apenas 2 pedagogas. A listagem da segunda chamada foi publicada em janeiro/2024. Eu era a oitava na classificação das 12 que ainda não haviam sido convocadas. No dia da convocação apenas 11 pedagogas levaram a documentação final. No mês de fevereiro saiu a listagem final e chamaram mais 5 profissionais da educação. Como a sétima não compareceu, eu fui convocada. Foi simplesmente uma mistura de alegria, incerteza e medo de pedir exoneração de um cargo público para realizar um sonho que tinha prazo de validade. Então vesti-me de coragem, conversei com minha família e resolvi encarar a missão.

No dia 26 de fevereiro de 2024 iniciei o Curso de Formação de Oficiais e para mim foi uma vivência única que marcou a minha vida. A orientação que nós recebemos foi para que estudássemos para poder escolher a organização militar onde iríamos servir. E foi isso que eu fiz de forma incansável até garantir a posição 01 das pedagogas. Quando saiu a listagem com as vagas, eu escolhi o Colégio Brigadeiro Newton Braga. Dia 26 de abril de 2024, tornei-me Aspirante a Oficial da FAB.

Figura 04: Formatura para Aspirante da FAB



Fonte: Arquivo pessoal da autora

No dia 29 de abril de 2024, iniciei uma nova etapa da minha carreira profissional no CBNB. Atualmente faço parte da equipe de gestão pedagógica do Fundamental I. Como Segundo Tenente, Chefe da Seção de Orientação Educacional desse segmento, estou tendo a oportunidade de aprender as especificidades desse cargo e de ampliar minha experiência profissional com o suporte de uma equipe de trabalho incrivelmente capacitada. Sou integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes das Escolas Assistencialistas da FAB, coordenado pela querida Professora Dra. Jussara Cassiano Nascimento. Nesse grupo temos a oportunidade de compartilhar nossas práticas, de realizar diversos cursos e produções acadêmicas como por exemplo, escrever artigos e fazer parte da publicação de livros como este. Agradeço especialmente à professora Dra. Jussara pelo acolhimento, inspiração e por também fazer parte das minhas Memórias de Formação, ajudando-me a escrever os próximos capítulos da minha história...

Capítulo 4

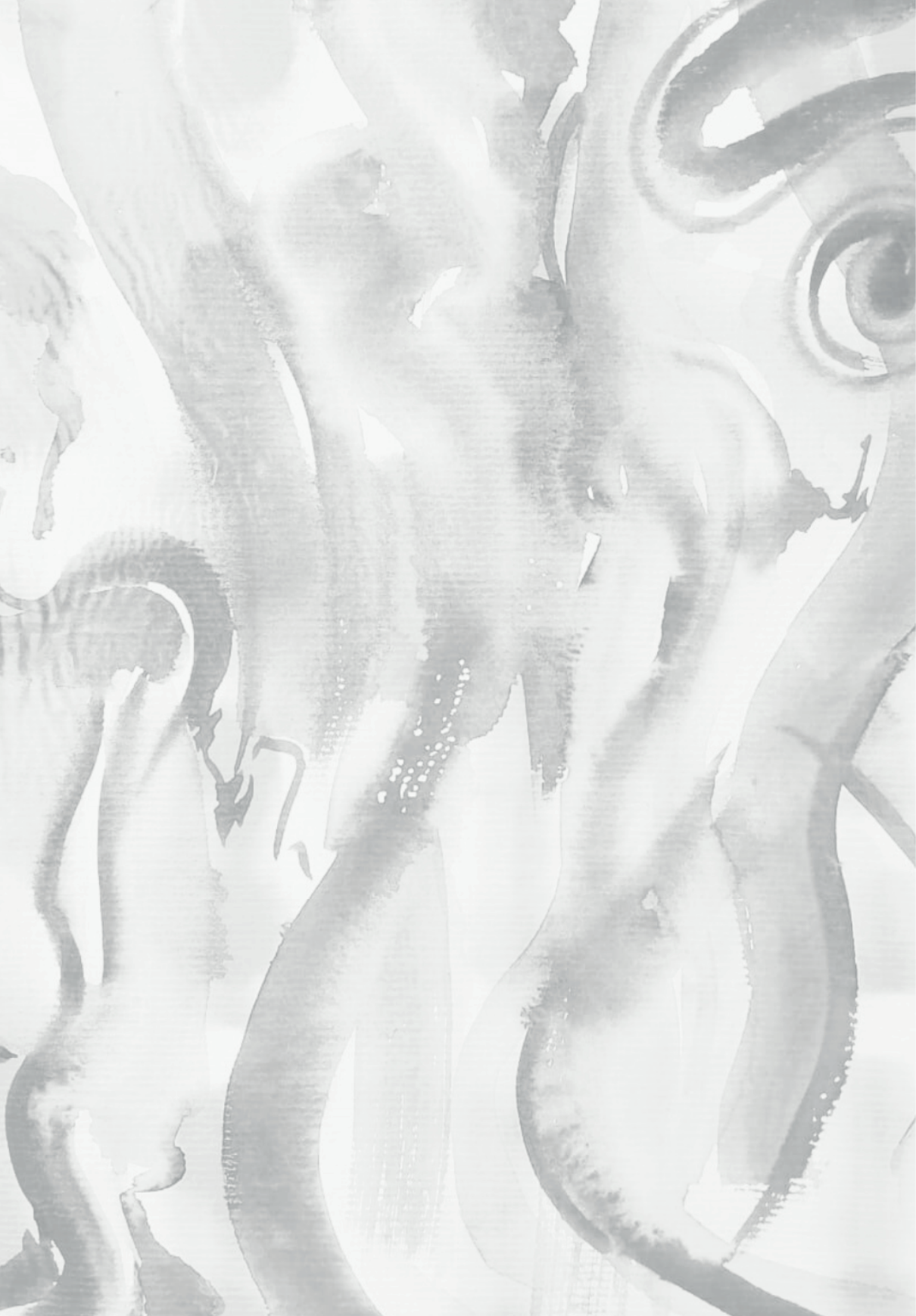
SONHOS... ENERGIA PARA UMA TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO

Andréa Jansen da Silva (CBNB)



"Aprendi que coragem não é ausência de medo, mas o triunfo sobre ele. O Homem corajoso não é aquele que não sente medo, mas o que conquista esse medo."

Nelson Mandela



SONHOS... ENERGIA PARA UMA TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO

Neste memorial descritivo apresento a minha trajetória de vida e acadêmica em ordem cronológica, até a presente data. Em tal relato, procuro destacar os elementos correlacionados à construção da minha vida profissional e à minha área de atuação.

Início este memorial relembando minha infância e família. Meu pai um grande homem, excelente pai e profissional, ele foi referência como mestre de obras. Minha magnífica mãe dona de casa e que trabalhava, de forma autônoma, com vendas e sempre cuidou de mim e do meu irmão de maneira exemplar e com muito amor.

Minha infância foi marcada pelo amor dos meus pais comigo e com meu irmão. Sempre vi meu pai como um grande herói, referência profissional, dedicado e um exemplo no trabalho... lembro que os engenheiros sempre buscavam a opinião do meu pai. Minha mãe, sempre esteve conosco, referência na educação e apoio integral, super mãe e guerreira.

Minha primeira escola foi Jardim de Infância Chapéuzinho Vermelho que cursei o maternal. A segunda escola foi o Centro Educacional Rakel Rechuem que cursei do jardim ao antigo 1º grau (fundamental II), ambas em Mesquita cidade que eu morava. A terceira escola foi Colégio Data Center, rede MV1, cursei o ensino médio, localizado na cidade próxima, em Nova Iguaçu.

Estudei no ensino fundamental no Colégio Rakel Rechuem, local onde pude desenvolver e descobrir tanto habilidades cognitivas, motoras e sociais. Eu que sempre amei realizar esportes, participei das equipes esportivas internas e também de competições externas, como o Intercolegial para representar o Colégio. Além do esporte, a maior descoberta foi que poderia sonhar e principalmente lutar pelo meus sonhos através da Educação e do meu empenho nos estudos, que assim como no esporte eu poderia ultrapassar grandes barreiras. Lembro que eu e meus amigos, Andreia e Anderson, sempre alternávamos entre os três primeiros alunos da classe. Sempre amei estudar, e nesta fase de criança, minha mãe já admirava as “experiências científicas” que eu fazia em nosso quintal.

No ensino médio, eu estudei no Colégio Data Center Rede MV1, que era formação geral e técnica de processamento de dados, as aulas eram o dia todo. Nessa fase, eu deixei de ser atleta amadora de natação para me

dedicar aos estudos, e focar no sonho de cursar uma Universidade. Sempre gostei muito de matemática, e após as aulas eu ajudava meus amigos nas dúvidas das exatas, pensei em fazer informática na graduação, mas após a apresentação do trabalho do meu grupo na feira de ciências, com a temática “A importância da Vida Saudável na Saúde” e também do incentivo que tive de excelentes professores de Educação Física, os quais me falaram das potencialidades da área. Percebi que o que eu realmente gostava era de ensinar pessoas e de cuidar das pessoas através do exercício físico, pois sempre vi a Educação Física mais ampla, não só movimento pelo movimento e sim, o seu poder de transformar vida de pessoas.

Minha graduação em Educação Física, foi na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), como passei no 2º semestre decidi trabalhar em casa como explicadora. Ensinava da antiga Classe de Alfabetização (CA), o 1º ano do ensino fundamental até o Ensino Médio. Mesmo quando iniciei as aulas na Universidade continuei trabalhando a noite com os meus alunos, de 19:00 às 21:00, pois os responsáveis dos alunos insistiram muito para que permanecessemos juntos e tivemos muitos êxitos. Na UFRRJ pude vivenciar em minha formação uma Licenciatura forte, crítica, estimuladora e aproveitei a oportunidade de tantas disciplinas de Psicologia para agregar meu conhecimento na área, contribuindo assim para que eu pudesse fazer a diferença na vida das pessoas.

Ainda na graduação, na UFRRJ, eu buscava aproveitar todas as oportunidades, desde a participação em projetos científicos como o Projeto Aqua Rural, realização de estágios em academias e principalmente na minha dedicação nas disciplinas. Ainda como discente participei de uma das grandes experiências na Universidade, com o professor de Avaliação Funcional, Prof. Paulo Carnaval fui membro da equipe de avaliação física do Concurso Público da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) com mais de 50.000 pessoas. Além dos diversos congressos científicos.

Quando finalizei a graduação, eu tive oportunidade de atuar em Academias e Escolas, Ricarda Leon e CIEP, através do contrato no Governo do Estado. Segui também com experiências na área de Esporte e lazer, através do convite da Assistência Social da Prefeitura Municipal de Mesquita para atuar no Programa 2º Tempo, que através de parceria com a comunidade tivemos um local para uma sede do nosso núcleo, que guardávamos os lanches dos alunos, além de todos os materiais esportivos e de reunião para

a equipe, em 2006.

Em 2007, um amigo me informou que haveria uma prova para entrada no grupo de estudos de Treinamento de Força da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fiz a prova e consegui a aprovação. Iniciei no grupo de estudos para aprender e a realizar pesquisas, esse foi o meu primeiro sonho na UFRJ. Porém, o que eu queria estudar/pesquisar, o qual foi objeto de estudo em minha Pós- Graduação, reabilitação cardíaca com ênfase no exercício físico, não tinha na EEFD. Eu precisaria de atuar em algum local que eu pudesse realizar coleta de dados com o público específico.

Até que consegui fazer um estágio profissionalizante e contribui na equipe multidisciplinar na área de reabilitação cardíaca do Hospital, Instituto Estadual Aloísio de Castro (IECAC) que foi primeiro Centro de Reabilitação Cardíaca do Brasil. Local este, que pude aprender muito com o Dr. Salvador Serra, que para minha surpresa recebi o convite para minha contratação no IECAC, porém naquela época, a Educação Física, estava vinculada somente a área de Educação e não a de Saúde, desta forma não pude ser contratada. Fiquei imensamente honrada pelo convite. O meu estágio profissionalizante aconteceu de 2007 a 2009.

Ainda em 2007, fui convidada pelo prefeito da cidade de Mesquita para atuar como Diretora de Turismo, Esporte e Lazer. Era um grande desafio. Como sempre fui apaixonada pela gestão e pelo fato de que eu também poderia contribuir para a minha cidade, aceitei de pronto o convite. As ações da Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer eram diversas e extensas. Minhas atribuições junto ao secretário e a minha equipe de gestões diversas áreas, desde planejar o Esporte e Lazer de forma macro, para todos o público da Cidade... crianças, jovens e adultos, incluindo atendimento de educação esportiva para público com necessidades especiais educacionais.

Atendíamos a população com as atividades centrais, no antigo parque de eventos, local que se encontrava a Diretoria de Esporte e Lazer, também disseminávamos o esporte e lazer para os bairros da cidade, com programas específicos como o Segundo Tempo e o Esporte e Lazer na Cidade. A organização das atividades esportivas eram planejadas para atender ao públicos diariamente nos turnos manhã, tarde e noite. Além das atividades, eventos, e projetos que aconteciam em períodos específicos como: projeto de colônia de férias; competições

esportivas, apoio aos eventos de clubes de futebol da cidade, entre outras parcerias. Atuação como diretora de esportes ocorreu de 2007-2008.

Nesse período, meu pai teve um câncer, inicialmente em 2008, período o qual dei total apoio, cuidado e com muita alegria fiz a reabilitação do meu pai. Nesta fase, o câncer foi benigno. Já em 2010, o câncer veio avassalador, pois era maligno, meu pai passou novamente por algumas cirurgias e ficou internado por longos 94 dias. Eu alternava com minha mãe no Hospital para cuidar dele, minha mãe foi uma guerreira incrível. Nos finais de semana e levava meu material de estudo para o hospital e quando dava, eu estudava nos intervalos dos cuidados ao meu pai, para realizar meu processo seletivo para o Mestrado. Eu tive a oportunidade e benção de ser aprovada no Mestrado da EEFD/UFRJ em 2010, e pude falar isso para meu pai em vida. Esse foi o segundo sonho realizado na UFRJ.

No meu mestrado, eu ainda precisava trabalhar muito para realizar o sonho dos estudos, atuava em academias e na área de segurança pública, como Diretora de Ensino da Guarda Municipal de Mesquita. Na Diretoria de Ensino tínhamos projetos internos específicos como Cursos de Formação, atividades de ensino e projetos educacionais em parceria com a Comunidade, Escolas e Abrigos. Realizávamos palestras, atividades teatrais, capacitações em primeiro socorros e etc. Além das atividades diárias de preparação física, ensino e instrução.

Nossa equipe da Guarda Municipal era preparada e capacitada, recordo-me do retorno de um treinamento, com uma parte da equipe no meu carro, quando avistei um pai desesperado com uma criança no colo, a mesma já estava desfalecida, pois estava engasgada, encatarrada e não respirava. Lembro que dei ré no carro e iniciamos o procedimento de reanimação e aspiração. Graças a Deus a criança vomitou e voltou a respirar ainda no carro, e prosseguímos para a emergência. Ficou tudo bem com a criança. Recordo-me que o prefeito da cidade nos concedeu uma menção honrosa. Atuação na Guarda de 2009-2010.

Nesse período do mestrado, de 2011 a 2013, consegui ser bolsita CAPES e juntamente com meu orientador do Laboratório de Treinamento de Força, realizamos um projeto para voluntários na Guarda Municipal e publiquei meu primeiro artigo científico internacional *Influence of Exercise Order on Repetition Performance with Low Intensity Resistance*. Ainda no período do mestrado, consegui autorização do Comando da Polícia Militar do Rio de

Janeiro para realizar projetos de Pesquisa na Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) e na Academia da Polícia Militar, assim prossegui nas minhas coletas de dados e pesquisas.

Quando terminei o mestrado (2013) ingressei para o Laboratório de Biologia do Exercício, com novo orientador, com quem pude aprender muito mais da fisiologia, biologia molecular e estatística. Neste período, eu seguia estudando para uma oportunidade de seleção do Doutorado, na EEFD/UFRJ, porém a previsão era somente em 2016. Diante das minhas possibilidades de estudo, essa perspectiva de tempo era muito distante para mim. Eu não queria parar de estudar, mas também não havia condições de pagar um doutorado particular e meu sonho era em uma Universidade Pública, especificamente a UFRJ. Estudei muito, muito mesmo, obtive sempre a ajuda dos meus amigos do laboratório na compreensão dos artigos de fisiologia, para montar seminários e aprender experimentos. Em fevereiro de 2014, eu participei da seleção do Doutorado em Ciências (Fisiologia) no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, CAPES 7, de 19 pessoas na seleção, eu fui aprovada em 6º lugar, com bolsa CAPES e realizei o meu 3º sonho na UFRJ.

No Doutorado eu realmente aprendi a estudar, pois a minha base na Educação Física em fisiologia, biologia molecular e bioquímica era rasa. Nesta fase, eu aprendi a estudar com eficácia, adquirir muito conhecimento, venci os processos e as disciplinas pesadas pelas quais cursei. Tive a experiência de atuar como palestrante no I curso de Inverno de Fisiologia e como membro da comissão organizadora da 2ª edição do Curso de Inverno, a qual recebi uma menção honrosa. Neste período, mantive a parceria na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro com um novo projeto de pesquisa. Ganhei menção honrosa na apresentação de pôster em inglês do meu trabalho no Congresso Pan Americano de Fisiologia.

Ainda no Doutorado, realizei o processo de seleção para prof. Substituto, o qual tive a honra de integrar o corpo docente da EEFD/UFRJ, meu 4º sonho realizado na UFRJ. Tive experiências como docente de fundamentos e aplicação pedagógica da ginástica, metodologia da pesquisa, introdução a metodologia científica e também em Educação Física Escolar. Foi magnífico preparar e ministrar disciplinas, além de rever e atualizar todo o conteúdo da minha graduação em licenciatura plena. Obtive experiências incríveis com meus alunos, realizei projetos de extensão e parceria com CIEP na maré. Tive oportunidade de atuar como coordenadora de Trabalho de Conclusão

de Curso na Graduação (Bacharelado) e conseguimos o êxito de ser o 1º curso do Centro de Ciências da Saúde a incluir os Trabalhos de Conclusão de Curso na plataforma Pantheon. Recebi uma menção honrosa da Direção da EEFD/UFRJ.

Em 2019, meu contrato de professora substituta na EEFD/UFRJ terminaria em julho, no mesmo mês, ingressei como docente na Faculdade Unilagos. Em paralelo, estava participando de um processo seletivo longo, de abril a agosto, para docente de Educação Física como Oficial Temporário da Força Aérea Brasileira. Nesse processo de seleção houveram 1926 inscritos para 2 vagas, fui aprovada em 1º lugar e ainda ficou uma vaga ociosa. Iniciava a realização de um 5º sonho... sonho de ser militar. Meu concurso como Oficial Temporário da Força Aérea Brasileira foi para o quadro de Magistério do Ensino Básico, além da docência, cumprimos as funções militares, de gestão, pedagógicas e administrativas.

Em 2019, no Estágio de Adaptação Militar pude vivenciar experiências incríveis em minha vida, uma Formação na qual temos que estudar muito e aprender sobre a vida na Caserna. Foram de 2 meses de Curso de Formação integral. Escolhi como nome de guerra meu sobrenome, Jansen. “Tenho muito orgulho de ser oficial e de pertencer a Força Aérea Brasileira, inicialmente como Aspirante ao oficialato, nos primeiros 6 meses, depois como 2º tenente até abril/2023 e a partir do dia 30 de abril de 2023, como 1º Tenente, Ten Jansen.

Desde outubro de 2019, faço parte da Organização Militar, Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), que é uma das Escolas Assistenciais da Força Aérea Brasileira. Tenho ações como docente militar em Educação Física ministrando aulas para o Fundamental I e II, e Ensino Médio, além de chefe da Seção de Educação Física, direcionado para as atividades de Educação Física militar e responsável pela gestão e aplicação do Teste de Aptidão e Condicionamento Físico para os militares da ativa.

No CBNB, tive ainda atuações de gestões pedagógicas e administrativas como: Representante de Disciplina (Coordenadora de Equipe) de Educação Física e de Coordenadora de Esportes, período de 2019 - 2022. Além de Chefe da Coordenação Pedagógica dos Cursos Preparatórios, Chefe da Coordenação do Curso Pré-Militar, Chefe da Coordenação do Curso Pré-Enem e Coordenadora do Programa de Formação e Fortalecimento de Valores, período de 2019 – 2021. Lembro com grande carinho, que eu (Ten

Jansen) e a Suboficial R1 Sônia, fomos as idealizadoras do Curso Pré-Enem (CPE), com ações sistemáticas e apoio direto ao aluno, pois anteriormente era um projeto e quando cheguei no Colégio o projeto havia finalizado. Além dos maravilhosos êxitos colhidos no Curso Pré-Militar (CPM), que na minha gestão, com atuação integrada da equipe e a parceria com os responsáveis, que davam suporte para a dedicação dos alunos. O CPM inicialmente tinha disciplinas somente para a EPCAR e implementamos com disciplinas para o Colégio Naval. Em 2021, o CPM teve diversos alunos aprovados na 1ª fase, prova escrita da EPCAR, inclusive tivemos o aluno 01 do Brasil era nosso aluno do curso e diversos alunos aprovados que ingressaram no Colégio Naval.

Sou uma profissional que ama lecionar e também ama a gestão. Recebi o convite da Diretoria de Ensino da Aeronáutica (DIRENS), órgão responsável pelas Escolas Assistenciais da Força Aérea Brasileira, para atuar como consultora Técnico-Pedagógica dos Cursos Preparatórios e durante a pandemia participei da coordenação das ações de implantação pela DIRENS da plataforma Microsoft Teams no Colégio Brigadeiro Newton Braga, no período de 2020-2021. Ainda no final de 2021, recebi o convite para atuar como coordenadora pedagógica e esportiva no Programa de Forças no Esporte (PROFESP) da Diretoria de Administração da Aeronáutica (DIRAD). Esse programa atende jovens de 10 a 17 anos com atividades esportivas, culturais, cívicas, de reforço escolar e apoio de equipe de assistência social e psicologia, às crianças e jovens das Escolas Públicas. Atuação de 2020 à 2021.

Em 2021, fui convidada a ser membro do corpo docente da Universidade da Força Aérea (UNIFA), no Programa de Pós-Graduação, Nível Mestrado em Desempenho Humano Operacional. Atuo desde esse período, como docente, orientadora/coorientadora e membro do colegiado. As linhas de pesquisas são direcionadas para as atividades finais das Forças Armadas, para os militares da Aeronáutica, do Exército ou da Marinha, pois o Programa tem a participação das três Forças Armadas para o desenvolvimento de pesquisas com foco no desempenho operacional.

Em 2022, fui convidada pela Comissão de Desportos da Aeronáutica (CDA) e o Comando Geral de Pessoal (COMGEP) para participar de um grupo de trabalho para reformulação da Norma Sistêmica do Comando da Aeronáutica 54-5, que versa sobre o Treinamento Físico Profissional Militar.

Além de amar lecionar, amo muito a pesquisa com a finalidade de

proporcionar algo benéfico ao público alvo. Sempre gostei muito de estudar e de me qualificar para atender com excelência meu “aluno” seja na escola, na academia, na residência, no hospital, em um projeto social ou dentro de uma Organização Militar. Em paralelo as pesquisas na UNIFA, que são específicas para o Desempenho Humano Operacional, também realizo a busca contínua através de pesquisas e qualificações constantes para atender e evoluir nos processos pedagógicos para meus os alunos do Fundamental I e II e Ensino Médio do CBNB.

Desde 2020 que participo do Grupo de Estudos e Pesquisas, Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD) no CBNB, com a professora Pós-Doutora Jussara Cassiano Nascimento, idealizadora e coordenadora do grupo. Considero a Prof.^a Dr.^a Jussara uma grande mentora e incentivadora. Ela se destaca por sempre incentivar a qualificação contínua dos docentes do CBNB e das Escolas Assistenciais da Força Aérea Brasileira, através da busca pelo desenvolvimento de melhores práticas pedagógicas aos discentes. Em 2022, participei juntamente com o grupo de estudos de um Curso de Extensão em Formação Continuada em Educação Inclusiva. Esta formação contribuiu imensamente para nossos atendimentos no Colégio, tendo visto que atendemos uma grande parcela de estudantes do público alvo da educação especial. A formação foi excelente e agregou imensamente para minhas práticas pedagógicas, que inclusive resultou em um capítulo de livro. Em 2024, participei do Curso de Práticas inclusivas por meio do Plano Educacional Individualizado (PEI). Essa formação somou muito na elaboração do PEI para nossos alunos da Educação Especial.

Como docente do CBNB atendi e atendo diversos alunos da educação especial, com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), entre outros. Em 2024 tive a oportunidade de lecionar para uma aluna com deficiência visual. Realizamos um trabalho lindo com ela, integramos a discente na turma e em minha disciplina de Educação Física pude realizar vivências com a turma e fazê-la participar das aulas. Após a avaliação diagnóstica elaboramos um PEI para que ela evoluísse nas questões que a Educação Física poderia proporcionar como coordenação motora, autonomia, aumento de força, equilíbrio e dinâmica de práticas pedagógicas inclusivas. Neste ano houve Olimpíadas e Paralimpíadas na França, além do planejamento pedagógico específico do Ensino Médio, as aulas foram

potencializadas com os esportes olímpicos e paralímpicos nas aulas, o que agregou um grande valor para toda a turma. As estratégias pedagógicas e dinâmicas de aulas foram elaboradas com muita sensibilidade para demonstrar aos alunos a importância de ser guia para pessoa com deficiência visual para a questão de segurança, de vivências diversificadas, comunicação e inclusão nas aulas de Educação Física. Em breve estarei publicando um artigo sobre essa prática. Ressalto que ter nossa aluna participando das aulas feliz foi muito gratificante, além de contribuir em sua vida e ver sua evolução e crescimento pessoal para toda a turma.

Em 2024, desenvolvi meu projeto de extensão e esportivo de handebol no CBNB. Projeto idealizado e coordenado por mim. Nesse projeto esportivo realizo treinos de handebol com os alunos do Ensino Médio e posteriormente a competição. Nesse ano realizamos a 3º edição da Copa Wagger de Handebol (CWH), projeto que envolvemos mais de 100 alunos, temos: uma comissão de alunos, times masculinos e times femininos. Além da torcida de alunos e ex-alunos. É uma maravilha contribuir com a formação dos valores morais e éticos dos alunos, através do esporte como socialização, cooperação, solidariedade, disciplina, espírito de equipe e entre outros. Tivemos 8 times no total, com 5 times masculinos e 3 times femininos. É muito impactante ver a participação das alunas como atletas e envolvidas na organização de times e da competição.

Após a Pandemia, em 2022, os professores de Educação Física voltaram a realizar as Olimpíadas Escolares do CBNB, evento de 5 dias com atividades para todos os segmentos do Colégio. Com atividades esportivas e lúdicas para fundamental I, fundamental II e ensino médio. Evento Esportivo maravilhoso para toda a Escola.

Atuo também na chefia da Seção de Educação Física (militar) e realizo ações administrativas, como a organização e logística, planejamento de nota de serviço e aplicação do Teste de Aptidão e Condicionamento Físico (TACF) e a gestão do CBNB no sistema de gerenciamento do teste físico para a Comissão de Desportos da Aeronáutica. Em 2024, após sugestão do meu Comandante, MB Marra. Idealizei e coordenei o projeto da 1ª Olimpíadas do Efetivo “Cel Guerreiro” do CBNB. Foi um evento magnífico, com a participação de “todo efetivo” do Colégio, militares e civis que teve como objetivo a integração e socialização de todo o CBNB através do Esporte. Tivemos diversas modalidades individuais e coletivas, sendo 4 olímpicas. O evento

com 4 equipes, representadas pelas cores da bandeira do Brasil fez uma homenagem em vida ao nosso querido Cel Guerreiro, que tanto contribui para o CBNB. Tivemos premiações de medalhas e a equipe campeã levantou o troféu da Olimpíadas do Efetivo “Cel Guerreiro” do CBNB.

O ano de 2024 foi muito intenso, desafiador e produtivo, além das ações na docência, pesquisa, extensão, projetos esportivos e competições no trabalho. Tenho muita gratidão por chegar a 1º Tenente da Força Aérea Brasileira e aproveitado as diversas oportunidades recebidas e por contrinuir aos discentes e FAB de diversas formas: no Ensino Básico com educação física inclusiva (fundamental I e II e ensino médio), projeto social (PROFESP), organização de eventos e projetos esportivos (Copa Wagger de Handebol e Olimpíadas Escolares), organização de evento para o efetivo CBNB (Olimpíadas do Efetivo “Cel Guerreiro” do CBNB), participação na elaboração e atualização de uma NSCA (Norma Sistemica do Comando da Aeronáutica) e na docência superior do Mestrado Profissional em Desempenho Humano Profissional da Universidade da Força Aérea (PPGDHO/UNIFA), como docente e pesquisadora.

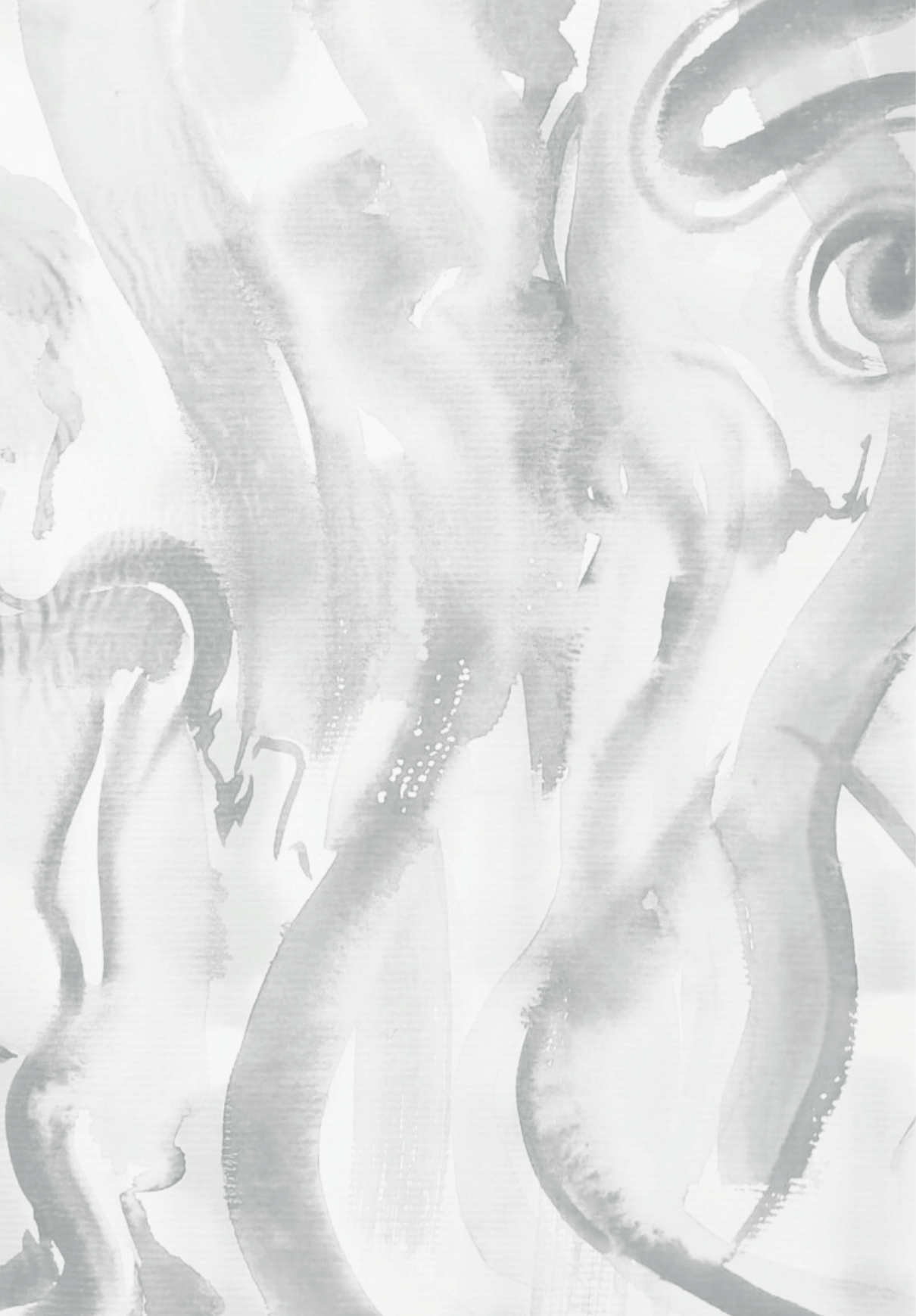
Neste período, como orientadora no PPGDHO/UNIFA tive a honra de formar a minha primeira orientanda no Mestrado Profissional. Sua defesa do Mestrado ocorreu em outubro de 2023. Sigo na orientação de um segundo discente, que em 2025 faremos sua qualificação e defesa de Mestrado. É incrível participar da formação de um discente, vê-lo evoluir e somar positivamente na carreira e na vida dele. Encontros de orientações, muitas orientações em horários pós trabalho, participação com meus orientandos nas coletas de dados, participação com eles de palestras, seminários e simpósios, elaboração de resumos e artigos... principalmente apoio integral, através do incentivo e parceria sem soltar a mão do meu orientando. Relembro meus reais orientadores em minha caminhada acadêmica, o Prof. Dr. Jefferson Novaes, Prof. Dr. Renato Alvarenga (in memorian) e a incrível Prof.^a Dr.^a Denise Pires de Carvalho que na verdade foram grandes mentores que me apoiaram, acreditaram em mim e somaram muito em minha vida e na minha carreira. Aprendi que nesse caminho, tudo é ensinamento... nem sempre temos a oportunidade de termos um real orientador, mas Deus coloca anjos como presentes, que somam e transformam o caminho. Sou grata aos docentes e amigos que me ajudaram até aqui na minha vida. A alegria e a gratidão fomentam o que me move... os sonhos. Agora o desafio persiste em viver com saúde plena e seguir em busca da realização dos meus próximos sonhos.

Capítulo 5

DE PONTO EM PONTO SE CHEGA AO DESTINO

Viviane Perdomo Santos (CBNB)





DE PONTO EM PONTO SE CHEGA AO DESTINO

O que seriam das pessoas se não fossem suas memórias, através das vivências elas se formam e marcam nossa vida para sempre. Essa é a história de uma estudante que virou professora; uma leitora que se descobriu poeta; uma filha que se tornou mãe; uma “bicho do mato” que virou bióloga; a menina que se construiu mulher.

Ser professora, para mim, foi algo “natural”, não por família, descendência, mas por gosto e admiração. Não me recordo em que momento decidi, mas não lembro de ter tido outro sonho tão perspicaz.

Acredito que a união de professora e bióloga tenha nascido das vivências de outrora, uma vida em meio rural, no bairro Vila Candoza, no município de São Gonçalo - RJ. Caminho traçado desde os moinhos construídos nas quedas d'água após a chuva forte, a serralha e a banana colhidas no quintal, a boneca feita pela minha avó, com algodão cheio de sementes, que esquecida na chuva brotara.

Minha trajetória de saberes formais iniciou em uma escola “arranjada”, espaço de uma igreja transformado pela prefeitura em escolinha de educação infantil, conhecido na década de 80 por jardim de infância. As tias Aldair e Marli foram as primeiras a organizarem letras e números em minha mente, me apresentaram desenhos, cores e brinquedos através de novas perspectivas. A memória olfativa e do paladar também foram ativadas, pelo mingau de chocolate servido na merenda, muitas vezes feito pela minha mãe, que era merendeira voluntária.

A vida vai passando, dando carona, parando de ponto em ponto, inúmeros embarques e desembarques, e assim vamos sendo arrastados caminho afora.

E foi à sombra de uma caramboleira, em uma escolinha “fundo de quintal” que fui alfabetizada, pela professora Arlete, da qual recebi um livro de contos de fadas que mudou minha trajetória de vida, e foi neste mundo encantado que iniciei minha paixão pela leitura. Em dias chuvosos pingava água no caderno, pois a sala era uma garagem, sem paredes laterais, ouvia os pássaros e ficava pensando em quando poderia pegar a carambola que acabara de cair no chão. Assim as palavras foram surgindo, se transformando em frases, textos... minha vida. Considero a leitura e a escrita parte da nossa personalidade, cultura, crescimento, ninguém deveria ser privado des-

te “poder” de interpretação do mundo.

As memórias são escolares, acadêmicas, mas o que seriam delas sem o meio familiar, seja qual for sua constituição ou formação, são pilares necessários à nossa construção.

Fui agraciada por uma família amorosa, longe de ser perfeita, mas unida, entre gritos e sorrisos, paciência materna e dedicação paterna, duplamente cuidada e amada! Temporão, de 3 irmãos, que sempre foram meus espelhos e orgulho.

Além da caramboleira, uns quilômetros (km) a mais de distância fui em busca do ensino fundamental, 1ª série, experiência que muito me marcou. Talvez pela novidade, medo típico de uma “bicho do mato” ou questão de destino mesmo, tive meu primeiro embate no meio formal de ensino, odiei com todas as forças o CIEP, conhecido também como Brizolão. Eu me perdia pelos corredores, não me identificava com a estrutura física e os arredores da escola. Acho que me senti engolida, hoje analiso se pela amplitude do espaço ou a falta de perspectiva positiva do momento. Lembro da minha letra imensa no caderno, onde as lágrimas caíam e da grade verde-escura onde machuquei meus dedos, balançando “pirraçamente”, para minha mãe me levar de volta pra casa.

De certa forma deu certo, minha mãe acreditou na minha angústia e me tirou do CIEP, me colocou em uma escola estadual, a Escola Estadual Prof. Adélia Martins, no bairro Coelho - SG. E assim meu caminho se tornou mais longo, literalmente, a escola era mais distante, mas também muito mais promissora. Tenho infinitas lembranças e influências do meu ensino fundamental, escrevendo estas linhas me pego em profundo saudosismo, vontade de reencontrar cada professor e dizer o quanto foram importantes e inesquecíveis na minha vida. Ao longo dos anos fui me esquecendo dos nomes, mas guardo um pouquinho de cada um.

Ainda sinto o cheiro do pão de hambúrguer na chapa com manteiga, da cantina da escola, nem sempre tinha dinheiro para comprar, por isso dava muito valor quando conseguia. A merenda da escola era maravilhosa, hoje eu sei, comida temperada e gostosa, não dava tanto valor na época. Comia de forma saudável e de graça, agradeço muito por isso em minha trajetória escolar.

E assim se passaram a 1ª e 2ª séries, me adaptando e conhecendo a escola, ampliando meus conhecimentos iniciais de letramento e de mundo.

Na 3ª série (1990), com a prof. Ana Lúcia, fiz meu primeiro plantio coletivo, plantei um pé de manga em um elevado de terra que havia na escola. Tive o prazer de vê-lo crescer e dar frutos. Eu frutifiquei junto dele, ano após ano, sem repetir, lidando com minhas estações de cultivo.

E o livro de contos de fada continuava me fazendo companhia, sempre o lia e rabiscava alguns desenhos com canetinhas de hidrocor, que eram raras, não tinha acesso a muitos bens de consumo, minha vida era simples e magicamente abundante.



No 4º ano iniciei a saga de ficar em recuperação em matemática, isso me perseguiu até a 8ª série, final do ensino fundamental II, o antigo 1º grau. Minha 5ª série foi marcada pela prof. Cristina, de português, onde aprendi verbo cantando “Eeeeu canto, tu cantas, ele canta, ele canta...” e fui apresentada à música Aquarela, de Toquinho, a reescrevi por completo no caderno e cantarolava até decorar, nunca mais a vi como uma música qualquer. Sempre tive influência, através dos meus irmãos (bem mais velhos), da MPB e do rock, embora tenha tido meu momento funkeira, com o batidão da Furacão 2000. E assim, fui vivenciando a música como notas sociais, de cultura e diversão.

Também foi neste ano, 1992, que um acontecimento global aconteceu no Rio de Janeiro e acredito que tenha influenciado nas minhas escolhas futuras, a Eco-92, A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Recebemos na escola agendas personalizadas e adesivos, lembro de como fiquei encantada com tudo aquilo, andávamos pela escola e conversávamos sobre a temática. Não nos damos conta que muitas

vezes é a escola responsável pelos momentos de deslumbre de uma criança, o oferecimento do que a família não é capaz de prover, por várias circunstâncias culturais, sociais, religiosas etc.

Fui criada brincando na rua com amigos da vizinhança, mas ouvindo sempre a voz do meu pai e da minha mãe me chamando para entrar quando dava a hora, meu limite, mesmo sem muros na minha casa, sabia que ali era uma fortaleza, onde eu era cuidada e amada, claro que era um “saco”, mas ainda bem que foi assim, as intempéries são menores, mesmo exposta ao tempo.

Na 6ª série tive uma fase meio rebelde, com a turma do “te pego lá fora”, nunca gostei de brigar, por inúmeras vezes ia me esconder na biblioteca, mas nem por isso deixei de visitar a coordenação, minha mãe foi chamada na escola, e agora não era para ajudar na merenda rs rs frutos de um pensamento rápido e uma língua afiada... assim como frutifiquei, amadureci.

Posso dizer que na 7ª série (1994) aprendi a estudar, comecei a me juntar com um grupo de amigas que faziam os trabalhos escolares com responsabilidade, com certeza elas não sabem da influência que tiveram em minha vida. Por conta das idas à biblioteca e sugestões de leitura para as avaliações, por parte dos professores de português e literatura, descobri meu segundo mundo encantado, além das fadas, os clássicos da literatura brasileira. O primeiro livro lido foi “Bola de gude”, de Leir Moraes, após este me apaixonei pela “Ladeira da saudade”, de Ganymédes José; a “Moreninha”, de Joaquim Manoel de Macedo; “A marca de uma lágrima”, de Pedro Bandeira, e outros. E a ascensão de solitude surgiu com o “Escaravelho do Diabo”, onde descobri a coleção Vagalume, que trazia uma série de livros e na biblioteca tinham vários deles.

A partir dos romances descobri a poesia, e já na 8ª série, último ano do 1º grau, minha vida já não era mais a mesma, agora vivia imersa nas leituras, a rebeldia havia dado uma trégua, os amores ficaram mais concretos e os estudos mais sérios. Nesta mesma série lembro do professor Manoel de geografia, que fazia a gente desenhar mapas regionais e o mapa mundi, como verdadeiras obras de arte, era uma reclamação só. Lembro das pinceladas com a tinta guache na cartolina e de me situar geograficamente, a arte sempre teve espaço de memórias em mim. Comecei a vislumbrar o que antes não me cabia, horizontes surgiram e ser professora estava mais próximo do que imaginava.

Enfim, entre muitas “futricagens”, rebeldias e aprendizagens o ensino fundamental se despediu, formatura, adeus 1997. Bem-vinda ao ensino médio!

E mais uma vez pedi carona à vida, desta vez escolhi detalhadamente meu acento e desci exatamente onde eu queria... no curso normal, da Escola Estadual Clélia Nanci, no bairro Brasilândia, em SG. Foi a primeira vez que tive a sensação de pertencimento e de conquista. Agora a muitos km da minha casa iniciava o meu sonho de ser professora. Estudava em ambos os turnos fazendo estágio. Amava cada disciplina nova da grade, didática, metodologias, filosofia da educação...

Já no 1º ano me deparei com um professor de biologia maravilhoso, com aulas práticas, me encantei pela disciplina, mas um ponto para a escolha do que eu seria no futuro. Conheci a biblioteca e de cara fiquei apaixonada, com sofás, pufes, muitos livros... como amei aquele espaço, por ali criei morada até meus últimos dias na escola.

Minhas leituras me fizeram viajar por todo o país acompanhando os clássicos da literatura brasileira até que ousei voo além das fronteiras com William Shakespeare, Agatha Christie, Sidney Sheldon e outros. Neste período também era viciada em romances de banca de jornal (Sabrina, Julia etc.) que havia aprendido a ler com a minha irmã (10 anos mais velha que eu), trocava duas vezes por semana na banca de jornal, no centro de SG, o trajeto até em casa era mais de uma hora e sempre ia lendo, sem contar o tempo de demora do ônibus.

No 2º ano a escola promoveu um concurso de poesia, ganhei em 2º lugar, o prêmio foi um montante de livros, alguns tenho até hoje. Escrever nesta época era meu desabafo, foi minha terapia sem saber que era. Tive como inspiração poetas e escritores como Castro Alves, Vinícius de Moraes, Affonso Romano de Sant’Anna, Lygia Fagundes Telles, Florbela Espanca, Álvares de Azevedo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José de Alencar, Guimarães Rosa e tantos outros.

Ao longo do ensino médio fui conhecendo os autores que me seguiram além da graduação, nos concursos da vida, foi ainda no 2º grau que conheci Marina Colasanti, Emília Ferreiro, Paulo Freire, Freud, Montessori, Anísio Teixeira, Skinner etc. Foram 3 anos estudando as mudanças, contradições e contribuições entre as linhas pedagógicas do tradicional e construtivismo.

No ano 2000, término do ensino médio, 2º grau, aconteceu um evento que muito me marcou na escola, as alunas (minha turma era toda de meninas) com maiores notas foram convocadas a dar aula em escolas públicas, para finalizar o ano letivo, havia falta de professores. Não lembro a quantidade chamada, não fui por pouco, mas lembro bem do quanto fiquei arrasada. Importante ratificar que a persistência e continuidade são pilares para a conquista de algo.

Também neste ano perdi o meu pai, mas essa história começou um pouco antes, ainda no 2º ano, meu pai foi diagnosticado com câncer de próstata e foram muitas idas e vindas ao hospital. Nesse período tive o prazer de ter ao lado a prof. Luciana, de metodologia da matemática, que ao me ver olhando vagamente pela janela perguntou qual era o problema, justificando que eu não era aluna de ignorar sua aula, e pelo jeito ela não era professora de ignorar um aluno, que bom por isso, ela foi muito importante nesse processo de perda e luto. Foi um período conturbado, muitas noites sem dormir, visitas ao hospital e, presenciar, uma de minhas fortalezas desmoronar, foi devastador. Em setembro deste mesmo ano, em um dia ensolarado e florido, meu querido pai se despediu. Foi um ano tão caótico, que confesso ter sentido a calma após a tempestade e foi com leveza que se deu o luto, o seu tempo de sofrimento foi nosso desespero maior. Esse momento não foi escolar, mas foi neste ambiente que senti parte do afeto necessário. Só pra fechar este furação do ano 2000, literalmente, em dezembro minha casa foi assaltada por bandidos armados e levaram meu anel de formatura do curso normal, presente do meu irmão no momento da formatura. Enfim, ano de muita aprendizagem, dentro e fora da escola.

Fim do ensino médio, fim da década, início de um novo século, adeus período dos disquetes, discman, tazo, papéis de carta etc.), não imaginava que passaria por tantas transformações da sociedade, e junto à tecnologia evolui, meio desajeitada e um pouco fora de contexto, mas sempre em movimento.

Entrar para a faculdade não foi instantâneo, nem um caminho linear e natural. Aos 18 anos, já professora de 1ª a 4ª série, fui para a prática, dei aula em duas escolinhas de bairro, em uma delas fui selecionada, inclusive, por conta da redação que fazia parte do processo de contratação, fruto das aventuras pelo mundo da leitura. Logo de início percebi estar no lugar certo, embora o cansaço tenha retirado minhas forças de almejar a universidade

naquele momento, mas essa intenção era concreta, apenas sendo adiada. Depois de 2 anos lecionando surgiu a oportunidade de trabalhar como agente comunitária de saúde, que fazia parte do Programa de Saúde da Família (PSF), era um salário melhor e possibilitaria fazer um curso pré-vestibular. No ano corrente fazia um pré-vestibular comunitário, que me ajudava a não desistir deste sonho.

E foi, enquanto agente de saúde, andando como um camelo, passando por diversas realidades sociais, que comecei a estudar de verdade, continuava não gostando de matemática com todas as minhas forças. Meu vestibular foi difuso, na época, em 2003, se fazia prova para todas as universidades em separado. Eram finais de semana de provas, de novembro a janeiro. Pelo envolvimento com o PSF fiz vestibular para enfermagem - no meio do caminho tinha uma pedra (Drummond de Andrade) - não passei de imediato, assim havia pensado.

Já em 2004 retomando os estudos, recuperando meu desejo de continuar sendo professora descobri que havia perdido a reclassificação para enfermagem na UERJ, nesta época era mais difícil o acesso à informação. Havia passado e perdido, hoje entendo o ditado “escrever certo por linhas tortas”. Continuei meus estudos, agora tentando ciências biológicas, e passei também para a UERJ, para a Faculdade de Formação de Professores - FFP em SG, foi nesta casa, que pela 2ª vez, pisei em um espaço de pertencimento e conquista. Sempre passava em frente e almejava um dia estar ali, como se já tivesse um vínculo, uma vida passada e futura, um compromisso de ascensão com minha cidade e comigo mesma. Dessa vez usei GPS e direcionei meu veículo para onde queria parar. Entrar em uma faculdade, não foi só resultado de estudo, mas de família e pessoas queridas me apoiando, acreditando, de muitas renúncias por toda uma vida (quem vive em local esquecido socialmente irá entender). E foi assim que uma professora virou professora de novo.

Durante o 2º ano de pré-vestibular encontrei professores que contribuíram para ambas as minhas paixões, a biologia e a literatura. Recitei minhas poesias pela primeira vez em um evento (sem que fosse na escola), “Uma noite na Taverna” por intermédio do professor, poeta e escritor gonalense Rodrigo Santos. A partir de então minha escrita deixou de ser apenas terapia.

Entrei na universidade pública, por meio de cotas de escola pública, fui bolsista por cota, Faperj e CNPQ na iniciação científica. Embora tenha entrado um pouco mais tarde na faculdade, acredito que tenha sido a hora certa, o amadurecimento ajuda muito nas escolhas mais sábias. Foi nesta faculdade, minha 2ª mãe, costume dizer, que fui novamente educada para a vida.

Durante o primeiro ano de faculdade ainda era agente de saúde, mas em todos os próximos anos dei aula, até os dias de hoje, sempre revezando com os estágios. A biologia é muito ampla, ela conversa com diversas áreas e passeia por todas as esferas da sociedade, civil, privada e pública. Meu primeiro estágio na prática foi com porífera (esponjas marinhas) no Museu Nacional, pela UFRJ. Tive o prazer de desfrutar de todo este acervo histórico e patrimônio mundial, antes de virar pó, incêndio ocorrido em 2018.

Depois, tive a oportunidade de trabalhar como educadora ambiental Júnior na ONG Ecomarapendi, onde pude exercer a educação por uma perspectiva diferente, pela 3ª vez me reconheci no lugar certo, pesquisaria sobre isso por toda a vida. E foi em um espaço de ensino não-formal que fortaleci a certeza de qual área seguir e continuar sendo docente. Neste espaço guiava grupos escolares por exposições sobre resíduos sólidos, participava e ministrava palestras, estudava e dava consultoria sobre lixo e ambiente. Trabalhei com pessoas envolvidas e que muito me ensinaram sobre meio ambiente.

Minha faculdade era tarde e noite, me desdobrei por longos 4 anos e meio, entre estudo, trabalho e estágios. No meio da faculdade casei e pude mudar para próximo da universidade, isso me possibilitou conciliar ainda mais esta rotina louca.

Já certa da área que ia seguir, terminei a graduação em 2009, fiquei dando aula e trabalhando na ONG, não mais como “Júnior”. Em 2011 iniciei a especialização em gestão ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, primeira turma de uma pós-graduação gratuita, a entrada era como uma seleção de mestrado. Na época trabalhava na educação ambiental do licenciamento do aterro sanitário de SG. Neste mesmo ano descobri que estava grávida, em outubro minha primogênita Laís nasceu, continuei estudando (com toda ajuda possível) e terminei com êxito meu curso.

Novamente, após 2 anos, já com minha filha maior, encarei a seleção do mestrado (período este um pouco conturbado pela autoestima). Ufa, estudo, cursinho de inglês... e fui aprovada na seleção para o curso “Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade”, retornando a minha casa FFP - UERJ. Minha filha nasceu de parto normal, mas este mestrado findou através de um parto difícil, sendo mãe e trabalhando em dois lugares diferentes, dar à luz a uma dissertação foi doloroso. Mas, enfim, nasceu, em 2016, linda e cheia de conteúdo a minha obra, intitulada “Além dos muros da escola: interpretação socioambiental da área de proteção ambiental do Engenho Pequeno - SG, RJ”.

Também em 2016 comecei a lecionar para o curso superior semi-presencial de biologia do CEDERJ, Consórcio de Universidades Públicas do RJ. Experiência maravilhosa, inclusive ministrando aulas práticas na Área de Proteção Ambiental - APA, onde havia sido meu estudo do mestrado. Fiquei por quatro anos e meio. Em 2017 minha dissertação rendeu um capítulo no livro, “Da célula ao ambiente”, organizado por professores da FFP.

E continuando a saga de trabalho como docente, trabalhando de contrato para a prefeitura de Maricá, na escola privada em SG e no CEDERJ, engravidei da minha 2ª filha, a Luísa, que nasceu em meados de 2019. Neste mesmo ano iniciei o processo seletivo para a Força Aérea Brasileira - FAB, e quando retornaria da licença maternidade fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19, pausa no processo seletivo, aulas online, guerra contra um ser que nem tem vida e toda uma história reescrita. Mudanças de hábitos (tenho um livro escrito sobre este momento), reinvenção da cultura, ascensão dos ifoods, muito conhecimento científico e de humanidade. Período difícil amenizado pelo conforto da minha casa e apoio da família.

Quase no fim deste caos o processo seletivo da FAB retorna, quilos a mais, mobilidade de menos, vamos ao treinamento físico militar, um mês de treino pesado para dar conta da corrida, abdominal e flexão. Tudo certo, em 2020 ingressei nas Forças Armadas para ser professora de ciências e biologia da educação básica, com tempo limitado a 8 anos.

Ainda em face da pandemia, assim que cheguei no CBNB recebi a missão de lecionar à distância para a Escola assistencial da Aeronáutica Caminho das Estrelas, situada na Base Aérea de Alcantara, no Maranhão. Retomando minhas atividades presenciais no Colégio de origem, o CBNB, pude lecionar com ensino fundamental e médio. Participei e coordenei pro-

jetos como feiras de ciências, cultura, assim como eventos de inclusão de temas étnico-raciais, sociais e ambientais (Projeto Saravá e Jequitinhonha), auxiliando os alunos em suas pesquisas e descobertas científicas. Coordenei o curso pré-vestibular e fui adjunta do curso preparatório militar, testemunhando a evolução e interesse dos alunos, que foram aprovados para as mais diversas áreas. Hoje, além das aulas ministradas, do 6º ano do ensino fundamental ao 2º ano do ensino médio, coordeno o Plano de Sustentabilidade desta organização militar.

Quatro anos já se passaram, mudei de cidade, moro hoje na Ilha do Governador, mesmo local da escola em que leciono. Sou feliz pela minha trajetória educacional, com anseios e perspectivas de um doutorado que ainda há de vir. Enquanto isso, visando a manutenção dos estudos, finalizo minha segunda graduação em pedagogia e uma especialização em direito educacional.

Hoje, em 2025, continuo estudando desde a primeira escolinha lá em 1986, mas posso dizer que sigo conquistando, lendo, escrevendo, e, principalmente, vivendo. Vou colhendo os frutos de meu plantio, em 2024 tive uma poesia publicada, no livro Poetize, seleção de poesias brasileiras, tenho projetos que sairão de rascunhos para livros. E assim, todos os dias, me formo uma cidadã, profissional e pessoa melhor para os meus e para o mundo.

Capítulo 6

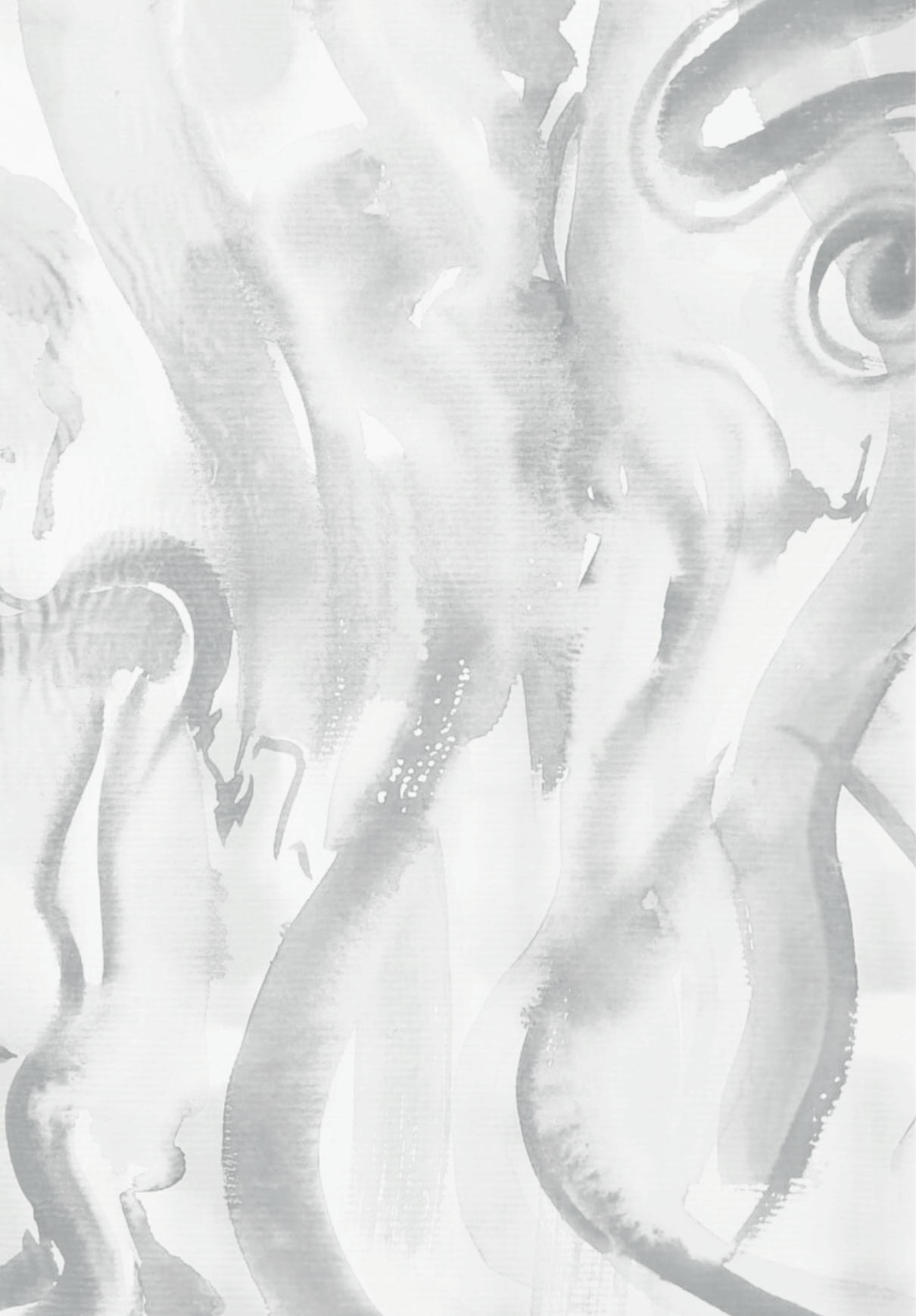
DE UM SONHO PARA A REALIDADE

Manoel Marcos da Costa (CBNB)



Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai."

BS, Filipenses 4:8"



DE UM SONHO PARA A REALIDADE

Sou filho do Sr. Cícero Romão, nascido no Jardim do Seridó, no Rio Grande do Norte e da Senhora Maria da Guia, nascida em Campina Grande, na Paraíba. Meu pai veio para o Rio de Janeiro depois do seu irmão Alcebíades que já estava estabelecido (trabalhava no Ministério da Guerra, na Presidente Vargas) e casado com tia Maria.

Minha mãe era a filha caçula do seu Benedito e dona Adalgiza (IN MEMORIAN). Nossa família veio para o Rio de Janeiro depois de perdas e embaraços financeiros que ocorreram conosco, na Paraíba. Segundo uma lenda familiar, conta-se que “Ciço”, com seus 18 anos, teria dito ao irmão:

– “Como você sai do interior do Nordeste, vem para o Rio e casa com uma paraibana chamada Maria?”, ao que a tia Maria após ouvir o des-pautério teria retrucado: – “Pois fica sabendo que você também vai casar com uma Maria paraibana! Pois é... foi o que aconteceu!

Imagem 1: Meus pais Maria da Guia (85anos) e Cícero Romão (89 anos)



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Nasci no final de 1959 e minha irmã Márcia um dia após o meu primeiro aniversário, então crescemos juntos e muito amigos. Éramos muito incentivados a aprender e nos relacionar com todas as pessoas à nossa volta. A caçula e temporã, Fernanda nasceu em 1975, em outra etapa temporal, também é professora como eu e Márcia. Somos amigos e parceiros, incluindo os cuidados com nossos pais até os dias atuais.

Imagem 2: Minhas irmãs Fernanda (49), Márcia (64) e Manoel (65)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na década de 1960, papai foi “Contínuo” (quase um “faz tudo”) de companhias salinas (Sal Ita) e carbonífera (de Criciúma). Ao final do expediente, levava para casa jornais e revistas lidos pelos executivos e que eram bem importantes para nós. Ele gostava de colecionar fascículos de enciclopédias. Mandava encadernar até completar os volumes e isto incentivava a mim e a Márcia a ler e aprender muita coisa nova.

No ano de 1965, entrei no Instituto Sagrado Coração de Jesus em Bangu, administrado por 5 ou 6 irmãos que também eram professores, iniciando um aprendizado muito significativo e gratificante. Também porque no encerramento letivo ganhávamos medalhas pelos resultados alcançados e por destaques nas disciplinas.

Imagem 3: medalhas de destaque anual e de competências.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No passado os estudantes faziam um preparatório para o ginásio e o meu foi na Escola Castro Viana (1970) Ingressando logo depois na Escola Municipal Pracinha João da Silva, em Bangu, onde cursei da 5ª à 8ª série.

Cursei o 2º grau no Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht, na Taquara e o pré-vestibular no Curso MKS, em Bangu onde tive um professor de Química, Rosenberg, que me influenciou bastante me levando a cursar Engenharia Química na UFRJ. Local onde estudei e fui monitor de laboratório até 1981, sem completar o curso (Séries de Fourier e derivadas de Laplace do Cálculo IV!).

No ano de 1982, comecei a trabalhar no Banco Bamerindus incentivado pela prima Celi que trabalhava numa agência de poupança em Madureira. Depois participei de uma seleção para formar uma equipe de auditoria interna e atuei em agências de cadernetas de poupança, indo para o banco Comercial até 1986.

Neste ano, nasceu o Ígor, meu primeiro filho e no ano seguinte, nasceu o Marcos, que é portador da síndrome de Down e que exigiu muita atenção, principalmente da Rosemar, sua mãe e acompanhamentos profissionais. Mais tarde (de 2007 a 2011) o Ígor nos deu três netos com a Luisa: Judá, Pedro e Noah.

Imagens 4 e 5: Minha família Isabella (29), Manoel, Ígor (38) e Marcos (37) e netos Judá (17), Pedro (16), e Noah (13)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Durante todo período continuei dando aulas particulares de Matemática e Química a domicílio, além disso, eu e meu pai abrimos uma loja de material de limpeza e acessórios diversos, para atender empresas, escolas, condomínios. Trabalhávamos bastante e com muita atenção ao público que nos visitava e nos procurava, fabricando e revendendo produtos de boa qualidade. Ficava nos Bancários, na Ilha do Governador e durou até 1992.

Formação acadêmica docente superior

Voltei para o Ensino superior em 1988, na Faculdade de Humanidades Pedro II, em São Cristóvão, completando minha formação universitária em Licenciatura e Bacharelado em Química ao final de 1989.

Em 1992, fui ao Ministério da Educação apanhar a “carteira de professor” e descobri que poderia lecionar Química e Física no 2º grau (EM) e Matemática no 1º grau (EF). Ao sair do prédio li na Folha Dirigida, jornal especializado em concursos àquela época, que a Prefeitura do Rio abria concurso para professores de várias áreas, inclusive Matemática. Fiz a prova e em 1993 obtive minha 1ª matrícula de professor do Ensino Público. Em 1996 alzei a 2ª matrícula.

Imagem 6: Carteira de Licença de Professor do MEC



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Em 1992, fui convidado por um colega da FAHUPE para ministrar uma palestra na semana do Químico na Escola Técnica de Belford Roxo (Rede ABEU de ensino) onde fui contratado para atender o Ensino Médio em agosto daquele ano, permanecendo até 2002.

Em 1999 atendi estudantes que fariam o ENEM do Colégio Cenequista Capitão Lemos Cunha, no qual fui admitido em 2000 e ministrei aulas até o final de 2009, quando havia passado no concurso para professor de Ensino Básico (E.B.T.T.) do Comando da Aeronáutica no Colégio Brigadeiro Newton Braga, onde trabalho atualmente.

Imagem 7: Equipe de Química do CBNB



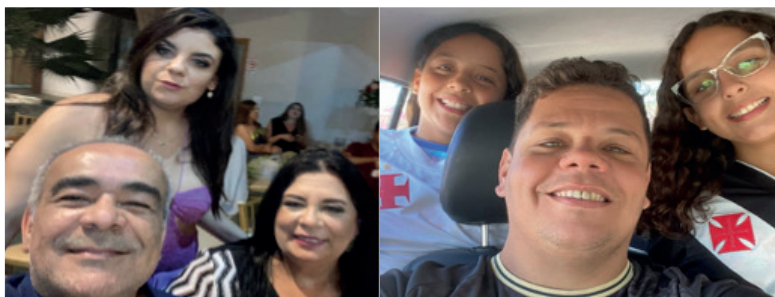
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No ano de 2002, iniciei duas pós-graduações na Universidade Cândido Mendes (UCAM). Uma às segundas-feiras à noite (Docência Superior - Tijuca) e outra aos sábados à tarde (Marketing no Mercado Globalizado - Centro) concluindo-as em 2003. Nesta universidade conheci minha atual esposa, Sílvia, que estudou aos sábados comigo e trouxe um casal de filhos que adotei em meu coração. O Raphael já nos deu duas netas, Ana Clara e Valentina e a Isabella ainda está solteira e mora conosco.

Imagem 8 e 9: Nossos filhos

Isabella (29 anos), Manoel e Sílvia (62 anos).

Valentina (9), Raphael (37) e Ana Clara (10).



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No ano de 2004, mudei-me da Ilha do Governador para a Rua S. Francisco Xavier perto da UERJ, onde me matriculei na pós-graduação em Polímeros do Instituto de Química, com direção da Professora Fernanda Margarida e uma equipe de profissionais altamente capacitados e de grande conhecimento técnico. Completei esta formação em 2005 com orientação

do Professora Márcia Delpech e fui aceito no Mestrado em Química, sendo orientado pelo Professor Ayres Guimarães Dias, concluindo em 2008.

Retornei para a Universidade Cândido Mendes para fazer uma pós-graduação em Psicopedagogia Institucional concluindo em 2015. E, posteriormente realizei no mesmo local, um curso de formação em Psicanálise no Instituto Veralem de São Gonçalo.

Após me submeter a exames rotineiros, descobri que o índice do antígeno prostático específico (PSA) estava muito acima do considerado normal! Buscando um urologista e fazendo exames complementares constatou-se um câncer de próstata com escala de Gleason 6 (3 +3) que exprimia gravidade e urgência na retirada e tratamento radioterápico complementar. Graças a Deus fui atendido por profissionais competentes e pude retornar às atividades docentes com relativa brevidade. Continuo em acompanhamento oncológico, uma vez por ano.

Em 2017 iniciei curso de Psicologia, na Universidade Estácio de Sá em Niterói. Me transferi para a Universidade Salgado de Oliveira (Universo) em S. Gonçalo cursando até o 5º período (“vencido pela pandemia?”), não prosseguindo no curso.

Orientações teóricas e práticas pedagógicas

No curso de licenciatura tive noção de várias teorias de aprendizagem, didática e de psicologia educacional. E durante a formação em Multieducação, para professores da rede municipal de ensino, oferecida pela SME/PCRJ em 1996, mais intensamente as teorias de Piaget e Vygotski.

Orientações teóricas e práticas atuais

Com a prática em sala de aula, aumento da segurança profissional, pela participação em congressos e seminários de Educação conheci o Professor Pierluigi Piazzì. Tive a oportunidade de visualizar alguns vídeos de palestras e fiquei bem impressionado. Este italiano de nascimento, foi professor, radialista, topógrafo, físico e químico. Ensinou Física por mais de 40 anos, principalmente em São Paulo, para mais de 100 000 estudantes. Especialista em computadores, TI e outros saberes, como Neurociência da aprendizagem, suas exposições didáticas sobre a inteligência humana são ótimas. É autor

de coleção sobre ensino e aprendizagem (Neuropedagogia).

Conheci na Nova Acrópole, instituição internacional de ensino de “Filosofia à moda antiga” a Professora Lúcia Helena Galvão, cujas palestras são muito interessantes, pertinentes e motivadoras para nos tornar seres humanos melhores, justos, retos e éticos. Fiz o curso de iniciação, na unidade de São Gonçalo. Alguns de seus livros: Agenda estoica; Vamos conversar sobre a felicidade?; A lógica e a inteligência da vida; Para entender o caibalion, entre outros.

Minha monografia na pós-graduação de Docência Superior tem como título: O bom humor do professor influencia no aprendizado? Durante a pesquisa de campo com alunos da educação básica até cursos superiores pude observar um alto índice de respostas positivas para a questão do humor do professor que continuei utilizando na minha prática pedagógica.

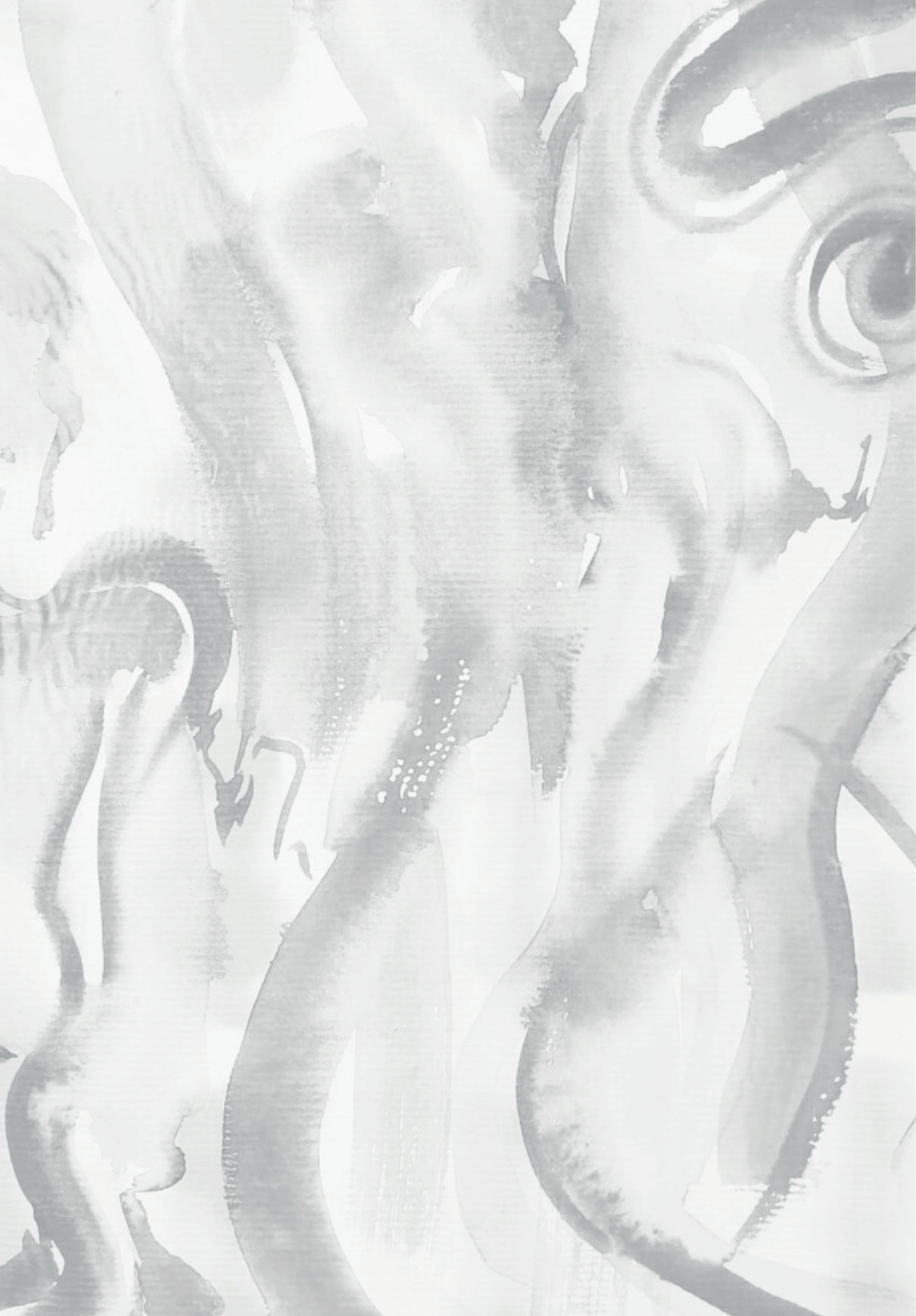
Posteriormente, conheci o Pastor Cláudio Duarte, de quem assisti uma palestra. Lendo posteriormente seu livro: Sexualidade sem censura. Bastante irreverente e “engraçado” aborda temas “difíceis” com muita clareza e base (bíblica). Se lançou no mercado virtual, através de vídeos de seus sermões e palestras motivacionais em empresas e instituições de classes.

Desde então, minhas aulas no Colégio Brigadeiro Newton Braga, onde atualmente trabalho, têm sido planejadas e apresentadas com empenho e responsabilidade, além de boa dose de bom humor, sempre que seja útil e conveniente. O respeito que tenho por meus discentes e o desejo de fazê-los pessoas mais inteligentes e conscientes de sua importância na sociedade são motivos para procurar atendê-los da melhor maneira possível.

Imagem 10: Premiados do 6º ano em Feira de Ciências.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

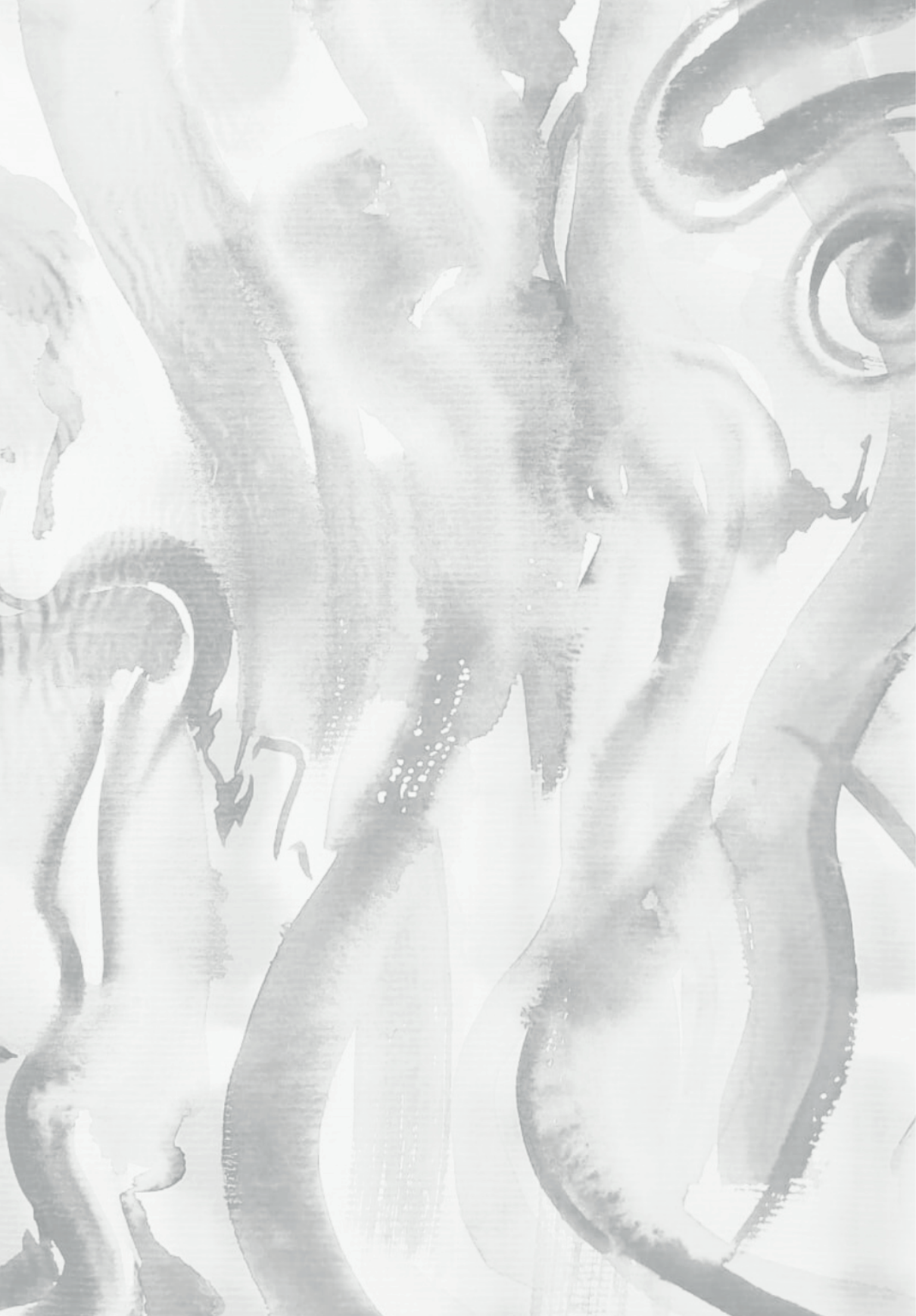


Capítulo 7

MEMORIAL

Eliane Carrapateira Ribeiro (CBNB)





MEMORIAL

Sou Eliane Carrapateira Ribeiro, nasci no ano de 1951 no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, no Hospital da Cruz Vermelha, localizado no Centro do Rio. Filha de Gilberto Ribeiro que foi Policial Federal e Ventura Carrapateira Ribeiro, Professora Primária.

Cresci no bairro do Grajaú, que fica no subúrbio do Rio de Janeiro, sempre ao lado de minha irmã caçula Rosane (1954). Ambas estudamos no Colégio Estadual Duque de Caxias, no próprio bairro do Grajaú.

Para chegar ao colégio, eu e minha irmã caminhávamos nove quadras que iam da nossa casa até ele e íamos sozinhas, com nossas pastas e lancheiras seguindo pelas alamedas de Tamarineiras que sombreavam o caminho. De vez em quando comíamos seus frutos azedinhos. Eram outros tempos, outra segurança que nos permitia caminhar sós. Atualmente, nossos netos pequenos dificilmente caminham sós até suas escolas.

Todo o período do primário foi feito nesse Colégio Estadual Duque de Caxias. Nessa época havia racionamento de luz. Minha querida avó Penha morava conosco e tinha como distração ouvir as novelas do rádio. Mas quando havia o racionamento, eu lia à luz de velas, os romances da época para ela, e nos encantávamos com as histórias do “O Guarani”, “Iracema, a virgem dos lábios de mel”, a Cabana do Pai Tomás e outros.

A cumplicidade da magia das leituras compartilhadas, aproximou mais ainda eu e minha saudosa avó Penha.

Figura 1: período do primário no Colégio Estadual Duque de Caxias



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Fiz o que chamavam na época de “Admissão” no Colégio H.C. Anderson, também no Grajaú. Esse curso antecedia o “Ginásio” e foi um reforço para meus conhecimentos. Ali conheci a professora Rosely que me mostrou o caminho para gostar de Matemática, me fazendo ver que não era nenhum “bicho papão”. A partir daí minhas notas nessa matéria passam a melhorar.

A professora Rosely também foi a primeira que me incentivou a me desenvolver na arte de desenhar por perceber em mim talento e paixão. Ela me deu o primeiro livro de Técnicas em desenho.

No bairro do Grajaú só havia Ginásio particular, então meus pais me matricularam no Colégio Estadual Orsina da Fonseca, no bairro da Tijuca, na Rua São Francisco Xavier. Passei então a ir de ônibus para o colégio, uma novidade para mim.

Era um colégio de grande porte e tinha uma estrutura diferente da que eu conhecia. O prédio tinha uma enorme rampa de acesso às salas de aulas no 2º andar. Me lembro do meu primeiro dia de aula, pois estava chorando muito. Fui com minha mãe Ventura que de longe ficou me acenando e me encorajando a adentrar naquele novo universo de aprendizado.

No prédio novo as salas se sucediam iguais ao longo do grande corredor. Mas havia também o prédio antigo e suas salas avarandadas que eram então usadas como Oficinas Profissionalizantes de costura, de bordado e de culinária.

Neste colégio fiz parte da equipe de Vôlei e de Ginástica Rítmica, onde me destacava pela facilidade de movimentos que eu tinha pela prática da Yoga desde pequena. Nos apresentávamos em outros colégios e até no Maracanãzinho.

Terminado o Ginásio precisei decidir a minha área de interesse para continuidade dos meus estudos. Havia os cursos Científico e Clássico. O primeiro para exatas e o outro para humanas. Decidi me preparar e fazer o vestibular para Arquitetura aplicando minha paixão pelo desenho.

Desta forma, sai do Colégio Estadual Orsina da Fonseca e ingressei no Curso pré vestibular Fisk (particular) passando a me preparar para o vestibular em Arquitetura. As aulas eram totalmente voltadas para o vestibular específico.

Na época nós podíamos escolher 2 opções no vestibular. Escolhi como 1ª opção a Arquitetura e como 2ª opção a Escola de Belas Artes, ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Fui aprovada em 4º lugar na Escola de Belas Artes/UFRJ.

Minha família não tinha condições de pagar mais uma vez um curso preparatório para vestibular em Arquitetura. Resolvi então fazer a ESCOLA DE BELAS ARTES (EBA) – UFRJ na Av. Rio Branco, com Araújo Porto Alegre, Centro do Rio, vizinhos ao Teatro Municipal do R.J. e à Biblioteca Nacional e próximo ao Palácio Gustavo Capanema e outros prédios históricos. Coração do Rio efervescente dos acontecimentos culturais.

Eis que me encanto com os estudos da Belas Artes e após o 1º período opto pelo curso de Licenciatura de Desenho e Plástica para vir a lecionar Arte como profissão.

A Belas Artes fervilhava de atividades. Fazíamos exposições e os visitantes iam chegando com facilidade visto a Rua Araújo Porto Alegre (entrada da Escola) ser passagem de multidões diariamente.

A entrada pela Av. Rio Branco dava acesso ao Museu Nacional de Belas Artes, que ocupava metade do prédio, sendo a outra metade ocupada com a Escola de Belas Artes.

Também éramos cercados por lojas e papelarias especializadas em materiais próprios para artistas, arquitetos, engenheiros, etc. Essa proximidade a materiais e acontecimentos culturais era muito boa.

Dois anos após meu ingresso na faculdade, a Escola de Belas Artes foi transferida para a Ilha do Fundão, sendo alojada no prédio da Arquitetura e Urbanismo, que também era e é a Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Saímos de um prédio histórico projetado para ser o que era, uma Escola de Belas Artes, com longos e largos corredores de pé direito altíssimos e lotados de nichos com estátuas neoclássicas, cópias dos originais, que eram inspirações dos estudos de nossos desenhos artísticos.

O estudo das matérias (Plástica, Cultura Contemporânea, Sistema Geométrico de Representação, Desenho Artístico, Análise de Materiais Expressivos, Desenho Anatômico, História da Arte, Desenho Técnico, Estudo de Problemas Brasileiros, Estética, Criação de Forma, Expressões em Superfícies, Volumes e movimentos) ocorriam nas salas imensas que, se falassem, contariam histórias antigas de alunos e professores ilustres que por lá passaram.

Porém, uma sala ambiente me chamava a atenção em especial: a sala de aula de Desenho Anatômico / Modelo vivo. Semelhante a um anfiteatro em meia lua, subia em largos degraus pelo pé direito altíssimo. As pranchetas inclináveis e suas cadeiras iam se organizando nesses degraus

de tal maneira que nenhum ângulo de visão era igual, todos voltados focando o pequeno tablado central onde os modelos se postavam, em poses determinadas pela professora.

As modelos eram senhoras de corpos mais volumosos e muitas dobras para melhor exercitarmos nossa observação e aplicarmos técnicas dos desenhos como luz e sombra, texturas, cores, proporções, tridimensionalidade e outros.

Com frequência as modelos eram: a Maria, que tinha um jeito meio triste de estar; e a Baiana mais opulenta e risonha e que desfilava na Mangueira. As duas se alternavam em nossos estudos, de anatomia.

Num dia, em que a professora havia saído e nós aguardávamos o retorno dela esperando pela modelo daquela aula, um rapaz entrou nesta sala de modelo vivo. Podia ser um novo colega de turma. Ele era jovem, loiro e muito bonito. Entrou, subiu no tablado central e, naturalmente tirou toda a roupa e ficou nu, buscando por si uma boa pose, enquanto a turma atônita reagia e buscava também o melhor ângulo de observação para dar início ao desenho do 1º modelo vivo masculino e nu!

Farfalha de folhas, ranger de pranchetas, lápis apontados e aos poucos todos começaram a esticar braços e com os lápis em riste, tomar ciência, marcar e transferir as proporções do rapaz para as folhas de papel. Acredito que, praticamente, a turma toda estava, como eu, agradavelmente surpresa e satisfeita com a novidade.

Daí volta a professora que scandalizada grita e manda o Deus Grego se vestir imediatamente! Ele era a personificação de uma das muitas estátuas de nossos largos corredores. E, ele custa a entender as ordens dadas. Depois descobrimos que ele havia sido marinheiro, estrangeiro, desembarcado há pouco e que estava acostumado a ganhar uns trocados posando nu nas escolas de desenho por onde passava.

E lá se foi ele chateado e sem entender tamanho escândalo por coisa tão simples. Tivemos que concordar com ele. A professora explicou que o regulamento da EBA não permitia homens como modelos vivos e nus, só mulheres podiam posar nuas para nós. Homens não! Voltamos a desenhar Marias e Baianas conscientes de que o velho ranço de regulamentos antiquados, preconceituosos e machistas iam demorar um tanto para serem vencidos.

Saímos do prédio histórico das salas ambientes, dos amplos salões, dos largos corredores, com suas estátuas (inclusive a Vitória de Samotrácia), das oficinas várias que desembocavam nos jardins internos, dos porões com salas de desenho artístico e sótãos que o elevador pantográfico ia nos levando e sacudindo até os ateliers de Pintura, e lá do alto víamos os telhados do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Parecíamos estar na Europa olhando o Teatro Municipal de igual para igual.

Dáí, por interesses vários, inclusive políticos, somos despejados do prédio histórico e todo o seu clima próprio de Arte, para nos alojarmos no prédio da Arquitetura e Urbanismo com suas salas de aulas retangulares, regulares, semelhantes e convencionais, espaços reduzidos recebendo uma ESCOLA DE BELAS ARTES nada convencional, mas que estava sendo reduzida. Tivemos que nos adaptar.

Nada mais de efervescência de pessoas estudando e nos incitando nas exposições e palestras. Nada mais da facilidade de acesso aos materiais necessários sendo o próprio acesso à faculdade dificultado por escasso número de transporte público para o tanto de alunos. Não se parecia mais com Belas Artes. Tivemos que reinventar.

Nesse prédio de Arquitetura e Urbanismo que também é o prédio da Reitoria da UFRJ, terminei minha 1ª graduação, em Licenciatura Plena em Desenho e Plástica pela EBA / UFRJ, no ano de 1975.

Em 1975 eu já estava trabalhando como desenhista para o setor de ARQUITETURA E URBANISMO DA PREFEITURA DE NITERÓI, relação iniciada há poucos anos atrás quando estive trabalhando como estagiária de ESCOLA DE BELAS ARTES. Nesse momento estava noiva de Roberto Brisolla Diuana (Psiquiatra e Tenente Médico da Aeronáutica) e com o casamento marcado para 1977.

Ainda assim, ingressei no Curso de Pintura da EBA / UFRJ atendendo antigo desejo de fazê-lo e este curso viria a ser minha segunda graduação.

Os ateliers de Pintura ficavam no 7º andar do prédio da Arquitetura, assim como as aulas de Restauração com o famoso prof. Edson Motta. As outras aulas se distribuíam por 2 andares restantes em salas convencionais.

O casamento chegou. Roberto, em início de carreira como médico Psiquiatra da Aeronáutica (passou em 2º lugar no concurso) seria transferido para São Paulo, onde passaríamos a morar, estávamos em 1977.

Desta forma, pedi demissão do trabalho como desenhista de arquitetura na Prefeitura de Niterói e também tranquei minha matrícula no curso de Pintura na EBA / UFRJ.

Após o casamento partimos então para São Paulo capital. Fomos morar num apartamento do bairro Indianópolis, cujas ruas todas tinham nomes indígenas. A nossa rua era a Alameda dos Uapés. Das janelas dos quartos vislumbrávamos o Centro de São Paulo com o desfile de seus prédios desiguais formando uma selva de concreto armado, enquanto entre nós ficava o verde do Parque Ibirapuera.

De início tudo era novidade, e estava ótimo. Ora eu cuidava da casa e das coisas pertinentes e ora viajávamos com novos amigos militares também. Campos do Jordão, Itatiaia, Itú e outros tantos lugares foram ótimos de conhecer e os restaurantes então, nem se fala. Maravilhosos. A vida ia seguindo.

Mas, eu estava ficando enjoada. Enquanto o marido trabalhava no hospital e fazia plantões também, eu começava a perceber que a inatividade estava gerando insatisfação. Conversamos e resolvi voltar a estudar e trabalhar.

Na USP (Escola de Comunicação e Arte) fiz Curso de Especialização em Sociologia de Arte. Porém, o colégio que procurei, não obtive sucesso, pois não aceitaram meu diploma de Belas Artes / UFRJ como completo para eu trabalhar com Educação Artística. Faltavam matérias essenciais que eu não havia feito de fato.

Então me inscrevi e ingressei na FEBASP/FACULDADE e ESCOLA DE BELAS ARTES DE SÃO PAULO) no curso específico de EDUCAÇÃO ARTÍSTICA e ao mesmo tempo passei a trabalhar como professora de Desenho Geométrico em Colégio particular. Comecei a estudar teatro, cinema, literatura, televisão, expressão corporal, música entre outras. E, no final de 1978 terminei essa 2ª graduação.

Já em 1979 (começo) Roberto é transferido novamente para o Rio de Janeiro. Voltar para perto da família é um alento. Neste mesmo ano vem a grata notícia de minha gravidez. Estávamos esperando nosso filho Fernando. No ano de 1980, o nascimento de Fernando foi um divisor de águas. O mundo se tornou “Antes de Fernando e Depois de Fernando”. O mundo adquiriu cores que não sabíamos que existia. As famílias se regozijavam com o nascimento de 2º neto.

E, para a família árabe de Roberto o 2º neto homem tomava um significado ainda maior. Coisas da cultura deles, mas o que me importava mesmo era que Fernando existia a partir de nós e pronto para ser ele mesmo no mundo. Coisa linda de se ver!

Retorno, em 1981, à Belas Artes, terminando o curso de Licenciatura em Pintura, minha 3ª graduação.

No ano de 1982 faço especialização em ARTE EDUCAÇÃO na Escola de Arte do Brasil no Largo do Boticário / Rio de Janeiro com a coordenação do Professor Augusto Rodrigues. Neste curso formamos o grupo “8 cores” e realizamos o 1º projeto de Arte EDUCAÇÃO em Comunidade de Baixa Renda. Projeto patrocinado pelo Governo Federal. Uma proposta de Interação ESCOLA/COMUNIDADE, e ficamos alojados na Escola Municipal Paula Brito cuja diretora na época nos deu completo apoio.

Precisamos também de aprovação da diretora das Escolas Comunitárias. E a diretora D. Eliza, nos aprovou com a seguinte frase: “Deixa a garotada trabalhar gente! Cada criança que eles tirarem da rua, será menos uma arma na barriga deles mesmos!” E assim iniciamos nosso projeto na comunidade de ROCINHA.

Cabem aqui muitas páginas para relatar a riqueza do trabalho realizado coletivamente, as sementes plantadas e os frutos colhidos.

Dissertar sobre as diversas atividades ampliaria muito a escrita desse texto que hora só apontamos alguns feitos: o quarto andar construído para nós em sistema de mutirão da comunidade, no prédio do Colégio M. Paula Brito, as 4 oficinas que oferecíamos, as dinâmicas em teatro, cinema, música, literatura e Artes Plásticas. Todas as oficinas eram formidáveis.

Mas a Oficina que eu orientava era a de Artes Plásticas. Numa proposta de impressões de pinturas e desenhos a partir de recortes de moldes vazados, em diversos suportes, como parede, madeira, metal, tecido, papel, vidro e outros. Desenhávamos e recortávamos os moldes vazados (silk) e ensinávamos como aplicar.

A turma era heterogenia, diferentes ideias, diferentes interesses, diferentes conhecimentos. Ótimo, era um desafio e tanto. Trabalhávamos e crescíamos coletivamente.

São inúmeras as histórias que temos a narrar, porém destaco a História de “Francisco”, o menino que me levou a acreditar mais ainda no poder de transformação que a Arte gera nas pessoas, e a me dedicar doravante ao

sistema de ensino e Arte através das Oficinas.

“Francisco” já estava rotulado de fracassado. Repetente, 14 anos, sem saber ler e escrever. Chegou na Oficina por necessidade. Frequentava a Escola pela merenda e pela bagunça. Mas na Oficina que tinha merenda, a “bagunça” era outra no aprender se divertindo com Arte.

Ele chegou na oficina e começou a aprender as técnicas. Gostou. Foi ficando e os resultados dos trabalhos cada vez melhores. Um dia nos pediu para ajudá-lo a fazer um determinado desenho do punhal pingando sangue.

Fizemos o desenho do punhal pingando sangue e transformamos em molde vaiado. A partir daí ele passou a imprimir punhais sangrentos por toda parte. Paredes, na pele, papéis, roupas, até no chão! Encheu seus corredores de punhais sangrentos.

Francisco ficou assíduo. Chegava cedo e saía no final da Oficina. Dominou as técnicas e passou a ensinar aos alunos que ainda não sabiam. Começou a receber encomendas para determinadas artes impressas. Inclusive faixas comemorativas e convocações. Só que ele não sabia ler e escrever!

Precisava o tempo todo de ajuda para compor os nomes e as frases. Daí Francisco decide que era importante saber ler e escrever e volta para a sala de aula. Não virá mais só pela merenda e bagunça possível. Entendeu que deveria ser livre e que o saber ler e escrever é libertador.

Então, Francisco volta a pedir que o ajudemos a fazer outro desenho para transformar em molde vazado e ser impresso. Tornamos a concordar. E, logo em seguida nos traz o desenho de uma águia das asas abertas pronta para alçar vôo. novamente fizemos juntos o molde vazado, agora com a águia Francisco foi alçar seus próprios vôos.

Esse episódio marcou profundamente minha vida como profissional de Arte Educação. Determinou, minha crença na Arte como elemento transformador e meu gosto pelo sistema de ensino através das Oficinas.

Esse trabalho foi desenvolvido em muitas outras comunidades de baixa renda ao longo de minha carreira como professora e, que as realizo até hoje, sendo agora, na Colônia de Pescadores de Piratininga.

No ano de 1985 realizo concurso para a Rede Estadual de Ensino. Passo em 2º lugar para a Baixada Fluminense. Início então o trabalho como Arte Educadora na Escola Estadual São Bernardo próxima à Nova Iguaçu,

com alunos do Fundamental II.

Neste mesmo ano, passo a integrar o quadro de funcionários da Aeronáutica como Técnica de Assuntos Culturais na recém-inaugurada Casa Gerontológica da Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes / CGABEG, para orientar um atelier de Arte para os idosos. Depois de concurso interno sou efetivada.

No ano de 1985 reingresso na UFRJ agora para fazer a faculdade de Ciências Sociais, mas após curto período, precisei trancar para melhor cuidar da família.

Em 1987 fui transferida para o CBNB, e passo a lecionar ED. ARTÍSTICA para as turmas, principalmente FUND II e ENS. MEDIO. Permaneço em sala de aula por cerca de 20 anos, fazendo parte da equipe de Arte com prof. Léa, prof. Ilda, prof. Mauro, prof. Ricardo e outros.

No ano de 1988 me divorcio do 1º marido, pai de meu único filho, saio da Tijuca e passo a morar em Niterói, Região Oceânica, Piratininga, próximo à minha família.

Em 1990 ingresso no Curso de Escultura Contemporânea do Museu do Inga/NIT/RJ e começo a participar de exposições de Artes Visuais participando, em geral, com a categoria Instalações.

Participo de cursos na ESCOLA DE ARTES VISUAIS no Parque Lage, em ESTÉTICA com Fernando Cocchiarale e 3D ESCULTURA CONTEMPORÂNEA com Yole de Freitas. Passo a integrar o grupo para o Curso de Aprofundamento em Arte Contemporânea, no Espaço Cultural Paschoal Carlos Magno, em Niterói, com professores da ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.

No ano de 1994 fui convidada pelo Artista Visual WILAMAR MADRUGA a participar de projeto de Arte EDUCAÇÃO na Casa da PAZ em Vigário Geral, aplicando o sistema de Oficina de Arte. O mesmo princípio que aconteceu na Rocinha foi realizado para a garotada da Casa da Paz. Inclusive estampando as roupas e os Instrumentos do grupo, ainda iniciante, AFROREGGAE.

O coordenador do projeto Casa de Paz era Caio Ferraz, sociólogo nascido em Vigário Geral. Acabou tendo que pedir asilo político para ele e toda a família nos EUA, tamanha a violência que continuava rondando a realização dos trabalhos do projeto. Ele sai do Brasil em 1995.

Neste espaço de trabalho, a violência era frequente. Vivenciamos diversos tiroteios e fomos invadidos tanto por policiais quanto por bandidos. Essa instabilidade, ainda assim, não impediu resultados importantes nos trabalhos com exposição realizadas e pinturas coletivas nas paredes da comunidade. Ainda assim, durou menos tempo do que gostaríamos, um ano no máximo.

Também fiz parte do Grupo de estudos para Arte Pública coordenado por Guilherme Vergara, então Diretor do Museu de Arte Contemporânea de Niterói / RJ, com propósito de criar e expor obras dos artistas que participam do grupo, pelos espaços públicos da cidade.

Durante as reuniões brota a proposta de também realizarmos outro projeto. Um projeto que envolvesse jovens de comunidades de baixa renda e em situação de risco, em atividades artísticas educativas oferecidas pelo MUSEU de ARTE Contemporânea / MAC. AAA (ARTE AÇÃO AMBIENTAL). E, no ano de 1997 passo a fazer parte do grupo de formação do Projeto Arte Ação Ambiental. Passamos a elaborar todo o Projeto.

Em 1998 Iniciamos o projeto AAA e oriento por 11 anos a Oficina de Papéis Artísticos Artesanais para um grupo de jovens da Comunidade do Morro do Palácio. Esta oficina foi uma das oficinas do projeto que envolvia Reforço Escolar, Arte Contemporânea com os Jogos Neoconcretos, Comunicação, Paisagismo, entre outras.

A 1ª condição de participação era o jovem estar matriculado regularmente em Escola da Rede de Ensino. As oficinas tiveram início nos espaços (ainda vazios) do próprio MAC, recém-inaugurado, e nas salas do Setor EDUCATIVO.

Assim, o espaço que viria a ser o Restaurante do MAC, se tornou nosso imenso Lugar de trabalho, sendo ali montada a 1ª oficina OPAA (Oficina de Papéis Artesanais) – OBS.: Montamos + 3 oficinas para trabalharmos. Iniciamos com um grupo de 40 jovens adolescentes entre meninos e meninas, ávidos por conhecimentos, olhos curiosos sobre a Arte e felizes por receber uma bolsa de ajuda financeira.

Nosso primeiro patrocinador foi o Programa Comunidade Solidária coordenado por D. Ruth Cardoso, esposa do presidente Fernando Henrique.

Esse projeto AAA e os 11 anos que coordenei a OPAA, eu poderia escrever um livro para fazer juz à importância que teve para mim, enquanto ser humano e profissional de Arte e para os jovens da comunidade que se

envolveram com tamanha seriedade e que hoje dão continuidade aos propósitos do projeto, fazendo da Arte a base de suas movimentações no mundo. Gratidão imensa por ter sido parte dessa história.

Em 2003 me caso com Ronaldo Affonso, biólogo, apaixonado pelo universo do meio ambiente, que determinará mudanças em minhas rotinas citadinas.

No ano de 2003 o Colégio Estadual Leopoldo Fróes passa a oferecer laboratório de Informática como parte das possibilidades pedagógicas para professores e alunos. Isto nos entusiasmou porue vi a possibilidade de ampliar os conhecimentos na nova área. Realizo então a ESPECIALIZAÇÃO LATU SENSU em INFORMÁTICA EDUCATIVA, na UNI CARIOCA / RJ, tendo como objeto de pesquisa a aplicação da INFORMÁTICA EDUCATIVA à oficina de papéis artísticos artesanais.

Figura 2: Certificados de conclusão dos cursos de Graduação e Especialização



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em 2010, ano do JUBILEU DE OURO DO CBNB Eu e o também professor de Arte, Ricardo Carmo, apresentamos o projeto de criação de um Centro de Memória para o CBNB, ao então Diretor Geral Luiz Otávio Eberding. O projeto foi aprovado e é organizado então a 1ª sala do Centro de Memória numa salinha cedida, no Corredor Cultural do Colégio. Sua Inauguração fez parte das comemorações dos 50 anos do CBNB.

O Centro de Memória, Espaço Histórico Pedagógico e Cultural, que passo a coordenar, funciona como tal há 15 anos, com a missão de resgatar, cuidar e acessar a história do CBNB para iluminar esse nosso passado, entender a importância dessa história para o nosso presente, ampliar o sen-

timento de pertencimento ao CBNB e baseados nisso tudo, melhor construir nossas continuidades e futuro.

Figura 3: Centro de Memória do CBNB



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Desta forma, além dessa conversa importante com o passado histórico do colégio, temos como parte de nossos objetivos registrar, bem preservar e acessar a história atual, que vai ocorrendo ao longo de eventos do cotidiano do CBNB, que são momentos especiais e que mostram que a história se constrói na riqueza do dia a dia.

O Centro de Memória é um espaço dinâmico, onde alunos, profissionais e visitantes se sentem acolhidos. Ali realizamos, além das orientações à visitas ao nosso acervo, palestras, cursos, lançamento de livros e aulas específicas com projetos realizados junto dos professores, seus alunos e outros.

Nosso acervo fica disponível para pesquisas de estudiosos nos assuntos referentes ao CBNB e sua história. Assim temos a doação da Dissertação de Mestrado da professora Maria Cristina Gerin e as Teses de Mestrado e Doutorado da professora Jussara Cassiano Nascimento, nossa parceira e futura coordenadora do Centro de Memória, pelo qual demonstra ter um olhar especial e cuidadoso há tempos, realizando inúmeros e importantes eventos, aulas e cursos ali conosco.

O Centro de Memória, desde sua inauguração, tem contado com o apoio de todos os diretores que sucederam à direção de 2010. Cada um deles muito contribuiu para melhor organização e crescimento de nosso espaço. E não está sendo diferente na atual direção geral na pessoa do Brigadeiro MARRA que apoia e impulsiona de maneira especial, a aplicação das

tecnologias atuais ao ensino no CBNB. O Centro de Memória, fazendo parte também desse projeto, com certeza, já está e estará cada vez mais evoluindo em ser um espaço dinâmico, histórico, pedagógico e cultural.

O Centro de Memória, no seu caminhar de 15 anos e 4ª sala de funcionamento, pôde contar com outros parceiros por afinidade como civil Deise, Prof. Samira, SO Villarinho, SO Cláudia e, oficialmente, a professora Zulmira Maria Marques de Pinho.

Todos dão importante contribuição para um melhor desempenho e funcionamento desse espaço especial no CBNB. Hoje contamos com a presença do recém-chegado SO André que, graduado em cinema e dedicado às atuais tecnologias, muito já está contribuindo para a continuidade do crescimento do Centro de Memória, inclusive com a proposta de digitalização do nosso acervo, o que facilitará em muito o aceso e a preservação.

A história do Centro e Memória no CBNB merece um capítulo à parte por tantos acontecimentos envolvidos e tanta importância tem conquistando no CBNB. Registro aqui também minha gratidão por fazer parte dessa história e ser co-responsável por sua existência.

Figura 4: lançamento de livros



Fonte: arquivo pessoal da autora

No ano de 2016 me aposentei na Rede Estadual de Ensino após 31 anos em sala de aula como ARTE EDUCADORA, porém participei de vários cursos buscando ampliar ainda mais meus conhecimentos:

2019 – Participei do Curso no Atelier de Gravura, orientado pelo artista visual Roberto Tavares, do Centro Cultural Calouste Gulbenkian.

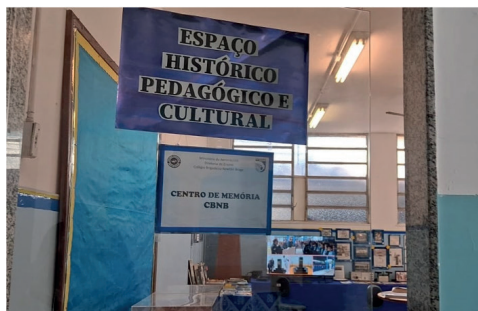
2020 – Curso online (período de pandemia) da ESCOLA DAS ARTES VISUAIS do Parque Lage intitulado “Pesquisa de Linguagens Espaço e tempo”.

Integro o Grupo de estudo em Processos de Criação na Arte Contemporânea orientado pelo professor Doutor João Wesley.

Após a pandemia, a professora Doutora Jussara Cassiano Nascimento, que já tinha iniciado um grupo especial de estudo com os professores do Fund I do CBNB abre inscrições para outros profissionais da casa. Me interessei e me inscrevo no Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD). A partir de então, temos encontros online quinzenais, onde estudamos e discutimos assuntos pedagógicos atuais que nos desafiam e entusiasmam dar continuidade ao nosso desenvolvimento enquanto seres humanos, enquanto profissionais e na aplicação de tais conhecimentos a bem da educação nos colégios onde atuamos, em especial no CBNB.

Finalizo aqui minhas narrativas dos caminhos de estudos e de trabalhos que percorri a partir do aprendizado e das leituras de mundo que fiz. GRATIDÃO!!

Figura 5: Centro de Memória do CBNB.



Fonte: arquivo pessoal da autora

Capítulo 8

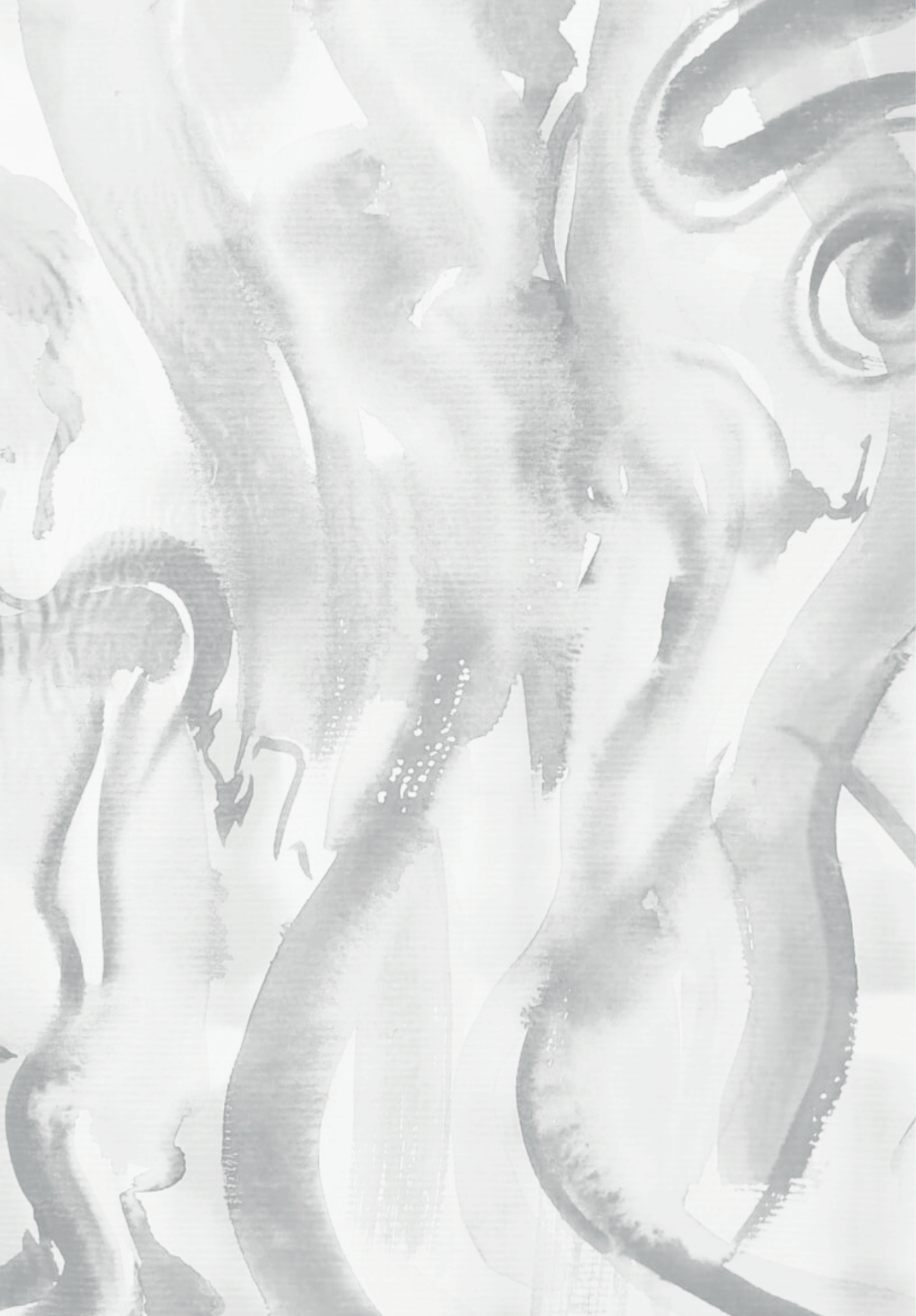
MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Marcelo Delena Trancoso (CBNB)



"A distinção entre passado, presente e futuro é apenas
uma ilusão teimosamente persistente."

Albert Einstein



MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Meu nome é Marcelo Delena Trancoso, sou Militar da Reserva da Força Aérea Brasileira (FAB) e Professor MSc. em Ensino de Química, no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), um estabelecimento Federal de Ensino, pertencente e administrado pela FAB, localizado na Ilha do Governador, Rio de Janeiro – RJ.

Nasci em 05 de agosto de 1963, na Cidade do Rio de Janeiro e sou o único filho de Sherley Fontes Trancoso (1937-2019) que era marceneiro e de Geiza Delena Trancoso (1933-2004) que era do lar. Tínhamos uma família numerosa, pois meus pais tinham, cada um, cinco irmãos que eram casados e tiveram filhos, assim eu tinha cerca de trinta primos.

Meu pai, desejava que eu fosse militar, talvez por ele ter cumprido o serviço militar na Aeronáutica, na extinta Escola de Aviação, hoje Universidade da Força Aérea (UNIFA), no Campo dos Afonsos. Minha mãe, gostaria que eu tivesse sido médico, talvez pelo grande contato que teve com esses profissionais, devido às internações no Hospital Federal dos Servidores do Estado (HFSE), por longos períodos, por conta da poliomielite que contraiu na infância e que a deixou com uma sequela que felizmente, não a impedia de se movimentar sozinha, embora tivesse dificuldades e necessitasse de ajuda para alguns deslocamentos.

Apesar de terem estudado somente até o antigo primário que hoje equivale ao Ensino Fundamental I, meus pais sempre me incentivaram ao estudo, à leitura, ao conhecimento.

Iniciei meus estudos no bairro do Realengo, onde morava. Minha primeira professora foi a “Dona Delma”. Ela era alfabetizadora, explicadora e ministrava aulas na garagem da sua residência, na rua Limites, naquele bairro. Foi essa senhora que me ensinou a ler e a escrever.

Como eu só sabia seu primeiro nome e decidi mencioná-la nesse trabalho por seu nome completo, fui até a sua casa. Não encontrei ninguém. Mas deixei um recado na caixa de correio, explicando porque estive lá e meu número de contato. No dia seguinte a própria professora me telefonou. Ela não lembrava de mim, mas quando falei meu sobrenome ela lembrou de imediato e inclusive contou algumas passagens que eu mesmo não recordava.

Assim, gostaria de mencionar aqui a Sra. Delma Xavier Germano, a

“Dona Delma”, muito importante na minha formação inicial e de tantas outras pessoas. Foi uma emoção muito grande conversar com ela, depois de tantas décadas, e ver que no auge dos seus quase noventa anos ela continua falando, alegre, risonha, brincando, da forma como eu a conheci, quando ela me alfabetizou por volta dos meus cinco ou seis anos.

Naquela época a idade para ingresso na escola pública era dos seis para os sete anos e as crianças já alfabetizadas, podiam fazer uma prova que dependendo do resultado, permitia a matrícula na primeira ou segunda série do primário, sem passar pelo jardim da infância.

Eu fiz essa prova e devido à pontuação que obtive, fui matriculado na segunda série, em 1970, na Escola Municipal Estado de Israel, minha primeira escola, onde estudei por quatro anos até a conclusão do primário.

Em 1974, fui estudar na Escola Municipal Rosa da Fonseca, no bairro Vila Militar, o antigo ginásio, depois chamado de primeiro grau e hoje Ensino Fundamental II. Essa escola ficava bem próxima a vários quartéis do Exército Brasileiro (EB) e ao lado da Companhia de Polícia do Exército (PE). Com isso, constantemente via os militares praticando educação física e recebendo algumas instruções, além de observar um intenso movimento de viaturas e da cavalaria. Acho que foi lá que comecei a gostar da vida militar.

Como a escola ficava distante, estudei lá somente dois anos, quando meus pais me transferiram para a Escola Municipal Gil Vicente, em Realengo, que além de mais próxima da minha casa, tinha também um ensino bem mais aprofundado, mais conteudista, exigente e uma disciplina muito maior que a escola anterior, com uma série de normas que o diretor, o Professor Ivan Rocco Constante Marchi e sua equipe faziam cumprir.

Assim, éramos fiscalizados quanto a apresentação do uniforme, os sapatos tinham que estar polidos, as alunas tinham um tamanho padrão de saia, os rapazes um padrão de corte de cabelo e até aquele início de bigode da adolescência, nem pensar. Quando os professores, funcionários ou convidados entravam nas salas de aula, ficávamos de pé e aguardávamos que o mesmo cumprimentasse a turma, para então sentarmos. Entrávamos em forma para o hasteamento da Bandeira, cantávamos o Hino Nacional e éramos estimulados a prática esportiva, inclusive pelo próprio diretor que comparecia aos jogos internos e campeonatos.

Foi ótimo ter estudado na Escola Gil Vicente, onde aprendi muito em todos os sentidos. Foi lá que, pelas aulas da Professora Maria Honorina,

comecei a gostar das Ciências.

No ano de 1985, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, criou a Escola Municipal Professor Ivan Rocco Marchi (LEIS MUNICIPAIS, 1985), no bairro de Deodoro. Uma justa e muito merecida homenagem a um Professor que por tanto anos se dedicou ao ensino, à valorização da educação e à formação de bons cidadãos.

Naquela época, para continuarmos a estudar na Escola Pública, após a conclusão do ginásio, tínhamos que fazer o concurso para ingresso no segundo grau, o atual Ensino Médio. Prestei concurso para o Colégio Estadual Leopoldina da Silveira, localizado no bairro de Bangu, fui aprovado e ingressei no Curso Técnico de Saúde, onde além das disciplinas convencionais, estudei epidemiologia, estrutura e funções dos órgãos do corpo humano, métodos de higiene, primeiros socorros, etc. Até hoje gosto muito dessa área.

No colégio tínhamos aulas de Educação Física, com o Professor de Hamilton Leão de Oliveira (1934-2015), um apaixonado pelo voleibol, que jogou na Seleção Brasileira, competiu nos Jogos Olímpicos de Verão em 1964, em Tóquio, Japão e que buscava nos motivar a prática desse esporte. Foi lá que comecei a jogar vôlei, esporte que gosto e acompanho até hoje. Cheguei inclusive a integrar o time do colégio, participei de alguns campeonatos, mas não conseguimos nenhum título.

Motivado pela movimentação dos militares do Exército que vi quando estudei na Escola Rosa da Fonseca, por morar em Realengo, onde constantemente via aviões militares se dirigindo ao Campo dos Afonsos e incentivado por meu pai, durante o segundo grau prestei concurso para a Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAr), mas não consegui aprovação.

Embora o concurso fosse a nível de primeiro grau, alguns conteúdos da prova eu nunca tinha ouvido falar. Assim, no início de 1982, já formado no segundo grau, ingressei no Curso MKS, em Bangu, que era um preparatório para concursos militares.

Em julho daquele mesmo ano, fui prestar o serviço militar inicial, na Base Aérea dos Afonsos (BAAF). Em consequência dos quatro meses do curso de formação que por várias vezes exigia que ficássemos após o expediente, deixei o MKS.

Na BAAF, me apaixonei pela Força Aérea, uma paixão que dura até hoje e decidi tentar seguir a carreira militar. Com isso, em janeiro de 1983,

comecei no Curso Soeiro, em Cascadura, visando a preparação para a prova da EEAR que aconteceu em maio daquele ano.

Foram quatro meses de muito estudo, dedicação e aprendizado que teve como resultado a minha aprovação e no dia 24 de julho de 1983, num domingo, meus pais me deixaram na Escola, localizada em Guaratinguetá – SP. Lembro até hoje que minha mãe foi embora chorando e segundo meu pai, chorou durante toda viagem de volta pra casa.

Iniciei uma nova etapa. Os primeiros dias foram bastante difíceis. Muitas novidades, estava longe de casa, com pessoas de variados estados do Brasil, de diferentes hábitos, “uma pressão muito grande” como dizem os jovens de hoje, mas uma experiência fantástica.

Foram dois anos de estudos no Curso de Infantaria de Guarda. Após a conclusão, em 10 de julho de 1985, fui designado para o Segundo Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (CINDACTA II), em Curitiba – PR, onde trabalhei na Polícia da Aeronáutica (PA) e ministrei instrução militar para a formação de soldados.

Lembro nitidamente do dia que cheguei àquela cidade, era julho, fazia muito frio, ao menos para um carioca não acostumado a baixas temperaturas. Mas gostei de Curitiba logo nos primeiros dias. A organização, o transporte, a limpeza, a segurança e outras tantas qualidades da cidade me impressionaram. Além disso, a cidade me era muito familiar, andar por suas ruas me dava a nítida impressão que eu já estivera ali, mesmo sem nunca ter estado.

Lá continuei a estudar. Ingressei no curso noturno, de Análise de Sistemas, na Faculdade de Plácido e Silva, mas logo desisti, não por falta de vontade, mas naquela época, meu pai teve um problema nas cordas vocais, fez cirurgia e ficou algum tempo sem poder falar direito. Com isso, ao longo dos três anos que trabalhei em Curitiba, vinha para o Rio praticamente todos os finais de semana. Saía de lá às sextas-feiras no fim da tarde e após treze horas de viagem chegava em casa. No domingo à tarde voltava. Era muito cansativo, além de perder aulas todas as sextas. Mas as viagens valeram a pena, pois tenho certeza que minha presença, ainda que nos fins de semana, ajudava de alguma forma, já que eu era o único filho.

Meu pai ficou curado. Mas achei por bem estar perto deles. Assim, solicitei transferência para o Rio de Janeiro e em julho de 1988, fui trabalhar na Diretoria de Material Bélico (DIRMAB), na Ilha do Governador e voltei a

morar no bairro do Realengo.

Nessa nova unidade o expediente era somente à tarde, com isso decidi voltar a estudar e no ano seguinte, fevereiro de 1989, ingressei no curso de Química Industrial, nas Faculdades Reunidas Nuno Lisboa (FRNL), que ficava no bairro de Vaz Lobo.

O ensino era ótimo. Professores exigentes, avaliações complexas e parte do corpo docente formado por militares da reserva que lecionaram no Instituto Militar de Engenharia (IME). Essa mistura conferiu a Faculdade Nuno Lisboa o apelido de “IME de Vaz Lobo”.

Foi um excelente curso. Eu adorava as aulas experimentais, a análise e preparação de substâncias, o uso dos equipamentos, me sentia em casa nos laboratórios. Algumas aulas são inesquecíveis, como as aulas experimentais e teóricas de Química Orgânica do Professor Eudes; de Físico-Química do Professor Jorge Sobral e de Química Analítica, ministradas pela Professora Maria Odete, uma disciplina considerada difficilima pelos estudantes.

Como eu estava no curso de química e professores dessa disciplina já eram escassos, fui chamado para lecionar no Colégio Mercúrio, na Pavuna, para ocupar o lugar de um professor que saiu. As aulas seriam à noite até que o colégio conseguisse um professor.

Fui ao colégio, conversei com a direção e acertamos que eu daria aula duas vezes por semana, para duas turmas, sendo uma da oitava série, atual nono ano, e outra de primeiro ano do Ensino Médio. Fiquei no colégio por três semanas. A experiência de estar à frente de uma turma foi fantástica. Gostei de lecionar no primeiro dia e decidi ser professor.

Em julho de 1993, concluí o curso de Química Industrial e em agosto daquele mesmo ano, iniciei o curso Pós-Graduação Lato Sensu em Docência Superior, na Universidade Castelo Branco (UCB), em Realengo. O curso teve duração de dezoito meses, era somente aos sábados e nele busquei conhecer disciplinas da área de educação, como metodologia científica, didática, antropologia e educação, dentre outras, que faziam parte do currículo.

Naquele ano no mês de setembro, recebi a Medalha Militar de Bronze, pelos bons serviços prestados a Força Aérea Brasileira.

Para conclusão da Pós-Graduação era necessária a apresentação de uma monografia, o que não foi fácil, pois eu não tinha prática de sala de aula. Mas, nas várias pesquisas que realizei, constatei que a falta de aulas

experimentais era – e ainda é – uma enorme falha no ensino de química. Como eu conhecia bem a parte experimental, devido ao curso de Química Industrial, apresentei a monografia intitulada O Ensino de Química (TRAN-COSO, 1994), onde propus métodos experimentais que pudessem facilitar o ensino dessa disciplina e, em dezembro de 1994, concluí a Pós-Graduação.

No intuito de ser professor, em março de 1995, ingressei no Curso de Licenciatura em Química, na Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHU-PE), no bairro de São Cristóvão.

Como eu já era Químico Industrial, foi necessário cursar somente as disciplinas da área de educação e também, geometria analítica e álgebra linear. Com isso, necessitei ir à faculdade somente três dias por semana, pela manhã, durante um ano, e em janeiro de 1996, recebi os títulos de Bacharel em Química e Licenciado em Química.

No mesmo ano, fui transferido da DIRMAB para o Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS), mais conhecido como PARA-SAR, localizado na BAAF. Foi uma volta às origens. Como nessa nova unidade as atividades eram muito diferentes da minha unidade anterior e o expediente era integral, não procurei escolas para lecionar por dois anos.

Em solenidade realizada na BAAF, em 1996, recebi a Medalha Bartolomeu de Gusmão, pelos apreciáveis serviços prestados à Força Aérea Brasileira.

No início de 1998, comecei a lecionar à noite, num curso preparatório para Escolas Técnicas. Era uma turma com trinta alunos que estavam na oitava série, hoje nono ano. Como eram muito novos, eram agitados, conversavam muito. Trabalhei lá por um ano, pois o proprietário não teve interesse em continuar com o curso.

No ano seguinte, trabalhei com o Ensino Médio, também à noite, no Colégio Realengo (CR) e no Colégio Souza Lima (CSL), ambos localizados em Realengo.

No Colégio Realengo, lecionei somente por um ano, para duas turmas. Já no Colégio Souza Lima, trabalhei por três anos e com turmas do Curso Técnico de Enfermagem. Foi muito interessante, pois a pedido da Coordenação, às aulas deveriam ser voltadas, sempre que possível, para a aplicação prática da disciplina lecionada na enfermagem. Assim, conversei com professores do curso, vi as necessidades e ajustei as minhas aulas.

Ainda em 1999, me foi concedido pelo EAS, o título de “Graduado

Padrão”, devido as atividades que vinha desenvolvendo naquela Unidade. Para mim um título muito importante, principalmente, porque fui indicado para recebê-lo pelos meus próprios pares, componentes do mesmo Esquadrão.

No ano 2000, assumi uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, no Centro Educacional Piraquara (CEP), em Realengo, à noite. Entretanto, essa turma necessitava também, de um professor de física e como estes são mais raros que docentes de química, não apareceu nenhum. A coordenação perguntou se eu podia lecionar física. Inicialmente recusei, mas a direção me passou os conteúdos da disciplina e pediu que eu olhasse. Analisei, vi que estudei aqueles conteúdos na Química Industrial e assumi também a disciplina de física.

Nos anos seguintes novas turmas foram formadas, um professor de física foi admitido e passei a lecionar somente química. Trabalhei no CEP até o final de 2004. Foram cinco anos de ótimas experiências, o ambiente tanto com professores quanto com alunos era muito agradável. Organizamos feiras de ciências, fui paraninfo de uma turma de Ensino Médio e ainda hoje acompanho a vida de alguns ex-alunos de lá nas redes sociais.

No fim de 2003, soube por um militar da Aeronáutica que o CBNB ia necessitar de professores de química, pois dos seis professores lá existentes, cinco poderiam se aposentar nos próximos anos. Fui ao colégio, conversei com o diretor, o Professor Luiz Otávio Ebendinger Martins, que confirmou que em breve realmente haveria necessidade nessa área.

Assim, em virtude dessa necessidade e de ser militar da Aeronáutica, em fevereiro de 2004, fui transferido para o CBNB, onde iniciei uma nova trajetória, novas atividades e experiências, totalmente diferentes das que vivi até então.

O colégio é muito grande, tinha muitas turmas, um enorme número de alunos, funcionava nos três turnos e tinha um Laboratório de Química, onde observei de imediato que poderia desenvolver ali novas atividades, trabalhos, pesquisas.

Naquele primeiro ano no colégio, assumi quatro turmas de Ensino Médio, sendo uma de terceiro e três de primeiro ano e meu primeiro trabalho foi catalogar e etiquetar todo material existente no laboratório, tanto equipamentos quanto reagentes, junto com o Professor de Química – Rogério Gartz de Vasconcelos, que era o Coordenador da Disciplina.

Foi o início de uma grande amizade e muito aprendizado. O Pro-

fessor Rogério, um excelente professor, muito comprometido com o ensino e com várias atividades no colégio, tinha amplo conhecimento do laboratório, onde também ministrava aulas experimentais, prática que eu não tinha. Aprendi muito com ele, sobre a preparação dessas aulas e graças as suas mais variadas orientações, eu também comecei a ministrar aulas no laboratório.

Apesar das mudanças que me agradaram, aquele foi um ano difícil. Minha mãe adoeceu e veio a falecer no mês de setembro, deixando um grande vazio.

No ano seguinte, por ser militar da ativa, passei a treinar a Guarda-Bandeira do colégio, que é composta pelos alunos com os maiores coeficientes de rendimento (CR) do terceiro ano do Ensino Médio, uma atividade que exerço até hoje.

Em agosto de 2008, ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para realizar o curso de Especialização em Ensino de Química, na primeira turma de pós-graduação Lato Sensu do Instituto de Química (IQ).

O curso teve duração de dezoito meses e o conhecimento que adquirir foi muito bom. Optei pela área da História da Ciência, apresentei a monografia intitulada Os Primeiros Filósofos Gregos Contribuindo para o Ensino da Química no Ensino Médio (TRANCOSO, 2010). Tive como orientadora a Professora Dra. – Nadja Paraense dos Santos, com quem muito aprendi a pesquisar nessa área.

Em 2008, coordenei uma visita as instalações do Laboratório Químico-Farmacêutico da Aeronáutica (LAQFA), visando que nossos alunos conhecessem uma das inúmeras atividades da FAB, motivá-los ao estudo das ciências e ajudá-los na escolha de uma carreira. Essa atividade que coordenei de 2008 a 2017 e retomei em 2024, é muito gratificante, pois atualmente, temos vários ex-alunos Farmacêuticos que dizem ter optado por essa área, após a visita àquele Laboratório.

Ainda em 2008, assumi a função de Professor Representante das Olimpíadas de Química, introduzindo esse evento no CBNB. Naquele ano inscrevi os alunos do Nono Ano, na primeira Olimpíada Brasileira de Química Júnior (I OBQJr), atividade que coordenei por nove anos. De 2010 a 2021, inscrevi alunos do Ensino Médio, na Olimpíada de Química do Rio de Janeiro (OQRJ). Mais tarde, em 2020 e 2021, coordenei no colégio a Olimpíada

Nacional de Ciências (ONC), voltada para alunos dos Ensinos Fundamental II e Médio.

Nessas três Olimpíadas tivemos vários alunos premiados com medalhas nos três primeiros lugares e diversos que receberam menções honrosas.

Por coordenar essas atividades, em 2014, recebi a Medalha Mérito Educacional, da Associação Brasileira de Química Regional do Rio de Janeiro (ABQ-RJ).

De 2009 a 2011, trabalhei no Curso Lincoln, na Ilha do Governador, um preparatório para as Escolas Militares, onde lecionei para turmas interessadas no concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX). Foi mais uma ótima experiência, pois para as escolas militares, os conteúdos são bem mais amplos do que aqueles trabalhados no Ensino Médio, o que me fez revisar conteúdos e elaborar exercícios com maior grau de dificuldade.

Naquela época trabalhei também, no Centro Educacional Modernel (CEM), também na Ilha do Governador, lecionando para turmas do Ensino Médio.

Em 2010, participei do Primeiro Evento de Elaboração de Itens do Banco Nacional de Itens (BNI), realizado em Brasília – DF e organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com a finalidade de elaborar questões para montagem de um banco de questões para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

No início do ano de 2010, a Diretora Pedagógica do CBNB, Professora Maria da Conceição da Mota Rodrigues, mais conhecida por Professora Branca, me informou que o colégio há cerca de dez anos não tinha feira de ciências e que em novembro daquele ano, aconteceria a Feira da Cultura, um evento que misturava as áreas de Humanas e Ciências Exatas e da Terra ou seja, seria uma Feira de Ciências dentro da Feira da Cultura.

A professora acrescentou que por ser o Coordenador da Disciplina de Química, cargo que exerci por duas vezes – de janeiro 2010 a julho 2011 e de janeiro 2020 a janeiro 2023 – eu teria que organizar a Feira de Ciências. Assumi a organização e juntamente com outros professores, divulgamos a Feira nas turmas do colégio, visando motivar os alunos a participar.

Alguns meses antes da realização do evento, um grupo de alunos do segundo ano do Ensino Médio, me perguntou se eu poderia orientar o

trabalho deles, cuja ideia era realizar um experimento para transformar óleo de fritura usado em sabão e além dessa prática, contar a possível origem do sabão e explicar os efeitos do despejo desse óleo no meio ambiente.

Concordei em orientá-los, desde que eles conseguissem o óleo usado. Dois meses depois, o grupo havia conseguido cerca de trinta litros de óleo, quantidade muito grande para ser empregada na Feira. Assim, sobraram muitos litros que ficaram no laboratório de química.

Um ano depois, novembro/2011, na nova Feira da Ciências que também coordenei, alguns alunos do mesmo grupo de 2010, perguntaram se eu poderia orientá-los num experimento que mostraria a obtenção do biodiesel, também a partir do óleo usado. Aceitei orientá-los novamente. Sendo assim, o grupo coletou mais óleo e ao final dessa segunda Feira de Ciências, eu tinha cerca de cinquenta litros de óleo usado armazenados no laboratório.

Como eu estava coordenando a parte das ciências e a quase totalidade dos trabalhos da Feira envolvia química, sugeri aos professores dessa disciplina que além de avaliarmos os grupos para fornecermos pontuações para serem somadas as notas dos alunos, que também, nos reuníssemos ao final do evento, escolhêssemos os três melhores trabalhos de química e entregássemos um certificado aos três primeiros lugares.

Os professores concordaram, criei um modelo de certificado e assim procedemos.

Nos anos de 2010 e 2011, os grupos que trabalharam com o óleo usado, foram os primeiros colocados nas duas Feiras. Baseado nisso, na quantidade de óleo usado guardado no laboratório e sabendo dos problemas que este óleo poderia causar ao meio ambiente, tive a ideia de criar um projeto para promover a coleta desse óleo, que começou no ano seguinte.

Em 2011, publiquei o trabalho Construindo um Extintor de Incêndio (TRANCOSO, 2010) no livro *A química perto de você: experimentos de baixo custo para a sala de aula do ensino fundamental e médio*, lançado pela Sociedade Brasileira de Química (SBQ) em comemoração ao Ano Internacional da Química (AIQ-2011), proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Foi uma publicação muito importante, não só por ter sido o primeiro capítulo que publiquei, mas também, porque este foi o primeiro experimento que realizei, quando estava na sexta série, na feira de ciências, da Escola Rosa da Fonseca.

Ainda em 2011, a Organização das Nações Unidas para a Educa-

ção, a Ciência e a Cultura (UNESCO), promoveu o experimento The Global Experiment of the Internacional Year of Chemistry 2011 (A Experiência Global do Ano Internacional da Química 2011), que foi considerado o maior experimento químico do mundo, intitulado “Água: Uma solução química”, que tinha por objetivo medir o pH da água do planeta, empregando kits de medição fornecidos pela UNESCO. Participei dessa atividade, com dois grupos de alunos. Medimos o pH na Praia do São Bento e no Rio Jequiá, ambos na Ilha do Governador e inserimos as medições num mapa interativo que posteriormente fez parte do Banco de Dados Global.

Em março de 2012, chegou ao colégio a Professora de Biologia Elisângela de Souza Cunha, do Quadro Complementar de Oficiais. Ela soube da ideia de criar o projeto com o óleo usado, me procurou trazendo algumas ideias e iniciamos o Projeto Coleta do Óleo Usado: Preservar o Meio Ambiente e Adquirir Melhores Alternativas para a Saúde, juntamente com seis alunas do Ensino Médio, cuja ideia era mostrar nas turmas do colégio e em eventos científicos, a produção do sabão, destacar os efeitos nocivos ao meio ambiente causados pelo óleo usado e solicitar que os alunos doassem o óleo usado em suas casas para o colégio.

Como recebemos grande quantidade de óleo usado resolvemos, além de fazer sabão, trocar o óleo numa cooperativa por produtos de limpeza que eram utilizados no colégio.

Naquele ano, além de várias turmas do colégio, apresentamos o projeto em três grandes eventos: II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica – Florianópolis-SC; Feira de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia da Rio+20 – FEMACT RIO+20; e VI Feira de Ciências Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro – VI FECTI, a maior feira de ciências do Estado, na qual fomos premiados com o primeiro lugar na área de Ciências Exatas e da Terra. Essa premiação, aliada aos mais de trezentos litros de óleo que coletamos no primeiro ano de atividades, nos motivou a continuar a desenvolver o projeto.

Infelizmente, em 2013, por motivos particulares, a Professora Elisângela, não pode continuar no projeto. Continuei a desenvolvê-lo com um grupo de estudantes. Em 2014, passou a colaborar no projeto voluntariamente, a ex-aluna do CBNB, Alessandra Lemos do Nascimento, que participou dos dois primeiros anos do projeto, mas que deixou o colégio em dezembro de 2013, por conta da conclusão do Ensino Médio.

O projeto cresceu! Concluí que ia durar mais tempo do que imaginava. Assim, decidi modificar seu nome original e passei a colocar ao final, o número do ano de atividade, passando o projeto a ser chamado de Projeto Coleta do Óleo Usado – Ano III.

Em junho de 2014, recebi a Medalha Mérito Santos Dumont, pelos destacados serviços prestados a Força Aérea Brasileira.

Devido a sua enorme dedicação ao projeto, trazendo ótimas e variadas ideias para melhorá-lo, em 2015, a ex-aluna Alessandra Lemos, passou a ser coautora do projeto.

Quando o projeto completou dez anos de atividades, em 2022, escrevemos o capítulo PROJETO COLETA DO ÓLEO USADO: Dez anos de histórias e seus desdobramentos (TRANCOSO e NASCIMENTO, 2022), onde contamos com detalhes a sua história.

Atualmente o projeto está no décimo quarto ano de atividades – Projeto Coleta do Óleo Usado – Ano XIV. Até dezembro de 2024, participaram do projeto 36 estudantes do Ensino Médio; o projeto foi apresentado em 46 eventos, tanto no Rio de Janeiro quanto em outros estados e em 33 turmas de colégio; foi publicado em revistas, anais de congressos e jornais; recebeu três premiações; coletou 3.939 litros de óleo usado que trocamos por 2.861 litros de produtos de limpeza, que foram todos entregues ao setor responsável pela limpeza do CBNB. Além disso, as alunas participantes do projeto, produziram 351 barras de sabão.

Motivado pelo projeto Coleta do Óleo Usado, resolvi desenvolver outros projetos, dentre eles um sobre óleos essenciais, onde tentei extrair essências para adicioná-las aos sabões, pois assim deixaria de comprá-las, já que as mesmas são caras. Entretanto, durante a extração desses óleos, concluí que as quantidades obtidas eram muito pequenas para serem adicionadas aos sabões, mas suficientes para produção de velas aromáticas.

Assim, em 2013, comecei a desenvolver o Projeto Óleos Essenciais: História, Extração e Aplicações na Aromaterapia, que conta parte da história dos óleos essenciais, mostra a obtenção experimental de alguns óleos, tais como, citronela, hortelã, lavanda, dentre outros, produz velas aromáticas e explica as propriedades terapêuticas da aromaterapia.

Dois anos depois, a ex-aluna Alessandra Lemos, passou a ser coautora desse projeto. Em 2023, ao completarmos dez anos de atividades, escrevemos o capítulo PROJETO ÓLEOS ESSENCIAIS: história, obtenções

e aplicações, ao longo dos seus dez anos de atividades (TRANCOSO e NASCIMENTO, 2023), onde contamos toda a história do projeto.

Esse projeto foi apresentado em 21 eventos e recebeu quatro premiações.

Em 2014, retornei a UFRJ, como aluno do curso de Mestrado Profissional em Ensino de Química, a primeira turma de Mestrado Profissional do IQ. Optei novamente pela área de História da Ciência e tive a mesma orientadora, a Professora Dra. – Nadja Paraense.

Por ser um Mestrado Profissional era necessário que além da dissertação, fosse preparado também, um material que servisse como fonte de consulta para docentes e discentes, podendo ser um caderno com experimentos, uma apostila, um filme, dentre outros.

Na minha dissertação, intitulada A História das Ciências Colaborando no Estudo da Estrutura Atômica e dos Modelos Atômicos no Ensino Médio (TRANCOSO, 2016), elaborei um caderno temático, onde relatei fatos sobre a vida particular e acontecimentos políticos, religiosos e socioeconômicos, que influenciaram na vida e no trabalho de seis cientistas que desenvolveram suas pesquisas sobre a Estrutura e os Modelos Atômicos.

O curso, que concluí em 2016, foi um grande aprendizado. A minha dissertação foi publicada em dois livros. Um com o mesmo nome da dissertação (TRANCOSO e SANTOS, 2017) e outro intitulado Uma breve história do átomo e seus modelos: uma possível contribuição à história da química no ensino médio (TRANCOSO e SANTOS, 2017).

Durante a minha defesa a Professora Dra. – Tânia de Oliveira Camel, que fez parte da banca, sugeriu que eu transformasse o caderno temático num pequeno livro, uma ideia que me agradou. Dessa forma, dois anos depois da conclusão do curso, publiquei o livro Uma breve história do átomo e seus modelos (TRANCOSO, 2018), no qual acrescentei diversas outras informações, fotos e curiosidades sobre a vida daqueles mesmos seis cientistas.

Em 2015, eu e Alessandra Lemos iniciamos o Projeto Combustíveis Alternativos: Importância, Obtenções e Aplicações, que mostra experimentalmente, a obtenção do biodiesel a partir do óleo usado; do etanol a partir dos caldos da cana-de-açúcar e da beterraba; do gás hidrogênio a partir de latinas de refrigerante e palha de aço, e do biogás a partir de sobras de alimentos, estrume e água num biodigestor. A partir dos experimentos, as alunas que participaram do projeto destacavam a importância econômica desses

combustíveis para o desenvolvimento do país e para o meio ambiente.

Esse projeto foi apresentado em 27 eventos e recebeu seis premiações.

Dentre as alunas que participaram desse projeto, destaco a nossa ex-aluna Laila Quaresma Ferreira, atualmente estudante do Curso de Farmácia, da UFRJ. Ela trabalhou conosco durante todo o Ensino Médio, apresentou o projeto no Simpósio de Profissionais do Ensino em Química (SIMPEQ), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atuou ativamente em quatro das nossas seis premiações e ainda hoje, acompanha os nossos trabalhos ou mesmo colabora conosco em alguns eventos.

Alessandra, Laila e eu nos tornamos bons amigos. Temos longas e ótimas conversas e nossos encontros são sempre regados de alegria e boas risadas.

Em julho de 2015, após 33 anos de efetivo serviço, passei para a reserva. Como eu pretendia continuar a trabalhar, solicitei a Prestação de Tarefa por Tempo Certo (PTTC). Entretanto, esse processo levava algum tempo e como estávamos no meio do ano letivo, combinei que o diretor do colégio que eu continuaria a lecionar como “Amigo da Escola”, até a resposta ao processo e que caso não fosse autorizado, eu sairia imediatamente. Quatro meses depois, em 19 de novembro, a PTTC foi autorizada. Com isso, não interrompi o trabalho no colégio, continuei normalmente em sala de aula e a desenvolver os projetos.

Em novembro daquele ano, após onze anos da minha saída do PARA-SAR, recebi daquela Unidade, o título de Pastor Honorário. Um título que muito me honra, pois além de sermos indicados pelos próprios colegas do EAS, tenho enorme orgulho de ter trabalhado naquele Esquadrão. Foi uma etapa muito importante e gratificante da minha carreira militar, onde fiz amigos e muito aprendi. Uma época da qual sinto grandes saudades.

Naquele mesmo ano, substitui um professor por três meses, no Colégio Santa Marcelina (CSM). Uma escola extremamente organizada, com ótimo laboratório e excelente estrutura, o que me proporcionou mais uma grande experiência na educação.

Em 2019, tive mais um ano bastante difícil. Após meses de tratamento, meu pai faleceu em maio. A sensação de ser órfão, apesar de ser adulto e ter a vida definida, foi muito ruim. Mas a vida precisava seguir...

Em 2022, iniciei o Projeto Água: Importância para a Vida, Tratamento e Conscientização, com um grupo de alunas e Alessandra Lemos, como coautora. Esse projeto destaca a relevância da água para a vida, os problemas da sua escassez, os elevados custos no seu tratamento e a importância de sua conservação. Além disso, o trabalho mostra um modelo de estação de tratamento de água (ETA), com cinco recipientes interligados. Ao primeiro adicionamos água muito suja, inclusive com resíduos sólidos. A água que atravessa os recipientes é filtrada, recebe produtos químicos e é recolhida cristalina, no quinto recipiente.

Esse projeto foi apresentado em três eventos científicos e premiado nos três.

Além desses quatro projetos, escrevi alguns trabalhos para eventos científicos específicos, também com a coautoria da Alessandra Lemos, participação de alunos e que foram apresentados somente em um ou dois desses eventos. São eles:

- A Acidez do Solo e suas Consequências para o Meio Ambiente (2016), que foi apresentado somente na X Feira de Ciências Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro (X FECTI), e foi premiado com o segundo lugar na área de Ciências Exatas e da Terra.

- Refrigerantes: História, composição e malefícios (2016).
- Radioatividade: História, aplicações e perigos (2019).
- Bebidas Gaseificadas – Refrigerantes: História, acidez, açúcares e malefícios (2023).

- Chuva Ácida: Formação, consequências e prevenções (2024).

Em 2024, desenvolvi juntamente com o Professor Dr. – Warley Pereira Pires, de geografia e quatro estudantes do Ensino Médio, o trabalho Investigação forense de drogas em rodovias, que foi apresentado em dois eventos científicos.

De 2022 a 2024, trabalhei na Fundação Centro de Ciências e Educação Superior do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ), ministrando aulas remotas, para alunos interessados nos concursos dos Institutos Militar de Engenharia (IME) e Tecnológico da Aeronáutica (ITA).

Em 2023, também ministrei aula remotas para o sexto ano da Escola Caminho das Estrelas (ECE), pertencente a FAB, que estava com carência de professores de química.

Devido as reformas na educação provocadas pela nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC), em 2021, a direção do CBNB criou um Grupo de Trabalho para implantação da nova BNCC (GT-BNCC), visando cumprir as diretrizes emanadas pelo Governo Federal, que previam, dentre outras, a criação dos Itinerários Formativos.

Após muitos debates o GT-BNCC definiu que o CBNB teria cinco itinerários, dentre eles o Itinerário Formativo Vida Militar (IFVM), que visa preparar os alunos interessados em ingressar na carreira militar para as Escolas Militares. Em fevereiro de 2022, a convite do Diretor do CBNB, assumi a Coordenação do IFVM e conseqüentemente passei a ser Membro do GT-BNCC, visando dentre outros, elaborar o curriculum para os alunos desse itinerário.

Naquele mesmo ano, um grupo de professores de ciências teve a ideia de modificar a tradicional Feira de Ciências e criou a I Mostra Estudantil de Ciência, Tecnologia e Inovação (I MECTI) que buscou o desenvolvimento, pelos estudantes, de trabalhos interdisciplinares. Como era um novo trabalho e devido a minha longa experiência em organizar eventos dessa natureza, fui designado como coordenador da I MECTI.

Essa Mostra aconteceu por dois anos sendo substituída, em 2024, pela Primeira Feira de Arte, Cultura, Tecnologia e Ciência (I FACTEC), uma Feira mais abrangente e mais exigente que a MECTI, a começar pela entrega e avaliação de um trabalho por trimestre, fazendo com que os grupos desenvolvessem suas pesquisas ao longo de todo ano letivo.

Mais uma vez, devido àquela experiência, fui designado Coordenador Pedagógico da I FACTEC. O trabalho foi muito cansativo, pois como a Feira era inédita, escrevi normas, planejei avaliações, convidei professores, etc. Mas, tive a oportunidade de trabalhar e conhecer o trabalho da Professora Dra. Jussara Cassiano Nascimento, que foi a Coordenadora Geral, desse evento. Com grande experiência na educação e no ensino, elevada competência e enorme dedicação, a Professora Jussara tornou o trabalho muito mais “leve”, mais simples, mais fácil, me proporcionando mais uma ótima e gratificante experiência.

Na I FACTEC, coordenei cinco trabalhos, número máximo que um professor podia coordenar. Um deles, intitulado Heróis da Ciência: Uma peça teatral, criado por um grupo do terceiro ano, foi premiado com o terceiro lugar, dentre os 48 trabalhos apresentados.

Nas comemorações do aniversário do CBNB, em abril 2024, recebi o Diploma de Reconhecimento, pelos serviços prestados ao colégio, com amor, ética, responsabilidade e seriedade no desempenho das minhas funções. Foi um diploma especial, pois a indicação dos três professores que o receberam, foi realizada pelos próprios docentes, meus pares.

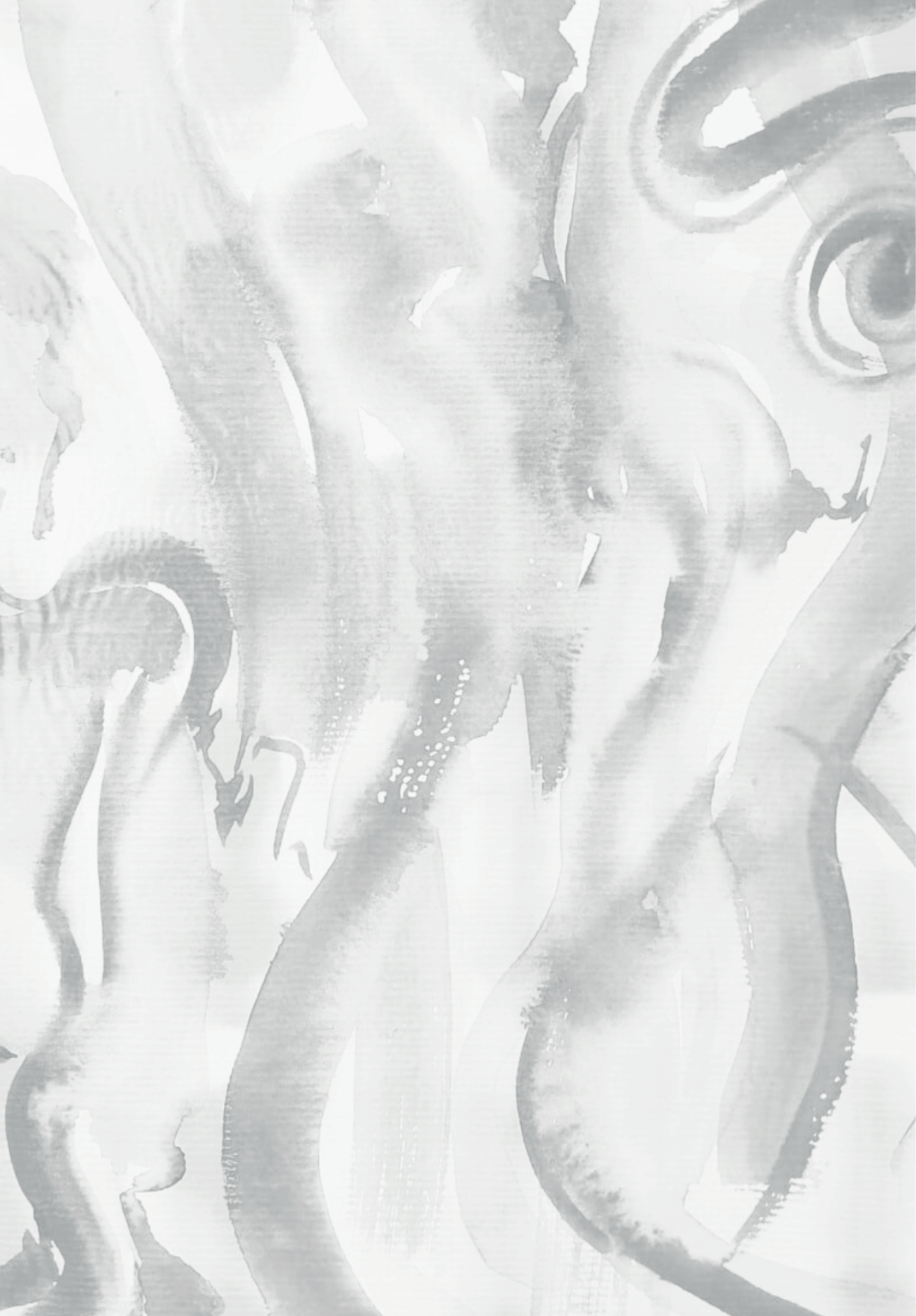
Ao longo da minha carreira como professor, além do que já relatei até aqui, durante vários anos fui professor Coorientador de Estágio Supervisionado de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação da UFRJ, um trabalho bastante gratificante, pois pude colaborar na formação de futuros professores de química.

Visando complementar minha formação profissional e me manter atualizado, realizei 33 cursos de aperfeiçoamento e participei de 109 eventos científicos dentre congressos, simpósios, encontros e outros, tanto no Rio de Janeiro quanto em outros estados.

Além disso, com os projetos e trabalhos que desenvolvi no CBNB, recebi junto com os alunos que participaram dessas atividades, 19 premiações em eventos científicos.

Um dia, meu tempo no ensino e na Aeronáutica encerrarão. Mas sempre levarei em meu coração os amigos, os aprendizados, os trabalhos, a paixão pelas Ciências/Química, pelo ensino, pela educação e pela pesquisa. Carregarei também comigo, um amor enorme pela Força Aérea Brasileira e uma grande admiração pela importante missão que ela possui.

Escrever essas linhas foi a “revisão” de grande parte da minha história de vida, já que muitos itens aqui estavam “adormecidos” em minha memória. Hoje, só posso agradecer mais uma vez a Deus, por ter me presenteado com excelentes Pais, por sempre ter cuidado de mim, da minha vida, guiado meus passos e ter sido tão bom e generoso comigo. Agradeço também, a minha família que acompanhou minha história e sempre torceu por mim.



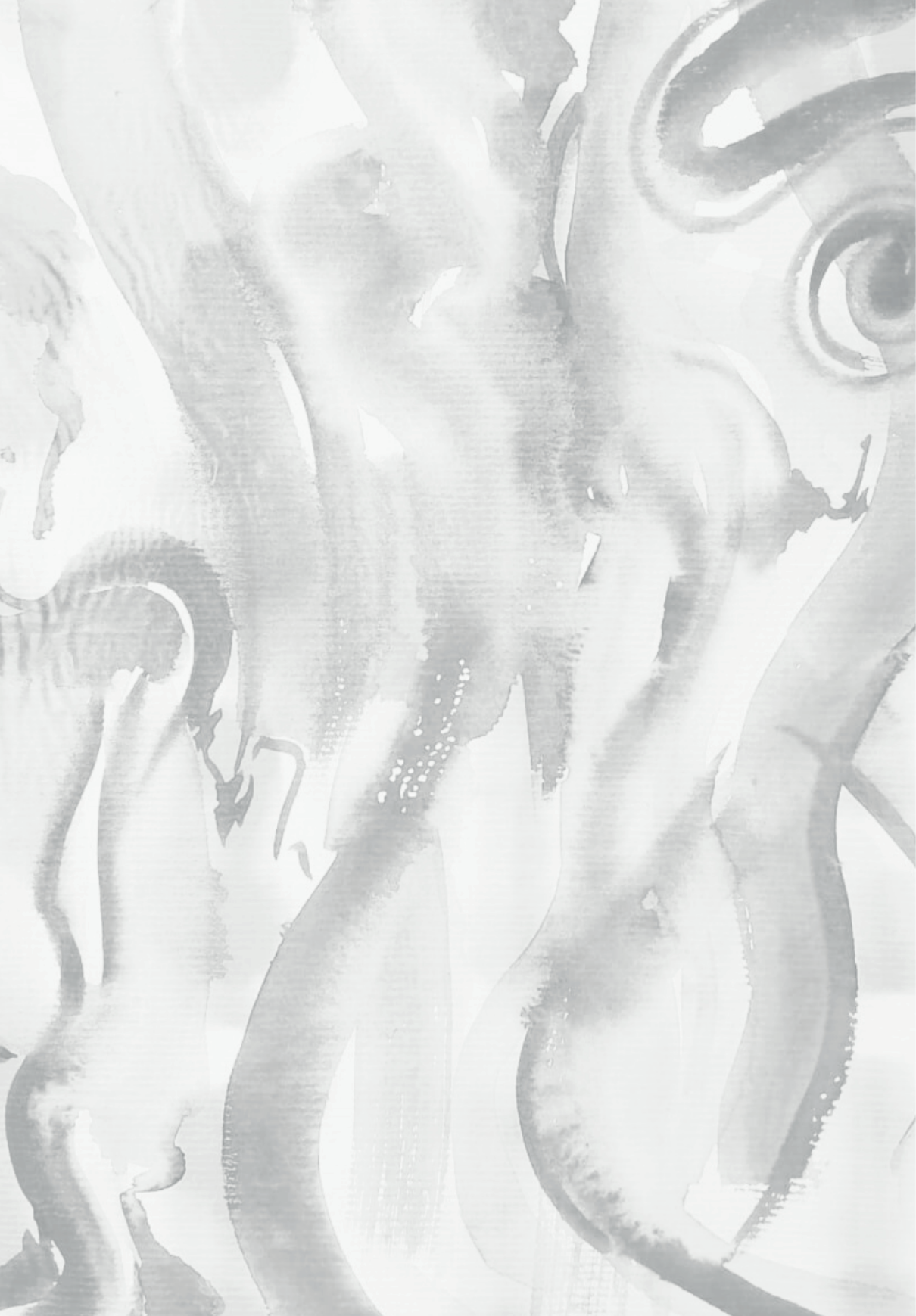
Capítulo 9

MELHORIA CONTÍNUA: A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO E TREINAMENTO PARA O DESEMPENHO PEDAGÓGICO E O REFLEXO NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Darlene Coêlho Rodrigues (ECE)

"A palavra é a sombra da ação."

(Demócrito de Abdera)



MELHORIA CONTÍNUA: A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO E TREINAMENTO PARA O DESEMPENHO PEDAGÓGICO E O REFLEXO NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Oriundo da filosofia oriental, notadamente, o KAIZEN, o conceito de “melhoria contínua” é amplamente difundido na cultura japonesa. Fui apresentada a essa filosofia durante meu mestrado em Educação. Embora seja mais utilizada como ferramenta de aprimoramento em processos administrativos, devo dizer que tenho particular apreço pela ferramenta, haja vista que vejo como plenamente possível sua aplicação nas ciências pedagógicas e especialmente porque me identifico como fruto de um processo contínuo de melhoria que, vale dizer, ainda não está concluído.

Melhoria contínua é um processo que nunca termina.
Não há um ponto final; há sempre algo a ser melhorado
(Masaaki Imai).

Desde criança sempre tive referência de familiares que lecionavam em escolas públicas, em especial a minha mãe, Maria da Purificação, que tinha a formação no Magistério e me acompanhava nas atividades escolares de casa. Com o passar do tempo, ela sentiu a necessidade de matricular-se na faculdade chegando a concluir uma pós-graduação.

Iniciei minha trajetória escolar na Pré-Escola no ano de 1989 na Escola Adventista do Sétimo Dia do bairro do João Paulo em São Luís - MA. Lá, passei um curto período devido à distância de casa. Sendo assim, minha mãe marcou um teste para eu fazer em uma escola que acabara de abrir no bairro onde eu morava. Após minha aprovação no teste, fui matriculada no Colégio Universitário (Colun), instituição de ensino vinculada à Universidade Federal do Maranhão.

O Colun foi muito importante na minha escolarização, haja vista que passei a maior parte da minha vida escolar nela. Fiz a Pré-escola, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A minha escolha pela Educação iniciou-se no Ensino Médio no ano de 1998. Naquela época, o Colun ofertava três opções de cursos no Ensino Médio para o aluno escolher: o Científico (preparação para o vestibular); Administração e o Magistério. Optei por cursar o Magistério, cujo propósito

visava, inicialmente, a minha empregabilidade pós formação.

Cursar o Ensino Médio com o Magistério demandava muito tempo de estudo, dividido em dois turnos - manhã e tarde - devido à grade curricular do curso que era extensa. Além disso, a escola oferecia aos alunos do Magistério vários cursos de aperfeiçoamento e extra-classe. Oportunamente, tomei a decisão de realizar todos os cursos que me eram ofertados, mesmo sem ter a medida certa de qual seria a utilidade daqueles conhecimentos e como eles contribuiriam na minha jornada profissional no futuro. Assim, ao concluir o Magistério, eu já possuía 21 certificados.

Ao concluir o curso Magistério no ano de 2000, encerrei meu ciclo de formação no Colégio Universitário. Após 09 meses de formada me deparei com a oportunidade de ir morar em Brasília-DF, em busca de uma oportunidade de emprego na área da educação. Chegando à Brasília, com três meses consegui meu primeiro emprego em uma escola-creche que se chamava Jardim de Infância Pequeno Sol, como auxiliar de creche porque o quadro de professores estava completo. Após três meses fui promovida para trabalhar como auxiliar de professor em sala de aula.

Após 10 meses de trabalho na Creche decidi participar de um processo seletivo para professor contratado da rede pública do Distrito Federal. Fui aprovada e chamada para trabalhar como professora na cidade satélite do Recanto das Emas. Passei a compreender o verdadeiro valor dos cursos de aperfeiçoamento que a escola havia me proporcionado no meu Magistério, pois esses cursos ajudaram a me classificar no processo seletivo, mesmo com pouca experiência. Desta forma, finalmente, em 2002, passei a ter a minha primeira e tão sonhada sala de aula como professora titular.

Ao entrar na sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental I, com 36 alunos foi um choque. Pensei: “o que vou fazer com esse tanto de crianças?”. As crianças lançaram a mim um olhar curioso e atento. Cumprimentei a turma com boa tarde, coloquei o meu material na mesa e parti para uma conversa informal, na qual me apresentei e elas se apresentaram a mim. Em menos de uma hora conversamos, cantamos e brincamos. Tive uma boa sensação de estar no lugar certo, fazendo a coisa certa para as pessoas certas! Aos poucos todos nós estávamos felizes e envolvidos. Sem sombra de dúvidas, foi uma experiência inesquecível, onde pude realmente compreender toda a trajetória que havia trilhado até aquele momento e me descobrir como alguém que desejava contribuir para o mundo na honrosa profissão de

professora.

No ano de 2004 ingressei no curso de Pedagogia na UniCESP. Eu lecionava durante o dia e estudava a noite. Confesso que não era fácil conciliar. Após um ano eu precisei trancar a matrícula porque havia casado e fui morar no estado do Goiás, no entorno de Brasília, e não havia transporte para eu retornar para casa depois da aula.

No ano de 2008, consegui retornar a faculdade com intuito de concluir o curso de Pedagogia. Entretanto, não foi nada fácil conciliar o trabalho de professora e faculdade morando em outro estado. No período de 2009 a 2012, passei a lecionar para os anos iniciais na Escola Vicente de Paula Lisboa em Águas Lindas de Goiás.

No 1º semestre de 2010 consegui concluir o Ensino Superior e já cursava uma pós-graduação em Gestão e Orientação Educacional. Foram momentos de muita aprendizagem que despertava em mim o desejo de buscar cada vez mais conhecimento na área.

Em dezembro de 2012 passei a morar em Alcântara-MA porque meu esposo havia sido transferido para trabalhar no Centro de Lançamento de Alcântara (CLA). Com o passar dos meses surgiu um processo seletivo de R2 na Força Aérea para oficial militar com duas vagas para pedagogia para trabalhar no CLA. Fiz a inscrição e fui aprovada em primeiro lugar no processo seletivo.

No dia 21/10/2013 ingressei nas fileiras da Força Aérea Brasileira com o início do curso de formação militar por 3 meses em Belém-PA. Após a conclusão do curso retornei para Alcântara e no dia 04 de Janeiro de 2014 me apresentei no Centro, onde fui designada para trabalhar na Seção de Capacitação e Treinamento e na Escola Caminho das Estrelas a qual pertencia ao CLA na época.

Quando fui conhecer a escola foi muito impactante! A escola funcionava em casas da vila militar pois não havia uma estrutura física de escola. Naquele ano escolhi a turma do 1º ano do Ensino Fundamental I.

Atuando simultaneamente como Chefe da Seção de Capacitação e Treinamento do maior Centro de Lançamento de Foguetes do hemisfério sul e como professora da Escola Caminho das Estrelas tive a oportunidade de desenvolver tudo o que havia adquirido de bagagem acadêmica e profissional em dimensões e com propósitos distintos. No CLA o treinamento e capacitação do efetivo tem como propósito torná-los aptos a realizar uma

atividade ímpar na esfera da ciência e tecnologia aeroespacial. O foco dos treinamentos e cursos visam, em última instância, capacitar todos os colaboradores da Organização para o desempenho da atividade-fim de lançar e rastrear engenhos aeroespaciais e foguetes.

Nesse sentido Peter Drucker, pai da Administração Moderna, defende que “Capacitar sua equipe não é um custo, é um investimento. Funcionários treinados geram resultados extraordinários.”

Outra atribuição inerente a Seção de Capacitação e Treinamento é o suporte ao planejamento pedagógico do Estágio de Adaptação de Oficiais Temporários e Sargentos Temporários dos quais tive a oportunidade de ser a Coordenadora do primeiro estágio realizado no CLA.

Em 2018, tomei a decisão de ingressar no mestrado em Educação pela Faculdade João de Deus - Lisboa/Portugal. Foi um momento de maturidade profissional e pessoal pois acabara de ser mãe e sentia que precisava continuar evoluindo meus estudos, especialmente do processo de aquisição da escrita na primeira infância. Como havia outros temas no universo do ensino-aprendizagem que me interessavam resolvi cursar concomitantemente ao mestrado uma pós-graduação em Docência e Gestão Educacional e uma pós-graduação em Gestão de Empresas.

Em março de 2019, fui designada pelo comandante do CLA da época para ficar exclusivamente na escola, assumindo o Cargo de Oficial de Ligação. Como professora e Oficial de Ligação pude trabalhar de forma efetiva para futuras mudanças e melhorias para Escola Caminho das Estrelas.

O primeiro desafio foi elaborar e coordenar o Curso de Preparação e Operação de Lançamento adaptado às crianças da escola (CPOL KIDS), pois enquanto escola, estávamos inseridos no contexto de um dos projetos mais ambiciosos e relevantes do nosso amado Brasil, o Projeto Espacial Brasileiro (PEB). É importante frisar que, para a comunidade alcantareense, a ECE é o primeiro contato com esse Projeto. Com isso em mente, o CPOL KIDS foi concebido e direcionado exclusivamente para os alunos da ECE com intuito de dotar as crianças de conhecimentos sobre a atividade-fim do CLA. Nesse evento era realizado visitas técnicas aos setores da Organização Militar, voo panorâmico na área do CLA e atividades práticas com o corpo de bombeiros da instituição. Afinal de contas poucas pessoas no mundo tem a oportunidade de estudar em uma instituição vinculada ao único centro de lançamento de foguetes da América do Sul. O que defendíamos é que todos, sem exceção,

contribuíssem e se sentissem parte da transformação do nosso país em uma potência aeroespacial.

Vale esclarecer que, nesse período, embora a Escola já tivesse sua estrutura física consolidada, um quadro de docentes efetivos e uma diretora em exercício, ela existia como uma “Seção” da estrutura organizacional do CLA. Ou seja, a ECE não possuía um CNPJ e portanto todas as demandas administrativas e pedagógicas da escola eram mediadas pelo Oficial de Ligação junto ao Diretor do CLA. Essa característica atípica sobrecarregava em demasia o Diretor do Centro e impedia a Diretora da escola do exercício pleno de suas atribuições.

Como Oficial de Ligação e professora da ECE era possível perceber que a escola necessitava de autonomia na administração e direcionamento pedagógico de um órgão técnico com expertise em ensino, algo que o CLA não estava apto a oferecer. É muito importante recordar que, lamentavelmente, em 34 anos de existência, na qual a ECE esteve na condição orgânica de uma seção do CLA, ficamos sujeitos à pluralidade de visões que os diretores do Centro tinham sobre educação e sobre a própria Escola. Por vezes, cogitou-se encerrar suas atividades. De forma pejorativa, alguns gestores se referiram a esta egrégia Instituição como “Escola Caminho dos Infernos”.

Logo, em consonância com o comandante do CLA da época, começamos a fazer tratativas para uma possível transferência de subordinação da ECE para a Diretoria de Ensino da Aeronáutica (DIRENS). Então, juntos elaboramos o processo de solicitação de vinculação da ECE à DIRENS.

O Sociólogo Émile Durkheim dizia que “à medida que o meio social fica mais complexo, as instituições tornam-se mais flexíveis.”

Em Fevereiro de 2020, foi publicado em Portaria a vinculação da Escola Caminho das Estrelas. Portanto, a consolidação da ECE como um órgão integrante da estrutura da DIRENS - cujo foco está inteiramente voltado para o ensino e cuja excelência de suas atividades é indiscutível - foi um marco para a Escola e tenho orgulho de ter colaborado.

Todavia, se tem algo de que me orgulho de ter participado ativamente desse processo, é ter contribuído para que a Escola finalmente tivesse a sua identidade, um CNPJ. Com o auxílio da DIRENS, finalmente passamos a existir de fato e de direito para o Sistema Nacional de Ensino. Foram mais de 30 anos de espera!

É preciso fazer o devido registro de que toda mudança no ambiente organizacional gera algum tipo de resistência. Na ECE não foi diferente. Entendo que foram muitas mudanças em um período curto de tempo, considerando a trajetória histórica da escola. Mas tenho a convicção de que agimos na busca de ofertar ao nosso público-alvo, os alunos, a melhor educação possível, ainda que em desfavor de eventuais interesses individuais.

“A resistência à mudança é uma reação natural dos indivíduos quando percebem que transformações podem ameaçar sua zona de conforto, status quo ou interesses estabelecidos. Ela não é necessariamente negativa, mas um sinal de que líderes devem comunicar melhor os benefícios e envolver os colaboradores no processo.”

(Kotter, J. P.)

Com as novas Diretrizes da DIRENS e sobre sua subordinação, fui surpreendida com a nomeação para ser a Diretora da Escola Caminho das Estrelas obedecendo a nova estrutura organizacional com base no organograma das escolas assistenciais. Mal sabia eu que o maior desafio ainda estava por vir! Com a chegada da pandemia, foram momentos de pânico e muitas incertezas sobre o futuro.

Ao longo de quase vinte anos de pedagogia tive a missão mais desafiadora da carreira, não de ser diretora de uma Escola, essa foi a parte fácil, mas de exercer tal cargo no período mais crítico da história da educação mundial!

Se implantar o ensino remoto em grandes centros urbanos não foi fácil, o que dizer de implantar em uma cidade do interior do Maranhão com um dos menores IDH do País, onde o acesso à internet ainda é um privilégio de poucos. Nesse contexto, é preciso reconhecer a bravura e resiliência dos pais dos alunos que não mediram esforços para fazer possível a continuidade da educação de seus filhos.

Por óbvio, todo o nosso trabalho, naquele momento crítico, só foi possível pelo empenho de uma equipe de gestão responsável e engajada. Juntos enfrentamos um grau de estresse muito alto, horas e horas de planejamento, elaboração de plano de ação, noites mal dormidas e muitas videoconferências com a DIRENS para os devidos ajustes. Fizemos muitos

serões, discordamos, discutimos e até nos emocionamos ao presenciar o esforço dos pais, alunos e professores para acessar as diversas plataformas que tivemos que utilizar durante o processo de implantação do ensino remoto e fazer possível a continuidade da educação das nossas crianças. Só quem viveu tudo isso sabe o quanto foi desafiador e gratificante ver vidas serem moldadas pela educação. São essas ocasiões que faz tudo valer a pena!

Ademais, também não foi nada fácil ao corpo de docentes se adaptar à nova realidade das aulas remotas, encarando os grandes desafios da tecnologia. Entretanto, ficou evidente a capacidade de se reinventar de cada professor na peculiaridade de cada disciplina a fim de fazer cumprir a nossa grande vocação de ensinar. Vale ressaltar que a Escola Caminho das Estrelas foi a primeira Escola da Aeronáutica a implantar aulas remotas, já no início da pandemia. E apesar de todos os desafios e intempéries que passamos por conta da COVID 19, nós conseguimos encerrar o ano letivo no dia 17 de dezembro de 2020, cumprindo as 800 horas-aulas, conforme determinava o Conselho Nacional de Educação. Mérito total ao esforço conjunto da Gestão da ECE, do corpo docente, o corpo auxiliar, pais e alunos.

Superado os desafios iniciais, aulas remotas implantadas e a ECE funcionando dentro da normalidade, parti para o meu último grande desafio, qual seja: passar o cargo de Diretora a um Oficial Superior para dar prosseguimento às atividades e para consolidação das diversas mudanças pelas quais havíamos passado (uma nova subordinação, autonomia e um CNPJ). Quando deixei o cargo de diretora passei a trabalhar como chefe da Divisão Administrativa e Divisão de Ensino.

Defendi minha tese de mestrado em janeiro de 2020, com o tema: AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: As práticas metodológicas da Educação no Ensino Fundamental I – Anos Iniciais no Município de Alcântara, Maranhão, Brasil.

Com a nova realidade de aulas remotas resolvi ingressar em uma pós-graduação em Especialização em Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado e posteriormente uma Especialização em Intervenção ABA: Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista - TEA.

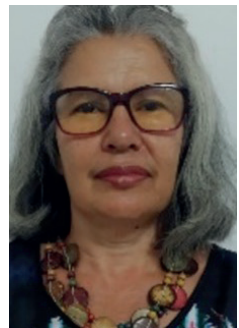
Desde 2024 integro o Grupo de Estudos e Pesquisas, Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD) das Escolas Assistenciais, no qual tenho enriquecido meu repertório profissional, viabilizado os elementos científicos para subsidiar uma tese de doutorado que pretendo concretizar nos próximos anos.

Finalizando este breve memorial, é mandatório frisar o quanto sou grata, primeiramente a Deus, familiares e colegas que contribuíram para minha trajetória profissional e especialmente às oportunidades que a pedagogia me proporcionou. A pedagogia me incita a continuar incessantemente na busca de aprimorar meus conhecimentos, crescer profissionalmente, evoluir como cidadã, enfim, tornar a minha vida uma melhoria contínua.

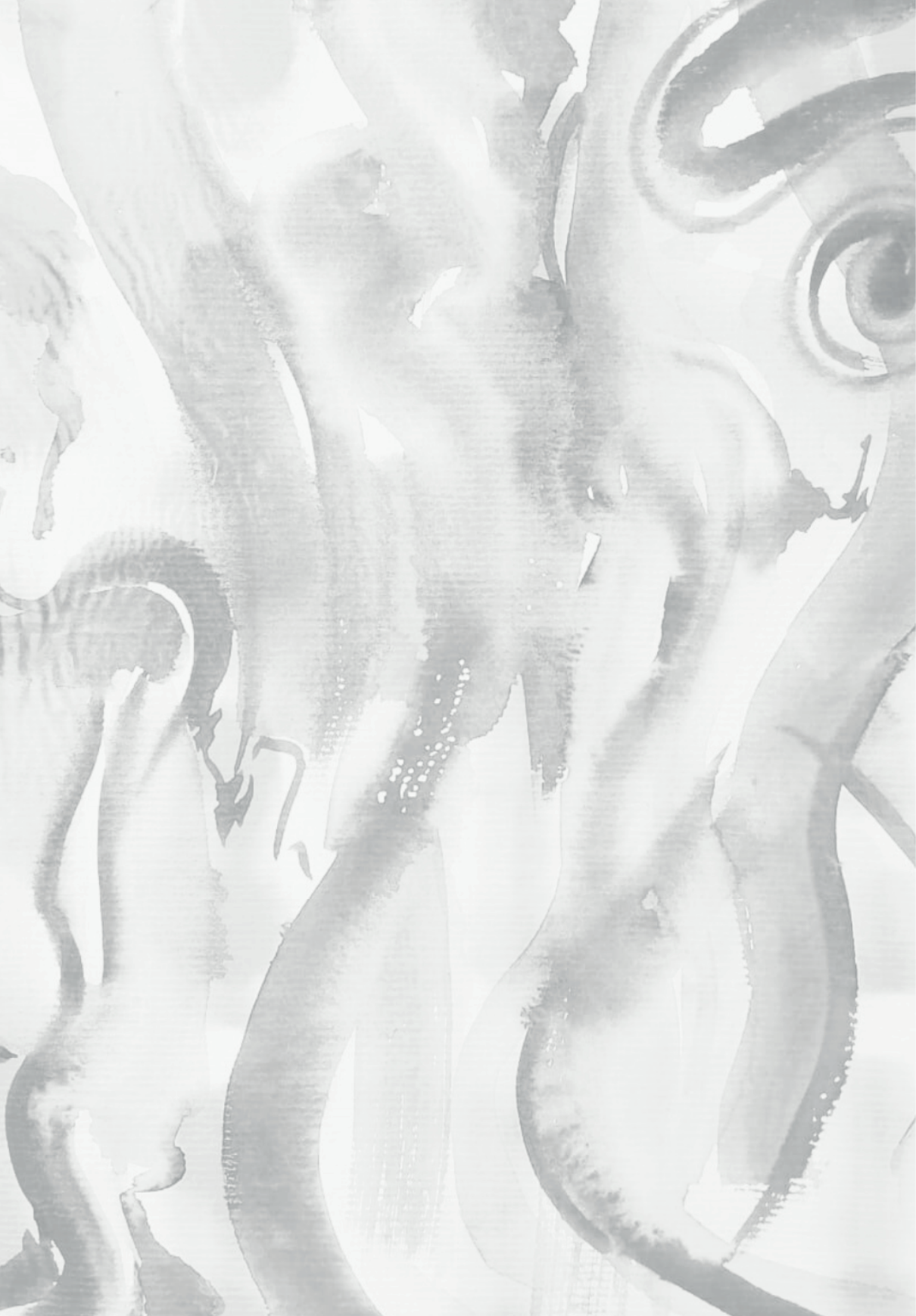
Capítulo 10

MEMÓRIAS: DA ADVERSIDADE À VITÓRIA

Josenice Martins (ECE)



Conhecer e saber neste contexto são experimentar, sentir, vivenciar. Não há separação estanque entre vivido e concebido, saber e fazer, fazer e saber Luz (1995, p.574).



MEMÓRIAS: DA ADVERSIDADE À VITÓRIA

Nasci em Bequimão - MA, no dia 28 de setembro de 1970 e sou filha de Dionice Regina Martins e João Batista Cantanhede. Iniciei a minha vida escolar no primeiro grau da Unidade Escolar Maria Rosa de Freitas Almeida do 1º ao 3º ano de 1979 a 1982. A 4ª série fiz na Unidade Escolar Manuel Beckman; 5ª série a 8ª série de 1984 ao término de 1986. Fiz o segundo grau no colégio Bequimãoense no período de 1987 a 1989, a habilitação de 2º grau de 1º ao 3º ano do magistério após concluir o magistério.

Vim de origem humilde, sem privilégios ou oportunidades. Eu nunca imaginei que um dia alcançaria meus sonhos, mas a determinação, a resiliência e o trabalho árduo, levaram-me a superar obstáculos e conquistar meus objetivos. Cresci em uma realidade desafiadora, vendia frutas, verduras e legumes de porta em porta, quebrava coco, tucum, trabalhava na roça, fui babá, trabalhei em casa de família para ajudar no sustento da casa e comprar os materiais escolares da época (lápiz, borracha de cabeça de lápis, caderno, tabuada e uma cartilha do “ABC”, devido aos recursos serem escassos). A minha mãe, contudo, ensinou-me valores como perseverança e dedicação. Apesar dela ser analfabeta, era costureira, bordava, fazia artesanato, mexia farinha de mandioca e trabalhava na roça. Ela acreditava no poder da aprendizagem, por isso, busquei conhecimento em diversas áreas, estudei e trabalhei muito, sempre buscando cursos e treinamentos para desenvolver minhas habilidades.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão construindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando - se simultaneamente, identificando - se como seres individuais e sociais (BRASIL, 2017, p.38).

Minha Jornada: Entre Desafios e Conquistas

1. Introdução

Meu nome é Josenice Martins. Nasci em 1970, na cidade de Bequimão, no estado do Maranhão, filha única de uma mãe solteira. A vida me ensinou, desde muito cedo, que a resiliência e o esforço constante são fundamentais para a superação. Aos seis anos, iniciei meus estudos, e minha jornada educacional foi marcada por desafios, mas também por um desejo inquebrantável de transformar minha realidade e, quem sabe, a de outras pessoas ao meu redor. Ao longo desta trajetória, descobri que o que me movia não era apenas o desejo de aprender, mas a vontade de ensinar, de compartilhar meu conhecimento com aqueles que mais precisavam.

2. Infância e Primeiros Anos

Minha infância foi repleta de simplicidade, mas também de momentos de grande aprendizado. Sendo filha única, minha mãe foi minha principal referência. Ela, uma mulher batalhadora e guerreira, me ensinou o valor do trabalho árduo e da educação como única forma de mudança. Nossa casa era simples, com pouca estrutura financeira, mas o amor e a união familiar eram abundantes.

Desde muito nova, aprendi a importância de equilibrar os estudos com as responsabilidades do dia a dia. Estudava pela manhã, mas à tarde, acompanhava minha mãe na roça. Juntas, colhíamos verduras, legumes, mandioca, batata doce e vendíamos de porta em porta. Esse trabalho me ajudou a entender o valor do esforço físico, do sacrifício, mas também me mostrou como era possível, mesmo em meio às dificuldades, buscar uma vida melhor por meio da educação.

O fato de ser filha única e de uma mãe solteira trouxe algumas dificuldades, mas também me deu a força necessária para não desistir. Meu maior sonho era estudar e conquistar meu espaço no mundo. Mesmo com tantas responsabilidades, minha mãe sempre me incentivou a continuar com os estudos, e a cada venda de verdura, sentia que estava investindo em algo que valeria a pena no futuro.

3. Adolescência e Primeiras Experiências Profissionais

Ao entrar na adolescência, as dificuldades não diminuíram, mas o que mudou foi a minha visão sobre o futuro. Aos 13 anos, já sabia que a escola seria a chave para mudar minha vida. A cada novo livro que eu lia, a cada conhecimento adquirido, sentia que estava mais perto de um mundo diferente, de uma vida que estava além da roça e das vendas de verduras.

Além dos estudos, comecei a trabalhar como babá e em casas de família para ajudar nas despesas da casa. Essa experiência foi muito enriquecedora, pois aprendi a lidar com diferentes realidades e a entender a importância da educação em diversos contextos. Durante esse período, formei a convicção de que a educação era, de fato, a principal ferramenta para transformar vidas.

Com muito esforço e dedicação, consegui terminar o ensino médio e me formar em Normalista, o que me abriu portas para ingressar na área educacional. Essa era a minha paixão, e estava pronta para seguir esse caminho, sem nunca deixar de lado o que minha mãe sempre me ensinou: o valor do trabalho, da disciplina e da coragem diante das adversidades.

4. A Mudança para a Cidade de Alcântara e Novas Oportunidades

Com a formação de Normalista concluída, tomei a decisão de me mudar para a cidade de Alcântara, no Estado do Maranhão, em busca de novas oportunidades. Deixar minha mãe para trás foi uma decisão difícil, mas sabia que essa era a minha chance de mudar minha trajetória. Ela, por sua vez, permaneceu na cidade onde nasci, me apoiando de longe, mas sempre me aconselhando a seguir meus sonhos.

Cheguei à nova cidade cheia de expectativas e ansiedades. Trabalhei como balconista em uma pequena padaria enquanto concluía o ensino médio. Esse período foi fundamental para meu crescimento pessoal, pois além do trabalho, continuei me dedicando aos estudos. Finalmente, terminei o colegial e consegui, por meio de um concurso público, ingressar na Prefeitura de Alcântara como auxiliar de administração.

Durante seis anos, trabalhei na administração pública, uma experiência que me deu uma visão mais ampla sobre como o poder público pode influenciar a vida das pessoas. Nesse período, percebi que não poderia me

limitar apenas ao trabalho administrativo, pois minha verdadeira paixão sempre foi ministrar aulas como professora.

5. A Transição para o Magistério

No governo do ex-prefeito José Wilson Bezerra de Farias, fui remanejada para uma transição de cargo conforme Portaria nº097/98 ART. 1º (09 de março de 1998), indo para o magistério por meio de uma transposição de cargo. Fui designada para atuar no Jardim de Infância Inácio de Viveiros Raposo, e, ao assumir essa função, senti que finalmente estava no lugar onde sempre sonhei, o lugar de educadora. Ser professora de crianças pequenas me trouxe uma enorme satisfação, pois percebia como poderia influenciar diretamente no futuro delas.

O trabalho no Jardim de Infância foi desafiador, mas extremamente gratificante. Cada dia, cada aula, era uma oportunidade de ensinar, mas também de aprender com os alunos. Minha rotina de professora me permitiu observar o impacto da educação desde os primeiros anos de vida, e o quanto ela pode ser um ponto de transformação na vida de uma pessoa.

6. A Minha Formação Acadêmica

Em 2004, consegui realizar um dos meus maiores sonhos: me formei em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). A graduação foi, para mim, uma conquista pessoal, e também um passo fundamental para que eu pudesse me qualificar ainda mais como educadora. A universidade me proporcionou o contato com novos conhecimentos, mas também com pessoas de diferentes realidades, o que ampliou minha visão de mundo.

Não parei por aí. Em 2009, ingressei em uma pós-graduação em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio, pelo Centro de Ensino Superior Santa Fé, para aprimorar minha prática pedagógica e ajudar na formação de outras gerações de educadores.

Em 2010, conclui outra pós-graduação, desta vez em Educação ambiental, pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF, pois sempre tive um interesse grande pela preservação ambiental e queria integrar esses conhecimentos à minha prática pedagógica. Essa pós-graduação me deu ferramentas valiosas para trabalhar a educação ambiental com meus alunos, algo que se tornou um dos pilares do meu trabalho.

No dia 08 de dezembro de 2012 concluí a minha terceira pós-graduação, em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional, no Instituto Superior Franciscano - IESF.

A conclusão da pós-graduação em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional representou um grande desafio, pois, inicialmente, enfrentei diversos obstáculos. No entanto, ao longo do percurso, adquiri conhecimentos fundamentais para enfrentar os desafios que frequentemente dificultam o pleno desenvolvimento do trabalho escolar.

Gestores e professores, independentemente do grau de formação — da educação infantil às universidades —, devem estar preparados para exercer a liderança, supervisionar e acompanhar professores e equipes. Além disso, é essencial a elaboração de planejamentos e planos curriculares e pedagógicos, a gestão de recursos materiais, humanos e financeiros, bem como a avaliação e o monitoramento do empenho e compromisso dos profissionais, estudantes, famílias e responsáveis.

Atualmente, também sou membro da Academia Alcantareense de Letras, Ciências, Artes e Filosofia (ALCAF), Instituição fundada em 20 de julho de 2024. A missão da ALCAF é preservar e resgatar a memória histórica e cultural de Alcântara, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento das artes, ciência, cultura e filosofia. Assim, contribuímos para o enriquecimento do cenário cultural do município, fortalecendo nossa identidade e incentivando a criatividade e o conhecimento na comunidade.

Figura 01: Sou membro da Academia Alcantareense de Letras.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Por fim, o desenvolvimento de projetos educacionais se torna um pilar fundamental para a melhoria contínua da qualidade do ensino, garantindo uma educação mais proficiente e alinhada às necessidades da comunidade escolar.

7. A Parceria da Secretaria Municipal de Alcântara com a Escola Caminho das Estrelas

A Diretora Geral, Professora Rousiane Damasceno Evangelista, e a Coordenadora das séries iniciais, Maria Julia Nunes, da Escola Caminho das Estrelas – (ECE), integrada ao Centro de Lançamento de Alcântara – (CLA), localizada na área da Base Espacial, próxima a povoados rurais, identificaram a necessidade de uma professora para atender o Ensino Fundamental Inicial, especificamente o segundo ano. A escola enfrentava desafios para suprir essa demanda, com isso, tomaram a iniciativa de buscar soluções e dirigiram-se à Secretária Municipal de Educação (SEMED), com o objetivo de estabelecer uma parceria entre a escola e o município.

Como resultado do acordo, o Excelentíssimo Prefeito, Domingos Santana da Cunha Júnior, e o Ilustríssimo Secretário de Educação, José de Ribamar Castro Alves, cederam a professora Josenice Martins para assumir a responsabilidade de lecionar. Durante sua gestão, a docente contribuiu significativamente para o fortalecimento do corpo pedagógico da instituição.

Ao ingressar na referida escola, percebi que minha rotina mudaria completamente. A nova realidade exigia adaptação, empatia, criatividade e inovação. Essa transição marcou profundamente minha relação com o novo ambiente, abrindo novos horizontes e apresentando desafios. Minha nova jornada foi construída por desafios, conquistas e muitas resiliências. As adversidades se tornaram vitórias, não apenas sobre mim mesma, mas também sobre todos aqueles que me apoiaram. Agradeço e compartilho, pois nunca imaginei que minhas maiores vivências se transformariam em bênçãos. Esta é a minha história de superação escrita com lágrimas, sorrisos e gratidão.

No dia 22 de fevereiro de 2013, ao me apresentar para conhecer o novo espaço de trabalho, fui acolhida pela equipe gestora, pelos docentes, discentes, funcionários e por toda comunidade escolar, com sorrisos e cumprimentos calorosos. Na ocasião, pude perceber uma rotina de transição que

oferecia apoio emocional, fomentava independência e mantinha a comunicação aberta para que eu pudesse ser ouvida e orientada. Havia também um esforço em apoiar, incluir, inspirar e motivar. Após o acolhimento, a equipe gestora apresentou o plano de adaptação, que estabelecia metas, estratégias e a utilização de recursos externos e internos para auxiliar nos componentes curriculares e no monitoramento do progresso dos estudantes.

No dia 23 de fevereiro de 2013, iniciei minhas atividades pedagógicas na Escola Caminho das Estrelas realizando uma sondagem para avaliar o nível do processo de ensino aprendizagem do segundo ano. Observei que 30% dos estudantes já demonstravam domínio na contagem de números e na leitura e interpretação de pequenos textos. No entanto, os outros 70% ainda não conseguiam decifrar palavras simples e nem reconhecer números. Diante disso, houve a necessidade de nivelar a turma e garantir a equidade para todos. Para tanto, foram promovidos momentos de atividades individuais, coletivas e em grupos.

Para nivelar a turma do segundo ano do ensino fundamental inicial, que apresentava defasagem no aprendizado, foi necessário realizar uma avaliação diagnóstica inicial para identificar as necessidades específicas dos alunos. Com base nessa avaliação, foram aplicadas atividades personalizadas que promoveram o desenvolvimento em alfabetização e matemática, respeitando os diferentes níveis de aprendizagem e o tempo de cada criança.

Na alfabetização, foram usadas atividades como “Caixa de Letras”, onde os estudantes formavam palavras simples, e a construção de “Histórias Incompletas”, que ajudaram a consolidar o reconhecimento de palavras e o vocabulário. Além disso, jogos de rimas e associações fortaleceram a leitura e a escrita de forma lúdica.

Em matemática, materiais concretos, como materiais dourados e ábacos, auxiliaram na compreensão de conceitos como adição e subtração. Atividades como o “Caça ao Tesouro Matemático”, com problemas adaptados, ou jogos de quebra-cabeça com operações, tornaram o aprendizado mais atrativo e interativo.

Ademais, atividades interdisciplinares, como “Histórias e Desenhos”, que combinavam leitura e interpretação com artes - ou medições simples de objetos da sala, conectaram diferentes áreas do conhecimento. As famílias foram envolvidas no reforço dessas práticas em casa, registrando continuamente o progresso dos alunos por meio de pasta catálogo, o que

garantiu o avanço de cada estudante em seu próprio ritmo.

Em 2014, estive na sala do primeiro ano, com alunos (as) de 6 a 7 anos de idade, acompanhando a professora Adriana Monteiro da Silva. Essa experiência foi desafiadora, mas também extremamente gratificante, pois os alunos demonstraram um progresso significativo ao longo do ano letivo.

No primeiro semestre, enfrentamos uma diversidade de ritmos de aprendizagem. A organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização, com foco na perspectiva do letramento, foi essencial. Desenvolvemos atividades voltadas para o reconhecimento e a escrita das letras e dos números, além de conceitos básicos relacionados a cores, formas e tamanhos.

No segundo semestre, os trabalhos se intensificaram. Foram explorados textos simples na leitura, treinamento de grafismo na escrita, e, na matemática, conceitos fundamentais como soma, subtração, multiplicação e divisão.

Ainda em 2014, foi desenvolvido o projeto intitulado “Práticas para uma Vida Saudável”, que foi apresentado na Escola Caminho das Estrelas e no Museu de Alcântara (IBRAM).

Figura 02: Projeto Práticas para uma Vida Saudável



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Já em 2015, atuei no segundo ano com a professora Maria do Amparo Torres Pinheiro. Além das aulas rotineiras, foi desenvolvido, ao longo do ano letivo, o projeto interdisciplinar da escola, intitulado “Feira Científico-Cultural”. O tema principal foi “Criança e Adolescente”, e, dentro dessa temática, elencou-se o subtema “Direitos e Deveres no Ato de Brincar”. Esse trabalho

foi apresentado na Escola Caminho das Estrelas e no Centro de Lançamento de Alcântara – Casa de Cultura Aeroespacial.

Em 2016, no primeiro ano do ensino fundamental, eu, Josenice Martins, e a professora Maria do Amparo Torres Pinheiro, participamos do projeto interdisciplinar “Mostra Cultural e Científica”, cujo tema central foi “Cidadania”. Dentro dessa proposta, desenvolvemos o projeto “Direito Fundamental do Idoso”, que foi apresentado na Escola Caminho das Estrelas.

Em 2017, a professora Josenice Martins e a professora Tenente Darlene Coelho Rodrigues trabalharam em uma parceria intensa e produtiva no projeto “A Influência Indígena no Modo de Vida Alcantarense”, apresentado na Escola Caminho das Estrelas durante a Mostra Cultural e Científica. O evento teve como tema “Ciências e Educação”, com o subtema “Alcântara no Século XXI”.

Dentro dessa temática, a educação indígena foi abordada em sua dimensão social, destacando-se o projeto “A Influência Indígena no Modo de Vida Alcantarense”, orientado pela gestora Maria Júlia Nunes e pela Coordenadora Rousiane Damasceno Evangelista. O objetivo foi investigar e divulgar a influência indígena na cultura local, por meio de pesquisas bibliográficas e de campo, oficinas de culinária, arte e cultura indígenas, palestras com especialistas e exposições de trabalhos.

Figura 03: Projeto a Influência Indígena no Modo de Vida Alcantarense



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em 2021, tive a oportunidade de participar do movimento histórico do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD),

coordenado pela professora Dra. Jussara Cassiano Nascimento. Fui convidada para contribuir com uma publicação do grupo e, posteriormente, para participar do livro “Escolas Assistencialistas” em 2023.

Figura 04: Lançamento do volume 4 da Coleção Cotidiano Escolar.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O projeto “A Influência Indígena no Modo de Vida Alcantareense” foi selecionado para integrar o Volume 4 da Coleção “Cotidiano Escolar”, alcançando reconhecimento nacional. Essa conquista permitiu a divulgação da herança indígena e serviu de inspiração para outras instituições.

Outro momento marcante da minha trajetória educacional ocorreu na comemoração do aniversário da escola Caminho das Estrelas, inicialmente prevista para o dia 19 de agosto, mas transferida para o dia 20 de agosto de 2024. Nessa ocasião, tive a honra de receber um certificado de reconhecimento por minha contribuição à educação.

Agradeço ao diretor, Tenente – Coronel Fernando Curvos Santos e a toda a equipe pelo reconhecimento público do meu trabalho. Esse gesto reafirma minha dedicação à formação de novas gerações de estudantes.

8. Projeto “Conhecendo as Órbitas dos Planetas: O Espaço é de Todos”

Em 2018, as professoras Josenice Martins e a Tenente Cibele Coelho Rodrigues desenvolveram o projeto “Conhecendo as Órbitas dos Planetas: O Espaço é de Todos” com os alunos do primeiro ano da Escola Caminho das Estrelas. Esse projeto interdisciplinar envolveu pesquisas diversificadas,

atividades teóricas e práticas, apresentações e discussões.

Os estudantes demonstraram compreensão sobre as órbitas dos planetas, o impacto do ser humano no meio ambiente e formas de contribuir para a sustentabilidade. Além disso, o projeto seguiu uma abordagem colaborativa, promovendo aprendizado significativo e o desenvolvimento de habilidades de trabalhos em equipe.

Figura 05: Apresentação do Conhecendo as órbitas dos Planetas:

O Espaço é de Todos



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O estudante não se limitou apenas aos aspectos científicos da astronomia e da exploração espacial, mas também abordou suas implicações culturais, filosóficas e sociais.

9. Participação na Semana Nacional de Ciências e Tecnologia.

No dia 25 de setembro de 2018, em reunião com a equipe gestora e docentes, foi decidido que a XVI Mostra Cultural e Científica da ECE não aconteceria no formato tradicional naquele ano. Em vez disso, seria substituída pelas atividades do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) e pela participação na VII Semana Nacional de Ciências e Tecnologia 2018 - IFMA, realizada entre os dias 16 a 18 de outubro de 2018, no Instituto Federal do Maranhão – Campus Alcântara. O evento teve como tema “Ciências para Redução das Desigualdades”.

Figura 06: Apresentação de trabalho com as crianças na IFMA.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Durante o evento, os estudantes apresentaram o projeto no auditório do IFMA, em formato de seminário. Foi uma experiência enriquecedora e lúdica, na qual aprendemos muito e nos divertimos ao mesmo tempo. Agradecemos à gestora Maria Julia Nunes e à coordenadora Rousiane Damasceno Evangelista pelo apoio e orientação durante todo o processo.

10. Reflexões e Futuro

Hoje, aos 54 anos, olhando para minha trajetória, vejo uma vida de superação, mas também de gratidão. Cada desafio enfrentado, cada escolha difícil, me trouxe até aqui. Como educadora, sinto que minha missão ainda está em andamento, pois sei que a educação é um processo contínuo, que vai muito além das paredes da sala de aula.

O futuro, para mim, ainda é promissor. Continuarei no magistério, buscando sempre evoluir, aprendendo com meus alunos e com meus colegas, e, quem sabe, contribuindo para a formação de outros educadores. Acredito que, por meio da educação, podemos transformar o presente e garantir um futuro melhor para todos.

Capítulo 11

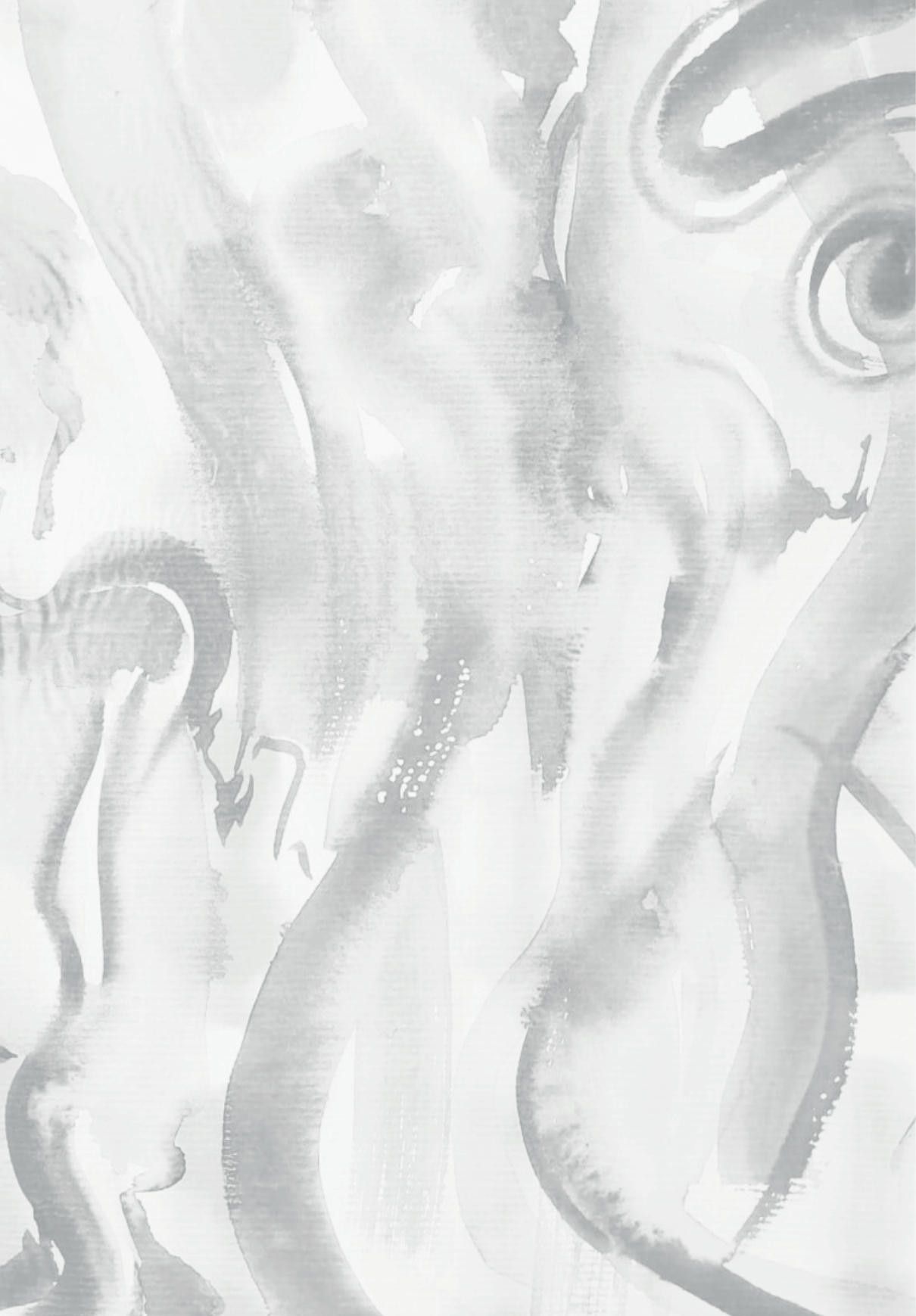
HISTÓRIA, VIDA E FORMAÇÃO - UMA TRAJETÓRIA QUE INSPIRA

Jaglaisse Santos Figueiredo (ECE)



"A vida é uma viagem a três estações: ação,
experiência e recordação."

Júlio Camargo



HISTÓRIA, VIDA E FORMAÇÃO - UMA TRAJETÓRIA QUE INSPIRA

Da Infância às Luzes do Saber

A vida é um caminho repleto de transformações, desafios e aprendizagens. Cada experiência vivida, por mais simples ou complexa que pareça, contribui para a construção do nosso ser. Ao refletirmos sobre nossa trajetória, conseguimos resgatar a essência do que somos, reconhecer os obstáculos superados e os momentos que nos moldaram. Recordar nossa história é uma forma de nos conectarmos com a nossa verdadeira identidade, entendendo o que nos impulsiona, o que nos fortalece e o que nos faz continuar. Essa prática não apenas nos permite compreender o passado, mas também ilumina nosso presente e nos prepara para o futuro. Ao olhar para trás com gratidão e entendimento, podemos trilhar o caminho à frente com mais sabedoria e clareza.

É com esse olhar atento sobre o passado que compartilho minha história. Cada capítulo dessa jornada carrega lições preciosas, e acredito que, ao conhecê-la, podemos aprender mais sobre nós mesmos e sobre o poder da educação e da resiliência.

IDENTIFICAÇÃO

Me chamo Jaglaisse Santos Figueiredo, tenho 40 anos, sou casada e mãe de uma linda princesa chamada Maria Júlia, por quem sou extremamente apaixonada. Nasci na cidade de São Luís - MA, filha de Maria Pedrolina e Manoel Santos. Meu pai era pedreiro, e minha mãe, professora. Crescemos no bairro da Vila Nova, na região do Anjo da Guarda, um dos bairros periféricos da grande ilha de São Luís. Nossa casa era humilde, mas transbordava amor, cumplicidade e esperança.

Desde cedo, minha mãe precisou sair de casa para ajudar nas contas do lar. Inicialmente, trabalhava como manicure e, com muito esforço e dedicação, conseguiu uma oportunidade na escola Jardim de Infância TIC TAC. Foi lá que passou longos anos ensinando e cuidando de crianças, consolidando seu amor pela educação infantil. Para nossa família, essa conquista teve um significado ainda maior, pois possibilitou que minha mãe trabalhasse e, ao mesmo tempo, pudesse acompanhar de perto a nossa infância e educação.

Aos 9 anos, minha curiosidade e fascinação pelo universo escolar despertaram. Durante as tardes, eu observava minha mãe corrigindo as atividades dos seus pequenos alunos. Encantava-me ao ver as mãozinhas trêmulas traçando as primeiras letras e formas. Sempre pedia para ajudar, apenas pelo prazer de marcar as respostas certas, como se, de alguma forma, aquele gesto me aproximasse ainda mais da magia do aprendizado.

Porém, a tranquilidade da nossa infância deu lugar a um período de turbulência quando chegamos à adolescência. O casamento dos meus pais desmoronou diante dos nossos olhos. As constantes brigas, antes restritas ao casal, passaram a acontecer em nossa frente. A tristeza se tornou nossa companhia diária. Meu pai mergulhou no alcoolismo, e cada dia era uma nova batalha. Vivíamos sobressaltados, sempre com medo de receber alguma notícia ruim.

Minha mãe, diante dessa realidade dolorosa, tomou a difícil decisão de deixar aquele relacionamento. Meu pai foi embora de casa, e sua ausência trouxe um peso enorme sobre os ombros da minha mãe, que passou a sustentar sozinha nossa família. A luta foi imensa. Ela começou a trabalhar no Centro socioeducativo da FUNAC (Fundação da Criança e do Adolescente do Maranhão), lugar de onde provia nossa subsistência.

Os desafios eram inúmeros, mas a força da minha mãe era ainda maior. Determinada, nunca permitiu que a adversidade nos impedisse de sonhar. Com muito sacrifício, garantiu que concluíssemos o Ensino Médio. Muitas vezes, conseguir transporte para ir à escola era uma batalha, mas a fé e a esperança nunca nos faltaram.

Foram anos de superação, no entanto, cada dificuldade enfrentada moldou minha trajetória, fortaleceu minha determinação e consolidou minha paixão pela educação. A história da minha mãe, marcada por coragem e amor incondicional, foi a minha maior inspiração para trilhar o caminho que escolhi.

Hoje, ao olhar para trás, vejo não apenas os desafios que enfrentamos, mas também a força e a determinação que nos trouxeram até aqui. Minha infância e adolescência foram marcadas por dificuldades, mas também por um amor profundo que nos manteve unidos.

INÍCIO DA CARREIRA EDUCACIONAL

Ao final do Ensino Médio, minha mãe me chamou para uma conversa séria. Com o olhar firme, mas cheio de ternura, me disse que eu precisaria buscar um caminho que me garantisse um futuro mais estável. Ela sugeriu que eu fizesse um curso técnico para entrar rapidamente no mercado de trabalho. Com sua sabedoria inquestionável, recomendou a área da saúde, pois sempre haveria oportunidades. Assim, ingressei no curso técnico de enfermagem.

Foram anos de aprendizado intenso, estágios desafiadores e noites mal dormidas. Mas, com muita dedicação, concluí o curso e, pouco tempo depois, fui aprovada no concurso do município. Assim, por 14 anos, trabalhei na assistência à saúde, dedicando-me ao cuidado dos outros, aprendendo sobre a fragilidade e a força humana.

A experiência na Unidade Básica de Saúde foi transformadora. Trabalhei no Programa de Saúde da Família (PSF) do Governo Federal, onde tive a oportunidade de criar laços profundos com colegas e pacientes que se tornaram uma família para mim. Como ficava na triagem, meu contato diário com os idosos se tornou especial. Muitos vinham todos os dias para aferir a pressão arterial, mas sabíamos que, no fundo, buscavam mais do que atendimento médico. Eles ansiavam por alguém que os ouvissem e lhes dessem atenção, que validasse suas histórias de vida.

Entre tantos rostos e histórias, um paciente me marcou profundamente: seu Reginaldo. Um senhor de 89 anos, que todos os dias, se dirigia ao posto de saúde acompanhado de sua esposa. Eram inseparáveis, cúmplices de uma vida inteira. Naquela sexta-feira de junho de 2009, algo estava diferente. Seu Reginaldo entrou no consultório com um sorriso radiante e um pequeno embrulho nas mãos. Brincando, disse-lhe: “Hum, um presente, seu Regis? O que o senhor está querendo?” Ele sorriu, com aquele jeito galanteador, e respondeu: “Esse presente é para você nunca esquecer de mim.” Aquela frase ficou ressoando na minha mente. No dia seguinte, sábado pela manhã, recebi a notícia de seu falecimento. Seu Reginaldo tinha ido se despedir. A dor dessa perda me ensinou que nunca sabemos quando será o último adeus e que cada momento ao lado daqueles que amamos é precioso.

Além da triagem, também atuei na área de vacinação, uma oportunidade diferente na minha vida, pois aprendi a lidar com o medo e a desen-

volver mais empatia. Passei a me conectar não apenas com as crianças, mas também com os pais, que muitas vezes sofriam mais do que os próprios filhos ao vê-los chorar. Com o tempo, encontrei estratégias para tornar aquele momento menos traumático, distraindo as crianças com brincadeiras e palavras de conforto.

Fiz amizades extraordinárias ao longo desses anos. Diretores que foram mais do que chefes, tornando-se verdadeiros amigos, agentes de saúde e agentes de endemias que dividiam comigo o peso da responsabilidade e a satisfação de fazer a diferença na vida das pessoas. Criamos uma rede de apoio, onde cada um sabia da importância do outro no funcionamento daquela Unidade de Saúde.

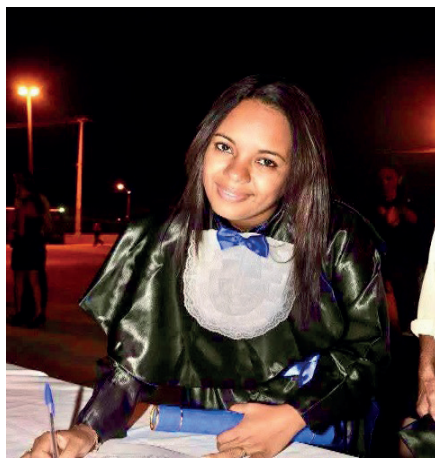
Deixar esse trabalho não foi fácil. Eu já fazia parte daquele lugar, e aquele lugar fazia parte de mim. Mas dentro de mim, algo me impulsionava a buscar novos caminhos, novos desafios. A paixão pela educação, que sempre esteve presente em minha vida, começou a falar mais alto. Era hora de alçar outros voos, de levar para a sala de aula toda a sensibilidade que desenvolvi na saúde.

Como sempre gostei de ensinar, ajudava amigas a se prepararem para concursos públicos, ensinava os alunos da classe bíblica na igreja e qualquer oportunidade que surgisse para compartilhar conhecimento era um prazer imenso para mim. Foi então que pensei em algo ligado a educação.

Novamente, minha mãe, com sua voz sábia e experiente, sugeriu que eu escolhesse de fato, um curso na área da educação, pois sempre haveria trabalho para professores. Aquela sugestão ressoou forte em meu coração. Assim, decidi prestar vestibular para a Universidade Federal do Maranhão e cursar Pedagogia. Para minha alegria, fui aprovada na primeira tentativa.

Conciliar trabalho e estudo não foi fácil. As jornadas eram longas, os desafios constantes, e a Universidade Federal do Maranhão enfrentava greves que tornavam o caminho ainda mais árduo. Mas eu segui firme, enfrentando cada obstáculo com determinação. Foram seis anos de sacrifício, noites viradas em cima dos livros e muitos momentos de dúvida, mas também de imensa realização.

Chegou o grande dia, e ali, marcava o início da minha trajetória na Pedagogia, na convicção que meu propósito sempre será educar, cuidar, acolher e transformar vidas.



Formatura - Concha Acústica UFMA 2012

Um ano após minha formatura, vi meu esforço se transformar em conquista. Passei no processo seletivo para a educação do município de São Luís. Era a realização de um sonho que começou lá atrás, quando eu ainda era uma menina fascinada pelas atividades infantis que minha mãe corrigia.

Fui lotada na área urbana de São Luís, na Escola Odylo Costa Filho, localizada no Alto da Esperança (Área Itaqui Bacanga). Ali adquiri muita experiência. Lá tive minha primeira turma, que acabara de ingressar no 1º ano. Lembro-me dessa turma com muito carinho e saudades, pois foi essencial para minha caminhada na alfabetização. Cada aluno era único, trazendo consigo desafios e histórias de vida que me ensinaram muito mais do que eu poderia ensinar a eles. Foi nessa fase que entendi que alfabetizar não era apenas ensinar a ler e escrever, mas sim abrir portas para um mundo de possibilidades, sonhos e realizações.

Utilizei diversas metodologias e percebi que algumas funcionavam, outras não, e que a prática docente exigia constante reinvenção. Busquei formações, me aprofundi em teorias pedagógicas e, principalmente, escutei atentamente cada aluno para entender suas reais necessidades. Cada conquista deles era uma vitória minha. O brilho nos olhos ao reconhecerem uma palavra, a felicidade ao escreverem a primeira frase, eram momentos que aqueciam meu coração e me davam a certeza de que estava no caminho certo.

Percorri um ciclo de cinco anos nessa escola, amadurecendo como profissional e me tornando cada vez mais apaixonada pela missão de ensinar. Nesse meio tempo, fui aprovada em outros dois concursos: para a saúde no (Hospital Universitário do Maranhão (DUTRA) e Professor efetivo (SEMED – SÃO LUÍS), mesma prefeitura na qual trabalhava como concursada na saúde, e seletivada na educação.

No entanto, minha nova jornada me levou para um cenário completamente diferente: fui deslocada para a zona rural de São Luís.

A mudança foi um desafio e, ao mesmo tempo, um aprendizado inestimável. Cheguei a comunidades simples, onde as crianças eram muito humildes, muitas vezes iam à escola sem o material necessário, mas carregando um brilho no olhar que traduzia a esperança. Lá, a escola não era apenas um espaço de aprendizagem formal, mas um refúgio, um lugar onde podiam sonhar e, acima de tudo, acreditar em um futuro melhor.

As famílias, apesar das dificuldades, eram extremamente acolhedoras. Me receberam com um carinho imenso, como se eu fosse parte da comunidade desde sempre. Essa proximidade com as famílias me ensinou o real sentido da educação: não se trata apenas do conhecimento acadêmico, mas da formação humana, da construção de valores e da preparação para a vida.

Em meio a estradas de terra e desafios diários, vivi experiências que me transformaram. Vi crianças superando barreiras, mães dedicadas acompanhando seus filhos, professores se desdobrando para oferecer o melhor, mesmo com poucos recursos, e um Diretor apaixonado pela educação, pelo servir, pela missão. Cada dia era uma nova lição, e a paixão pelo ensino crescia ainda mais dentro de mim.

Apesar de ter assumido ambos os concursos, optei por não ficar no Hospital Universitário, pois apesar da renda ser maior, o lugar onde me completava de fato, era na sala de aula.

REENCONTRO COM O AMIGO DA ESCOLA, COM QUEM TRILHARIA A VIDA JUNTOS

Após alguns relacionamentos sem sucesso, em 2013 recebi uma solicitação de amizade no Facebook de João Figueiredo, um amigo colorido da adolescência, com quem estudei durante todo o Ensino Médio. Na época, confesso que meu coração já estava cansado de decepções, e eu sequer

imaginava que aquele simples clique pudesse mudar completamente a minha vida.

Nossas conversas pelo Messenger começaram tímidas, lembrando os tempos de escola, as brincadeiras no intervalo e os sonhos juvenis que nos moviam naquela época. Aos poucos, as mensagens se tornaram mais frequentes, mais profundas, carregadas de nostalgia e uma conexão que parecia nunca ter sido interrompida pelo tempo. Até que, certo dia, ele me fez um convite inesperado: - Vamos ao cinema? Está passando “Meu Passado Me Condena”. Acho que vamos nos divertir.

E lá fui eu, sem grandes pretensões, mas com uma curiosidade no peito. Quando nos encontramos, o riso fluíu naturalmente, como se nenhum ano houvesse passado. Durante o filme, gargalhamos tanto que algumas pessoas até nos olharam com ar de reprovação, mas aquilo não importava. Naquele momento, percebi que não era apenas um reencontro; era um recomeço. João tinha algo especial, um jeito único de me fazer sentir leve, segura e feliz.

A partir daquele dia, nos tornamos inseparáveis. Cada encontro parecia confirmar o que, no fundo, já sabíamos: éramos feitos um para o outro. Com o tempo, nosso amor amadureceu, transformando-se em algo sólido e inabalável. Não éramos apenas um casal; éramos verdadeiros parceiros de vida, cúmplices em sonhos, alegrias e desafios.

Durante essa fase de conhecimento e preparação para a nossa união, vivi um dos momentos mais difíceis da minha vida: a perda irreparável do meu pai. No ano de 2014, ele partiu, deixando um vazio imenso no meu coração. Apesar de não morar mais conosco e de ainda travar sua luta contra o vício da bebida, eu sabia que, no fundo, nossa família, era tudo pra ele. E para mim, ele era um porto seguro, uma fortaleza silenciosa que, mesmo à distância, me fazia sentir protegida.

A relação que eu tinha com meu pai era marcada por uma conexão inexplicável. Ele sempre esteve presente nos momentos mais importantes, fosse com palavras de incentivo ou com seu jeito discreto de demonstrar amor. Saber que ele estava ali, de alguma forma, me dava uma sensação de segurança que transcendia essa vida. Sua partida foi como perder um pedaço de mim mesma, um pilar que sustentava muitas das minhas certezas e afetos.

Mas, olhando para trás, percebo como Deus, em sua infinita sabedoria, preparou tudo com um propósito maior. Foi exatamente antes da despedida do meu pai que João, o homem que se tornaria meu esposo, reapareceu na minha vida. E foi esse reencontro que me deu forças para enfrentar o luto. João soube enxergar minha dor sem que eu precisasse dizer uma palavra. Ele não tentava amenizá-la com frases prontas ou conselhos vazios, apenas estava lá, presente, sólido, firme como um alicerce em meio à tempestade.

Nos momentos mais difíceis, quando a saudade apertava e a tristeza parecia sufocar, era no abraço dele que eu encontrava alívio. João não apenas compreendia minha dor, ele a acolhia com paciência e amor. Seu apoio incondicional e sua presença constante me ajudaram a atravessar esse período sombrio, permitindo que eu respirasse com mais leveza e seguisse em frente, sem esquecer, mas aprendendo a carregar essa ausência com mais serenidade. Sei que meu pai partiu sabendo que eu estava em boas mãos. Ele pôde descansar com a certeza de que eu tinha ao meu lado alguém que me amava, me respeitava e que estaria comigo em todas as fases da vida. E, de alguma forma, isso me traz paz.

Hoje, nossa história tem um capítulo ainda mais especial: nossa filha, Maria Júlia Santos Figueiredo, a Maju, ela nasceu em 2016. Ela é o reflexo do nosso amor, a nossa maior realização, a razão pela qual continuamos sonhando e construindo juntos um futuro cheio de esperança e felicidade. Olhar para trás e ver como tudo aconteceu me faz acreditar que o destino, de alguma forma, sempre soube o que estava fazendo. João não foi apenas um reencontro do passado; ele foi o presente que a vida me deu para um futuro repleto de amor e cumplicidade.

A CHEGADA À ESCOLA CAMINHO DAS ESTRELAS – ESCOLA ASSISTENCIALISTA DA AERONÁUTICA

Após o nascimento da minha filha, percebi que a correria do dia a dia estava me privando de momentos preciosos ao lado dela. Trabalhando em dois empregos, saía cedo e voltava tarde, e quando finalmente chegava em casa, encontrava-a dormindo. Esse ciclo se repetia diariamente e dilacerava meu coração. Sentia que estava perdendo os pequenos e mágicos instantes das suas primeiras descobertas, aqueles momentos únicos que jamais se repetiriam.

Meu esposo, militar da Aeronáutica, sempre comentava sobre as oportunidades de trabalho temporário para pedagogos dentro da instituição. A cada ano, novas vagas eram abertas, e aquilo começou a despertar em mim um desejo latente de mudança. Imaginei que, caso conseguisse essa oportunidade, poderíamos passar mais tempo juntos, alinhar nossas férias, compartilhar feriados e até vivenciar eventos familiares de maneira mais equilibrada. Além disso, seria um novo desafio profissional e traria benefícios financeiros importantes. Assim, tomei a decisão de me preparar e aguardar a oportunidade certa.

Foi nesse período que a pandemia de COVID-19 teve início, estava em meio ao meu estágio probatório como professora na Rede Municipal de Ensino quando as escolas precisaram adaptar-se ao ensino remoto. Foi um período desafiador para todos os educadores, que tiveram de reinventar suas metodologias e buscar novas formas de engajar os alunos à distância. Contudo, esse momento de incertezas também trouxe uma nova perspectiva para minha vida profissional e pessoal.

Com as aulas sendo ministradas remotamente, passei a ter mais tempo com minha filha e a acompanhar seu crescimento de perto. Aproveitei esse período para aprimorar minhas práticas pedagógicas e aprofundar meus conhecimentos sobre as novas tecnologias educacionais, compreendendo como poderia utilizá-las para transformar a aprendizagem. Entre tantas adaptações, percebi que cada desafio era, na verdade, uma oportunidade de crescimento.

Foi então que surgiu a tão esperada seleção para a classe dos QOCONs (Quadro de Oficiais Convocados) da Força Aérea Brasileira. Era a chance que eu aguardava para unir minha paixão pela educação a um novo ambiente profissional. Sabia que o processo seletivo seria rigoroso e exigiria muito esforço, mas estava determinada a dar o meu melhor. Encarei cada etapa com dedicação e disciplina, superando desafios e fortalecendo minhas habilidades.

A cada fase vencida, a confiança crescia. O esforço árduo valeu à pena e consegui integrar a turma de Aspirantes de 2021. Esse momento marcou uma virada na minha carreira, proporcionando não apenas novos aprendizados, mas também a oportunidade de servir ao país através da educação, formando e influenciando vidas dentro da Instituição Militar. Essa trajetória me mostrou que, com dedicação e resiliência, podemos alcançar sonhos que,

em determinado momento, pareciam distantes.

Comecei a trabalhar na Escola Caminho das Estrelas, lugar onde fui muito bem acolhida por uma equipe maravilhosa e calorosa. Ainda estávamos no período pandêmico, e as aulas eram ministradas no modelo on line. Era um novo mundo, tanto para professores quanto para alunos e suas famílias. Enfrentamos juntos dificuldades tecnológicas, adaptação ao novo formato e a necessidade de manter o vínculo afetivo, mesmo à distância.

Conheci minha primeira turma do 1º ano e desenvolvi um excelente trabalho com eles. O que mais me chamou atenção foi a participação assídua dos alunos e o envolvimento ativo dos pais como verdadeiros parceiros no processo educacional. Era emocionante perceber o esforço das famílias em garantir que seus filhos estivessem presentes e engajados, mesmo diante das adversidades. Essa experiência me fez enxergar ainda mais o valor da parceria entre escola e comunidade.

Diante desse novo cenário, passei a utilizar a tecnologia a meu favor, explorando metodologias inovadoras para tornar as aulas mais atrativas. Trabalhei com jogos educativos, plataformas digitais e aplicativos voltados à alfabetização, tornando o aprendizado mais dinâmico e acessível. Além disso, foquei no desenvolvimento da consciência fonológica, o que trouxe resultados expressivos no processo de alfabetização das crianças. Foi um período de muito aprendizado e crescimento profissional.

Ainda em 2022, assumi a coordenação pedagógica, um novo desafio que exigia habilidades de gestão, liderança e um olhar ainda mais atento às necessidades da escola. Além da regência de sala de aula, precisei conciliar o atendimento a alunos, pais e professores, garantindo um ambiente acolhedor e propício à aprendizagem. Aprendi a equilibrar as demandas administrativas com a minha paixão pelo ensino, buscando sempre inovações para aprimorar as práticas pedagógicas.

A experiência de estar à frente da coordenação me proporcionou um amadurecimento profissional imensurável, reafirmando meu compromisso com a educação e com a transformação social por meio do conhecimento.

Na Escola Caminho das Estrelas, encontrei um terreno fértil para o desenvolvimento de minhas habilidades como educadora, um lugar onde pude expandir minha visão e aprimorar minha prática pedagógica. Foi lá que tive a honra de conhecer e participar do grupo de estudos GPSAD, liderado pela incrível professora Jussara. Esse grupo tem sido, sem dúvida, um divisor

de águas em minha trajetória profissional. Ele me desafia constantemente a buscar novos saberes, a repensar minhas abordagens e a aperfeiçoar meus métodos de ensino. Cada encontro, cada troca de experiências, tem sido um estímulo para que eu me reinvente e me atualize como educadora. Neste grupo incrível, tive a oportunidade de juntamente com a professora Jussara e professores das três escolas assistencialistas, lançar meu primeiro artigo no livro de Cotidiano Escolar.



Lançamento do Livro Cotidiano Escolar – Alcântara/MA -2023

Em meados de 2023, decidi investir ainda mais no meu desenvolvimento acadêmico e iniciei um Mestrado a Distância em Tecnologias Emergentes da Educação pela Must University, na Flórida - EUA. Este foi um passo importante na minha busca constante por crescimento e inovação, uma maneira de enriquecer minha prática pedagógica com as mais recentes ferramentas e abordagens tecnológicas. A formação continuada, sem dúvida, tem sido uma das chaves para a evolução da minha trajetória na educação, um processo que nunca deve parar.

O ano de 2024 foi marcado por grandes conquistas, e uma delas foi à realização de um projeto que se tornou inesquecível para todos nós: a parceria com o Projeto Super Autores, que envolveu a turma do 2º ano da escola. Cada criança teve a oportunidade única de escrever seu próprio livro, de contar sua história de forma pessoal e criativa. O lançamento desse projeto foi realizado de maneira emocionante, com a realização da “Noite de Autógrafos” e na Mostra Literária da escola. Foi uma noite mágica, onde os pais se emocionaram, as crianças se sentiram protagonistas de suas próprias histórias e a plateia ficou deslumbrada com o potencial dessas crianças. Ver

aqueles pequenos autores orgulhosos de suas conquistas foi uma das maiores alegrias da minha carreira.



Noite de Autógrafos (Projeto Super Autores) – Alcântara/Ma - 2024

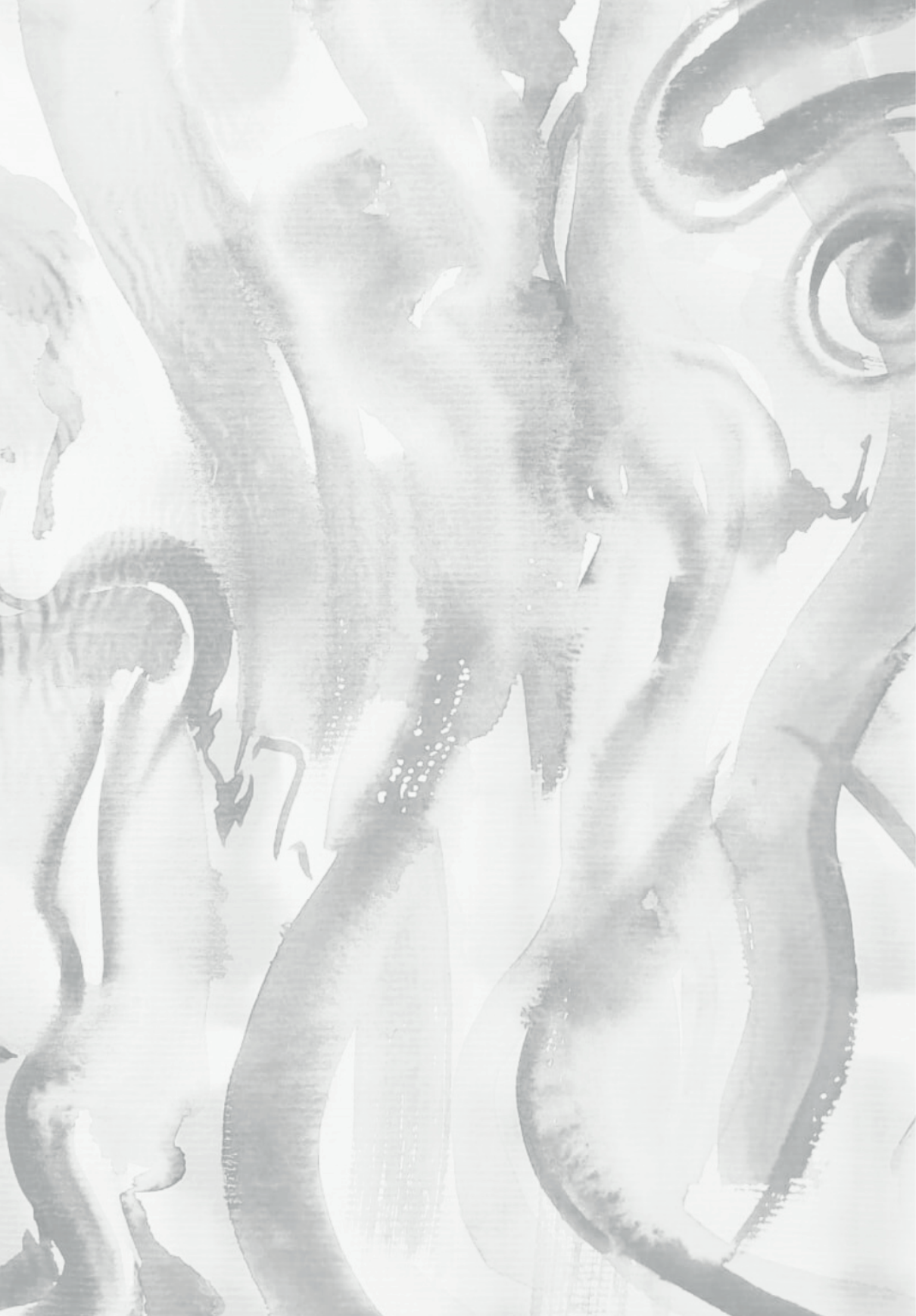
Hoje, sigo desempenhando um papel de grande responsabilidade e honra como coordenadora dos Anos Iniciais da Escola Caminho das Estrelas e, mais recentemente, como chefe da STPA (Subdivisão Técnica de Planejamento e Avaliação). Essas funções, embora desafiadoras, me proporcionam um crescimento imenso, tanto pessoal quanto profissional. Em cada nova tarefa, busco sempre aprender mais, estudar mais e encontrar maneiras de potencializar minha prática pedagógica, para que possa oferecer o melhor aos professores e alunos com os quais trabalho. Acredito profundamente que a educação é a ferramenta mais poderosa para transformar vidas, e estou comprometida em contribuir com cada passo nesse processo.

Neste ano de 2025, minha vida passou por uma nova e significativa mudança: me mudei para a cidade onde a escola está localizada. Esse novo capítulo tem sido uma fonte de imensa alegria para mim. Agora, posso estar mais perto da minha filha, Maria Júlia, e da minha família. Essa proximidade tem sido um presente do céu, pois sinto que finalmente consegui equilibrar minha vida pessoal e profissional de uma maneira mais saudável e gratificante.

Hoje, olhando para a minha trajetória, vejo uma história marcada por desafios, superações e muitas vitórias. Cada etapa dessa jornada, desde os primeiros passos na educação até os momentos mais recentes, carrega lições profundas sobre coragem, resiliência e o poder transformador da educação. Agradeço muito a Deus, e me sinto imensamente grata por tudo que vivi, pelas pessoas que encontrei no caminho e pelas oportunidades que me foram dadas. Essa é a minha história, uma história de dedicação, amor à educação e a crença de que, através dela, podemos construir um futuro mais justo e pleno para todos.



Família Figueiredo – Escola Caminho das Estrelas – Alcântara /Ma



Capítulo 12

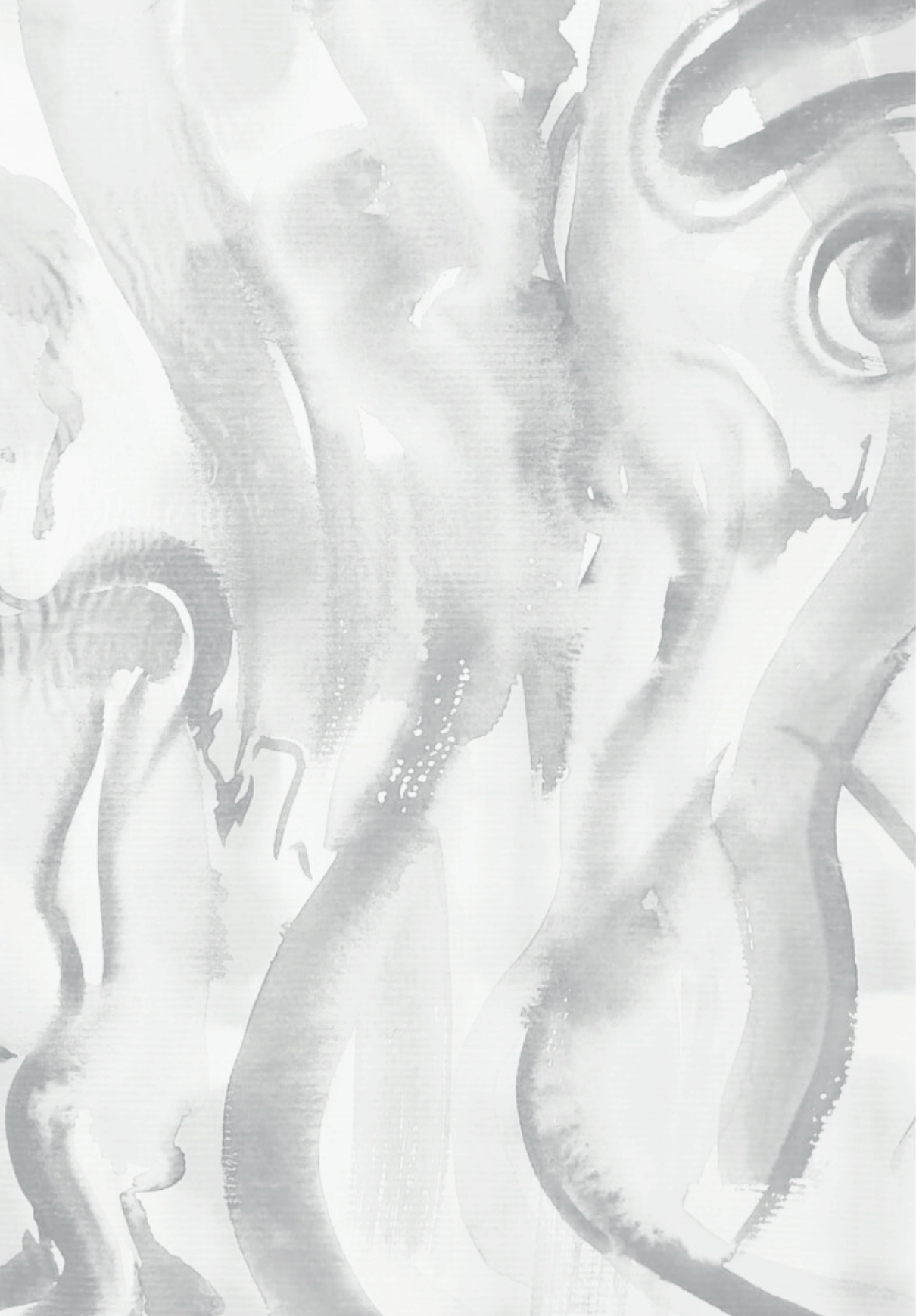
TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM BUSCA DO SEU ENCONTRO PEDAGÓGICO

Ilana Lorena dos Santos Chaves (CTRB)



A educação tem sentido porque mulheres e homens
aprenderam que é aprendendo que se fazem e
refazem, porque mulheres e homens se puderam
assumir como seres capazes de saber.

Paulo Freire



TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM BUSCA DO SEU ENCONTRO PEDAGÓGICO

Na família em que nasci, o estudar é um valor muito importante, por isso meus contatos com os livros de história de literatura começaram cedo, lendo e ouvindo os clássicos da literatura infantil, pois ganhei de presente de meus pais uma coleção que vinha com os discos e os livros; e eu passava quase todas as tardes de parte da minha infância ouvindo na minha vitrolinha. Posteriormente, como minha mãe, Ivanil Chaves, era professora de língua portuguesa, em nossa casa tínhamos muitos livros didáticos com textos e ilustrações de histórias e eu ficava imersa nas páginas desses livros.

Meu pai foi o meu grande contador de histórias. Lembro que eu e a minha irmã tínhamos as nossas histórias individuais. A minha era do Pedrinho, o menino que não queria escovar os dentes e, por causa disso, pasmem, virava um tamanduá! Essa história era contada com grandes lances de suspense e humor, o que tornava a minha hora de dormir muito aconchegante e divertida.

Sempre presenciei a minha mãe trabalhando muito! Por isso jurei a mim mesma, enquanto eu estava na adolescência, que jamais trabalharia na área da educação sendo professora ou diretora escolar, mas a vida me mostraria que é muito difícil fugir da área da educação.

Passei os primeiros anos da minha vida escolar na Escola Tenente Rêgo Barros, lembro que fiz o teste para admissão e fui classificada para estudar na 1ª série intermediária, pois existia também a 1ª série “forte” e “fraca”. Nessa escola concluí meus estudos até a 8ª série do Ensino Fundamental, quando saí, pois, para o nível médio, não havia a área de Ciências Humanas, somente a de Exatas.

Então, aos 14 anos ingressei no curso técnico do Magistério na Escola Adventista de Belém. Eu não tinha certeza do que queria fazer para o meu futuro profissional, mas, como quase toda minha família materna era da aérea da educação, meus pais me convenceram de que, a princípio, eu deveria fazer esse curso técnico. Nessa negociação, eu já sairia com um diploma e uma profissão e, depois, se eu quisesse, poderia no vestibular optar por outro curso. Meu curso de Magistério foi focado praticamente na Didática Instrumental, talvez por ter sido o primeiro ano de implantação do curso e muitas coisas estavam se estruturando e organizando. Não tomei conhecimento dos

grandes pensadores educacionais, como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Anísio Teixeira e José Libânio, e, somente depois, na Universidade Federal do Pará os conheci. Contudo, na formação técnica, lembro-me especialmente de duas professoras com carinho, a de Sociologia Educacional e Psicologia Educacional, quando eu e a maioria dos colegas de turma ainda estávamos em plena adolescência nos anos de 1980.

Com a professora de Psicologia Educacional senti uma identificação imediata, acredito que pela forma como abordava essa área do conhecimento humano, tornando as aulas verdadeiros encontros com o conhecimento, nos quais a professora permitia uma aproximação conosco.

Formei-me Professora nível técnico em 1989 aos 17 anos, e viria o novo passo da vida! A universidade! E agora? O que fazer? Dúvidas não faltavam na minha mente. Lembro que liguei para uma tia minha para perguntar um pouco mais sobre o curso de Pedagogia, que, naquela época, era mais focado na Orientação, Supervisão ou Administração Escolar.

Mesmo ainda com dúvidas sobre meu destino profissional, fui orientada, mais uma vez, pelo meu pai a me inscrever no vestibular da Universidade Federal do Pará (UFPA) e na Universidade Estadual do Pará (UEPA), para ver primeiramente como eram as provas, equivalendo a treino, já que não tinha feito nenhum cursinho pré-vestibular. E, como “boa filha”, assim fiz. Para minha grande surpresa, fui aprovada na Universidade Federal do Pará para cursar Pedagogia! E também na Universidade Estadual do Pará, para o curso de Magistério – Licenciatura Anos Iniciais. Era o início do ano de 1990.

Pedi novamente orientação aos meus pais sobre qual dos cursos deveria fazer, e fui orientada a cursar Pedagogia, pois o curso já estava autorizado e reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e as disciplinas seriam ofertadas pela parte da tarde e da noite, possibilitando-me exercer a docência na área da Educação Básica pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA), com a qual firmei contrato no mesmo ano. Já o curso da UEPA, por ser ofertado em dois turnos obrigatórios desde o segundo ano (parte teórica pela manhã e parte prática pela tarde), restava-me inviável.

Meu novo caminhar na Universidade foi cheio de descobertas! Nessa época as disciplinas ofertadas ainda eram por créditos, o que possibilitava que em determinadas disciplinas cursadas pudéssemos interagir com pessoas bem diferentes e de outros cursos, principalmente durante os três primei-

ros semestres. Foi na universidade que tive contato pela primeira vez com os textos de Paulo Freire, e com a sua proposta de uma pedagogia emancipatória. E também com os grandes filósofos clássicos da humanidade: Platão, Aristóteles, Sócrates, Rousseau e Maquiavel.

Na universidade foram se descortinando novas áreas do conhecimento e novas oportunidades de crescimento pessoal. Afinal, aquela menina criada por um pai militar e uma mãe professora, crescendo principalmente dentro de uma vila militar, cercada de tantos cuidados e privilégios, estava tomando consciência de si e de tantas questões e desigualdades políticas e sociais pelas quais a população e a sociedade brasileira viviam e de todos os desdobramentos dessa realidade.

Entrei na universidade em 1990, prestes a completar 18 anos, para fazer um curso que deveria durar 4 anos, mas passamos por vários períodos de greve (todos justos) que consegui concluir o curso de Pedagogia – Habilitação em Magistério – apenas em 1996, juntamente com a chegada do meu filho primogênito Francisco! As colegas de turma brincavam dizendo que eu receberia dois diplomas. Enfim, foram várias lutas e consegui me formar. E, um semestre depois, cursei a Habilitação em Administração Escolar.

Ressalto que, nesse período passado na UFPA, eu já trabalhava como professora pelo Estado e, incentivada pela minha mãe, prestei concurso para a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) para lecionar na Educação Básica, sendo chamada no ano de 1993. Então, a partir dessa data, tentava conciliar o trabalho nas salas de aula pela manhã e à tarde com o estudo das disciplinas possíveis na universidade à noite.

Minhas experiências nas escolas estaduais do meu estado iniciaram na sala de aula, especificamente com crianças da 1ª série, e passaram pela vice-direção e orientação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Lembro com muito carinho tanto dos alunos e alunas da 1ª série quanto dos educandos e educandas da EJA. Na vice-direção aprendi a ser mais organizada, ao lidar com documentos importantes para o funcionamento da escola e a trabalhar juntamente com a secretária escolar, contudo, foi na orientação que meus olhos brilharam. Pude me aproximar mais dos alunos e das alunas, e mesmo num contexto propenso a vulnerabilidades socioeconômicas, culturais e emocionais do público, busquei ser aquela pessoa e profissional que os estimulava e oferecia suportes, na medida do possível, para não desistirem de seus estudos.

Na Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), foi onde eu tive algumas experiências bem desafiadoras na área da docência. Eu era muito rigorosa com a questão da disciplina, talvez por ter sido criada por uma mãe professora e gestora escolar e por um pai militar. Então tive que, bem aos poucos, ir me reajustando e conquistando a duras penas uma nova forma de ver a organização cotidiana em sala de aula em relação aos comportamentos e à interação dos estudantes. Nessa época, as formações que a SEMEC proporcionava aos educadores eram construtivas e muito enriquecedoras! Costumo dizer que o “pulo do gato” aconteceu nessa instituição, quando fui lotada na Educação Infantil, e nossas formações educativas eram centradas no SER criança, na perspectiva de sua totalidade. Tive formações para compreender o pensamento infantil, a importância do brincar para desenvolvimento humano, incluindo o acesso a diversas formas de manifestações artísticas, como o desenhar e a música, o trabalho com a corporeidade infantil.

Depois dessa experiência enriquecedora com a Educação Infantil, trabalhei no espaço pedagógico Sala de Leitura e a Biblioteca Escolar, lotada na Escola Municipal Professora Terezinha Souza (SEMEC). Para a Sala de Leitura, pude levar minha experiência vivida por muitos anos na Educação Infantil, buscando desenvolver uma aprendizagem mais alegre, para um despertar da leitura por meio do encantamento dos livros, das músicas, dos movimentos corporais e também dos vídeos. Quando surgiu a oportunidade de trabalhar na biblioteca escolar, compartilhei as experiências adquiridas durante toda essa minha vida na docência. A biblioteca escolar é um local que deve ser encantador e de fácil acesso aos educandos e à comunidade. Foi um novo desafio, já que existe um processo de organização e catalogação específico para esse espaço. Confesso que fiquei ansiosa. E, nesse momento, uma especial educadora chamada Iracema Mattos, professora da Educação Infantil, que na época estava readaptada e trabalhava na biblioteca, segurou a minha mão e me orientou em todos os meus passos, não me deixando esmorecer! Ah, a educação nos proporciona encontros com pessoas belíssimas.

Em 2009, quando imaginei que minha vida do fazer pedagógico já estava toda estruturada, novamente minha mãe, me fala que estavam abertas as inscrições para o concurso para Professora Pedagoga na Escola Tenente Rêgo Barros. E tanto falou e tanto insistiu que, mesmo grávida, resolvi

fazer a inscrição. E, na sequência, realizei a prova, deixando minha filhinha Helena com meses de vida em casa (e no aguardo da amamentação). Eram somente três vagas, então fui fazer tranquila, pois imaginei: “Eu não tenho a mínima condição de passar”. Eu achei a prova incrivelmente fácil então logo pensei: “devo ter respondido tudo errado”, afinal não havia focado os estudos para esse concurso e estava mesmo preocupada em voltar para casa, onde um ser pequeno por mim esperava.

Quando saiu o resultado, eu tinha sido classificada! Eu iria agora fazer a prova de títulos e a prova prática. Organizei a documentação comprobatória dos títulos que possuía e aguardei o próximo passo. Lembro que, no dia do sorteio do assunto da prova prática, fiz uma curta oração pedindo a Deus que fosse sorteado o tema que eu mais dominava, pois do sorteio tínhamos 24 horas para preparar nossa apresentação. E meu tema foi: “Prática de alfabetização através de uma contação de história da literatura infantil”. Fiquei muito feliz com tema, ele foi exatamente ao encontro de minha formação enquanto docente.

Na minha casa, a rede de apoio agiu: todos me ajudaram para a montagem da prova prática. Manuscrevi o planejamento e meu marido o digitou; minha mãe comprou uma cestinha, uns fitilhos coloridos e chocolates; depois, organizei o passo a passo da minha contação de história, escolhi a da “Chapeuzinho Vermelho”. Posteriormente, solicitei emprestado de uma amiga da escola da prefeitura, que havia trabalhado com literatura infantil, um grande livro feito com duas folhas de isopor, onde dentro estavam afixadas as histórias clássicas da literatura infantil, reescritas pelas próprias crianças. Eu tinha em casa uns chocalhos de plástico, então, pedi ao meu filho mais velho para enfeitar alguns, pois os usaria no momento inicial da minha aula prática na de cantoria de uma música. No dia da prova prática, ao chegar à escola (em que estudei por muitos anos), meu coração só faltava sair pela boca! Mesmo com toda a experiência de vida no fazer pedagógico, fiquei muito ansiosa. Mas consegui fazer a prova prática. Ufa! Havia tirado um peso do meu peito quando saí daquela sala.

Fiquei muito surpresa e feliz, quando saiu o resultado e fui aprovada em 2º lugar! Passado o momento da felicidade, veio a preocupação, já que eu já tinha muitos anos de trabalho no Estado e na Prefeitura de Belém, e ainda seria impossível atuar no serviço público com três vínculos. E, nesse período da minha vida, eu precisava de tempo, de qualidade de vida para poder ver e

acompanhar a vida dos meus filhos: o Francisco, que já estava adolescente, e a Helena, que ainda era um bebê. Fiz a opção por ficar na docência na prefeitura de Belém e na docência na Escola Tenente Rêgo Barros. Com isso, solicitei minha exoneração do vínculo do Estado, onde havia trabalhado por quase 20 anos.

Na Escola Tenente Rêgo Barros, fui lotada para trabalhar com o 2º ano/9, antiga 1ª série. Lembro que cheguei à escola para me apresentar numa manhã chuvosa de fevereiro de 2010, estava terminando o baile de Carnaval das crianças e fui olhar o espaço da Educação Básica Anos Iniciais, que agora tinha novas salas, as quais no meu tempo de estudante não havia.

Ao assumir a turma do 2º ano/9, confesso que estava um pouco apreensiva, pois mesmo tendo experiências anteriores nas escolas Estaduais do Pará e Municipais de Belém, iria começar num espaço educativo totalmente novo (e tendo as demandas de uma filha de apenas 10 meses). Novamente fui muito bem orientada por colegas professoras que atuavam no mesmo ano de ensino, pois a escola tem uma base forte de conteúdos a serem trabalhados em um prazo de tempo definido pelo calendário escolar, por isso deveríamos estar atentos e em sintonia para conciliar essa questão e, assim, não perdermos de vista a vivência da infância e de suas necessidades específicas. Por isso, incluí na rotina dos alunos e das alunas o acolhimento com música, a pausa para o relaxamento, a proposição de atividades em que as crianças também pudessem expressar suas opiniões sobre os diversos temas tratados nas áreas de cada conhecimento.

No mesmo ano de 2010, quando iniciei a prática docente na Escola Tenente Rêgo Barros, passei no curso de mestrado na área da Avaliação Educacional; o curso era um convênio firmado entre a Seção de Neuropsicopedagogos do Estado do Pará e a Universidade de Évora em Portugal. Uma parte do curso seria cursado no Brasil e outra em Portugal. Pude vivenciar quase todo o período do curso de mestrado, incluindo a experiência de passar 45 dias em Évora – Portugal, período de grandes vivências e experiência de vida.

Em nossas vidas, creio, passamos por hiatos, separações; que depois se revelam novas oportunidades. Em 2014 precisei me afastar de todas minhas atividades profissionais e de estudo, não conseguindo concluir o mestrado; por um problema de saúde que afetou gravemente meu braço direito e depois o esquerdo. Porém, foi um período que necessitei e foquei a

minha saúde de modo global, tanto física quanto mental.

Ao retornar para a Escola Tenente Rêgo Barros, agora com algumas limitações laborais, fui primeiramente trabalhar ajudando na coordenação pedagógica do 5º ano e, posteriormente, passei pela orientação do 4º ano, regente na Sala de Leitura e das disciplinas de História e Geografia.

De todas essas experiências a regência na Sala de Leitura foi também muito marcante para mim. Foram várias as tentativas de tornar esse ambiente acolhedor, colorido, com trabalho de histórias clássicas da literatura infantil e com as Lendas de parte da nossa Amazônica (Belém), tais como: “A moça do Táxi”, “O lobisomem da Pedreira”, “A mãe d’água do Igarapé São Joaquim”. Com isso, houve a promoção e a valorização de escritores paraenses e suas obras, tais como o poeta e trovador Juraci Siqueira e Walcyr Monteiro.

A experiência no espaço de Sala de Leitura foi tão instigante para mim, que fiquei muito feliz quando surgiu a oportunidade de realizar o curso de especialização “Formadores de Contadores e Mediadores de Histórias da Amazônia”, ofertado pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ) no ano de 2020.

Era o início de 2020, e não tínhamos ideia do que iríamos enfrentar... Era a pandemia de Covid-19 chegando. Ao mundo, apreensão, medo, perdas se apresentavam.

Assim, o curso que deveria ser totalmente presencial teve que se ajustar, assim como toda a sociedade. Uma parte do curso, muito preciosa, foi presencial. E a outra parte, também cheia de aprendizagens foi no formato online. Como a universidade era particular, dispunha de todo o aparato técnico necessário e, assim, fomos construindo não somente uma rede de estudo, mas uma rede apoio, de afeto, de resistência pelo ato de educar amorosamente através da prática dos Contadores e Mediadores de Histórias. Mesmo no formato online, conseguimos trabalhar a importância da música, do brincar, da expressão corporal e vocal para conseguir passar a nossa mensagem por meio das histórias.

Ao término da formação, que durou dois anos, fui convidada por uma professora do curso a participar do grupo Movimento de Contadoras e Contadores de Histórias da Amazônia – MOCOHAM, e aceitei imediatamente o convite.

No fim do ano de 2024, por questões laborais, foi necessário passar por nova perícia médica e fui readaptada definitivamente no Colégio Tenente

Rêgo Barros. E, logo no início de 2025, fui lotada no espaço da Biblioteca Escolar “Brigadeiro Eduardo Gomes”, após apresentar o projeto de mediação de leitura e contação de história “Voando nas asas da literatura”, para ser trabalhado inicialmente com as crianças do 1º ano da Educação Básica juntamente com a professora regente de Letramento Literário do colégio.

Fui muito bem acolhida no espaço da Biblioteca, tanto pelas bibliotecárias quanto pelos outros profissionais que trabalham no atendimento dos alunos. No primeiro momento de contação de história as crianças foram muito receptivas!

Finalizo aludindo a um momento muito especial, quando participei da “Cerimônia do Caderno” para as crianças do 1º ano e seus familiares, do Colégio Rêgo Barros. contei “A História de Naitá”, escrita por Danilo Furlan, com ilustrações de Maria Cininha; e apesar do grande nervosismo que eu sentia, pois pela primeira vez faria uma contação para um público maior e no teatro da escola, foi um momento muito importante em que percebi as crianças reagindo com interesse e encantamento pela história. Essa experiência me faz acreditar que estou no lugar certo e que tenho muito ainda a aprender e a contribuir para que o acesso à leitura e sua fruição sejam ocorram a partir de um despertar por meio do encantamento, da curiosidade e da reflexão-ação-reflexão. Abaixo imagem do evento “Cerimônia do Caderno”, no Colégio Tenente Rêgo Barros, em 2025.



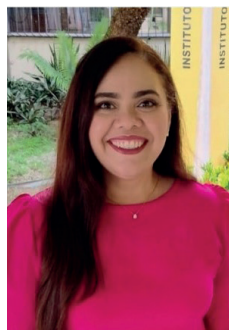
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA E O DESPERTAR DE UMA PESQUISADORA

Capítulo 13

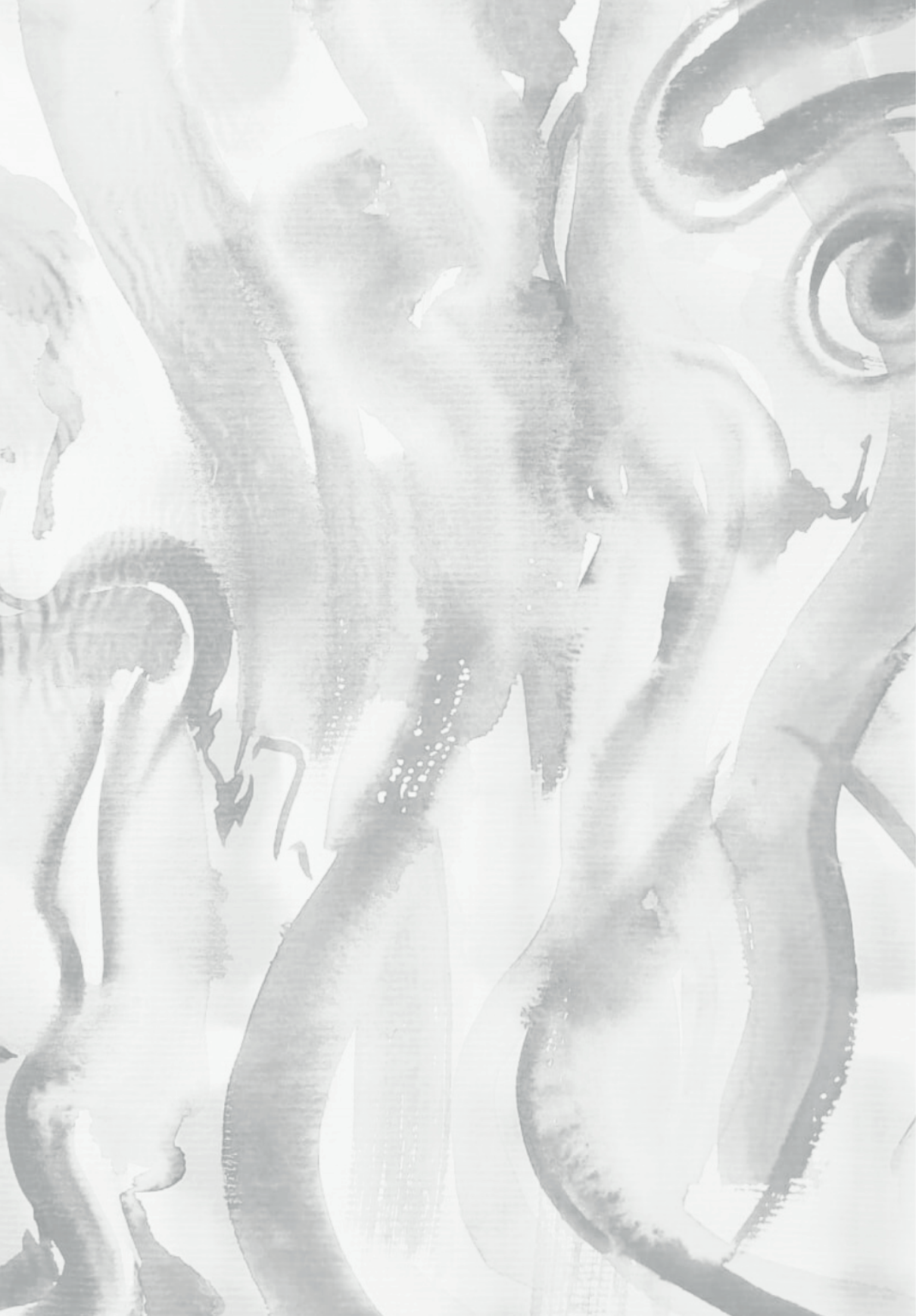
A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA E O DESPERTAR DE UMA PESQUISADORA

Elen Rosa dos Reis Nunes (CTRB)



"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria!"

Paulo Freire



Caro (a) leitor (a), testifico a vocês que remexer o baú das nossas memórias é um ato desafiador, pois acha-se neles sentimentos surpreendentes, um misto de alegrias e tristezas, algumas coisas você sabe que estão lá, outras saltam aos olhos como quando encontramos algo que foi guardado e você nem lembrava, mas tudo faz parte de nós. Somos feitos de lembranças e de sonhos, por isso, com este abreviado relato da minha história também lhe convido a refletir sobre as memórias que fazem parte de quem você é, mesmo que encontres algo que não seja tão festivo, aproveite a oportunidade para transformar em gratidão, pois tudo faz parte de quem somos e olhar para nossa trajetória, nos ajuda a pensar em nosso futuro, que este seja de evolução como profissionais e como humanidade.

Início este memorial com a apresentação do caminho que me fez chegar até aqui, ou seja, as principais influências que contribuíram para a minha formação humana e acadêmica, pois julgo ser importante para a compressão do trabalho que desenvolvo atualmente. Sou professora de um público infantil, estou sempre ligada ao processo de ensinar e aprender, por isso concordo com o que diz Rubem Alves "(...) o professor é aquele que ensina a criança a fazer flutuar suas bolinhas de vidro dentro das bolhas de sabão. Tudo o que é pesado flutua no ar" (1994, p.65), ou seja, busco tornar este processo mais leve para as crianças e para mim, pois isto marca a vida positivamente, os bons momentos. Agora, apresento-lhes a seguir uma parte importante desta trajetória.

Meus pais, Dinair Rosa e Rubens Reis, sempre foram batalhadores, se conheceram e se casaram muito jovens. Uma das lembranças marcantes para mim era observar a dinâmica da farmácia popular que meus pais tiveram, na década de 80, no Conjunto Guajará, onde morávamos, nessa época eu gostava de folhear os almanaques que eram distribuídos com medicações como o Biotônico Fontoura. Neste período, minha mãe ficou grávida, meu irmão caçula Ewerton estava a caminho!

Lembro-me de como eu gostava muito de brincar no quintal, tinha pé de mamão, maracujá que eu admirava a flor e o seu aroma, tinha pé de camapú, que eu comia do pé, todo dia eu ia conferir se tinha algum maduro, era uma espécie simples, hoje essa frutinha é valiosa e rara, está presente na mais alta gastronomia denominada de *Physalis angulata* L., quem diria! Nessa época eu tinha cachorro, gato, coelho e passarinho em casa, então

minha relação e encantamento com a natureza era dentro do meu quintal.

Desde a primeira infância, sempre fui muito curiosa, não me conformava com respostas breves, sempre queria saber o “porquê” das coisas, tinha um tio (Bio) que me chamava de “língua dos perguntadores” ou de “que nome?”, tamanha era a minha curiosidade desde menina pequenina. Assim, minha brincadeira preferida dentro de casa era reunir as bonecas e ser professora, ensinava para elas todas as minhas descobertas, mesmo quando não sabia nem ler e escrever. Minha mãe vendo esse meu desejo, começou a me ensinar em casa, depois fiz o jardim II, na escolinha perto de casa.

Diante do meu entusiasmo pelos estudos, minha tia Odaléia Reis que era professora de Biologia na Escola Tenente Rêgo Barros- ETRB, conversou com os meus pais a respeito de uma seleção que haveria na escola para entrada de novos alunos civis, na época minha mãe ficou temerosa, pois eu só tinha 5 anos, não me enquadrava na idade para ingressar na turma de Alfabetização e morávamos muito longe da escola, mas minha mãe se rendeu à minha empolgação. Fiz o teste e passei, naquela época não havia ainda lei sobre idade/ série estabelecida como hoje em dia, então fui selecionada e foi uma alegria em meu primeiro dia de aula vestir a farda azul.

Não é fácil recordar que com 8 anos eu enfrentei problemas de saúde, fiquei internada praticamente 1 mês no hospital Santa Casa de Misericórdia, descobriram que eu estava com nefrite, com um dos rins paralisado e o outro comprometido, tive indicação para o tratamento com hemodiálise e entrar na fila de espera para um transplante, foi um momento doloroso, mas minha família entrou em oração, minha mãe fez campanha de oração na igreja, então o milagre veio! Sem explicação médica meus ris voltaram a funcionar normalmente. Por isso, até hoje eu tenho Fé!

Retornei às aulas com muitas restrições alimentares e impedida de frequentar as aulas de Educação Física, mas estava feliz por estar de volta à escola. Contudo, no final deste ano, os meus pais se separaram, minha mãe, meu irmão e eu fomos morar com meus avós maternos. Foi um processo de adaptação, morar com meus avós e mais um tio, minha avó trabalhava com vendas de roupas e acessórios, por isso, a casa recebia muitas visitas, tive dificuldade em estudar e concentrar nesta nova configuração familiar.

No início do ano seguinte, meu pai passou no vestibular para Geografia na Universidade Federal do Pará- UFPA, uma alegria, comemoramos bastante, dentre os quatro irmãos, ele foi o último a ingressar na universidade.

de. Neste período, minha mãe também voltou a estudar, passou na seleção para a primeira turma de Ensino Religioso no Pará, curso que começou a ser sediado pela Arquidiocese de Belém e depois passou para a Universidade do Estado do Pará- UEPA, sendo a primeira dos 6 irmãos a alcançar o nível superior. Vivenciando todo esse esforço dos meus pais compreendi bem cedo que estudar era o caminho que possibilitava o crescimento do indivíduo, então, me esforçava e sonhava em chegar na Universidade. Minha inspiração era agora pai e mãe, professores!

Para superar a não reconciliação dos meus pais, encontrei refúgio na igreja evangélica, que frequentava desde criança, mas agora, adolescente, sentia que era minha escolha pessoal, assim, na Escola Dominical, os ensinamentos Bíblicos me davam esperança de superação, amor e perdão. Desde muito cedo passei a auxiliar no trabalho com crianças na igreja, ensaiava músicas com o coral infantil, fui professora dos menores, minha habilidade com crianças era reconhecida, tanto que uma amiga da minha mãe, dona de escolinha particular, me convidou para dar aulas de reforço, mas não aceitei, pois eu temia tirar o foco dos meus estudos.

Enfatizo que desde a antiga alfabetização até o 1º ano do Convênio, nomenclaturas antigas para o 1º ano do Ensino Fundamental I e 1º ano do Ensino Médio, estudei na tão querida ETRB, no 1º ano cursei CE -Ciências Exatas, pois pretendia fazer arquitetura, mas ao final desse ano reconheci que minhas habilidades estavam mais voltadas para a área das Ciências Humanas- CH, então, saí da ETRB e fiz os dois últimos anos do Ensino Médio em escola particular.

Durante o meu 3º ano do então 2º Grau, minha mãe ficou gravemente doente, nesse período fiquei muito tempo com ela no hospital, quase a perdemos, pois o diagnóstico foi tardio, uma doença rara no fígado - cirrose autoimune, mesmo sendo alguém que nunca bebeu. O quadro dela passou a ser objeto de estudos pelos médicos pesquisadores do Instituto Evandro Chagas em Belém, que por muitos anos monitoraram a saúde dela, o organismo foi se autorregenerando com o tratamento, assim admirada, fiquei acompanhando as pesquisas em relação ao diagnóstico da minha mãe, hoje ela não apresenta mais nenhum sintoma. Para mim, esse é mais um milagre que eu compartilho com as pessoas e agradeço à Deus!

Por conseguinte, meu primeiro vestibular, foi em meio ao turbilhão descrito, daí não tive êxito. Meu segundo vestibular, fiz curso preparatório

onde meu pai lecionava, me sentia preparada, mas... na véspera da prova minha avó paterna faleceu, fiquei muito triste, mas meu pai sabia do meu sonho do vestibular e me incentivou a ir para a revisão final, chegue lá, fiquei aérea em sala, a Profa. Helenilda Costa, dona do cursinho, me viu e me chamou pra sala dela e perguntou: - Minha filha, o que você está fazendo aqui? Eu desabei em choro, ela me disse que era melhor eu voltar para casa, nem lembro como voltei. No dia seguinte, fui fazer a prova do vestibular para uma universidade particular, o resultado... nessas alturas a imaginação de vocês já acertou, não é mesmo?!

Duas tentativas frustradas, resolvi parar de estudar por um tempo e fiquei 6 meses pensando o que faria no futuro, até que a Universidade Federal do Pará -UFPA abriu um vestibular especial no meio do ano, para suprir algumas vagas que não haviam sido preenchidas no vestibular regular, poucos cursos foram ofertados, mas o que eu queria estava na lista, foi assim que me inscrevi em um dos cursos que sempre sonhei. Porém, me encheram de críticas pois eu escolhi o curso mais concorrido deste certame, Pedagogia, tive pouquíssimo tempo para revisar alguma coisa, mas finalmente passei neste vestibular especial e em 1997, ingressei na Universidade!

A minha opção pela Pedagogia, foi pelo fascínio que eu sempre tive pela educação, sendo essa a ciência capaz de explicar como ocorre o processo educativo. Meu interesse estava voltado ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças, por eu já ter trabalhado com esta faixa etária na igreja, local onde descobri minha vocação para ensinar. Desse modo, cursei a minha licenciatura em pedagogia, na UFPA.

Os conhecimentos adquiridos através das disciplinas como filosofia e psicologia da educação, me fascinavam, mas a fala da Profa. Ludetana, nas aulas de sociologia da educação, me despertaram o interesse para algo novo, a Educação Ambiental, essa ainda era uma discussão, relativamente recente, na universidade. Foi quando, em uma aula a Profa. Ludetana convidou a turma para se voluntariar como bolsista de pesquisa de seu grupo de estudos, no mesmo dia conversei com ela e na semana próxima compareci à entrevista, muito empolgada em conhecer e participar de um projeto de pesquisa.

Assim, vivenciei durante a minha graduação, a experiência de ser bolsista de pesquisa, inicialmente como voluntária, mas depois concorri, fui aprovada e passei a ter uma bolsa pelo Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação Científica- PIBIC. Desse modo, participei por 4 anos do Grupo de Estudos em Educação, Cultura e Meio Ambiente (GEAM), aprendi muito com as duas mulheres referências em Educação Ambiental no Estado do Pará, as professoras Maria Ludetana Araújo e Marilena Loureiro, que me mostraram o caminho da dinâmica dialógica e interdisciplinar me apontaram novas perspectivas para as questões ambientais e a práxis educacional.

A experiência como bolsista me oportunizou a publicação de artigos e a participação em diversos eventos científicos, os quais me proporcionaram as minhas primeiras viagens para fora do Pará, onde pude apresentar as minhas pesquisas no Congresso Brasileiro de Meio Ambiente em Fortaleza- CE (2000) e no 53º Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC em Salvador- BA (2001). Esse incentivo, com os custos patrocinados pela Universidade, me fez dar um salto não somente como acadêmica, mas também como pessoa, pois eu nunca tinha viajado para fora do Estado, fui com muitos receios, mas ver que alcancei a superação de todos eles, não tem preço!

Na reta final da Graduação, o curso de Pedagogia passou por uma modificação de currículo, por isso tive que optar entre o velho ou o novo, optei pelo novo, pois além da Licenciatura me concedia mais três habilitações em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar, mas para isso, eu tive que cursar mais um ano, assim, minha Graduação durou 5 anos. Quando terminei a graduação em 2002, já fiz a seleção para a pós-graduação e fui aprovada, a minha experiência como bolsista influenciou a escolha pela Especialização em Gestão Pública, Planejamento e Meio Ambiente, no Programa Internacional de Formação de Especialista em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (FIPAM), ofertado pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPa), a qual concluí em 2004.

Quando ingressei como professora na educação básica (2003), um pouco antes de ser recém-formada especialista, comecei como alfabetizadora em uma escola situada em um bairro de periferia (Jurunas), com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Estes educandos precisavam desenvolver a leitura e a escrita, mas tive um choque ao me deparar com uma realidade socioeconômica fortemente precarizada, na qual a merenda da escola era, para algumas crianças, a principal refeição do dia. O desafio foi grande, eu precisava despertar o interesse e mediar a aprendizagem em condições limitadas, mas também pude colocar em prática várias teorias

estudadas de autores clássicos como Rousseau, Piaget, Vygotsky e Paulo Freire, iniciando uma busca didática que despertasse o interesse daquelas crianças. Além disso, na EMEIF PROF Miguel Pernambuco Filho, encontrei colegas comprometidos e que me auxiliaram neste processo.

Outra experiência vivida em escola pública que me marcou foi na Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, a FUNBOSQUE, localizada em Outeiro, na Ilha do Caratateua, por ser referência em Educação Ambiental- EA, sendo estabelecida, desde a sua estrutura arquitetônica ao seu projeto pedagógico, como um lugar de práticas educativas vinculadas às questões ambientais e de sustentabilidade. Nesta escola, a formação de professores era contínua e voltada à prática da EA, que se realizava em sala de aula, mas também em projetos diferenciados como reciclagem, horta, brinquedoteca, herbário, entre outros.

Vale ressaltar o contexto no qual estou inserida: na Amazônia, uma região geoestratégica tão rica, mas com disparidades sociais e econômicas tão latentes. Tais questões são consideradas pelas Ciências Ambientais, pois esse campo do saber vai além da conservação da natureza e aponta para a interdependência de todos os seres vivos e o ambiente, compreensão necessária para a busca de uma melhor qualidade de vida para todos. Essa premissa faz parte das minhas expectativas, a partir da qual busco aprofundar os meus estudos e aprimorar a minha prática educativa.

Tendo em vista esses princípios, como pedagoga, trabalhei em diferentes funções na escola, desde a docência no Ensino Fundamental Anos Iniciais, atuando em diversos componentes curriculares, como também em diferentes projetos e espaços pedagógicos, dentre os quais destaco a horta e a reciclagem; como também atuei na Coordenação Pedagógica Geral, que abrangia a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA. Pelas vivências e aprendizados nesta escola de referência em Educação Ambiental, ressalto que os diversos projetos e espaços pedagógicos, são de fundamental importância para escola, pois favorecem a aprendizagem, por meio da qual os discentes consolidam seus conhecimentos de forma prática e lúdica. Cumprido o meu tempo nesta escola, foi emocionante a despedida organizada pelos pais, eles queriam fazer um abaixo assinado para que eu permanecesse, mas entendo que tudo faz parte de um processo eletivo, então agradei com carinho e encerrei meu trabalho na Ilha.

Em 2009, fiz o concurso para a ETRB, me inscrevi em cima da hora, no último dia e à base de muito incentivo do meu então namorado, hoje marido Tiago Nunes. Eram apenas três vagas e fiquei muito feliz quando recebi esta aprovação. Hoje sou servidora pública civil, atuante há 15 anos como educadora na escola, vivenciei a sua troca de nome de “Escola Tenente Rêgo Barros- ETRB”, para “Colégio Tenente Rêgo Barros- CTRB”, a qual demorei a me acostumar, pois como ex-aluna estudei a maior parte da minha infância e adolescência na ETRB.

Tenho um carinho por este lugar que aumentou quando voltei à escola já como professora e pude encontrar pessoas que fizeram parte da minha formação, vale dizer que me emocionei ao reencontrar a Profa. Lúcia Ricardo que foi uma das minhas professoras alfabetizadoras. Reencontrei também a Profa. Lunna que foi minha professora no Ensino Fundamental Anos Iniciais, sendo ela a minha primeira coordenadora no CTRB, os Profs. Gilmar e Paixão de Ed. Física, a Profa. Carmem de Artes, Profa. Deusimar de Artes (In memorian), Inspetora Iolanda, Inspetor Cabral, Inspetor Ribamar (In memorian), o Sr. da reprografia seu Joãozinho, a Sra. Fátima Roela setor administrativo, dentre outros. Por isso e muito mais, atuar nesta escola tem um significado profissional e afetivo.

Trabalhei por muito tempo como professora do 1º e do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, a tarefa de alfabetizar é um desafio em meio a diversidade de crianças, suas habilidades e dificuldades, momento da infância onde o estímulo maior é o brincar, mas ao final de cada ano, ver o desenvolvimento de cada um, sua leitura e escrita, sorrisos, abraços e cartinhas, é gratificante. Uma dessas alegrias foi alfabetizar a minha sobrinha primogênita Gabriella Rosa, que passou toda a vida escolar na CTRB e passou de primeira em dois vestibulares, hoje cursa Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa na UFPA.

São muitos anos de experiências enriquecedoras, como as feiras culturais, dentre elas destaco o trabalho que desenvolvi logo ao chegar na escola “A horta do conhecimento” (2011) em parceria com as colegas do 1º ano, Isabel e Celiane. Outro tema que marcou bastante foi “A importância da cultura do açaí para as comunidades ribeirinhas” em parceria com os colegas professores Ilana, Fernanda e Cantão, do 5º ano (2023). Um fato inusitado foi a visita do Jornal Nacional na escola em 2011, na ocasião o “JN no ar” apresentava reportagens sobre o Índice de Desenvolvimento da Educação

Básica- IDEB nas regiões do Brasil, eles visitaram a escola com menos índice (1,4) e depois a ETRB com maior avaliação da cidade (6,2), na ocasião, a então Diretora civil Deusélia Nogueira foi entrevistada e conduziu a equipe para a minha sala, onde foi destacado o trabalho de alfabetização, as crianças quando viram a equipe de reportagem chegando, fizeram um alvoroço, mas depois a aula seguiu sem interrupções e eles apareceram estudando quietinhos nas filmagens.

No ano de 2015, passei por um quadro de dificuldade de escrever devido à muitas dores, foi necessário me afastar da escola e passar por uma cirurgia, do túnel do carpo, fiz muita fisioterapia, mas fiquei com restrições laborais para movimentos repetitivos contínuos. Quando retornei para a escola fui convidada a assumir a sala de leitura, onde a Profa Maria do Carmo que já tinha passado pela experiência me apresentou o projeto que desenvolvera. Esse foi um trabalho que me marcou bastante, pois dispunha de uma sala especial, estante com variedade de livros, um espaço propício a despertar nos discentes a compreensão dos textos, o letramento, mas também o prazer e o gosto pessoal para a leitura, para a escrita criativa, um lugar de sonhos, de fantasias e de alegrias.

No ano de 2017, fui convidada pela então Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental Anos Iniciais, Profa. Graça Lima, para compor a equipe de coordenação do setor, na época acumulávamos as funções de orientação e supervisão, desse modo trabalhei como coordenadora do 4º ano. Foi mais uma experiência diferenciada, atender pais, alunos e os objetivos curriculares, este é um trabalho que requer uma diplomacia. Posteriormente voltei para função de professora, atuando em sala de aula com os componentes curriculares de História e Geografia, no 3º e 4º ano.

Um dos momentos difíceis, mas de muito aprendizado, ocorreu em função da Pandemia do COVID – 19, declarada pela Organização Mundial de Saúde - OSM em 2020, onde as escolas tiveram seus fechamentos decretados e as aulas passaram a ocorrer de forma remota, para evitar a contaminação que era alarmante neste período. Em função disso, a diretoria da CTRB organizou diversas formações online, organizada pela então chefe da STPA, Tenente Bianca Jardim, obtivemos formação online com profissionais convidados e com os professores Fábio Malcher de Matemática e Tenente Felipe Cantão de Artes, que sempre nos auxiliavam em relação às aulas online.

Dessa feita, aprendemos a utilizar diferentes plataformas como o Zoom, Google Forms e Microsoft Teams, nestas tivemos que aprender o funcionamento de uma sala virtual, como também a construção de atividades e avaliações. Esse período durou aproximadamente dois anos, o suficiente para revelar o quanto as crianças e os adolescentes estão ligados às tecnologias, pois muitas vezes, eles nos ensinavam como usar as ferramentas online.

Passado esse período, houve o retorno para as aulas presenciais, mas a experiência mostrou que as ferramentas digitais podem ser utilizadas em favor de um ensino e de uma aprendizagem de qualidade e prazerosa, pois já fazem parte do cotidiano dessa geração de nativos digitais, inclusive a plataforma Microsoft Teams é utilizada até hoje no CTRB para algumas atividades extraescolares.

Em 2021, retornamos às aulas presenciais, com satisfação e expectativa de como seria recomeçar, mas logo a rotina se instalou, lá estávamos satisfeitos por estarmos vivos! Nesse período, uma colega e amiga Profa. Elivaldete Bahia, passou a me relatar sobre os seus aprendizados no curso de Mestrado na UFPA, iniciado online, agora estava presencial, comecei a admirar sua empolgação e tudo que ela compartilhava, até que ela me “intimou” a fazer a seleção para o mestrado.

Eu estava distante da academia há 18 anos, mas a chama da pesquisa se acendeu novamente, fiz a minha inscrição no último dia, pensando que seria uma tentativa e que no próximo ano eu tentaria novamente, até passar. Para minha surpresa eu fui a 3ª colocada das 14 vagas. Aqui se instalou uma alegria e um novo desafio, pois as tentativas de licença não foram bem-sucedidas, mas mesmo com dificuldades, comecei o tão sonhado mestrado no Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB o qual possui sua sede na USP, tendo a UFPA como um de seus polos.

Este Programa de pós-graduação *stricto sensu*, é sediado pelo Instituto de Geociências na UFPA, no qual, além da pesquisa para o trabalho final de dissertação também é requerido a construção de um Produto Técnico Pedagógico que seja desenvolvido com base científica, com o objetivo de contribuir para a prática educacional. Cursei as disciplinas, passei pela qualificação, onde na ocasião fui convidada para apresentar a minha pesquisa no VI Seminário Nacional de Integração da Rede- PROFCIAMB (novem-

bro- 2023), em Recife na Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, onde apresentei com satisfação, os caminhos metodológicos e resultados parciais sobre a minha pesquisa.

Agora, apresento o fruto da minha pesquisa, tendo em vista, aprofundar o debate sobre a temática água, no ambiente escolar, a partir da Região Amazônica, na “cidade das águas” - Belém do Pará, e sua interrelação com as águas do planeta. A minha dissertação “PARA FALAR DE ÁGUAS: Almanaque para o Ensino das Ciências Ambientais”, foi desenvolvida juntamente com o produto técnico pedagógico, “Almanaque” que serão comentados a seguir.

Na dissertação, evidencio os principais autores que abordam a relação entre as águas e as sociedades humanas, iniciando com a interação dos povos Antigos com as águas, egípcios e amazônicos, que se desenvolveram em torno das grandes bacias hidrográficas do planeta, Nilo e Amazonas; traço um paralelo com as águas na atualidade, na região Amazônica e na escala global; elementos que serviram de subsídios para a construção do referido produto educativo. Também, diálogo com os principais autores que abordam sobre o tema água, direcionado à aprendizagem significativa no contexto escolar, como também apresento o perfil do lugar e dos participantes da pesquisa. Em sequência, abordo a importância da produção de conteúdos educacionais, com destaque para o almanaque interativo, como produto capaz de estimular o processo educativo.

De acordo com os estudos de Zabala (2002), os conteúdos escolares devem ser escolhidos e aprofundados a partir de uma reflexão sobre a finalidade do ato de educar e sua função social, haja vista que eles são fundamentais para a formação de cidadãos e cidadãs, ainda no contexto escolar. Corroborando com essa reflexão, Barcelos diz que:

Se existe algum consenso, hoje, sobre as questões ambientais e sobre o trabalho com Educação Ambiental, é que não basta estarmos cientes ou conscientes do que é ou não adequado fazer. Para além disto, é necessário construirmos espaços de convivência em valores tais como a solidariedade, a cooperação, a participação, a responsabilidade, o cuidado, o reconhecimento do outro como legítimo na sua diferença. Enfim, mais que “ensi-

armos” e/ou transmitirmos conhecimentos e técnicas há que criarmos espaços de exercício de atitudes que sejam mais coerentes com nossos princípios, fundamentos, teses, teorias ou pressupostos de mundo, bem como de formas de ser e de estar neste mundo (Barcelos, 2010, p. 54).

Diante dessa reflexão, a partir das minhas experiências em sala de aula e de uma pesquisa aprofundada sobre a elaboração de produtos educacionais, o almanaque foi construído. Depois ele foi apresentado no CTRB, o local da pesquisa, tendo em vista que temos um público diferenciado que agrega alunos naturais de Belém, como também alunos que advêm de outras regiões do país que acompanham seus pais, militares da Força Aérea Brasileira- FAB. Quanto a escolha do 4º ano, ocorreu diante da necessidade de um distanciamento entre pesquisador e participantes, na ocasião eu estava trabalhando com Ciências e Laboratório de Ciências no 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Para a etapa de elaboração do Almanaque Interativo me desafiei a conhecer e a aprender a utilizar outras ferramentas e com a ajuda de colegas encontrei a plataforma Canva que fornece uma série de recursos digitais. Assim, me desafiei a construir o produto educacional, praticamente sozinha, apenas com a experiência autoral de composições de materiais, elaboração de textos, poesias e de provas, mas para este almanaque tudo foi mais instigante, ainda mais pela opção de utilizar uma plataforma nova para mim; todavia neste período, tive a grata surpresa de conhecer uma educadora profissional do Ensino à Distância Profa. MSc. Amanda Santos, que com altruísmo, me ensinou a posicionar melhor o anzol e a isca para navegar e pescar no mar digital, assim ela supervisionou o meu trabalho até chegar à finalização do almanaque.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação da Plataforma Brasil, por meio do Instituto de Ciências da Saúde – UFPA, obtendo a aprovação do comitê de ética, de acordo com parecer consubstanciado CEP 6.223.753, que referenda as questões éticas do estudo com seres humanos. Diante dessa aprovação, a pesquisa foi apresentada ao Chefe da STPA, o então Diretor de Ensino do CTRB, Sr. Francisco Monteiro Cel Av R1, o qual concedeu a permissão para que a pesquisa fosse realizada no colégio.

Tendo a aprovação do Comitê de Ética da Universidade e a permissão da Direção da escola, com o apoio da coordenação e dos colegas, que me concederam seus horários em sala de aula, pude finalmente apresentar a pesquisa aos alunos através de uma carta convite para as crianças e de uma carta para os pais. Assim participaram da pesquisa as duas turmas do 4º ano/ 2023, sendo uma (4A1) com 31 educandos e a outra (4A2) com 32 educandos, perfazendo um alcance de 63 crianças.

Inicialmente foi perguntado aos educandos se eles conheciam algum almanaque, de fato poucos conheciam, mas dentre os que disseram sim, a resposta mais recorrente foi relacionada aos almanaques de Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa. Depois, o “ALMANAQUE PARA FALAR DE ÁGUAS: Um Caminho de Descobertas” foi apresentado, a partir dos seus primeiros tópicos como a capa, o sumário, as curiosidades sobre o almanaque e a carta – convite para a leitura; depois cada fascículo foi sendo apresentado, onde ao final de cada leitura, os educandos tinham espaço para contribuir ou fazer alguma pergunta. Abaixo está o registro da apresentação:

Figura 01: Turma 4A1 em sala de aula, conhecendo o produto.

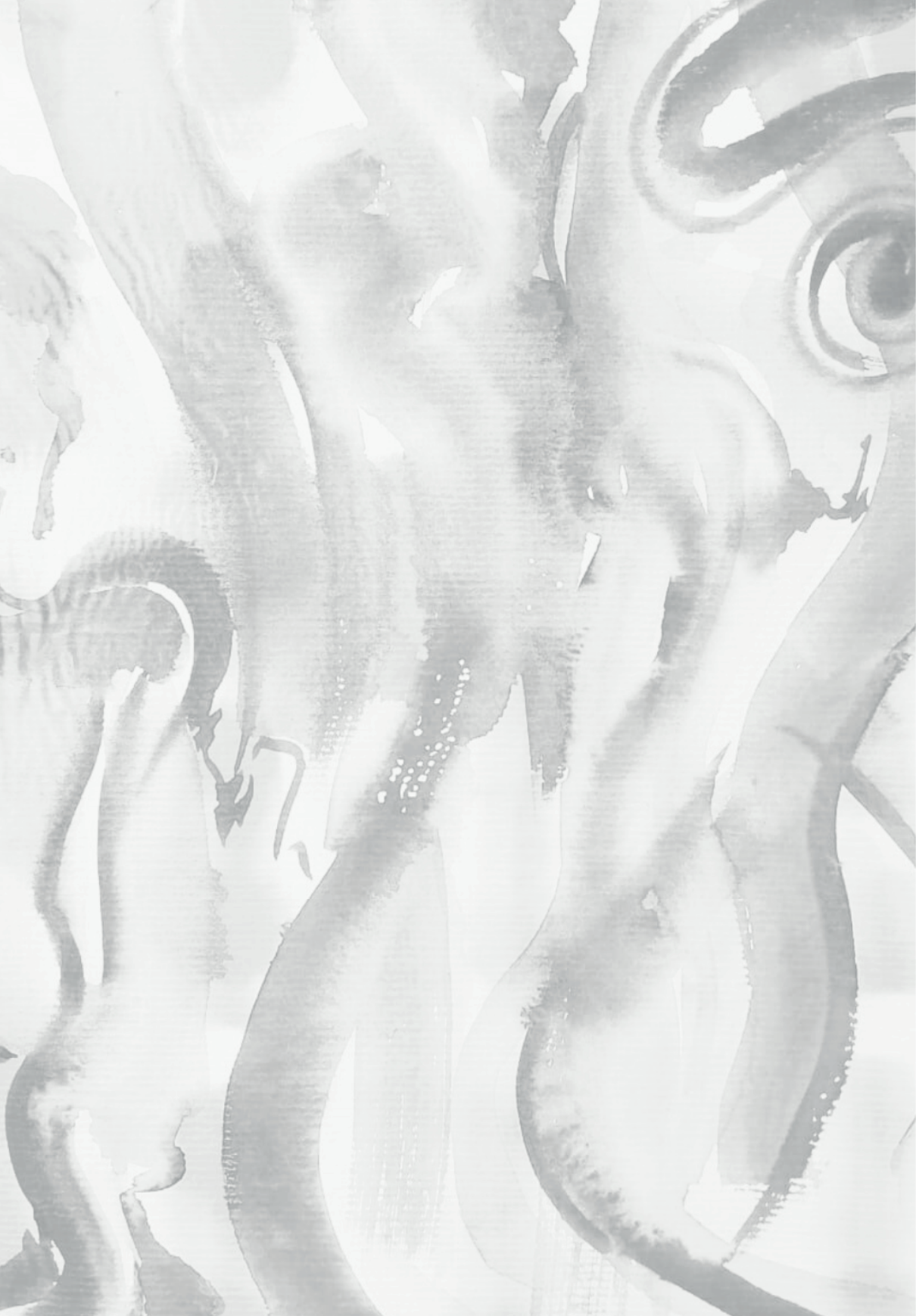


Compartilho minha satisfação por concluir esse desafio, pois alcançou os objetivos propostos junto às crianças, o principal motivo desse trabalho. Pretendo continuar incentivando o desenvolvimento e a aprendizagem do público infantil, com a certeza de que o conhecimento deve fazer sentido

na vida das crianças, pois elas chegam à escola com suas vivências e experiências, querem compartilhar o que sabem e se identificar com o outro, por isso o conhecimento deve ser contextualizado, significativo e prazeroso.

Com base em minhas diferentes vivências e comprometimento com a educação da humanidade, continuo a caminhada em busca de um exercício crítico- reflexivo, rumo ao fortalecimento de minhas práticas de docência e de pesquisa, reafirmando a finalidade de contribuir não apenas para o repasse de informações e conteúdos, mas para a formação do ser humano em seus diversos aspectos. De tal modo, valorizo o lugar do “ser criança” no mundo e prezo para que o processo educativo também respeite esta etapa mais lúdica.

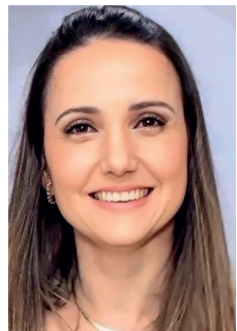
Além disso, considero a prática do ensino e da aprendizagem das ciências ambientais como aporte consistente, capaz de colaborar para o desenvolvimento de habilidades e competências voltadas à construção de mecanismos de sustentabilidade e cidadania.



Capítulo 14

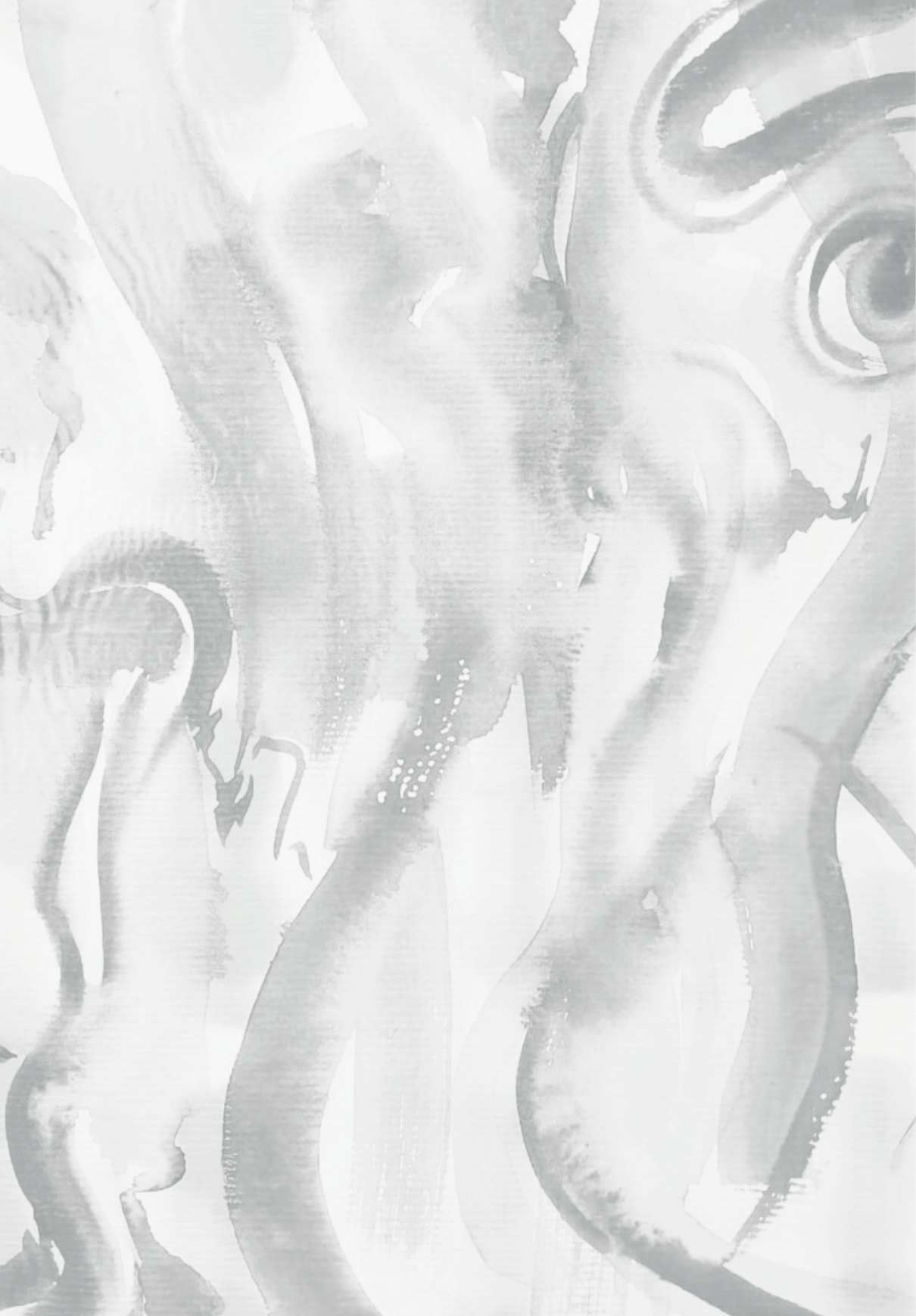
AS PEGADAS DO TEMPO: MEMÓRIAS E FORMAÇÃO

Monique Ferreira Guedes Thomé (CBNB)



"A memória é o grande portal do tempo. Sem ela,
nos perderíamos no esquecimento."

Walter Benjamin



AS PEGADAS DO TEMPO: MEMÓRIAS E FORMAÇÃO

Meu nome é Monique Ferreira Guedes Thomé, nasci em 02 de dezembro de 1983. Meu nome foi escolhido pelo meu irmão mais velho, Diego, quando eu ainda estava na barriga de minha mãe. Sou filha de José Luis Guedes e Jussara Ferreira Guedes, naturais do Rio de Janeiro. Meus pais se conheceram ainda muito jovens, começaram a namorar, se casaram e, hoje, tenho o privilégio de vê-los completar 44 anos de casados. Minha família sempre foi muito humilde; meus pais não possuíam ensino superior e sequer tinham concluído o 2º grau nesta época, mas sempre foram pessoas muito batalhadoras. Cresci vendo-os se dedicarem ao máximo, muitas vezes abrindo mão de boas oportunidades e sonhos para que seus filhos pudessem ter um futuro com melhores perspectivas.

Minha trajetória escolar começou quando meu irmão começou a frequentar a escola. Embora eu ainda não tivesse idade para me matricular, gostaria de acompanhá-lo. Tendo-o como exemplo durante essa fase inicial, fui gradualmente realizando minhas associações e desenvolvendo aprendizagem. Quando chegou o meu momento de ingresso na escola, fui avaliada pela professora regente do Jardim, que, com base nos meus resultados, considerou que eu deveria avançar diretamente para a classe de alfabetização.

Lembro desse período com muito carinho e jamais esqueci da Tia Mary, que me acolheu e me ensinou com tanto carinho. Por isso, mesmo depois de tantos anos, ainda conservo as lembranças vivas em minha memória. Talvez tenha sido nesse momento, quando ainda estava descobrindo as letras e vivenciando uma experiência tão significativa e marcante, que tenha se iniciado o meu amor por lecionar, mesmo que na época eu ainda não compreendesse totalmente.

Depois de um ano, minha família e eu precisávamos mudar de cidade. Foi então que enfrentei, pela primeira vez, o desafio de também mudar de escola. O medo do novo fazia parte desse processo: como seria deixar a Tia Mary? Quem iria me acolher? Quem iria me ensinar com tanta delicadeza e empatia? Foi então que comecei a nova escola e, para minha alegria, fui recebida na turma da 1ª série por Tia Lucy. Foi um encanto! Ela era tão doce quanto a Tia Mary, e a cada novo passo, eu acumulava boas experiências escolares, as quais carrego comigo ao longo de toda a minha trajetória.

Depois dessa escola, estudei em outras até concluir o Ensino Fundamental. Meus pais não tinham condições financeiras de, sozinhos, arcar com as mensalidades e os custos adicionais, como material, uniforme e atividades pedagógicas propostas. Minhas tias, tanto por parte de pai quanto de mãe, sempre ajudaram a custear essa etapa da minha educação, e serei eternamente grata por todo o esforço que cada uma delas fez. Cada uma delas contribuiu para que eu chegasse até aqui, e agora tenho o prazer de mencioná-las e agradecerê-las neste livro. A todas vocês, muito obrigada! Quando chegou o ano em que meu irmão ingressou no Ensino Médio, mudamos para uma nova escola. Nessa etapa, meus pais tinham um objetivo claro: oferecer mais oportunidades para o futuro. Por isso, fomos para uma escola que, além do Ensino Regular, também preparava para concursos militares. Concluí o Ensino Médio nesse colégio, mas, naquele momento, não me interessei pelos concursos para a carreira militar. Meu desejo era ingressar na Universidade.

Neste período, meus pais trabalhavam como condutores de transporte escolar e tinham um bom relacionamento com uma escola próxima à nossa casa, pois ajudaram em seu início, divulgando e captando novos alunos. Foi então que meu pai teve a ideia de solicitar uma vaga nessa escola, para que eu pudesse ajudar de alguma forma e, assim, ter uma fonte de renda. Gostei da ideia e aceitei participar de uma entrevista. Para minha surpresa e felicidade, comecei no mesmo dia como estagiária de turma.

DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO À UNIVERSIDADE

Minha experiência em sala de aula começou em uma escola que se tornou referência para a minha prática docente: o Espaço Aberto Escola, localizado no Fonseca, em Niterói. Esta escola é um marco pedagógico na comunidade, oferecendo um ambiente de convivência com ênfase no cuidado e em relações humanas respeitadas, com sensibilidade para a totalidade da formação humana. Ela me acolheu e me ensinou, na prática, tudo o que eu precisava para perceber que minha paixão era aquela profissão que eu começava a conhecer de perto. A escola adota uma concepção construtivista da aprendizagem, fundamentada nas teorias de Piaget, Vygotsky e Freinet, que orientam sua proposta pedagógica. Como estagiária, tive a vantagem de conhecer excelentes professores, que compartilharam comigo

um pouco de suas experiências e conhecimentos, agregando muito à minha formação. Durante o meu primeiro ano de estágio, tive a oportunidade de vivenciar o trabalho com turmas das Séries Iniciais do Ensino Fundamental I e da Educação Infantil.

Ao final do primeiro ano de estágio, a Coordenadora Pedagógica desta escola me chamou para sua sala, onde apresentou suas observações sobre o meu desempenho. Ela destacou meu olhar atento, o cuidado com os alunos e, principalmente, o meu interesse constante em aprender mais. Foi nesse momento que ela me ofereceu uma vaga para auxiliar de turma e me incentivou a iniciar a graduação em Pedagogia. Naquele dia, uma nova oportunidade se abriu diante de mim, e comecei a perceber que era na Educação que eu havia encontrado meu verdadeiro chamado.

Decidi apostar na Educação, confiando na visão da Coordenadora e na minha intuição. Foi então que tomei a decisão de ingressar na Faculdade de Pedagogia.

Iniciei o curso na Faculdade Estácio de Sá, em Niterói/RJ, no turno da manhã, e, ao final das aulas, saía correndo para o trabalho. Não era fácil conciliar os estudos e o trabalho, especialmente sendo tão jovem. Afinal, ingressar em uma universidade era um mundo novo para mim. No entanto, persisti. Mesmo cansada, com pouco sono para dar conta de todas as demandas, resisti. Quando cheguei ao 7º período e a universidade já me habilitava a assumir uma turma, conquistei uma vaga como professora regente, o que foi uma grande realização. Nesse percurso, trabalhar apenas um período já não era suficiente para cobrir o valor da faculdade, e foi então que consegui começar a trabalhar em ambos os períodos, manhã e tarde, enquanto cursava a universidade à noite.

Continuei cursando a universidade com muita determinação, especialmente ao perceber a felicidade dos meus pais ao me verem realizar o sonho de cursar o Ensino Superior, uma experiência que, infelizmente, eles não tiveram. Com o tempo, percebi que cursar uma graduação, independentemente do curso, não é uma tarefa simples. No entanto, no caso do Curso de Pedagogia, observamos que, a cada dia, surgiam novas oportunidades para o nosso desenvolvimento, reflexão e construção de novos conceitos sobre a educação em geral.

Em meio a toda essa trajetória de estudos, conheci meu futuro marido. Rafael e eu começamos a namorar e, em um ano, decidimos nos casar.

A data escolhida para o casamento foi no final do ano, 27 de dezembro de 2008, exatamente no meu último período na universidade, quando eu preciso entregar o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Pode parecer caótico, mas, no fim, tudo foi perfeito! Minha monografia foi um sucesso, recepção nota máxima da banca, e o casamento, com a ajuda do cerimonialista, foi cuidadosamente planejado, com todos os detalhes pensados para que fosse uma experiência incrível!

Em 30 de março de 2015, nasceu nosso maior sonho e projeto de vida: nosso filho Daniel. Como eu havia me planejado com antecedência, fiz um acordo com a escola e consegui ficar 10 meses de licença maternidade, para poder passar um período maior em casa com meu bebê. Foram dias maravilhosos, e, quando ele completou 10 meses, voltou ao trabalho, levando-o comigo. À medida que ele foi crescendo, surgiu novamente o desejo de buscar mais especialização para atuar com meus alunos em sala de aula. Foi então que decidi iniciar um curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia.

RETORNO À UNIVERSIDADE PARA ESPECIALIZAÇÃO

Iniciei a especialização em Psicopedagogia, e foi um período desafiador, pois revivi um pouco do que vivi na graduação, já que trabalhei o dia inteiro e fiz a pós-graduação à noite, como havia feito naquela época. Porém, nesse novo momento, minha vida era diferente: agora eu tinha casa, marido e filho, o que tornava a realização desse curso ainda mais desafiadora. Não foi fácil, mas, como sempre, minha família foi uma vitória e, mais uma vez, esteve ao meu lado, auxiliando no que fosse necessário para que eu pudesse cumprir essa etapa importante na minha formação. A realização do curso de especialização em Psicopedagogia foi fundamental para o meu crescimento profissional, pois me proporcionou uma compreensão mais aprofundada dos processos de aprendizagem e das dificuldades que poderiam surgir nesse contexto. A formação ampliou minha visão sobre as diversas formas de ensinar e aprender, considerando as particularidades de cada aluno. Com as abordagens e técnicas adquiridas, pude aprimorar minha prática docente, identificando e intervindo de maneiras mais eficazes nas necessidades dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e adaptado, já que a escola onde eu trabalhava era referência em inclusão. Essa especialização apenas não contribuiu para a minha prática pedagógica,

mas também me capacitou a lidar com situações solicitadas, favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos e otimizando os resultados educacionais no meu cotidiano como professora.

INGRESSO NA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Em 2017, tomei conhecimento, através de um responsável da escola onde eu trabalhava, sobre o processo seletivo para militares temporários na área de educação para a Força Aérea Brasileira, do que ele fazia parte. Ele me incentivou a participar, mas, naquele ano, não consegui entrar e acabei de persistir. Em 2019, minha tia viu novamente uma reportagem sobre o processo seletivo e me disse por que eu não tentaria novamente. Confesso que estava desmotivado, mas decidi tentar mesmo assim. E, como Deus é perfeito e tem o tempo certo para todas as coisas, fui selecionado para o Estágio de Adaptação. Foi uma mistura de sentimentos: a alegria de ser selecionada e o medo do novo que estava por vir. Afinal, deixar uma instituição que me acolheu desde o início, o lugar onde cresci profissionalmente e onde já mantinha relações de amizade com a Direção e as Coordenações, não seria fácil.

Então, com medo, mas também com a certeza de que seria uma experiência enriquecedora para toda a minha vida, me permiti viver essa nova fase. Iniciei o curso de formação, participei de todo o treinamento e aprendi a ser militar. Conheci a missão da FAB e seus valores, compreendi a importância da instrução e da disciplina, aprendi sobre armamento, como municiar e como atirar. Fui aprovada e designada para servir no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Que presente maravilhoso! Poder continuar no ambiente escolar foi tudo o que eu mais queria naquele momento.

Cheguei ao CBNB e fiz “sombra” com várias pedagogas para entender como o colégio funcionava. A área para a qual me inscrevi no processo seletivo era para atuar como Psicopedagoga, e, no Newton Braga, a função seria desempenhada como Orientadora Educacional em alguns segmentos. Já seria um novo desafio, afinal, toda a minha experiência até então era em sala de aula. Foi quando fui chamada na Divisão de Ensino e me solicitaram que assumisse a Coordenação Pedagógica do Ensino Médio. E agora? Essa era a pergunta que mais ecoava na minha cabeça. Era um grande desafio, mas eu já havia chegado até ali e sabia que seria capaz de enfrentá-lo.

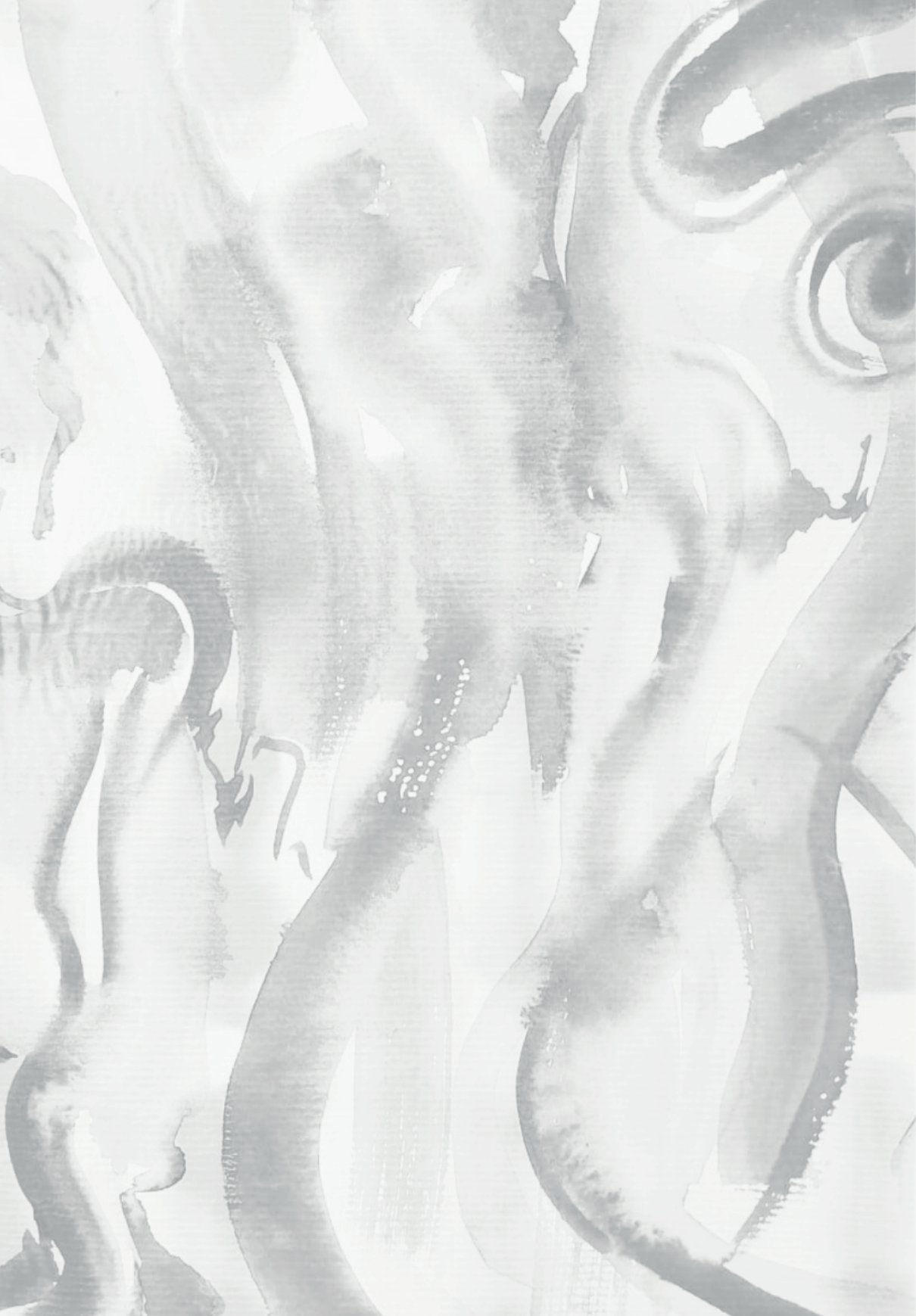
Começamos o ano de 2020 sem saber o que nos aguardava. Houve muitos novos processos e desafios, mas tudo estava caminhando de forma organizada, até que recebemos a notícia sobre um novo vírus e fomos orientados a ficar em casa por um período de 15 dias. Suspendemos as aulas e permanecemos em casa, sem saber que esse período seria muito maior e que não voltaríamos mais ao ensino presencial naquele ano.

Coordenar pedagogicamente a escola durante a pandemia de COVID-19 foi um grande desafio, mas também uma oportunidade de aprendizado e inovação. No início, enfrentamos a necessidade de adaptar rapidamente os processos de ensino-aprendizagem para o formato remoto, o que exigiu o desenvolvimento de novas habilidades tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Foi fundamental estabelecer uma comunicação eficaz e constante, garantindo que todos os envolvidos se sentissem apoiados. Implementamos estratégias de ensino remoto, adaptando conteúdos para plataformas digitais, enquanto procurávamos formas de manter a humanização e o vínculo com os professores e estudantes. Além disso, foi preciso lidar com questões emocionais, pois a pandemia trouxe não apenas desafios acadêmicos, mas também impactos psicológicos para toda a comunidade escolar. O desafio foi superado e me tornou ainda mais forte e resiliente.

No final do ano de 2021, recebi o convite da Chefe da Subdivisão de Planejamento e Avaliação, Ten Karla, para trabalhar com ela na Divisão de Ensino, assessorando o Chefe da Divisão de Ensino e o Diretor. Eu achei que os desafios já tinham sido finalizados, mas não sabia o que ainda estava reservado para mim. Nada de zona de conforto, iria iniciar em uma nova função que demandaria ainda mais demandas e deveres. Eu aceitei o convite e foi uma decisão muito acertiva. Ter uma chefe na STPA que era um exemplo tanto de profissional quanto de pessoa foi uma experiência transformadora para minha vida e minha carreira. Sua liderança inspiradora me ensinou o valor da dedicação, da ética e da empatia no ambiente de trabalho. Como profissional, ela sempre demonstrou competência, justiça nas decisões e uma visão estratégica que me motivava a buscar excelência em cada tarefa. Mas o que mais marcou foi sua postura humana: ela sabia ouvir, valorizar o trabalho da equipe e, acima de tudo, respeitar as individualidades de cada um. Aprendi com ela a importância de ser não apenas uma boa profissional, mas também uma pessoa íntegra, preocupada com o desenvolvimento de todos ao seu redor. Seu exemplo de equilíbrio entre competência técnica e humanidade

deixou uma marca profunda em minha prática pedagógica, influenciando diretamente minha forma de liderar e me relacionar com os outros no contexto educacional.

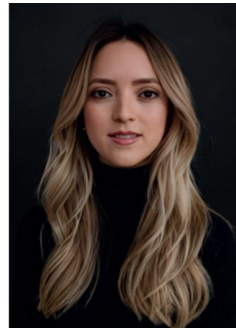
Atualmente, sou Chefe da Subdivisão de Planejamento e Avaliação, sou membro do GT da BNCC, assim como faço parte de diversas comissões e minhas práticas diárias são enriquecidas por um pouco de todos os profissionais de excelência que passaram pela minha vida e me ensinaram tanto. Além disso, carregue comigo os valores e princípios da minha família, que sempre serão inegociáveis. Ao terminar de tecer este memorial, gostaria de expressar minha imensa gratidão, pois este processo me proporcionou uma reflexão profunda sobre minha trajetória profissional, permitindo-me revisitar minha prática e perceber o quanto evolui ao longo dos anos. Mais do que isso, essa experiência me fez olhar para o futuro com olhos atentos aos novos desafios que virão, lembrando-me de que, apesar das conquistas, ainda há muito a construir, a aprender e a conhecer. Sou grata por cada experiência vivida e por cada oportunidade de crescimento, e sei que minha jornada está apenas começando, cheia de possibilidades e novos horizontes a serem explorados.



Capítulo 15

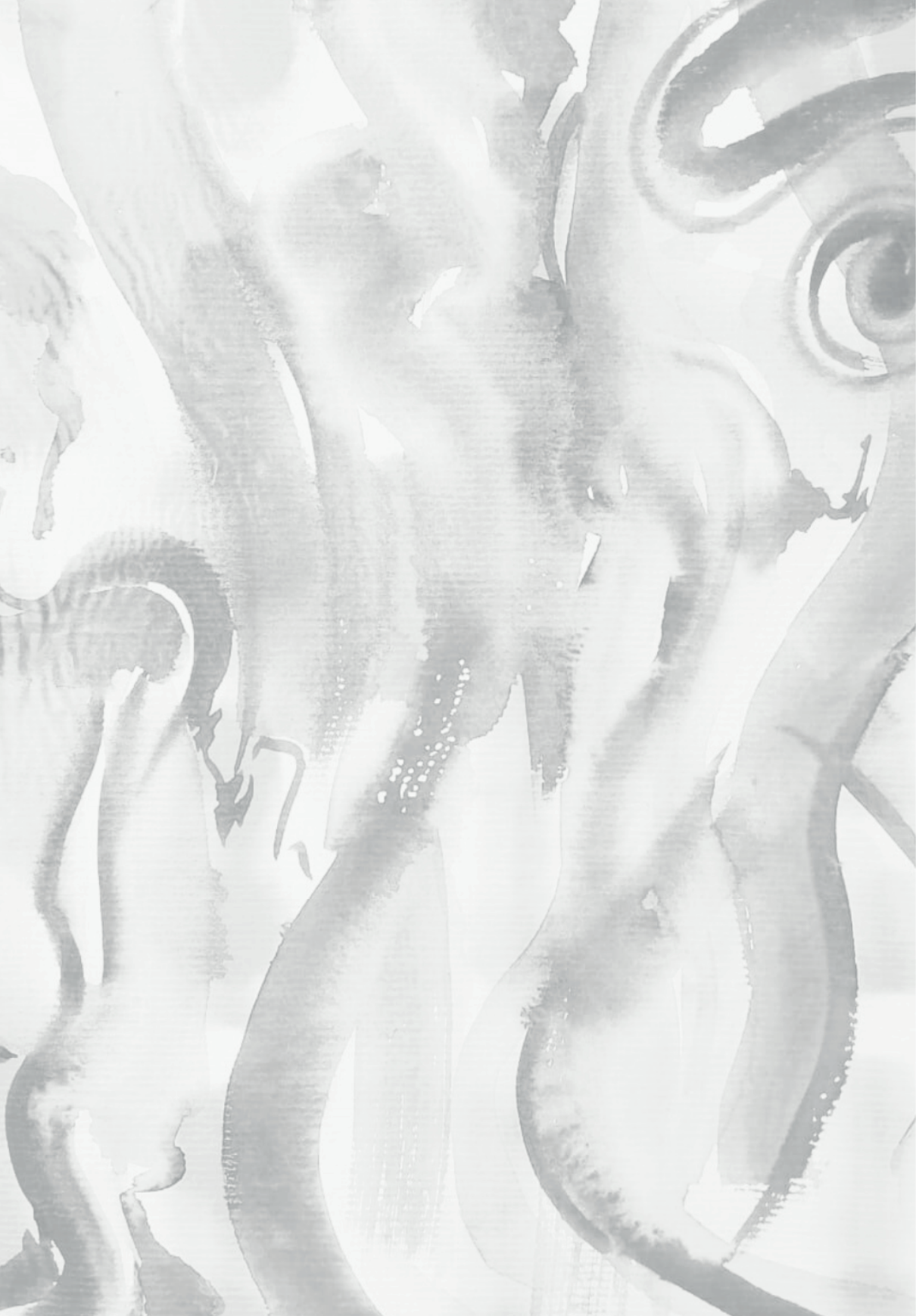
EDUCAR É VOAR: DA TERRA DO CEARÁ ÀS ASAS DO SABER

Francisca Sâmia Xavier Fortunato (CBNB)



“Um passarinho me contou
que o mundo é grande e é bonito
e que eu ficando aqui preso
eu nunca serei feliz.”

— Patativa do Assaré



EDUCAR É VOAR: DA TERRA DO CEARÁ ÀS ASAS DO SABER

“Meu professô era fogo na base do português,
Catálogo, era catalôgo,
Mas grande favô me fez.”

Os versos de Patativa do Assaré ecoam em minha memória, lembrando-me da importância daqueles que, ao longo da vida, nos ensinam mais do que palavras e regras gramaticais: ensinam-nos a enxergar o mundo de outra forma. Como o poeta, também trago as marcas da terra nordestina, berço de minha história e cenário das primeiras lições que moldaram minha trajetória na educação. Desde menina, sabia que o mundo era maior do que o pedaço de terra onde nasci. Mas foi somente através da educação que compreendi que poderia voar além das cercas do sertão. Minha história, como a de tantos nordestinos, é feita de luta, persistência e da certeza de que o conhecimento é o maior instrumento de liberdade que podemos ter.

Filha dos agricultores Vitória Xavier, a quem todos chamam carinhosamente de Dona Vitória, e Flávio Cunha, conhecido na região como Chico Tatá, nasci no interior do Ceará, onde a vida seguia o ritmo das chuvas e das secas. Nossa casa de barro, modesta e acolhedora, era cercada pelo cheiro da terra molhada depois da chuva e pelo canto dos pássaros que anunciavam o amanhecer.

Entre a beleza simples do sertão e os desafios diários, a educação sempre pareceu um sonho distante. Mas, ao mesmo tempo, era a única ponte que poderia me levar além das dificuldades. Cada obstáculo enfrentado foi uma prova de resistência, cada pequeno avanço, uma vitória conquistada com esforço e fé.

O caminho não foi fácil, mas encarei cada etapa com determinação. Como bem disse Guimarães Rosa:

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

E coragem nunca me faltou.

As Primeiras Lições

Minha primeira escola era simples, com carteiras de madeira já gastas e um quadro negro de giz. Meus professores, como tantos outros heróis anônimos da educação brasileira, tinham paciência infinita para o desenhar das letras e dos números no quadro, dando vida a um mundo que eu mal imaginava existir. O caminho até lá era árduo: muitas vezes sob o sol escaldante, outras pisando no barro após as chuvas, algumas vezes de carroça, quando a sorte ajudava. Mas cada passo era um compromisso comigo mesma e com o futuro que eu sonhava.

O poeta João Cabral de Melo Neto escreveu: “Um galo sozinho não tece uma manhã:

ele precisará sempre de outros galos. “E assim foi comigo. Meus pais, minha professora e cada pessoa que acreditou em mim foram os galos que ajudaram a tecer a manhã do meu futuro.

Meus pais, apesar de não terem tido a oportunidade de estudar, sempre acreditaram que o conhecimento era um caminho para além dos limites da roça. Meu pai repetia: “Menina, a enxada ensina, mas a escola vai te levar longe.” E essa frase se tornou o alicerce da minha caminhada.

Figura 1 – Sâmia em um passeio da escola.



Superando Obstáculos

Não foi fácil conciliar os estudos com as dificuldades do sertão cearense, mas a vontade de aprender era maior. À noite, a luz da lamparina, daquela casa de barro e sem energia elétrica, iluminava os livros, e eu me perdia nas páginas, sonhando com um amanhã diferente.

Uma das minhas maiores alegrias foi alfabetizar meus pais quando ainda cursava a oitava série, hoje o 9º ano do Ensino Fundamental II. Eles, que me ensinaram tanto sem nunca ter pisado em uma escola, agora podiam ver o mundo com novos olhos através das palavras.

O poder dessas palavras, antes desconhecido para eles, abriu novos horizontes, provando que nunca é tarde para aprender. A educação, mais uma vez, mostrava sua força.

Figura 2 – Família na comemoração da minha formatura do 8º ano.



O Caminho para a Universidade

Minha irmã e eu fomos as primeiras da família a concluir o ensino médio, um feito que, para muitos na nossa realidade, já era uma grande conquista. Mas queríamos mais. Movidas pelo desejo de ir além, deixamos o interior e seguimos para a capital, carregando na bagagem sonhos, coragem e a certeza de que a educação era o nosso maior patrimônio.

O caminho não foi fácil. Longe de casa, moramos de favor, enfren-

tamos dificuldades financeiras e muitas vezes tivemos que equilibrar estudos e trabalho para garantir nossa permanência na universidade. Mas nunca perdemos de vista o nosso objetivo.

O esforço valeu a pena: fomos aprovadas em uma universidade pública federal – eu no curso de Letras, ela em Tecnologia de Alimentos. Era a concretização de um sonho não apenas nosso, mas também de nossos pais, que, mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar, sempre acreditaram na educação como o melhor caminho.

Para me manter durante a graduação, comecei a trabalhar em uma livraria. Era quase irônico pensar que, anos antes, os livros eram artigos raros na minha infância, e agora estavam ao meu alcance diariamente. Aquele ambiente, repleto de histórias e conhecimento, tornou-se um espaço de aprendizado não apenas acadêmico, mas também de vida.

Durante os cinco anos de faculdade, mergulhei na leitura, na escrita e em diversas oportunidades de crescimento. Fui bolsista em projetos acadêmicos, publiquei um artigo em um livro de editora espanhola e participei de iniciativas que ampliaram minha visão sobre o papel do educador na sociedade. Cada desafio superado e cada nova experiência reforçavam minha convicção de que a educação era a ferramenta mais poderosa de transformação social – e que eu estava exatamente onde deveria estar.

Figura 3 – Minha irmã e eu indo para a festa de São João da escola.



A Educação que Me Fez Voar: Minha Trajetória na Força Aérea

Após dois anos de formada, quando eu já começava a trilhar meu caminho como educadora, surgiu uma oportunidade inesperada. Meu noivo, militar no Rio De Janeiro, mencionou um processo seletivo para militares temporários na área da educação. Até então, eu nunca havia considerado a possibilidade de ingressar na carreira militar, mas ao saber que havia vagas para carreira de magistério, senti que aquele era um chamado que não poderia ignorar.

O processo foi desafiador desde o início. Além das etapas de seleção, que exigiam preparo técnico e pedagógico, havia também a adaptação a um novo universo, com suas normas, tradições e exigências. O ambiente militar, com sua disciplina e hierarquia, representava um mundo completamente diferente do que eu estava acostumada, mas sempre acreditei que os desafios são oportunidades de crescimento.

Houve momentos de incerteza, dúvidas e medos, mas fui guiada por fé e determinação. Gosto de lembrar das palavras de Isaías 41:20:

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto, e o Santo de Israel o criou.”

Esse período foi intenso e exigiu de mim muito mais do que apenas conhecimento teórico. Precisei desenvolver resiliência, disciplina e aprender a me posicionar dentro de um novo contexto profissional. O uniforme que passei a vestir não simbolizava apenas uma mudança de carreira, mas uma nova missão de vida.

Ao concluir o curso de formação, fui designada para atuar no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), uma instituição de ensino da FAB reconhecida pela excelência na formação de estudantes, onde a educação assume um papel ainda mais significativo. Pois trabalhar com alunos em formação é compreender que cada ensinamento vai além do conteúdo programático – é sobre formar cidadãos, preparar indivíduos para desafios e incentivá-los a enxergar além das fronteiras do conhecimento.

Minha experiência na gestão escolar me permitiu atuar diretamente na construção de um ensino de qualidade, alinhado aos valores da FAB. Como educadora, sei que cada aluno que passa por nossas salas de aula carrega consigo não apenas conhecimento, mas também princípios que fa-

rão a diferença em suas trajetórias.

Acredito firmemente que a educação é a ferramenta mais poderosa de transformação social. Meu compromisso com ela vai além do espaço escolar – é uma missão de vida. Sei que minha história, que começou em uma casa de barro no sertão cearense, pode inspirar outros a acreditarem que, com esforço e dedicação, é possível chegar longe.

Figura 4 – Meus pais e eu na minha cerimônia de formatura na Força Aérea.



A Educação Como Presente: Momentos Inesquecíveis

Se a educação mudou minha vida, a Força Aérea me deu a oportunidade de retribuir parte do que meus pais fizeram por mim. Eles ainda vivem no interior do Ceará. Mas, graças à minha trajetória, pude proporcionar a eles momentos que jamais imaginaram viver.

Foi emocionante levá-los para conhecer o Rio de Janeiro, entrar em um avião pela primeira vez, visitar a base aérea onde me formei militar, conhecer o Colégio Brigadeiro Newton Braga, onde trabalho, e ver de perto um mundo que, para eles, sempre esteve distante. No olhar de meu pai, vi orgulho e emoção. Minha mãe, com um sorriso tímido, dizia: “Quem diria que a gente ia ver isso tudo, minha filha?”

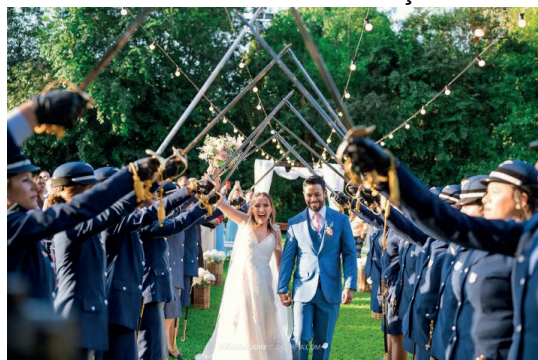
Mas a educação não transformou apenas a vida dos meus pais, ela também me permitiu construir a minha própria vida. Foi através dela que pude realizar o sonho de me casar, formar uma família e seguir minha jornada ao lado de alguém que compartilha dos mesmos valores que carrego desde a infância.

Além disso, a Força Aérea não apenas me deu uma carreira, mas também me trouxe amizades que levo para a vida. Ao longo dos anos, en-

contrei pessoas que me inspiraram, me apoiaram nos momentos difíceis e celebraram comigo cada conquista. O ambiente militar, com sua disciplina e seu espírito de equipe, me ensinou que ninguém vence sozinho e que as maiores vitórias são aquelas que compartilhamos.

Esse é o verdadeiro significado da educação: não apenas transformar uma vida, mas gerar mudanças que atravessam gerações. E, acima de tudo, retribuir, com amor e gratidão, tudo o que recebi ao longo do caminho.

Figura 5 – Meu casamento, com a participação das minhas amigas militares realizando o tradicional Teto de Aço.



A Menina do Sertão Que Aprendeu a Voar

Ao olhar para trás, vejo que aquela menina nordestina, filha de agricultores, não apenas superou desafios, mas também honrou suas raízes com orgulho. Minha jornada não foi apenas sobre aprender – foi sobre resistir, sonhar e transformar.

Sou imensamente grata. Grata aos meus pais, que cultivaram em mim o amor pelo conhecimento. Grata à educação, que me mostrou que os sonhos são asas invisíveis. Grata à Força Aérea, que me ensinou que o céu não é um limite, mas um convite a voar ainda mais alto.

A educação é como um voo: desafia, liberta e dá direção. Ela nos impulsiona além das adversidades e nos conduz a horizontes antes inimagináveis. Mas, acima de tudo, nos ensina a valorizar nossas raízes, pois é delas que tiramos a força para seguir adiante.

Como disse Ariano Suassuna:

“Não troco o meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém.”

Levo comigo o Nordeste, minha história e a certeza de que o conhecimento é o maior patrimônio que alguém pode ter. E, como educadora, minha missão é garantir que cada aluno que passa por minhas aulas também possa alçar seus próprios voos.

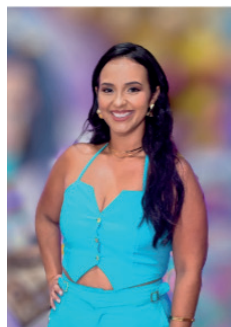
Figura 6 – Em missão na Diretoria de Ensino da Aeronáutica (DIRENS), em Brasília.

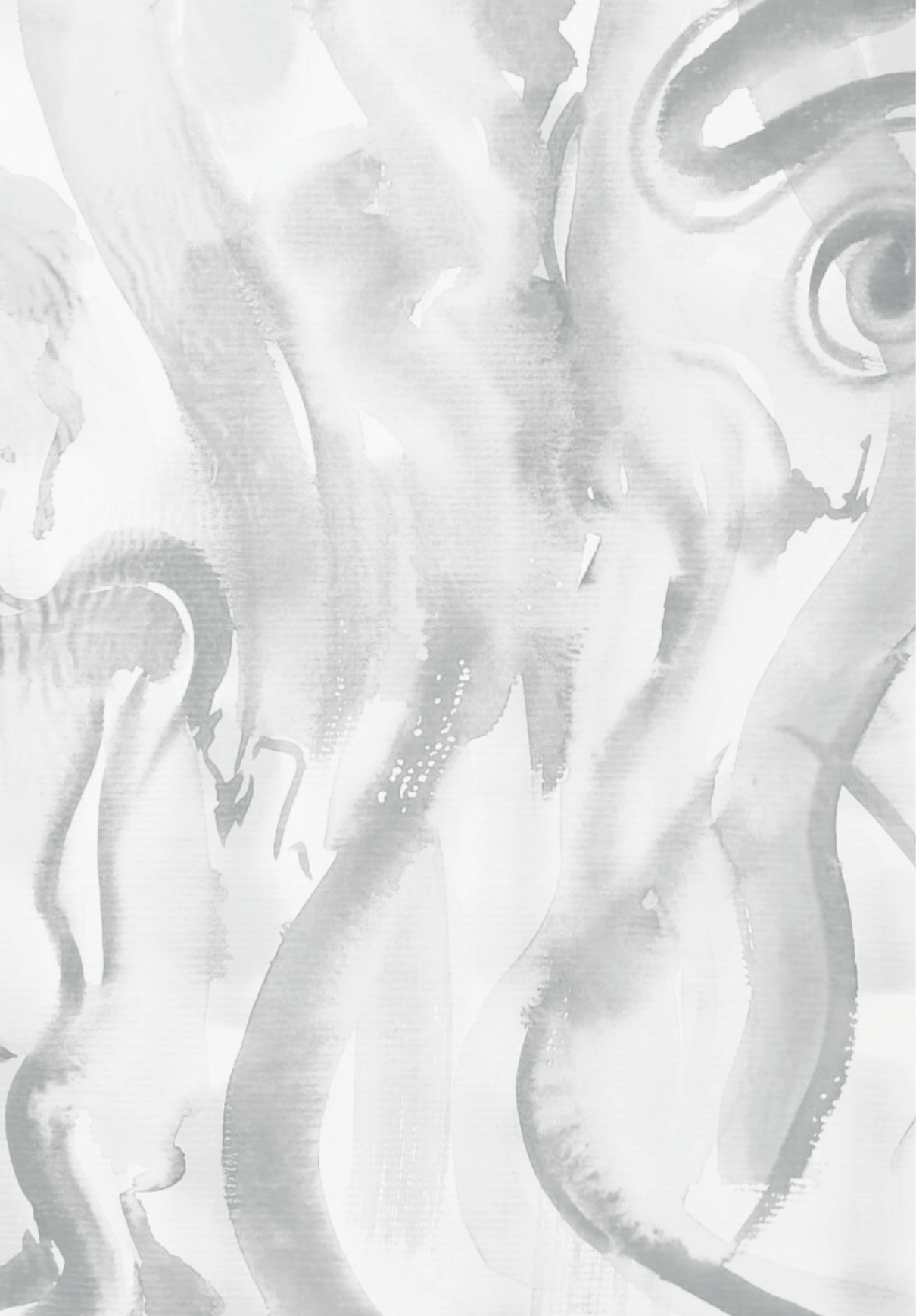


Capítulo 16

ANJOS EM FORMA DE PROFESSOR

Monique Rosa Pereira (CBNB)





ANJOS EM FORMA DE PROFESSOR

A memória da formação é um processo contínuo e multifacetado, que reflete a construção de quem somos por meio da educação. Ao longo da minha trajetória, os momentos de alfabetização e as fases posteriores da minha formação acadêmica não apenas definiram os saberes que adquiri, mas também influenciaram minha forma de olhar o mundo e de me relacionar com o conhecimento. Lembro-me claramente do impacto de cada fase desse processo, do método de aprendizado da leitura até as reflexões mais complexas que surgiram durante minha formação superior. Cada passo dado, cada desafio superado, contribuiu para a construção do meu pensamento crítico e para a minha compreensão sobre a importância da educação como ferramenta de transformação pessoal e social.

Em 1996, frequentei a Classe de Alfabetização – CA na escola Centro Educacional Leomary, com a Tia Maria, que utilizava em suas aulas a cartilha Alegria de Saber. Lembro que ela colocava cópias ampliadas dos textos da cartilha no mural do lado direito da sala. A cada letra ensinada, uma nova folha ia para o mural. Tia Maria também ministrava as aulas de Artes, e o tema da aula sempre girava em torno de uma data comemorativa. Recebíamos as folhas, que eram reproduzidas no mimeógrafo e tinham o cheiro de álcool (recordo-me com saudade dessa época). Depois de realizarmos as atividades de Artes, as folhas iam para o mural do lado esquerdo da sala e ficavam lá até a próxima data comemorativa.

Tia Maria conduziu o aprendizado da leitura e do letramento com muito afeto e carinho. Uma vez por semana, tínhamos o dia da leitura com a coordenadora pedagógica do segmento, Tia Janete, uma senhora muito séria e rigorosa. Lembro da tensão que havia na sala de aula nos dias de leitura. A leitura era feita de forma individual, então, a cada aluno que ia para a sala da coordenadora, Tia Maria dava um abraço antes de sair da sala de aula, e, quando retornávamos da leitura, ela sempre nos dava um pirulito. O abraço e o pirulito de Tia Maria eram reconfortantes.

A postura afetiva de Tia Maria se alinha com o que Paulo Freire defende em sua obra Pedagogia da Autonomia, ao afirmar que: “Ensinar exige a prática do amor, que só é possível com a vivência de um diálogo constante entre educador e educando.” (FREIRE, 2017, p.76). O afeto demonstrado por Tia Maria, como o abraço e o pirulito, fortalece o vínculo de confiança

entre educador e educando, criando um ambiente favorável ao aprendizado, como Freire enfatiza a importância da relação dialógica e afetiva no processo educacional. Assim, a atitude de Tia Maria facilita o aprendizado ao promover um ambiente acolhedor, essencial para o desenvolvimento do aluno.

A escola onde fui alfabetizada, o Centro Educacional Leomary, trabalhava com projetos, como a Feira do Livro, a Feira de Ciências e a Feira da Cultura. A foto abaixo mostra um momento com a Tia Maria em um projeto para a Feira da Cultura. Além das maquetes que precisávamos apresentar, todas as turmas preparavam uma coreografia para o encerramento da feira, usando fantasias para a apresentação da dança. Conforme a foto abaixo:



O meu percurso na Educação Básica foi todo na rede privada e contou com excelentes docentes. No segmento do Ensino Fundamental I (Anos Iniciais), a professora que mais me marcou foi a Tia Leila, que me deu aula na 3ª série, no ano de 1998. Ela era uma senhora com uma postura séria e exigente com a turma. Lembro que alguns alunos tinham medo dela, mas ela nos enxergava além de alunos, chegando na sala de aula sempre questionando se estávamos bem. Apesar da exigência de sabermos a tabuada na 'ponta da língua' (como ela costumava dizer), ela sempre nos escutava e se preocupava com seus alunos, além do conteúdo pedagógico. Tia Leila foi o meu primeiro anjo em forma de professora. Após a conclusão dos Anos Iniciais, meu pai perdeu o emprego e eu teria que ir para o colégio público. Ela, ao saber dessa notícia, conseguiu uma bolsa de estudos em uma escola particular no bairro da Ilha do Governador, onde eu morava: o Colégio São Remo. Lá, fiz todo o Ensino Fundamental II (Anos Finais), sempre me

dedicando a ter excelentes notas para que Tia Leila nunca se arrependesse da grande ajuda que nos deu. As minhas aulas de Arte, neste período, eram baseadas na leitura do livro de Arte. Lembro-me de que os textos falavam sobre a História da Arte, mas ficávamos apenas na teoria. Não me recordo de aulas com práticas artísticas, e isso me entristecia muito. Esse foi o meu último contato com a Arte na Educação Básica.

Tia Leila continuou participando da minha vida, esteve presente na minha festa de 15 anos em 2005 (foto abaixo) e foi madrinha do meu casamento em 2011. Sou muito grata a ela. Tia Leila Possollo chegou como professora e ficou como uma grande inspiração, tanto como pessoa quanto como professora.



No período em que ingressei no terceiro segmento da Educação Básica, meu pai tomou posse em um concurso público para o Banco do Brasil, exatamente no momento em que minha bolsa de estudos no Colégio São Remo terminava, pois a instituição não oferecia o ensino médio. Foi no Colégio Curso Prosper, onde cursei o Ensino Médio entre os anos de 2006 a 2008. Naquela época, o professor que mais me marcou foi o de História, Emanuel Levy. Ele sempre começava suas aulas contando alguma história de sua vida, compartilhando vitórias e derrotas de um fim de semana ou do período universitário. Enquanto falava, ele escrevia o conteúdo no quadro. Algo que me chamava a atenção era que o quadro estava sempre organizado em tópicos com setas, e ele usava muitas canetas coloridas; era prazeroso copiar o conteúdo. Ele conseguia prender a atenção da turma com suas narrativas, mesmo em uma turma de mais de 30 alunos.

De forma mágica, ao terminar de falar sobre suas memórias, ele criava uma conexão com o conteúdo da aula e começava a explicar. Dessa maneira, conseguia prender a atenção de todos os alunos, até dos mais bagunceiros, e todos participavam da aula. Eram os momentos de aula mais esperados pela turma, pois não havia um aluno que não gostasse dele. Emanuel sempre comentava que o melhor método para chamar a atenção era a fofoca; realmente, ficávamos “vidrados” em seus enredos e, no final, conseguia nos levar à reflexão sobre a moral da história, que possuía uma relação com o conteúdo da aula.

Emanuel sabia como estabelecer uma relação de confiança com seus alunos, algo que Paulo Freire destaca como essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Freire (2018), em suas obras, enfatiza que o diálogo e a troca de experiências entre educador e educando são fundamentais para que a aprendizagem se dê de forma genuína e significativa. Contudo, o educador, embora compartilhe partes de sua vida e experiências pessoais, deve sempre manter o foco na formação do aluno, sem que isso desvie da função pedagógica. Assim como Emanuel, Freire compreendia que o professor deve ser um facilitador da aprendizagem, humanizando a relação, mas sempre com o propósito de promover o desenvolvimento do aluno.

Uma das narrativas mais marcantes desse querido professor de História foi quando ele falou sobre dons, dizendo que cada ser humano tem um talento. Ele apontou o que enxergava em cada aluno. Lembro-me de que, na minha vez, ele parou, pensou por alguns segundos e disse que meus dons eram artísticos e que eu seria uma boa professora. Eu ri muito naqueles minutos, porque, nesse momento, nem passava pela minha cabeça ser professora. A arte era algo intrínseco à minha pessoa; eu sempre me identifiquei com essa área, mas, naquele período, o meu sonho era cursar Indumentária na UFRJ. No Ensino Médio, não tive aulas de Arte na escola. A minha única aproximação com o campo artístico, neste período, foram as aulas preparatórias para o Teste de Habilidade Específica da UFRJ, que fiz no Centro Cultural Elbe de Holanda.

Ao escrever este texto, passei por uma surpresa linda que me fez recordar também o meu período no Ensino Médio. Estou no momento das férias de janeiro e recebi, pela Divisão de Ensino, a programação da I Jornada Pedagógica de 2025. Ao ler, um nome ressaltou na minha memória: “Prof. Jorge Menezes Neto” (um dos palestrantes da jornada). Na hora, pensei:

será que é o Netinho? Mas não era possível, com certeza seria um homônimo. No entanto, a programação me fez recordar as aulas dele.

Suas aulas me encantavam e energizavam a turma. Ele era professor de Química e estava sempre de bom humor e sorrindo. Mesmo que as aulas acontecessem no primeiro tempo, às 7h de uma segunda-feira, ele estaria lá vibrando. O conteúdo da disciplina não era algo que me atraía, pois sempre me identifiquei com a área de Linguagens, e Exatas era minha grande dificuldade. Contudo, Netinho transformava a dificuldade em interesse com sua metodologia.

Ele utilizava paródias para explicar os conteúdos. Fazia o ritmo com sons e batiques no quadro, e a sala inteira cantava. Acho que o prédio inteiro da escola sabia que ele estava em sala de aula, pois a barulheira era enorme. Imaginem uma turma em torno de 30 alunos cantando! Era lindo, porque todos participavam, e até aqueles que não gostavam da disciplina (inclusive eu) se identificavam. As paródias entravam na memória como um “chiclete”; eu lembro de ficar cantando mesmo fora da sala de aula.

Foi através das paródias que consegui ser aprovada nesse componente curricular. Lembro de estudar para as avaliações cantando as músicas, e meu pai me interrogar, dizendo que eu devia parar de cantar e estudar para as provas. A metodologia dessa arte me fascinava e me ajudava a enfrentar as minhas dificuldades em Química. Desconstruía, na minha cabeça, aquele “bicho de sete cabeças” que tanto parecia. Não só me ajudou na aprovação do ano letivo, como também me auxiliou no vestibular da UFRJ, quando cantei as paródias para responder às questões da disciplina.

O uso de paródias como recurso pedagógico no ensino de Química pode ser entendido a partir da teoria sociocultural de Lev Vygotsky, que destaca a importância da mediação cultural no processo de aprendizagem. Vygotsky (2007) afirma que o aprendizado é um processo social e que a linguagem e os outros instrumentos culturais desempenham papel fundamental na construção do conhecimento. Ao empregar paródias, Netinho criava um ambiente de aprendizagem que conectava os conteúdos químicos ao universo cultural dos alunos, utilizando a música e a brincadeira como ferramentas de mediação. Essa estratégia não apenas facilitava a assimilação de conceitos complexos, mas também engajava os alunos emocionalmente, tornando o aprendizado mais significativo e acessível. Ao integrar elementos culturais como as paródias, o professor permite que os alunos se apropriem do con-

teúdo de forma mais criativa e prazerosa, o que, segundo Vygotsky, pode ampliar suas capacidades cognitivas e favorecer o aprendizado.

Além dessa metodologia, Netinho tinha atitudes que me faziam questionar como ele conseguia. Além de professor, ele era o diretor e dono da escola. Sempre que via seus alunos pelos corredores ou nos intervalos, indagava que a prova do concurso ou vestibular estava chegando, mencionando a data exata e dizendo que estávamos perdendo tempo ali, de bobeira. Ele sabia a data de todas as provas! No meu íntimo, me perguntava: deve ser muito fácil ser professor, porque esse homem sabe a data de todas as provas do ano, como pode isso? (Eu era muito inocente, entendam que só tinha 16 anos – risos).

Hoje, percebo que essa era a forma que ele encontrava para nos estimular. Gerava uma pequena ansiedade, sim, mas nos fazia refletir que podíamos ocupar aquele tempo estudando. Também ajudava a relembrar nossos objetivos para o futuro e a não perder tempo.

Mas, voltando para o dia da Jornada Pedagógica, no intervalo do almoço, reconheço o Netinho na recepção da escola. Para o aluno, podem passar anos (no meu caso, devem ter uns 16 anos que não vejo o Netinho pessoalmente), mas não esquecemos os professores que marcam as nossas vidas. E estava certa! O nome na programação da jornada era do meu professor de Química. A sua palestra foi sobre Inteligência Artificial, e foi muito gratificante estar ali ouvindo-o novamente, agora sobre outros assuntos.

Netinho provavelmente não sabe, mas além de utilizar a Arte como facilitadora do ensino-aprendizagem, algo que me encantava e me fazia refletir que eu só gostava de Química porque tinha Arte (risos), ele foi o intermediário do meu primeiro emprego como professora. Mas eu volto a essa história mais à frente. Aguardem!

Após concluir o Ensino Médio, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ingressei, no segundo semestre de 2010, no curso de Bacharelado em Artes Cênicas, com habilitação em Indumentária. Fazer Indumentária era um sonho de infância, e ser a primeira da minha família a ingressar em uma universidade pública foi uma grande realização pessoal. Lembro que os dois primeiros anos de vida universitária não foram nada fáceis. Meu curso era de período integral, e eu trabalhava na loja da operadora Vivo, no turno da noite, no Shopping Ilha Plaza, o que me permitia a sobrevivência tanto na faculdade quanto fora dela.

Foram dois anos de muita luta, mas, em 2013, Deus enviou outro anjo em forma de docente, só que agora na Educação Superior. Na disciplina de Desenho III, tive o prazer de ser aluna da Profª Drª Luciana Vilanova, que, com muita paciência, conseguiu desconstruir o meu receio em relação ao desenho do corpo humano. Lembro que as aulas eram uma mistura de vários alunos de cursos diferentes dentro da Escola de Belas Artes. Havia alunos de Paisagismo, Design de Interiores, Cenografia, Indumentária, entre outros, e ela trazia as propostas da aula para atender às particularidades de cada curso. Comigo, ela focou no desenho do corpo humano. Além dessa preocupação com cada aluno, ela me proporcionou a oportunidade de ingressar no mundo da pesquisa científica. Convidou-me para ser bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC) e, logo depois, também me tornei bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) na Companhia de Dança Contemporânea, ambos na UFRJ. O ingresso na pesquisa científica me proporcionou não só a possibilidade de deixar o trabalho no shopping, mas também o envolvimento no projeto de pesquisa, aprendendo a investigar, analisar dados e propor soluções para problemas reais, o que fortaleceu a autonomia intelectual. Foram dois anos de muita luta, mas, em 2013, Deus enviou outro anjo em forma de docente, só que agora na Educação Superior. Na disciplina de Desenho III, tive o prazer de ser aluna da Profª Drª Luciana Vilanova, que, com muita paciência, conseguiu desconstruir o meu receio em relação ao desenho do corpo humano. Lembro que as aulas eram uma mistura de vários alunos de cursos diferentes dentro da Escola de Belas Artes. Havia alunos de Paisagismo, Design de Interiores, Cenografia, Indumentária, entre outros, e ela trazia as propostas da aula para atender às particularidades de cada curso. Comigo, ela focou no desenho do corpo humano. Além dessa preocupação com cada aluno, ela me proporcionou a oportunidade de ingressar no mundo da pesquisa científica. Convidou-me para ser bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC) e, logo depois, também me tornei bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) na Companhia de Dança Contemporânea, ambos na UFRJ. O ingresso na pesquisa científica me proporcionou não só a possibilidade de deixar o trabalho no shopping, mas também o envolvimento no projeto de pesquisa, aprendendo a investigar, analisar dados e propor soluções para problemas reais, o que fortaleceu a minha autonomia intelectual.

O acesso de alunos à pesquisa científica durante a graduação é

fundamental para o desenvolvimento de competências acadêmicas e profissionais essenciais. Nesse contexto, Jean Piaget (2012) defende que o conhecimento não é uma cópia do mundo, mas a construção do sujeito, que se dá por meio da interação com o meio. Participar de projetos de pesquisa permite aos alunos integrar-se ativamente ao processo de construção do conhecimento, aprimorando suas habilidades de investigação, análise crítica e resolução de problemas. Ao ingressar em programas de pesquisa, os estudantes não apenas aplicam teorias aprendidas em sala de aula, mas também vivenciam o processo científico, que exige rigor metodológico e capacidade de reflexão. Essa prática contribui para a formação de indivíduos autônomos e capacitados para enfrentar desafios intelectuais e profissionais. Assim, a inserção precoce na pesquisa científica durante a graduação proporciona uma aprendizagem mais significativa e alinhada com as exigências do mercado de trabalho e da academia.

Luci entrou na minha vida como minha professora, mas, ao longo do tempo, tornou-se uma grande amiga. Após o semestre de sua aula, continuei com ela na pesquisa científica e em trabalhos de cenografia e indumentária fora da faculdade. Foram inúmeros trabalhos nos quais ela me convidou para ser sua assistente. Quando lembro desse período, recordo-me das tantas noites que passamos acordadas, pintando, adereçando, desenhando e, no geral, nos divertindo também. Sempre tínhamos assunto para conversar, e a sua companhia era engrandecedora.

Eu aprendi não apenas uma profissão e uma inserção no mercado de trabalho, mas também lições de vida, pois tivemos que lidar com planejamentos, fornecedores e imprevistos – aspectos que, na prática, não são ensinados na universidade. Luci esteve comigo no dia da minha colação de grau na UFRJ, conforme a foto abaixo.



Colação de grau em 30 de março de 2016 no curso de Bacharelado em Artes Cênicas, com habilitação em Indumentária.

Antes da conclusão do meu curso de Indumentária, em uma de nossas inúmeras conversas, Luci me aconselhou a solicitar o reingresso e cursar Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas. Lembro-me exatamente daquele momento, em todos os detalhes: eu estava em sua casa, pintando os acabamentos de uma saia preta que usaria no figurino do meu TCC em Indumentária, quando ela me sugeriu fazer Licenciatura. Eu ri, sem entender muito bem, e ela respondeu: “O curso tem tudo a ver com você, e, no pior dos casos, você sairá com duas graduações e um ‘plano B’ de profissão.” Ela se preocupava com meu futuro, mas, naquele momento, eu nem percebia isso.

E assim o fiz. No mesmo semestre em que concluí o curso de Artes Cênicas, surgiu uma vaga para reingresso na UFRJ no curso de Educação Artística. Após participar do processo seletivo, fui aprovada na única vaga disponível naquele semestre.

Em 2016/1, iniciei o curso de Licenciatura Plena em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas. Posso dizer, com muita alegria, que me encontrei nesse curso! Minha grande amiga Luci tinha toda razão. Entrei no curso um tanto desacreditada e saí simplesmente apaixonada pela Arte-Educação.

No final do curso, em 2017, participei do estágio supervisionado obrigatório no Colégio de Aplicação da UFRJ. Meu excelente desempenho me rendeu uma carta de recomendação do Setor Curricular de Artes Visuais. Lembro-me do quanto fiquei emocionada e orgulhosa de mim ao receber-la.

Talvez muitos não acreditassem que eu chegaria até o fim, pois concluí minha segunda graduação no oitavo mês de gestação

No dia da minha colação de grau, em abril de 2018, minha querida Sophia estava prestes a completar três meses de vida e entrou comigo na cerimônia de formatura, conforme a foto abaixo.



A sociedade não está preparada para ver uma mãe na universidade. Muitas vezes, espera-se que ela abandone ou desista do meio acadêmico. Durante minha trajetória universitária, ouvi comentários bastante desanimadores sobre a maternidade.

Hoje, Sophia tem sete anos, e posso afirmar, com toda a convicção do mundo, que ela é meu combustível para lutar sempre por algo melhor. Enquanto escrevo este artigo, celebro também minha aprovação em 3º lugar no processo seletivo para o Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (PROPGPEC) do Colégio Pedro II.

A ideia de que maternidade e universidade não combinam é equivocada. Conciliar ambas, de fato, é um grande desafio, mas, se pensarmos bem, até mesmo na grafia das palavras, elas rimam. Que mais mães ocupem esses espaços e provem que é possível construir uma trajetória acadêmica brilhante sem precisar abrir mão da maternidade.

Após levar seis anos para concluir minha formação na UFRJ, obtendo duas graduações, ao término dos estudos eu tinha um bebê recém-nascido. Passei seu primeiro ano de vida sem trabalhar, dedicando-me integralmente à minha filha e, ao mesmo tempo, ao curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Especialização no Ensino de Artes Visuais, no Colégio Pedro II, que concluí em 2020.

Em 2019, com minha filha completando um ano de vida, decidi que

era hora de iniciar minha trajetória como professora. Distribuí diversos currículos em escolas da rede privada na Ilha do Governador, bairro onde moro.

Após essa etapa, resolvi buscar meus antigos professores nas redes sociais e, assim, o Netinho reaparece nesta história. Enviei uma mensagem direta para ele, contando que havia me formado e estava em busca de uma oportunidade. Ele me respondeu imediatamente, parabenizando-me e sugerindo que eu enviasse meu currículo para o e-mail da Simone, que na época era coordenadora da escola — a mesma coordenadora pedagógica dos tempos em que fui aluna. Segui seu conselho e, no mesmo ano, recebi um convite da Simone para dar aulas em outra escola onde ela atuava como diretora. O Netinho talvez não saiba, mas foi ele o mediador do meu primeiro emprego com carteira assinada como professora de Artes.

Uma outra lembrança que tenho do início da docência foi o meu retorno à escola onde fui alfabetizada, o Centro Educacional Leomary. Agora, retorno como professora de Artes dos Anos Iniciais, e foi uma coincidência maravilhosa rever a Tia Maria. Mesmo aposentada, ela continua lecionando no antigo C.A., agora denominado 1º Ano.

Lembro-me de que Tia Maria me reconheceu de imediato e veio me dar um imenso abraço. Novamente, eu me sentia acolhida naqueles braços fofinhos. Foi um momento muito feliz! Minha querida professora ainda lecionava na mesma sala, com os murais dispostos da mesma forma. As cartilhas já não faziam mais parte do mural; agora, havia figuras de desenhos mais contextualizados. Por exemplo, a letra “L” era representada pela personagem Ladybug, e não mais pela lua.

Até o ano de 2021, trabalhei em quatro escolas particulares na Ilha do Governador. Meu desligamento dessas instituições ocorreu em novembro, pois fui aprovada no Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados – Magistério, do Comando da Aeronáutica. Atualmente, atuo como professora de Artes das turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio e do 8º ano do Ensino Fundamental, além de exercer a função de Coordenadora de Disciplina em Artes no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Ser professora no CBNB é uma imensa realização pessoal, e tenho muito orgulho dessa conquista.

E hoje, ao refletir sobre minha conduta como professora, percebo o quanto carrego de todos esses professores que mencionei. Da Tia Maria, herdei o amor pela exposição dos trabalhos nos murais e o hábito de receber os alunos de forma afetuosa sempre que possível, seja ao acolhê-los na

sala de aula ou ao oferecer apoio em alguma avaliação. Da Tia Leila, trouxe a rigorosidade nas atividades; meus alunos comentam que sou a professora legal que oscila entre a leveza e a seriedade (sempre que ouço isso, lembro da Tia Leila e interpreto como um elogio – risos!). Do Emanuel Levy, aprendi a importância da organização do quadro, distribuindo o conteúdo estrategicamente, além de levar “fofocas” para a aula – mas, no meu caso, são histórias da vida dos artistas que estudamos dentro dos movimentos artísticos. Da Luciana Vilanova, veio o amor pela Arte (que acredito fazer parte da minha essência), mas também o olhar atento para enxergar a particularidade de cada aluno.

Aos meus queridos mestres, o meu muito obrigado! Tudo o que aprendi com vocês se reflete na minha prática docente, e espero um dia inspirar meus alunos da mesma forma que vocês me inspiraram.

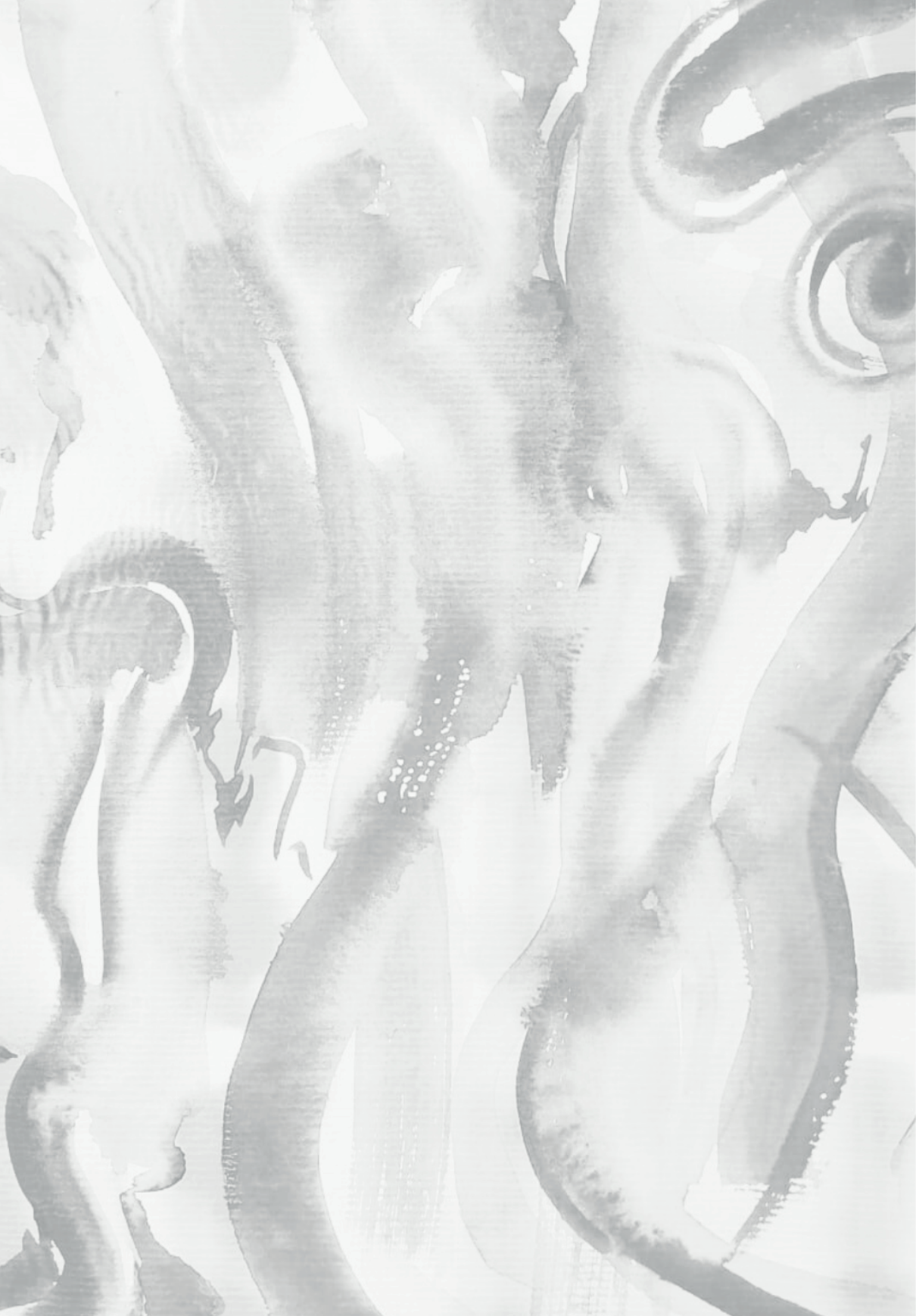
Capítulo 17

DAS RUAS DA FAVELA ÀS FILEIRAS DA FORÇA AÉREA

Beatriz Santos de Jesus Gonçalves (CBNB)



"A educação foi minha armadura, a persistência foi minha espada. E com essas duas armas, enfrentei todos os desafios que tentaram me parar."



DAS RUAS DA FAVELA ÀS FILEIRAS DA FORÇA AÉREA

A Cidade de Deus: Onde Sonhos Nasciam e Morriam

A Cidade de Deus sempre foi mais do que um bairro periférico do Rio de Janeiro. Para quem via de fora, era apenas mais uma favela marcada pela violência, pela pobreza e pela escassez de oportunidades. Mas, para mim, era minha casa. Era onde minha infância aconteceu entre brincadeiras na rua, cheiro de café coado pela manhã e o barulho das máquinas de costura no quintal da minha avó.

Ali, os sonhos nasciam todos os dias, mas muitos morriam cedo demais. Eu via meninos que eram inteligentes e bons atletas, mas que nunca tiveram um caderno decente para escrever. Via meninas que adoravam ler e que, se tivessem acesso à educação, poderiam ser escritoras, professoras, advogadas. Mas os sonhos pareciam grandes demais para que essas histórias florescessem e apesar do nome, parecia que Deus já não habitava mais naquele lugar.

Na Cidade de Deus, a vida e a fome cobram pressa. O tempo não perdoa quem demora a escolher um rumo. Para muitas pessoas ao meu redor, os caminhos já estavam traçados: começar a trabalhar cedo, largar os estudos, aceitar o que aparecesse ou se deixar seduzir pelos encantos do tráfico. Quem tentava algo diferente era visto com desconfiança, como se estivesse desperdiçando tempo ou sonhando alto demais.

Meus avós desempenharam um papel central na minha vida. Eles eram pessoas simples, mas sábias e extremamente comprometidas com a educação. Durante a minha infância, minha mãe, que trabalhava muito, deixava-me sob os cuidados dos meus avós. Foram eles que, com muito carinho e paciência, ensinaram-me a importância de estudar, de sonhar grande e de nunca desistir, independentemente das circunstâncias. Eles acreditavam que, através da educação, seria possível superar qualquer barreira, e transmitiram esse valor de forma prática.



Senhora Jorgina e S. Ataíde, avós da Beatriz

Meu avô, um homem com pouca formação acadêmica, mas com uma imensa sabedoria de vida, costumava me dizer frequentemente: “Estuda, neguinha.” Ele trabalhava em dois empregos, dedicando-se incansavelmente para sustentar sua família, que incluía sete filhos e três netas. Apesar das dificuldades financeiras ele nunca negou comida a quem precisasse. Além de ser uma referência de autoridade, meu avô era também um exemplo de carinho e amor, sempre presente em nossas vidas até o seu último dia.

Minha avó tinha um coração gigante e dedicou sua vida ao cuidado da família. Ela trabalhava em casa como costureira e fez questão de ensinar a arte da costura aos seus filhos e às suas netas, transformando essa habilidade na profissão de muitas delas. Além de complementar a renda do marido, cuidava com dedicação das tarefas do lar tornou-se uma verdadeira referência na comunidade quando se tratava da educação da sua família. Sempre firme e fiel aos seus valores, colocava todos para trabalhar desde cedo, pois era uma estratégia de manter-nos afastados da sedução da criminalidade, em uma época onde a informação era escassa, ensinou-nos a importância do esforço, da responsabilidade e da honestidade, mas sem nunca abrir mão dos estudos. Para ela, a educação era essencial, e ninguém em sua casa deixava de ir à escola. Seu legado, marcado por amor, disciplina e força, favoreceu a união de nossa família e cada membro contribuiu com a minha formação deixando uma marca profunda em gerações.

O Peso da Realidade e o Poder da Escolha

A Cidade de Deus, assim como muitas favelas do Rio de Janeiro, carrega uma história repleta de desigualdades sociais e dificuldades estruturais. A presença constante do tráfico de drogas e a violência que permeiam as ruas dificultam o acesso a políticas públicas, educação e opções de lazer. Crescer nesse ambiente impõe desafios, mas também é um terreno fértil para o desenvolvimento da resiliência, criatividade e, inevitavelmente, para presenciar os efeitos das escolhas no mundo do tráfico. Desde a juventude, percebi a escassez de oportunidades ao meu redor, em grande parte devido ao preconceito relacionado ao lugar onde cresci e à minha identidade como mulher negra. Logo, entendi que somente aqueles que se destacavam de alguma forma conseguiam superar as barreiras e construir um futuro diferente.

Apesar da dureza do ambiente, os valores e princípios que recebi em casa, principalmente de meus avós, nunca foram abalados pelas dificuldades externas. Eles me ensinaram a ver a violência que nos cercava não como um modelo a ser seguido, mas como uma advertência das consequências de escolhas erradas. Eles eram minhas referências, sempre me mostrando que, mesmo em um contexto adverso, fazer o que é certo é essencial para alcançar objetivos e trilhar um caminho distinto.



Foto na E.M. Monsenhor Cordioli.

Ainda assim, estudar se tornou um ato de resistência. Vi colegas abandonando a escola por necessidade de trabalhar ou por não enxergarem sentido em continuar. Mas, dia após dia, fui me apegando aos estudos como se fosse um bote salva-vidas. O barulho dos tiros, que às vezes ecoava em plena luz do dia, não me impediu de ir em busca dos meus objetivos. O can-

saço e as palavras de quem duvidava que eu chegaria a algum lugar não me pararam. Porque, no fundo, eu sabia que havia algo além dos muros da minha comunidade, e estava disposta a lutar para chegar lá e orgulhar meus familiares.

Sonho da Universidade

Desde pequena, estudar sempre foi o meu refúgio. Entre as páginas de um livro, eu viajava para lugares distantes, conhecia histórias que iam além das ruas da Cidade de Deus e, por alguns instantes, acreditava que o mundo era maior do que aquilo que me cercava. No entanto, gostar de estudar e ter as condições para isso eram realidades bem diferentes.

A resposta parecia óbvia: eu queria fazer faculdade. Queria aprender mais, aprofundar-me no que tanto amava. Mas eu sabia que não seria simples. Sempre estudei em escolas públicas, e na minha família, ninguém jamais havia pisado em uma universidade. O dinheiro era contado nos mínimos detalhes, pagar por um curso superior era um luxo impensável e era impossível adequar a grade de uma instituição pública ao meu trabalho.

Ser universitária e ser pobre são dois mundos que se chocam a cada dia. O romantismo de “mudar de vida pelo estudo” se desfaz quando você percebe que a educação, embora um direito, transforma-se em privilégio quando não há estrutura para garantir que todos possam acessá-la da mesma forma. E mesmo assim, a vontade de seguir em frente era maior.

Casei aos 18 anos, passei a morar em outro bairro, tive meu filho aos 19 e, nesse cenário de desafios, iniciei minha primeira graduação em Pedagogia como bolsista depois de ser aprovada num processo seletivo rigoroso. O dinheiro, como sempre, era contado: a passagem de ônibus precisava durar o mês todo, e muitas vezes eu caminhava longos trechos para economizar. Mas, como dizia Guimarães Rosa:

“A vida embrulha tudo, esquentando e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

E foi com coragem que segui em frente, sendo a primeira da minha família a conquistar o sonho da universidade, marcando definitivamente a minha geração, mas sentia falta de, além de representar minha comunidade, representar o meu país e tive vontade de ingressar na Força Aérea Brasileira.

A Jornada até a Força Aérea Brasileira

O processo seletivo para a Força Aérea foi um dos maiores desafios que já enfrentei. Era como uma corrida de resistência, a qual cada fase eliminatória era uma barreira que me separava do meu objetivo. A concorrência era esmagadora. Candidatos altamente preparados, vindos de realidades completamente diferentes da minha, disputavam cada vaga com dedicação absoluta.

Eu sabia que não seria fácil. Mas, para alguém como eu, nada nunca foi.

Quando fui aprovada na primeira fase, não acreditei de imediato. Li meu nome na lista diversas vezes, como se esperasse que ele desaparecesse a qualquer momento. Quando finalmente caiu a ficha eu chorei. Chorei por tudo o que passei até ali, por cada noite mal dormida, por cada dúvida que me assombrou no caminho. Parecia surreal.

Mas aquele momento de comemoração durou pouco.

O mais difícil ainda estava por vir.

A fase de inspeção de saúde e os testes físicos me assustavam. Nunca fui atleta, nunca tive tempo para esportes. Minha rotina sempre foi dividida entre estudos e trabalho, e frequentar uma academia nunca foi uma possibilidade real. Eu não tinha o condicionamento exigido e sabia que, se não me preparasse, poderia perder tudo o que já havia conquistado.

Então, fiz o que sempre fiz diante das dificuldades: lutei.

Nos meses seguintes, adaptei completamente minha rotina para conseguir treinar, esperava meu esposo chegar do trabalho para correr. Cada gota de suor era um lembrete do que estava em jogo e por ter apenas uma vaga eu sabia que não poderia falhar.

No dia da última etapa, acordei antes do despertador, com o coração acelerado e o frio na barriga. Olhei no espelho e vi a garota da Cidade de Deus, pronta para enfrentar mais um desafio. Respirei fundo e pensei:

“Se cheguei até aqui, não vou parar agora.”

E não parei. Cada passo era uma vitória minha e da minha comunidade, provando que é possível superar as barreiras e conquistar nossos sonhos. Em todo esse processo, Deus sempre esteve comigo, dando-me forças e confiança, guiando meus passos e me lembrando da minha fé. Ele foi meu alicerce, minha luz nos momentos mais difíceis, e me fez acreditar

que a vitória estava ao alcance.

Quando o resultado foi divulgado e vi meu nome entre os aprovados, senti como se minha vida tivesse dado um salto. Não era só um nome em uma lista. Era a prova de que eu era capaz. De que toda a minha trajetória, cada renúncia, cada noite de estudo, cada dia de luta, tinha valido a pena.

Eu tinha conseguido.

Eu estava dentro da Força Aérea Brasileira.



Beatriz e seus filhos Gabriel e Lucas na cerimônia de promoção.

A Educação Como Caminho: Minha Trajetória no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB)

Os primeiros meses na Força Aérea foram intensos. O universo militar exigia mais do que conhecimento acadêmico. Tudo era novo, e eu sentia o peso da responsabilidade que vinha com o uniforme. Não bastava apenas saber, era preciso agir com firmeza, falar com segurança, pensar rápido e sempre estar pronta para aprender.

Minha primeira designação foi para o Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), uma das instituições de ensino mais respeitadas dentro da Força Aérea Brasileira. A cada passo pelos corredores da escola, eu sentia que aquele era o meu lugar. Eu, que cresci estudando em escolas públicas, agora estava dentro de uma instituição que formava cidadãos preparados para servir ao país.

Fui designada para atuar na coordenação pedagógica, um desafio que exigia muito mais do que conhecimento técnico. Trabalhar na educação dentro de uma estrutura militar era entender que formar alunos ia além de

ensinar conteúdos programáticos: era moldar caráter, ensinar valores, incentivar disciplina e preparar jovens para desafios que ultrapassam os limites da sala de aula.

Foi ali, entre planejamentos, reuniões e desafios diários, que compreendi o verdadeiro impacto da educação.

“A educação não é um ato de depositar conhecimento em alguém, mas um processo que liberta.” Paulo Freire

E eu via isso todos os dias. Quando um aluno entendia algo que antes parecia impossível. Quando um jovem inseguro ganhava confiança. Quando uma turma se formava sabendo que estava pronta para encarar o mundo.

Minha trajetória no CBNB não parou ali. O trabalho na coordenação pedagógica abriu portas para um desafio ainda maior: a gestão escolar. Assumir um cargo de gestão dentro da Divisão de Ensino da Força Aérea foi um divisor de águas na minha trajetória. Agora, eu não apenas auxiliava na implementação de projetos educacionais, mas ajudava a definir diretrizes pedagógicas, apoiar professores, mediar conflitos e garantir que cada aluno tenha acesso a um ensino de excelência. É uma responsabilidade imensa. Cada decisão tomada impacta diretamente na vida e formação de centenas de estudantes.

Eu carrego comigo o apoio incondicional dos meus familiares, a força dos meus amigos, o amor dos meus filhos e o companheirismo do meu marido. São essas pessoas que me sustentam e me motivam a seguir em frente todos os dias. Eu carrego a sabedoria dos professores das escolas públicas, que me ensinaram que a educação é a chave para transformar realidades e que o conhecimento é um direito de todos. Eu carrego a resiliência da menina que cresceu com desafios, mas com uma determinação imensa de buscar aprender e crescer, mesmo sem recursos, mas com uma sede incansável por conhecimento. Eu carrego o orgulho dos meus avós, que, embora não tenham tido acesso à educação formal, sempre souberam que a educação seria o caminho para uma vida melhor. Ser parte da Força Aérea significava mais do que ter um cargo. Significava ter uma missão. E eu sabia que minha missão era muito maior do que ensinar. Minha missão era provar, todos os dias, que a educação tem o poder de transformar destinos. Assim como transformou o meu.



Beatriz e seu marido Raphael comemorando o aniversário de casamento.

De Onde Vim, Para Onde Vou

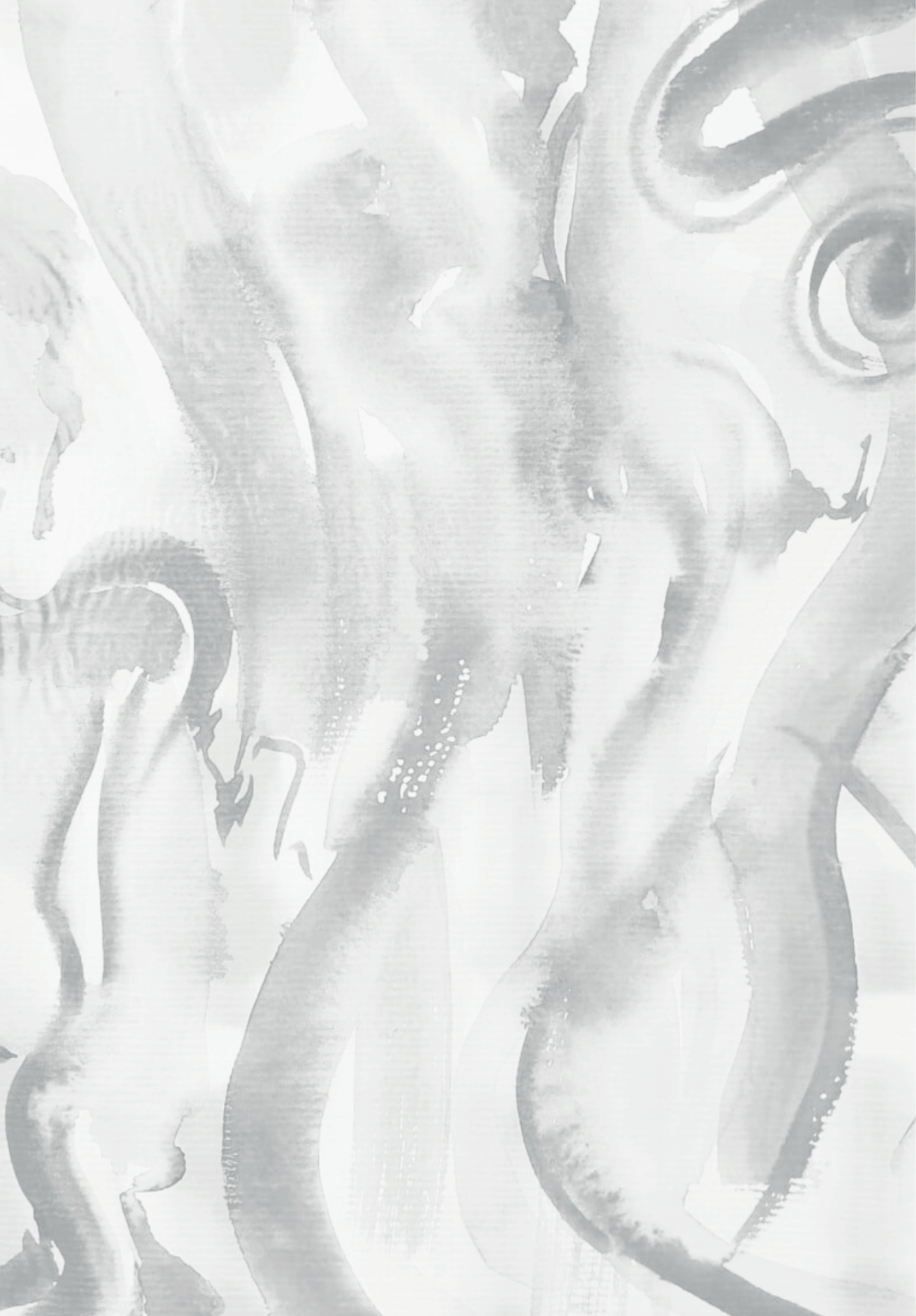
Hoje, ao olhar para trás, vejo o quanto percorri. Vejo a menina de pés descalços que corria pelas ruas da Cidade de Deus, desviando dos buracos no asfalto e dos olhares descrentes de quem não acreditava que dali pudesse sair algo grandioso. Vejo a estudante que, com a mochila surrada nas costas e os livros emprestados debaixo do braço, cruzava a cidade de ônibus lotado, vencendo o cansaço e as dificuldades para assistir a cada aula.

E, acima de tudo, vejo a mulher que se recusou a ser definida pelas circunstâncias. A mulher que, com coragem e determinação, enfrentou cada obstáculo sem nunca perder de vista seu objetivo. Hoje, essa menina, que saiu da escola pública e teve que provar seu valor inúmeras vezes, veste o uniforme da Força Aérea e ocupa um cargo de gestão em uma das principais instituições de ensino militar do país.

Sei que minha história não é apenas minha. Ela é a história de tantas outras crianças que crescem ouvindo que sonham alto demais, que seu lugar já está predestinado, que o mundo não foi feito para elas. Mas eu sou a prova de que isso não é verdade. Sou a prova de que a educação não é apenas um direito ela é uma arma, um escudo, um caminho. Ela me tirou do lugar onde diziam que eu deveria ficar e me levou para onde eu nem imaginava.

Isaías 55:9 diz: “Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos”

Se um dia eu puder deixar um legado, que seja esse: o de provar que a educação transforma, empodera, salva. E eu sou a prova viva disso. E se me perguntarem de onde eu vim, direi que vim de um lugar onde os sonhos nascem, mas também onde muitos morrem cedo demais. E se me perguntarem para onde eu vou, direi: para onde eu quiser. Porque ninguém além de Deus pode determinar minha trajetória.



Capítulo 18

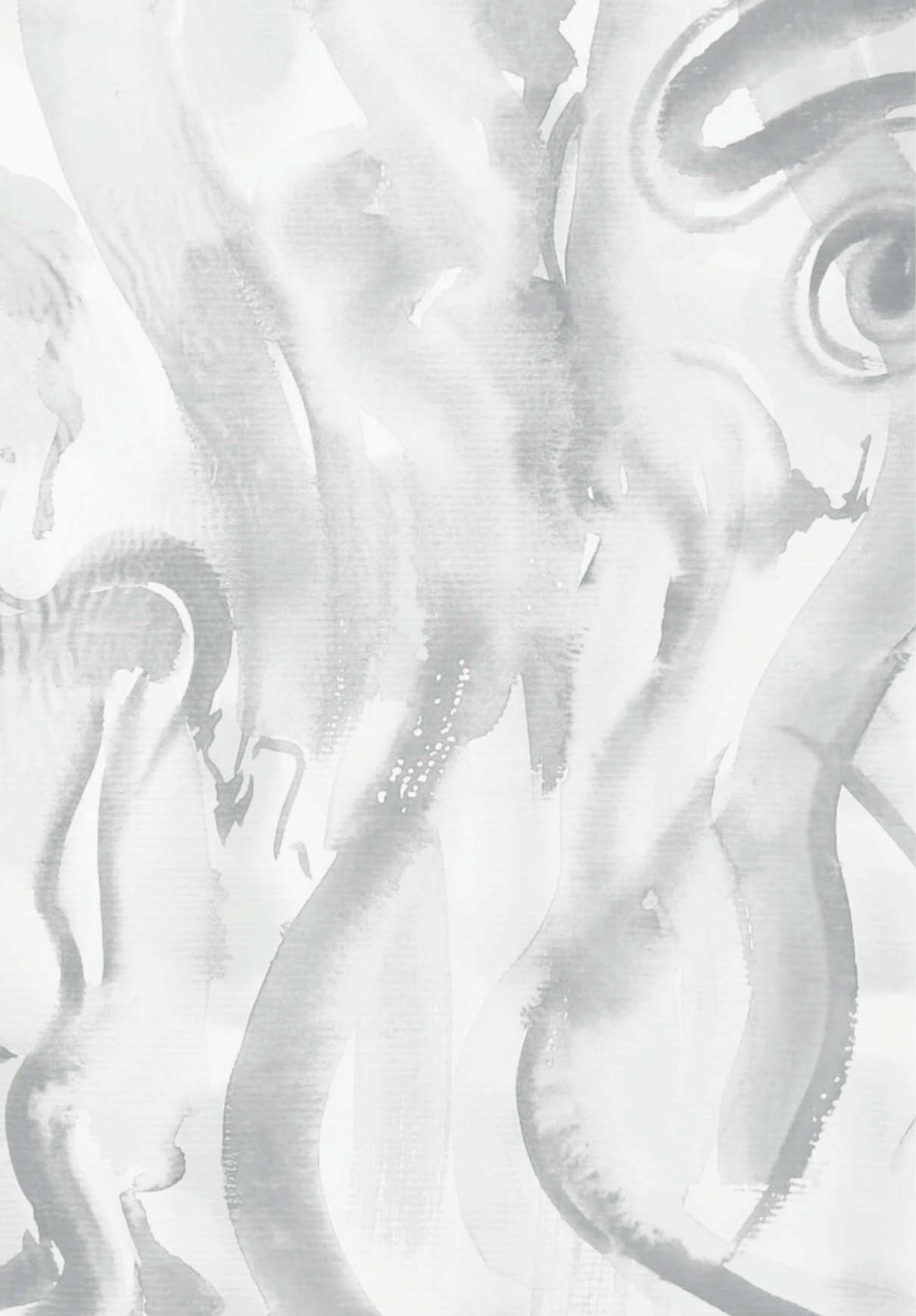
O SONHO DE ENSINAR: A MENINA QUE SE TORNOU PROFESSORA

Thayene Santos Queiroz de Mendonça (CBNB)



"Deus é poderoso para fazer infinitamente mais do
que tudo quanto pedimos ou pensamos, mediante seu
poder que atua em nós!"

Efésios 3:20



O SONHO DE ENSINAR: A MENINA QUE SE TORNOU PROFESSORA

Raízes de Um Sonho

Toda minha história de formação é, ao mesmo tempo, uma narrativa de descobertas e desafios. Cada decisão, acerto ou tropeço constrói a base de quem nos tornamos. No meu caso, o caminho percorrido entre a vida acadêmica e a carreira profissional não foi apenas uma sequência de etapas, mas um mosaico de experiências que moldaram minha visão de mundo e meus valores.

Neste capítulo, convido você a mergulhar nas memórias que marcaram minha jornada. Desde os primeiros passos na escola, onde as sementes da curiosidade foram plantadas, até os desafios da vida universitária e as primeiras conquistas no âmbito profissional, cada momento trouxe lições preciosas e me ensinou algo novo sobre persistência, paixão e propósito.

Este é o relato de como a busca pelo conhecimento se transformou em um fio condutor para os meus sonhos. É também um convite para refletir sobre como as experiências que vivemos e as escolhas que fazemos definem não apenas o que alcançamos, mas quem somos.

O Começo das Palavras

Minha paixão pela profissão teve suas raízes no período da alfabetização, uma fase de encantamento e descoberta. Nessa primeira etapa do Ensino Fundamental, eu estudava no Jardim Escola Bem-Me-Quer, colégio que, até os dias atuais, fica localizado em Jardim MetrÓpole em São João de Meriti. Nessa escola, comecei a admirar e reproduzir tudo que a minha professora Márcia Betânia fazia. Esse colégio estará sempre guardado em minha memória afetiva, afinal, todas as crianças da minha família paterna estudaram nessa escola e sempre recordamos tudo o que vivemos lá.

Ainda carrego na memória o sorriso paciente da minha professora, que, com dedicação, ajudava a transformar nossos erros em lições. A alfabetização não foi apenas um marco na minha trajetória, mas foi também o início de uma paixão pelo aprendizado e pelo magistério que me acompanhariam por toda a vida.

A Formação de Uma Educadora

Contrariando o desejo dos meus pais – de seguir uma carreira que fosse bem remunerada - e seguindo o meu sonho de infância, em 2008, pedi à minha mãe que me matriculasse no Curso Normal (formação de professores). Para o ingresso na instituição era necessário fazer prova, mas como a adesão ao curso estava baixa, matriculei-me pelas vagas remanescentes no Instituto de Educação Professor Moyses Henrique dos Santos, em São João de Meriti.

No início, meus pais não gostaram muito da ideia, mas ao término dessa etapa, eles tiveram muito orgulho. Afinal, eu estava alcançando lugares que eles não conseguiram alcançar, pois tiveram que abandonar os estudos e começaram a trabalhar cedo para auxiliarem no sustento do lar.

Ao ingressar no curso de formação de professores, foi mais do que uma escolha profissional, foi um chamado para transformar vidas através do ensino, foi me transformar, foi entender que aquele seria o primeiro passo de muitos que eu ainda caminharia. Nesse período, aprendi que ser professor é muito mais do que dominar conteúdos — é compreender pessoas, inspirar sonhos e criar um impacto que vai além das salas de aula.

As aulas eram intensas e desafiadoras, mas também carregadas de significado. Entre debates sobre pedagogia, práticas educativas e teorias do aprendizado, cada lição me aproximava da nobre missão de ensinar. O estágio, por sua vez, trouxe à tona a realidade da profissão: os desafios diários, a necessidade de se reinventar, mas também a alegria de ver o brilho nos olhos de um aluno ao compreender algo novo.

Foi nesse curso que descobri a importância da empatia, da paciência e do compromisso com a educação. Cada professor que cruzou meu caminho tornou-se um exemplo e cada colega de turma, um parceiro nessa jornada de aprendizado e crescimento. A formação de professores não foi apenas uma etapa da minha história, mas o momento em que reafirmei o meu propósito.

Após concluir o Ensino Médio, meu objetivo era ingressar em uma universidade pública. Para isso, fiz o pré-vestibular social no Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), bem como, posteriormente, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Com isso, consegui uma boa pontuação para o curso que eu desejava, porém, por

alguns motivos, não pude dar continuidade ao processo e optei em trabalhar em uma escola privada, mas o desejo em continuar a formação acadêmica ardia em meu coração.

Em 2016, fui convidada, por uma amiga, a trabalhar no Centro Educacional Metropolitano em Jardim Metrópole, São João de Meriti. Nessa instituição, com uma carga horária menor de trabalho, recebi muito incentivo da minha amiga Monaliza, a qual me inspiro, para ingressar em um curso de Graduação. No ano seguinte, Ingressei na Universidade Estácio de S  (UNESA) no curso de Letras, não era a universidade que eu sonhava, mas foi a que Deus me presenteou. No entanto, eu ainda queria retornar às minhas origens, aos meus pequenos, aos anos iniciais. Sendo assim, reingressei, após terminar o curso de Letras, na mesma instituição, mas agora no curso de Pedagogia como segunda licenciatura.

Cursar Letras e Pedagogia foi como abrir duas janelas para mundos complementares: o das palavras e o da educação. Cada disciplina oferecia uma nova perspectiva, fortalecendo minha compreensão não apenas da língua e da literatura, mas também das práticas pedagógicas que sustentam o aprendizado.

No curso de Letras, mergulhei no fascinante universo das palavras, explorando suas nuances, histórias e poder de transformação. Foi um período de encantamento com a literatura, da redescoberta dos clássicos e da análise crítica que revelava camadas antes invisíveis nos textos. Ali, aprendi que a língua é um instrumento vivo, capaz de construir pontes entre culturas e transmitir valores de geração em geração.

Já na Pedagogia, o foco estava nas pessoas — no entendimento dos processos de aprendizagem, nas teorias educativas e nas metodologias que moldam o ensino. As aulas me ensinaram que educar vai muito  l m de transmitir conhecimento, é criar conexões, incentivar o pensamento crítico e ajudar a construir cidad es conscientes.

Esses dois cursos não foram apenas uma formação acadêmica, mas um aprofundamento das minhas convicções como educador. Letras e Pedagogia me deram as ferramentas para ensinar com técnica e inspiração, preparando-me para enfrentar os desafios da sala de aula com confiança e paixão.

Após concluir as graduações, matriculei-me no curso de p s-graduação em Psicopedagogia, na Fundação Educacional de Duque de Caxias

(FEUDUC), porém, em março, fomos surpreendidos pela pandemia da COVID-19 e a maioria dos alunos desistiu do curso, logo foi finalizado a turma. Ainda assim, não desisti e pedi a transferência para outra Universidade e dei continuidade ao curso.

Meus Primeiros Passos na Sala de Aula

Assim que concluí o Ensino Médio Normal, fui convidada para trabalhar em uma escola privada, Jardim Escola Tia Cleide, em São João de Meriti. Nessa instituição, iniciei na alfabetização (Que desafio!), bem como, nos anos seguintes, lecionei na Educação Infantil. Foi como entrar em um novo universo, onde a teoria aprendida no curso de formação finalmente ganhava vida. Lembro-me claramente da mistura de entusiasmo e nervosismo ao cruzar os portões no primeiro dia, carregando livros, planos de aula e uma enorme vontade de fazer a diferença.

Cada aluno que eu encontrava era um mundo à parte, com histórias, desafios e potenciais únicos. Foi nesse momento que compreendi o verdadeiro significado de ser professor: estar disponível para ensinar, mas também disposto a aprender com cada interação. As primeiras semanas foram desafiadoras, com salas cheias, lições a preparar e o constante desejo de atender às expectativas dos alunos e da escola.

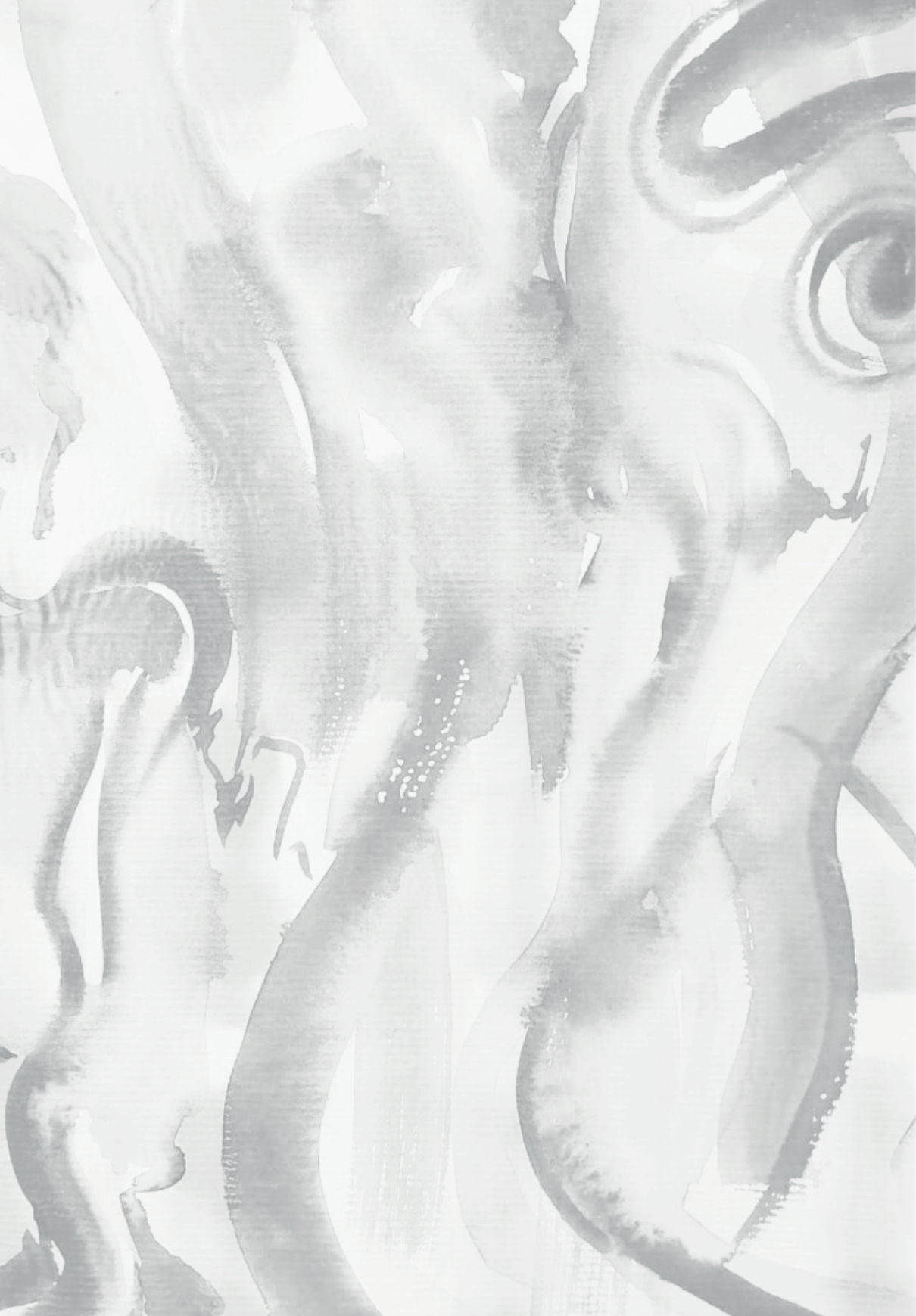
No entanto, o que mais marcou essa experiência foi a sensação de pertencimento e propósito. Ver o progresso dos alunos, mesmo que pequeno, era um lembrete diário de que eu estava no lugar certo. Esse primeiro emprego não foi apenas o início da minha carreira, foi a confirmação de que a educação seria o caminho pelo qual eu deixaria minha marca no mundo.

Todas as minhas experiências profissionais, até outubro de 2021, foram na rede privada. Em novembro de 2021, passei no processo seletivo do Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados – Magistério, do Comando da Aeronáutica, o qual atualmente estou como professora de Língua Portuguesa e Redação nas turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), na Ilha do Governador. Orgulho-me em pertencer a essa instituição, à qual tenho feito grandes amizades que me incentivam a buscar qualificação, ascensão na carreira profissional e dar continuidade na minha carreira acadêmica.

Não vou parar por aqui, continuarei com objetivo de expandir meus horizontes e alcançar novos patamares de aprendizado e desenvolvimento. Cultivo um desejo profundo de explorar novas oportunidades, permitindo que o conhecimento seja uma jornada contínua.



Fonte: Acervo pessoal, 2018, 2019 e 2021.



REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

ASSARÉ, Patativa do. Ispinho e Fulô. São Paulo: Hedra Educação, 2009.

BARCELOS, Valdo. Educação Ambiental: Sobre princípios, metodologias e atitudes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, 120p. (Coleção Educação Ambiental).

BÍBLIA SAGRADA, Isaías 55:9

BÍBLIA SAGRADA. Isaías 41:20

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018

LEIS MUNICIPAIS. Disponível em <<https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/1985/504/5038/decreto-n-5038-1985-cria-a-escola-municipal-professor-ivan-rocco-marchi>>. Acesso em: 16 Jan. 2025.

MELO NETO, João Cabral de. A educação pela pedra. São Paulo: Alfaguara. 2008

PESSOA, Fernando. Obra poética. Rio de Janeiro: Aguilar, 2014.

PIAGET, Jean. Epistemologia Genética. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SUASSUNA, Ariano. A Pedra do Reino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TRANCOSO, M. D. A História das Ciências Colaborando no Estudo da Estrutura Atômica e dos Modelos Atômicos no Ensino Médio. 2016. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ensino de Química, Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TRANCOSO, M. D. Construindo um Extintor de Incêndio. A química perto de você: experimentos de baixo custo para a sala de aula do ensino fundamental e médio / Organizador: Sociedade Brasileira de Química. 1 ed., v. 1, p. 13-20. São Paulo: SBQ, 2010. Disponível em <https://edit.s bq.org.br/anexos/AQuimicaPertodeVoce1aEdicao_jan2011.pdf>.

TRANCOSO, M. D. O Ensino de Química. 1994. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Docência Superior) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 1994.

TRANCOSO, M. D. Os Primeiros Filósofos Gregos Contribuindo para o Ensino da Química no Ensino Médio. 2010. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de Química) – Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TRANCOSO, M. D. Uma breve história do átomo e seus modelos. – Curitiba : CRV, 2018. 106 p.

TRANCOSO, M. D.; NASCIMENTO, A. L. PROJETO COLETA DO ÓLEO USADO: uma história de dez anos. Cotidiano Escolar: os diferentes projetos e as práticas pedagógicas / Jussara Cassiano Nascimento (organizadora). Coleção Cotidiano Escolar – vol 3, p. 15-34, Curitiba : CRV, 2022.

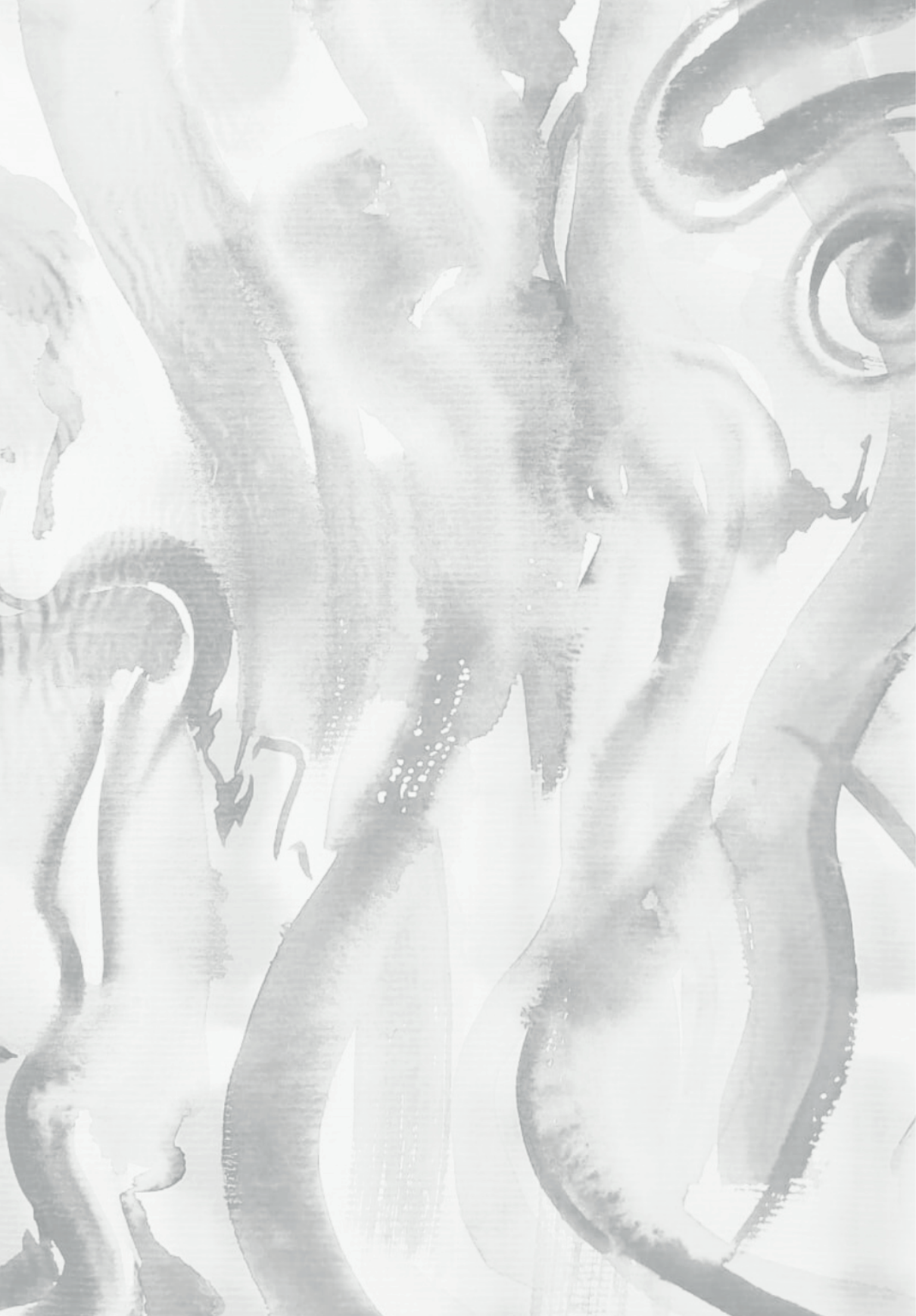
TRANCOSO, M. D.; NASCIMENTO, A. L. PROJETO ÓLEOS ESSENCIAIS: história, obtenções e aplicações. Cotidiano Escolar: Práticas pedagógicas em colégios assistenciais / Jussara Cassiano Nascimento (organizadora). Coleção Cotidiano Escolar – vol 4, p. 69-88, Curitiba: CRV, 2023.

TRANCOSO, M. D.; SANTOS, N. P. A História das Ciências Colaborando no Estudo da Estrutura Atômica e dos Modelos Atômicos no Ensino Médio. In: Lais dos Santos Pinto Trindade. (Org.). HISTÓRIA DA CIÊNCIA TÓPICOS ATUAIS 5. 1aed. São Paulo - SP: Livraria da Física, 2017, v. , p. 225-250.

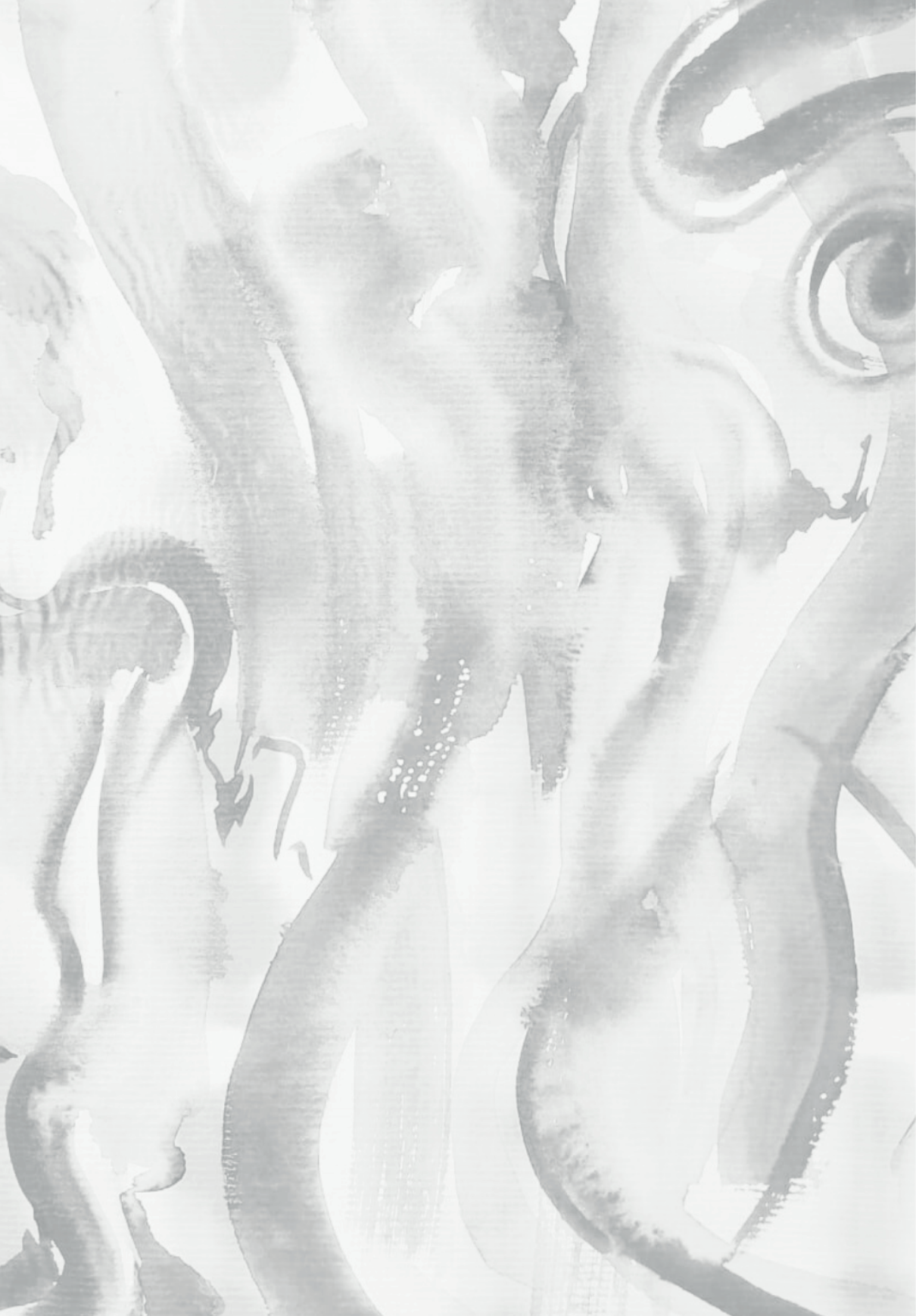
TRANCOSO, M. D.; SANTOS, N. P. Uma breve história do átomo e seus modelos: uma possível contribuição à história da química no ensino médio. In: Guilherme Cordeiro da Graça Oliveira; Jussara Lopes de Miranda; Leonardo Maciel Moreira; Paula Macedo Lessa dos Santos. (Org.). (Org.). Ensino de Química em revista: o papel social do ensino de química. 1eded. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017, v. 1, p. 75-88.

VYGOTSKY, Lev. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, Antoni. Enfoque globalizador e pensamento complexo. Porto Alegre: ARTMED, 2002.



SOBRE OS AUTORES



SOBRE OS AUTORES

1- ANDRÉA JANSEN DA SILVA

Doutora em Ciências (IBCCF/UFRJ). Mestre em Educação Física (EEFD/UFRJ). Graduação em Licenciatura Educação Física (UFRJ). Atuou como docente substituta EEFD/UFRJ. Atualmente é 1º Tenente QOCON MDM Educação Física da FAB, atua como docente na Educação Básica do CBNB e no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação de Desempenho Humano Operacional da Universidade da Força Aérea (PPGDHO/UNIFA).

2- BEATRIZ SANTOS DE JESUS GONÇALVES

Profissional da área da Educação, graduada em Pedagogia pela Faculdades Integradas Simonsen (2008), com habilitação em Administração Escolar e Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio. Possui especialização em Educação Corporativa e Gestão do conhecimento pela Universidade Estácio de Sá (2016) e em Coordenação Pedagógica pela Uniasselvi (2020).

3- ÉLIDA MONICK DE FREITAS SOBRAL VIANA

Formação Técnica em Magistério (Instituto de Educação Sebastião Pereira Portes) 2004 Graduação em Pedagogia (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) 2013 Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão (Faculdade de Educação São Luís) 2020 MBA em Aperfeiçoamento em Processos Pedagógicos (Faculdade de Tecnologia IPPEO) 2021.

4- ELIANE CARRAPATEIRA RIBEIRO

Pós-graduada em Informática Educativa pela UNICARIOCA. Especialista em Escultura Contemporânea pelo Museu do Ingá. Licenciatura em Pintura e Desenho e Plástica pela Escola de Belas Artes na UFRJ. Licenciatura Educação Artística pela FEBASP. Curso de Aprofundamento em Arte Contemporânea no Centro Paschoal Carlos Magno. No ano de 1985 ingressou na Secretaria Estadual de Educação como professora de Artes e na Aeronáutica como Técnica de Assuntos Culturais. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes do Colégio Brigadeiro Newton Braga.

5- FRANCISCA SÂMIA XAVIER FORTUNATO

Graduada em Letras - Espanhol (UFC, 2017) e Pedagogia (2022). Especialista em Educação e Letramento e em Processos Pedagógicos (MBA, 2022). Atua na área de Linguística, com ênfase em letramento e ensino fundamental e médio. Oficial do Magistério em Língua Espanhola na Força Aérea Brasileira. Professora e gestora no Colégio Brigadeiro Newton Braga.

6- JAIR FERREIRA DOS SANTOS

Engenheiro Mecânico, Engenheiro de Segurança do Trabalho, Especialização em Ciências Ambientais, Tecnólogo em Gestão e Manutenção Aeronáutica, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática, Mestrado em Ciências Ambientais, MBA em Planejamento e Gestão Estratégicos.

7- MANOEL MARCOS DA COSTA

Mestrado em Química (UERJ – 2008); Especialização em Polímeros (UERJ – 2008); Licenciatura e Bacharelado em Química (FAHUPE II – 1990); Tecnólogo em Química (Unigranrio – 2001); Especialização em Marketing (UCAM – 2003); Docência Superior (UCAM – 2003); Psicopedagogia Institucional (UCAM – 2014); Psicanálise – (Instituto Veralem - 2017)

8- MARCELO DELENA TRANCOSO

Mestre em Ensino de Química, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Ensino de Química (IQ/UFRJ). Especialista em Docência Superior (UCB). Químico Industrial (FRNL). Bacharel em Química e Licenciado em Química (FAHUPE). Atualmente é Professor de Química no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), onde também é Coordenador do Itinerário Formativo Vida Militar (IFVM), Coordenador Pedagógico da Feira de Arte, Cultura, Tecnologia e Ciência (FACTEC) e desenvolve Projetos de Química.

9- MONIQUE FERREIRA GUEDES THOMÉ

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá e especialista em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes. Atualmente, é Oficial da Força Aérea Brasileira e serve no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), onde desempenhou funções estratégicas como Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio e Adjunta da Subdivisão Técnica de Planejamento e Ava-

liação. Atualmente é Pedagoga da Divisão de Ensino, atuando como Chefe da Subdivisão de Planejamento e Avaliação (STPA) e Membro do Grupo de Trabalho Multidisciplinar da BNCC no CBNB.

10- MONIQUE ROSA PEREIRA

É bacharel em Artes Cênicas com habilitação em Indumentária e licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista no Ensino de Artes Visuais pelo Colégio Pedro II, onde também é mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica. Atua como professora de Artes Visuais no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Desenvolve pesquisa voltada ao ensino de Artes Visuais para estudantes com deficiência visual, com foco em acessibilidade, formação docente e produção de materiais pedagógicos adaptados.

11- TAYENE MENDONÇA SANTOS

Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2023) e Licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Atualmente trabalha como professora de Língua Inglesa no Colégio Brigadeiro Newton Braga.

12- THAYENE SANTOS QUEIROZ DE MENDONÇA

Curso Normal/ formação de professores integrado ao longo do Ensino Médio pelo Instituto de Educação Professor Claudio Gama. Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Pós-graduada em Psicopedagogia, bem como em Gestão, administração, supervisão e orientação escolar. De 2012 até os dias atuais, lecionou em toda Educação Básica como professora regente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental Anos Iniciais, assim como professora de Língua Portuguesa e Redação no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio.

13- VIVIANE PERDOMO SANTOS

Mestre em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade pela FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES- UERJ; Especialista em gestão ambiental

pelo IFRJ - RJ e graduada em Ciências Biológicas pela UERJ - RJ. Atualmente é docente na Força Aérea Brasileira - FAB, ministrando aulas nas escolas Caminhos das Estrelas - MA e Colégio Brigadeiro Newton Braga - RJ. Atuante nas áreas de gestão pedagógica, ensino de biologia, ciências e educação ambiental. Docente da educação básica.

14- ILANA LORENA DOS SANTOS CHAVES

Professora Pedagoga formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Pará (UEPA), Especialista em Mediação de Leitura e Contação de Histórias pela ESAMAZ (Escola Superior da Amazônia). Faço parte do Movimento de Contadoras e Contadores de Histórias da Amazônia (MO-COHAM). Trabalho na biblioteca do Colégio Tenente Rêgo Barros com projeto de Mediação de Leitura.

15- ELEN ROSA DOS REIS NUNES

Mestra em Ensino das Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Gestão Pública, Planejamento e Meio Ambiente pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos- NAEA /UFPA. Graduada em Pedagogia pela UFPA. Participante do Grupo de Pesquisa História e Natureza (GRHIN). Professora do Ensino Fundamental Anos Iniciais do Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB).

16- JAGLAISSE SANTOS FIGUEIREDO

Mestranda em Tecnologias Emergentes da Educação pela MUST UNIVERSITY (EUA). Especialista em Supervisão e Gestão Escolar pela Faculdade Santa Fé - MA. Especializando-se em Neurociências Comportamento e Desenvolvimento Humano pelo Centro de Mediadores; Graduada em Pedagogia (UFMA). Chefe as STPA e Coordenadora Pedagógica dos Anos Iniciais na Escola Caminho das Estrelas, instituição de ensino da FAB.

17- DARLENE COELHO RODRIGUES

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Integradas UNICESP (2010), Pós-graduada em Gestão e Orientação Educacional, Atendimento Educacional Especializado (AEE), Inter-venção ABA aplicada ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Mestrado em Ciências da Educação pela Escola Superior de Educação João de Deus (2021), Portugal. Oficial da Força Aérea Brasileira

vinculada a Escola Caminho das Estrelas. Experiência de 18 anos na área de Educação, com ênfase no Ensino-Aprendizagem.

18- JOSENICE MARTINS

Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (2004), especialização em Educação Ambiental pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (2010), especialização em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio pela Faculdade Santa Fé (2008) e especialização em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (2012). Atualmente é Professora da Escola Jardim de Infância Inácio de Viveiros Raposo. Tem experiência na área de Geografia.

ORGANIZADORES

19- JUSSARA CASSIANO NASCIMENTO (org.)

Pós-doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora e Mestre em Educação Pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicopedagoga. Orientadora e Supervisora Escolar. Pedagoga. Assessora Pedagógica da Divisão de Ensino. Adjunta do Chefe da Divisão de Ensino do Colégio Brigadeiro Newton Braga. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD), que reúne professores das três Escolas Assistenciais da FAB.

20- MARIA DO AMPARO TORRES PINHEIRO (Org.)

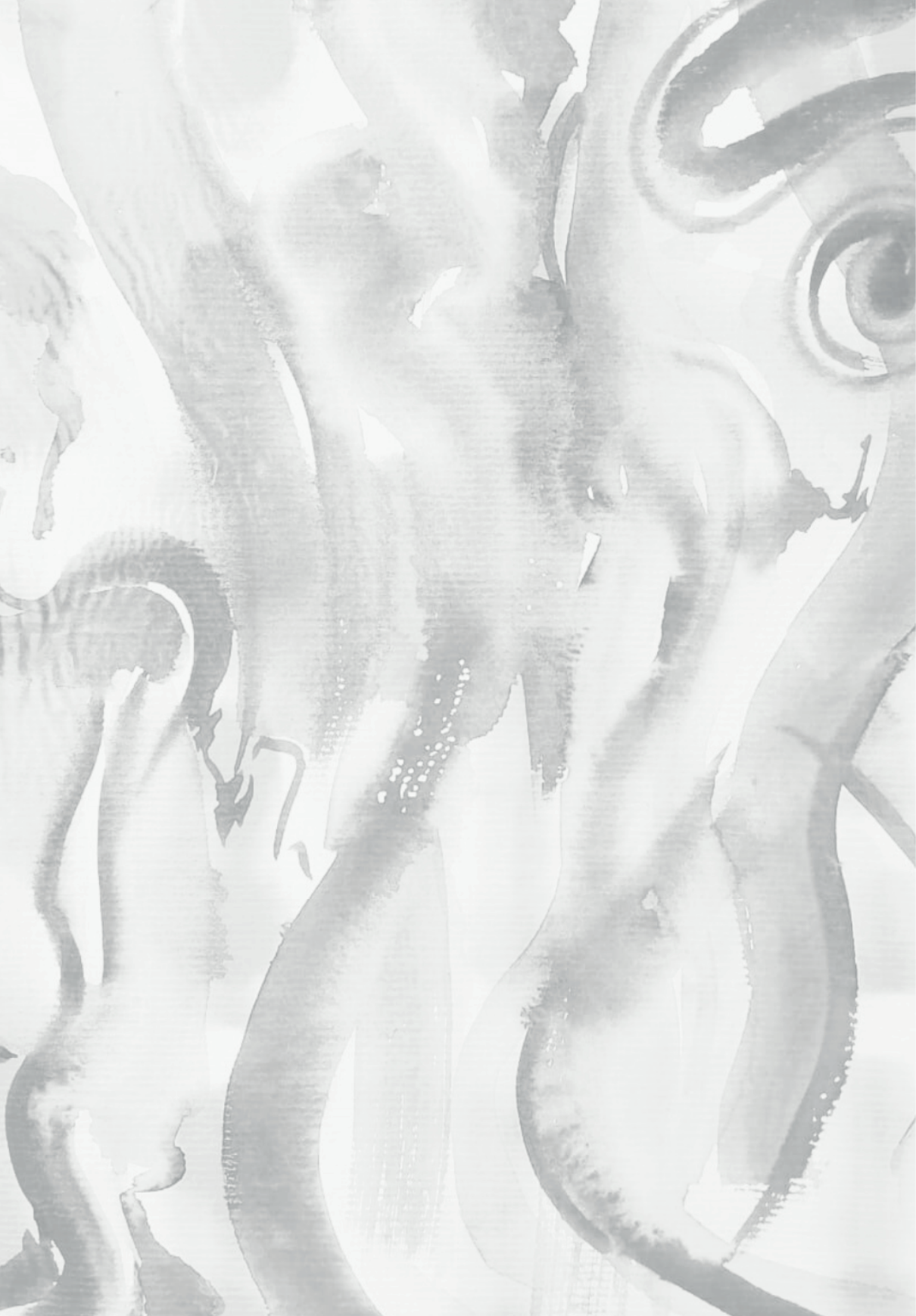
Mestra em Educação pelo Programa de Pós- Graduação e Gestão de Ensino da Educação Básica pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Especialista em Educação Especial pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Gestão e Supervisão escolar pela Faculdade do Maranhão (FACAM). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professora EBTT - Ensino Básico Técnico Tecnológico na Escola Caminho das Estrelas.

21- ANTONIO FÁBIO MALCHER FIGUEIREDO (Org.)

Graduado em Matemática pela Universidade Salgado de Oliveira, Especialista em Instrumentação para o ensino da Matemática pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Educação Digital e Metodologias ativas pela Universidade Federal da Pará (UFPA); Mestrando em Gestão de Riscos e Desastres Naturais na Amazônia pela UFPA, Membro do Grupo de Estudos de Pesquisa Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD) e Professor de Matemática do Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB).

22- ANDRÉA JANSEN DA SILVA (Org.)

Doutora em Ciências (IBCCF/UFRJ). Mestre em Educação Física (EEFD/UFRJ). Graduação em Licenciatura Educação Física (UFRJ). Atuou como docente substituta EEFD/UFRJ. Atualmente é 1º Tenente QOCON MDM Educação Física da FAB, atua como docente na Educação Básica do CBNB e no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação de Desempenho Humano Operacional da Universidade da Força Aérea (PPGDHO/UNIFA).



Formato: 16X23cm
Capa: Duo Design 250g (capa)

ISBN 978-85-94431-83-7 (e-book)
ISBN 978-85-94431-92-9

Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ | Tel: +55 21 98141-1708
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com>